UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP – DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

A música no ensino fundamental: condições de oferecimento e sua
contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva
dos professores.

ROSIMERI PRISCILA PUPIN

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e
Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências
para a obtenção do título de Mestre em Ciências, Área:
Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO-SP
2014

ROSIMERI PRISCILA PUPIN

A música no ensino fundamental: condições de oferecimento e sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva dos professores.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciências.

Área de concentração: Psicologia.

Orientador Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade

RIBEIRÃO PRETO

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Serviço de Biblioteca e Documentação

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo

Pupin, Rosimeri Priscila

A música no ensino fundamental: condições de oferecimento e sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva dos professores. Ribeirão Preto, 2014.

220 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto/USP. Área de Concentração: Psicologia.

Orientador: Andrade, Antônio dos Santos.

1. Música. 2. Escola. 3. Lei. 4. Professor.
5. Ensino Fundamental.

Rosimeri Priscila Pupin

A música no ensino fundamental: condições de oferecimento e sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva dos professores.

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP,
como parte das exigências para a obtenção do
título de Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovada em: _____

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedicatória Especial

Aos meus pais Walter e Rosa por acreditarem na força de uma boa educação desde sempre e pelo eterno apoio. Ao meu companheiro Elzio Rodrigo por sua dedicação e paciência. Aos meus filhos Victor Hugo e Beatriz, que são meu maior tesouro. Dedico também às minhas queridas irmãs Roselaine e Renata, que sempre compartilham comigo a trilha do saber; ao meu sobrinho e afilhado Joaquim André que me dá tantas alegrias a cada dia, e meu cunhado Murilo, pela dedicação à família. Aos meus sogros Lina e Elzio, e aos meus cunhados Aline e Rafael pelo apoio.

E dedico também ao meu orientador Antônio pelo eterno incentivo na construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para a construção desta dissertação e merecem a minha gratidão.

Ao meu orientador Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade, que me acolheu, acreditou em mim, na importância deste trabalho e me ensinou a fazer pesquisa, me fazendo crescer pessoalmente e profissionalmente.

À Profa. Dra. Valéria Chechia e à Profa. Dra. Luciana Carla dos Santos Elias, que estiveram presentes no exame de qualificação e contribuíram para o enriquecimento deste trabalho.

Ao programa de Pós-graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP Ribeirão Preto e dos professores que dele fazem parte, pelo acolhimento e ensinamentos prestados.

À amiga Patrícia Rossi Carraro, que me deu todo apoio, me acompanhou durante a construção desta pesquisa e esteve disponível para ajudar a qualquer momento, agradeço com carinho.

Aos professores, coordenadores, diretores, assistentes de direção e funcionários das escolas pesquisadas, pela forma cordial que me receberam e pela disponibilidade com que participaram e que facilitaram meu trabalho.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) cujo apoio financeiro ajudou muito no andamento deste trabalho.

Aos meus alunos, que a cada dia que passa me despertam novas curiosidades e descobertas na escola e na sociedade, me fazendo buscar sempre.

À grande amiga Juliana Leonardi que me aproximou do mundo das pesquisas, sempre esteve presente e incentivou minha vida acadêmica.

À amiga Luana Torres pela ajuda com o texto em inglês, e pela amizade que se mantém mesmo a distância.

À Maria do Socorro, por sua dedicação e pelos serviços prestados na revisão ortográfica.

A todos os amigos, familiares e colegas de trabalho que de alguma forma estiveram envolvidos diretamente ou indiretamente neste trabalho, que sempre incentivaram minha trajetória e torceram por mim, meus sinceros agradecimentos.

“Ontem um menino que brincava me falou que hoje é semente do amanhã...
vamos lá fazer o que será.”

Gonzaguinha

"Se fosse ensinar a uma criança a beleza da música não
começaria com partituras, notas e pautas.

Ouviríamos juntos as melodias mais gostosas e lhe
contaria sobre os instrumentos que fazem a música.

Aí, encantada com a beleza da música, ela mesma me
pediria que lhe ensinasse o mistério daquelas bolinhas
pretas escritas sobre cinco linhas.

Porque as bolinhas pretas e as cinco linhas são apenas
ferramentas para a produção da beleza musical. A
experiência da beleza tem de vir antes".

Rubem Alves

RESUMO

Pupin, R. P. (2014). A música no Ensino Fundamental: condições de oferecimento e sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva dos professores. Dissertação de Mestrado, Programa de Psicologia, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

Esta pesquisa qualitativa etnográfica objetivou descrever as práticas musicais no Ensino Fundamental, após a implantação da Lei 11.769/08 que as tornou obrigatórias. Na revisão de literatura, encontrou-se que a maioria dos estudos enfatiza a preocupação dos autores com a formação musical dos professores, com os conteúdos trabalhados, com a ampliação a apreciação musical dos alunos, influenciada pela mídia e com contribuição na formação de um pensamento crítico. Como instrumento de coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada com 30 professores de música de Ensino Fundamental, em escolas estaduais da cidade de Ribeirão Preto. Foram realizadas duas entrevistas de 60 minutos, com três temas em cada uma. A partir da análise de conteúdo, encontrou-se seis agrupamentos gerais para as diversas classes de categorias. O primeiro agrupamento foi a *falta de conteúdos musicais durante a formação dos professores* que são licenciados em Pedagogia e mesmo em Arte, o que acarreta em grande dificuldade para que as práticas musicais na sala de aula possam ser enfrentadas com segurança e evidencia a necessidade de um especialista para trabalhar com a música na escola. O segundo agrupamento se referiu ao *uso da música como parte de atividades programadas pela escola ou pela rede estadual de ensino*, no qual os professores relataram a utilização da música para outros fins que não o conhecimento musical e que essa prática é parte da metodologia de ensino imposta pelo Estado, as atividades são efetivas e geram bons resultados, porém não trata a música enquanto área do conhecimento. O terceiro agrupamento geral se referiu aos *recursos que o Estado disponibiliza para os professores trabalharem*, alguns professores disseram não ter acesso ao material de apoio que é disponibilizado e que a presença de instrumentos musicais ainda não existe nas escolas. O quarto agrupamento se referiu a *questões sociais que circundam o aprendizado na escola*, no qual os professores relataram que a família está distante da escola, delegando a sua responsabilidade na educação dos filhos e ainda responsabilizando a escola por tal ato. O quinto agrupamento foi o das *influências da mídia no universo cultural dos alunos*, no qual a maioria dos professores relatou que esta influência favoreceu o interesse dos alunos pela música, ajudou no sentido de que os alunos se abriram para o tema da música, mas acabaram se limitando ao universo imposto e influenciado por ela. E o sexto agrupamento foi o do *trabalho no sentido de ampliar o universo musical dos alunos*, sendo que alguns professores vêm tentando ampliá-lo, partiram de conteúdos que os alunos trazem para a sala de aula e desenvolveram práticas para sua ampliação. Em conclusão, pode-se dizer que falta um professor especialista dentro das escolas, pois a formação em Pedagogia ou Arte não foi suficiente para propiciar um ensino de música tal como exigido pelo dispositivo legal, o que vem acarretando sérias dificuldades para os docentes não qualificados, além de desvios das finalidades previstas, com o agravante de o Estado não estar disponibilizando nem o equipamento mínimo necessário a este tipo de ensino.

Palavras-chave: música, escola, lei, professor, Ensino Fundamental.

ABSTRACT

Pupin, R.P. (2014). The music in elementary school: offering conditions and its contribution to the teaching and learning process, from the teachers' perspective. Dissertation, Psychology Program, University of São Paulo, Ribeirão Preto.

This ethnographic qualitative research aimed to describe the musical practices in elementary schools after the implementation of Bill 11.769 / 08, which made musical teaching mandatory in schools. In the literature review, it was found that most studies emphasize the concern of the authors with the musical training of teachers, with the contents worked, with the broadening students' musical appreciation beyond media influences and teaching music in school can contribute to the formation of critical thinking. Thus, semi-structured interviews of thirty elementary school teachers who taught music in the state schools in the city of Ribeirão Preto were used as data collection method. Two 60-minute interviews with three subjects each were performed. From the data analysis six general groups were created among the various categories classes. The first group is *the lack of musical content during teachers training*, who are licensed in Pedagogy and even Art, which results in great difficulty in dealing with musical practices safely in the classroom, and highlights the need for a specialist to work with music in schools. The second group refers to *the use of music in activities planned by the school or the state education system*, in which teachers reported the use of music for purposes other than musical knowledge, and that these practices are part of the teaching methodology imposed by the State, which are effective and generate good results, however, they do not treat music as a field of knowledge. The third general group refers to *the resources that the State provides for teachers to work*. Some teachers report not having access to the support material available, and that musical instruments are not offered at the schools. The fourth group refers to *social issues that surround learning in schools*. Teachers report that families are absent from school, delegating the responsibility of raising the children, and even imposing this responsibility to the school. The fifth group is *the media influence in the cultural universe of students*, in which the majority of teachers reported that this influence promotes student interest in music, contributing in the sense that students are open to the music theme, but are ultimately limited to this media influence alone. And the sixth group is *the work to expand the musical universe of students*. Some teachers have tried to improve it, starting with contents which are brought to the classroom by the students and develop practices for its expansion. In conclusion, the schools lack specialized teaching in music; the teacher's training in Pedagogy or Art is not enough to provide high quality music teaching as required by law. This situation creates difficulties to the unqualified teachers, in addition to a deviation in the job description, on top of the state being at fault for not providing the minimum required musical instruments for teaching.

Keywords: music, school, law, teacher, elementary school.

LISTA DE ESQUEMAS E QUADROS

ESQUEMA 1 – Categorias do tema I	56
ESQUEMA 2 – Categorias do tema II	57
ESQUEMA 3 – Categorias do tema III	57
ESQUEMA 4 – Categorias do tema IV	57
ESQUEMA 5 – Categorias do tema V	58
ESQUEMA 6 – Categorias do tema VI	58
QUADRO 1 – Dados de identificação dos participantes	45
QUADRO 2 – Duração e local de realização das entrevistas com os professores	50

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	21
1 INTRODUÇÃO	23
1.1 A música e a escola: um breve histórico	23
1.2 Concepções sobre a música na escola	25
1.3 Pesquisas sobre a música na escola	29
1.4 A criatividade e o ensino de música.....	38
1.5 Justificativa.....	39
1.6 Objetivos.....	40
2 MÉTODO	42
2.1.1 A Etnografia Educacional na Psicologia Educacional	42
2.1.2 Pesquisa etnográfica em educação	43
2.2 Participantes	44
2.3 Coleta de dados.....	46
2.4 Análise dos dados	51
2.5 Aspectos éticos	53
3 RESULTADOS	56
3.1 Resultados obtidos na Análise de Conteúdo das entrevistas	56
3.1.1 Tema I: Minha formação e minhas experiências anteriores	59
3.1.2 Tema II: Meu emprego atual	69
3.1.3 Tema III: Minhas práticas nas aulas de música.....	76
3.1.4 Tema IV: Interação professor-aluno nas minhas aulas.....	91
3.1.5 Tema V: Facilidades e dificuldades no ensino de música	100
3.1.6 Tema VI: A criatividade no ensino de música	114
3.2 Observações Participantes e professores que merecem destaque.....	126
3.2.1 A professora Maria	126
3.2.1.1 Os dados obtidos por meio das entrevistas	126
3.2.1.2 Os resultados obtidos por meio da observação participante.....	129
3.2.2 A professora Joana.....	130
3.2.2.1 Os resultados obtidos nas entrevistas	130

3.2.2.2 Os resultados obtidos na observação participante.....	133
3.2.3 O professor José.....	135
3.2.4. A professora Cláudia.....	137
3.2.5 A professora Bárbara	139
3.2.6 A professora Juliana.....	141
3.2.7 O professor Bruno	143
4 DISCUSSÃO.....	147
4.1 Os temas analíticos.....	147
4.2 Os temas empíricos	152
4.3 Observações participantes e professores que merecem destaque.....	158
4.4 Objetivos propostos e desdobramentos futuros	160
5 CONCLUSÕES	163
REFERÊNCIAS	165
APÊNDICE.....	171
APÊNDICE A – Outros trechos das entrevistas com professores.	171
ANEXOS	217
ANEXO 1 – Autorização da Delegacia Regional de Ensino para ocorrência da pesquisa nas escolas estaduais	217
ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado aos participantes da pesquisa	218
ANEXO 3 – Cartões temáticos das entrevistas realizadas com os professores	219
ANEXO 4 – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP, para ocorrência da pesquisa.	220

APRESENTAÇÃO

Desde criança a música esteve presente na formação da pesquisadora. O curso de piano que iniciou, aos 9 anos de idade, foi seguido da graduação em Musicoterapia. Durante a formação na educação básica, não havia música no currículo escolar, havia Educação Artística, onde os professores não passavam pela música. Já na graduação, as práticas musicais fundamentaram os cuidados com a saúde, num tripé de sustentação que uniu música, medicina e psicologia.

As experiências vindas a seguir passavam ora pela educação, ora pela saúde. Nos dois momentos, a música sempre esteve presente. A contribuição para escolha do tema veio da formação da pesquisadora, das práticas que se iniciaram nos estágios clínicos e de uma atuação ligada à saúde e à educação.

A publicação da lei que tornou obrigatória a volta da música às escolas e a participação nas reuniões do Grupo de Estudos e Pesquisas Subjetividade e Educação (GEPSed), que a pesquisadora começou a frequentar, foram elementos definitivos para o projeto de pesquisa que originou esta dissertação.

Esta pesquisa foi realizada com 30 professores de Ensino Fundamental das escolas estaduais de Ribeirão Preto, com duas entrevistas com cada professor, para que se pudesse conhecer as características gerais dos educadores que trabalham com música na escola, sua formação, as práticas e as condições de trabalho atualmente.

Anterior à realização da coleta de dados, foi realizada uma pesquisa-piloto com duas professoras de música da rede privada de ensino para verificação e adequação dos temas analíticos à realidade das escolas e aos objetivos propostos deste estudo, para só então dar início à coleta de dados na rede estadual.

O texto a seguir apresenta uma introdução em que a primeira subseção relata um breve histórico da passagem da música pela escola, seguida de estudos que através da revisão de literatura abordaram as concepções da música na escola e as pesquisas sobre o tema. Logo depois são apresentados a justificativa e os objetivos gerais e específicos desta pesquisa.

Na segunda seção, tem-se a apresentação do método utilizado que inclui a Etnografia Educacional na Psicologia da Educação e suas pesquisas, os participantes, a coleta de dados, a análise dos dados e os aspectos éticos.

A partir da terceira seção, tem-se a apresentação dos resultados, num primeiro momento se evidenciam as classes e categorias que surgiram da análise de conteúdo das

entrevistas realizadas, seguidas pela apresentação de estudos de casos dos professores que foram submetidos à observação participante e/ou que realizaram um trabalho diferenciado com a música na sala de aula.

A quarta seção apresenta a discussão dos resultados de acordo com a revisão da literatura que engloba a discussão dos temas analíticos, dos temas transversais, dos estudos de casos e dos objetivos.

Encerra-se esta pesquisa com as conclusões finais.

1 INTRODUÇÃO

1.1 A música e a escola: um breve histórico

São muitos os relatos históricos que revelam a utilização da música, em seu aspecto educativo. No Egito, por exemplo, por volta de 4.000 anos a.C., a música estava sempre presente nas cerimônias religiosas, e os sacerdotes treinavam os coros para os rituais sagrados nos grandes templos. Assim como a utilização, por militares, de trompetes e tambores nas solenidades oficiais (Bennett, 1986).

Para Pitágoras, a música e a matemática formavam a chave para os segredos do mundo que o universo cantava, justificando a importância da música na dança, na tragédia e nos cultos gregos (Bennett, 1986).

Segundo Smith (1995), Aristóteles e Platão, nos anos 300 e 400 a.C., na Grécia, foram precursores na utilização da música no bem-estar, na saúde da mente e do corpo (Smith, 1995). Platão herdou grande parte da doutrina de Pitágoras e defendia a música como base do conhecimento filosófico (Loureiro, 2001).

Para os gregos, o músico era considerado guardião do conhecimento e de técnicas que eram estimuladas desde cedo. Ela fazia parte da formação das crianças nas escolas (Loureiro, 2001).

No Brasil, logo após o seu descobrimento, os padres jesuítas, preocupados em catequizar os índios, utilizavam a música e o teatro como recurso pedagógico. Criavam peças chamadas “Autos” que ensinavam a religião de forma criativa aos índios. A influência da música utilizada na catequese fez com que ela passasse a integrar os currículos escolares.

Em 1759, com a Reforma Pombalina, os jesuítas foram expulsos e suas escolas fechadas. E depois de um período de crises na educação por conta do descaso da Coroa, surge a escola leiga que mantinha bases parecidas com a dos jesuítas e, portanto, a música estava incluída em sua grade (Loureiro, 2001).

A atividade musical no país começa a ganhar força com a presença da Corte Real no Rio de Janeiro e com a abertura de faculdades, academias, bibliotecas e principalmente da Escola Nacional de Belas Artes, em 1808 (Loureiro, 2001).

Na década de 1930 surge a proposta da Nova Escola que afirmava a importância da arte na educação. Nesse contexto, a figura de Villa-Lobos evidenciou em suas raízes o

folclore e o nacionalismo. Sua prática musical foi fundamentada no Canto Orfeônico, metodologia que ele conseguiu levar às escolas pelo Decreto Federal nº. 19.890, de 18 de abril de 1931, que tornava obrigatório o ensino de música nos currículos escolares.

Segundo Kerr (2011), o projeto de implantação da música na escola feito por Villa-Lobos trouxe a concepção da possibilidade do “ensino popular de música” para todas as classes sociais. O conteúdo aprendido era preestabelecido, o emprego da música nacional era colocado de forma clara. A criança deveria ser formada pelo estudo dos grandes mestres estrangeiros e também por meio das melodias e dos ritmos do folclore nacional, cujo principal objetivo era servir como formador da moral e do senso cívico da infância brasileira. A musicalização deveria formar ouvintes que saberiam reconhecer a boa música e diferenciá-la das ameaças que se prenunciavam por parte da chamada indústria cultural.

A partir da segunda metade da década de 1940, a metodologia do Canto Orfeônico começou a dar espaço aos métodos chamados criativos, e a ordem era criar, fluir e deixar acontecer. Alguns movimentos e escolas foram criados nesse sentido.

O suíço Dalcroze que desenvolveu métodos de ensino musicais implantados nas escolas particulares brasileiras, depois da saída do método do Canto Orfeônico de Villa-Lobos em 1960, também mostrava preocupação em levar o gosto musical e a formação de ouvintes críticos para a sociedade em geral através da implantação da música nas escolas públicas.

Em 1971, com a Lei nº 5.692/71, a música passa a integrar nas escolas a disciplina de Educação Artística, sendo uma entre as diversas formas de expressão artística (Loureiro, 2001). Muitos educadores apontam que essa polivalência no ensino resultante desta lei é o responsável pela ausência do ensino de música nas escolas (Sobreira, 2012).

A partir daí puderam ser observadas algumas tentativas de fortalecer o uso da música nas escolas, alguns projetos que atenderam a esse público, mas em especial houve a publicação da Lei nº 11.769/08 que é específica e estipula que a partir de agosto de 2011 as escolas passassem a ter a música como conteúdo obrigatório no currículo. O movimento para implantação da lei foi liderado pelo organista carioca Felipe Radicetti e também discutido em congressos por professores e pesquisadores, além do apoio da mídia.

Vive-se um momento em que se apresentam dois tipos de convívio cotidiano com a música: aquele imposto pela mídia, que poderia ser considerado como não formal, onde presencia-se uma época onde nunca se teve acesso tão fácil à música, à liberdade de estilos, o que muitas vezes é massacrante e incansável, como as chamadas “músicas de consumo”; e, a partir da aplicação da lei, o momento formal, que traz a tentativa da inserção da música nas

escolas de forma a possibilitar uma exploração mais consciente e produtiva pelas crianças e jovens.

A seguir, serão apresentados dois conjuntos de trabalhos que pretendem expressar o contexto da discussão sobre o ensino de música na educação básica. O primeiro conjunto trará uma amostra das discussões sobre as concepções mais indicadas para o ensino da música nas escolas. No segundo, a título de revisão da literatura, são apresentadas pesquisas desenvolvidas com o propósito de investigar as condições de possibilidade deste ensino.

1.2 Concepções sobre a música na escola

Entre os trabalhos que enfatizam a importância do ensino de música nas escolas, Figueiredo (2005) colocou que a educação tem considerado a questão da inclusão da diversidade cultural como imprescindível para o estabelecimento de uma sociedade mais justa e humana. Considerou que essa diversidade cultural que afeta as políticas educacionais acabou afetando a formação dos educadores musicais. Para o autor, é preciso haver diversas perspectivas sonoras em seus conteúdos. A complexidade dos espaços educativo-musicais deve ser discutida pelas diferenças que abrangem nível (Infantil, Fundamental, Médio) e realidade social (escolas de mesmo nível, mas que estão em locais diferentes, por exemplo). O papel que a música tem exercido na indústria de entretenimento tem ocultado das pessoas a sua função educacional. Caberia aos educadores desenvolverem a tarefa de convencimento não só de seus alunos, mas da sociedade que os cerca. O fato de a música aparecer na maioria das vezes como atividade extracurricular reforçou a ideia de que ela não é relevante enquanto área do conhecimento. O autor concluiu dizendo que a parceria do professor dos anos iniciais com os educadores musicais é uma ótima ferramenta para que a música seja incluída em diversos contextos sociais. Isso permitiria estender a música para todos e seria a base para um aprofundamento nos anos seguintes do Ensino Fundamental.

Nesse mesmo sentido, Santos (2005) discutiu o fato de que existe hoje uma diversidade na formação e no modo como se ensina música. De um lado, as grandes universidades com graduações e pós-graduações e, de outro, projetos sociais profissionalizantes. O cargo de professor de música nunca deixou de ser reconhecido pelos documentos oficiais do Brasil, mas os professores de música acabam não ocupando o seu lugar por diversas razões, entre elas o fato de que a maioria prefere trabalhar em escolas

técnicas especializadas. A autora defendeu que uma formação profissional condizente com a realidade exige uma aproximação do cotidiano escolar e a ampliação dos modos de articulação entre teoria e prática. Assumindo uma visão pós-moderna de escola, concluiu: os saberes são provisórios, o conceito de profissão não é estático e a identidade dos grupos profissionais se altera. Exige-se do profissional a criação que substitua modelos ultrapassados, e as manifestações dos alunos mostraram as diferenças entre os projetos de formação e as necessidades do cotidiano e da sociedade em que vivem.

Considerando a questão do importante papel da música na formação geral do aluno, Álvares (2005) propôs uma reflexão sobre o momento atual da educação musical nas escolas brasileiras, a partir de vários autores como Souza (2004), Pellanda (2004), Freire (1992), Santos (2003), entre outros. O autor colocou a importância da música como fato social, mas que nesse momento a educação formal está separada do cotidiano, sendo necessário um reencantamento dos alunos, através da música, que influencie no desenvolvimento da personalidade e estimule seu pensamento. A formação precisa ser o ponto crucial do ensino de música. Primeiro porque existe um círculo vicioso nas escolas que acaba elegendo professores de artes e não de música para a disciplina; além disto, as formações musicais colocam pouca ênfase sobre o desenvolvimento do trabalho em escolas de Ensino Fundamental, o que leva a maioria desses profissionais para as escolas especializadas. Isto demonstra um aparente descaso na sociedade com relação à música no currículo escolar.

Enfocando o tipo de pedagogia mais adequada ao ensino da música, Abrahams (2005) destacou a importância da pedagogia crítica, citou pensadores como Paulo Freire (1970), defendeu o ensino como um diálogo entre professor e aluno e disse que o conhecimento que o aluno já traz deve servir de porta de entrada para o novo conhecimento. Para o autor, a educação deve buscar motivar, transformar e ampliar a maneira de os alunos perceberem a realidade. O autor citou ainda o modelo de aprendizagem vivencial de McCarthy (1987, 2000, 2003) que sugere que as modalidades de aprendizagem devem se alternar entre concretas e abstratas ou holísticas da percepção, pois esta alternância facilita o envolvimento dos dois hemisférios cerebrais. Essa pedagogia sugeriu também uma mudança nas relações de poder, onde professores e alunos ensinam uns aos outros através de um diálogo musical e verbal para derrubar as barreiras entre a “nossa música” e a “música deles”.

Abordando a questão mais ampla da influência da mídia sobre a música, Subtil (2008) tratou da relação entre a música e a indústria cultural na visão de alguns estudiosos. Cita Theodor Adorno que defendeu o fato de que o consumo concebeu a música massiva e popular como mercadoria, tirando do homem uma aproximação consciente, racional e livre. Contrário

a isso Walter Benjamin vê a reprodução da arte pelos meios técnicos como uma possibilidade de acesso a todos do que antes era restrito. Segundo a autora, nessa ambiguidade de opiniões, é correto afirmar que realmente a massificação atinge a todos, mas que por outro lado ela tem exercido uma função socializadora que expande as diferentes formas de cultura. Além disto, admitiu que existe uma forte relação entre a produção midiática e a escola, já que os dois concorrem para a produção de sentidos no mundo e na sociedade. No sentido de produzir uma educação dirigida e de autocrítica, é que vê a necessidade de a escola utilizar esses recursos como ferramentas para acesso aos meios culturais. Para a autora, deve-se colocar de forma reflexiva uma educação dos sentidos e a sensibilização como forma de perceber e separar a mídia de consumo da arte como mercadoria. A escola entra com o papel de conscientização e de mostrar a arte de todos os tempos e lugares através da experimentação e apreciação artística, possibilitando reflexões críticas conscientes.

Considerando a questão da implantação da Lei 11.769/2008 que tornou obrigatório o ensino de música nas escolas de Ensino Fundamental, Couto e Santos (2009) realizaram um levantamento bibliográfico sobre o tema. A partir das ideias de oito dos autores incluídos na revisão, mostraram que o ensino de música está voltado mais para as escolas especializadas. No entanto, três autores defendem o ensino na escola pública, por se tratar de um espaço aberto e democrático, como um espaço ideal para a promoção da prática do aprendizado musical. Um dos autores completou esta visão dizendo que esse acesso trará o esclarecimento ao fato de que para saber música não é necessário talento e sim estudo e dedicação a essa área do conhecimento como uma linguagem consciente que pode ser aprendida como as outras. Esse é o real significado do termo “educação musical”. Baseados nessas observações, os autores concluem que refletir e planejar ações respaldadas por valores e funções deve ser os principais guias para o educador musical. Explorar os níveis de compreensão da música enquanto linguagem que deve ser também compreendida pelos pais, diretores, professores e a sociedade, em geral, formará cidadãos mais conscientes e capazes de agir de maneira crítica.

Dorotéia Kerr (2011), no capítulo intitulado “Caminhos da educação musical”, do Caderno de Formação da Universidade Estadual Paulista, falou sobre a trajetória da música dentro da escola e apresentou algumas ideias sobre musicalização no ambiente escolar que trazem reflexões sobre esse momento da obrigatoriedade da música na escola. Kerr abriu uma discussão sobre o tipo de ensino de música que se deseja na escola: o primeiro tradicionalista com partituras, ou um segundo, uma experiência musical dentro de um processo cultural amplo. No caso da educação tradicionalista, entra em pauta o grande tabu do ensino da partitura que mostra uma identidade social presa ao conceito de que só os gênios aprendem

música dessa forma. A partitura, na realidade, pode ser colocada na escola para o desenvolvimento integral do ser humano. No que diz respeito ao segundo tipo de ensino aberto nessa discussão, colocou-se a música como uma experiência, como fonte primeira para a aprendizagem. A autora concluiu que, quanto ao aprendizado de música nas escolas, a aprendizagem válida advém da educação musical formal. Dentro da escola, o ensino musical deve ser reconhecido como experiência de vida que naturalmente não formará músicos. A pessoa se torna um ser musical dependendo do aproveitamento de sua experiência de vida, usufruindo, percebendo, experimentando e realizando sua sensibilidade dentro das situações vividas.

Sobreira (2012) falou sobre o ensino de música nas escolas de Educação Básica no que tange à Lei 11.769/08, a respeito da colocação da palavra “conteúdo” ministrado pelas escolas, que não é bem definido e que abre uma discussão para a forma como ele é inserido na escola. Os educadores musicais defendem um ensino de música tradicional, como nas disciplinas de Português e Matemática, por exemplo, onde a palavra conteúdo também está colocada da mesma forma, dando margem a diferentes formas de implantação, mas estão organizadas de forma convencional. A autora defendeu que a música deve ser aplicada na escola enquanto uma disciplina, já que o ensino brasileiro se divide desta forma. A Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) vem mostrando uma preocupação com a formação docente e elaborando materiais que possam orientar e fundamentar a implementação da música no currículo escolar, o que exige nova postura dos educadores e das escolas. Alguns autores discutiram a implantação do saber na escola a partir de uma visão negativa, dizendo que a escola deturpa o saber. Para a autora, os educadores não devem se deixar levar por uma visão que possa vir a paralisar e desmotivar a sua capacidade de um ensino eficaz. A escola pode ser vista como um local onde ocorrem processos de interação e produção de cultura, onde um determinado saber pode ser criado e difundido para além dela. A partir deste pensamento, a autora refletiu sobre o fato do surgimento de muitos grupos vocais após a passagem do Canto Orfeônico pelas escolas. A sociedade foi povoada por esses grupos, a partir de um conhecimento que ultrapassou os muros da escola. Com relação à proposta da música como uma disciplina, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), a música é um dos componentes do campo das Artes que estão ligadas a um saber social de referência. Existe no campo da educação uma tendência à valorização das disciplinas de caráter científico mais do que as de caráter artístico. Por outro lado, essa visão faz com que o professor tenha uma maior liberdade de trabalhar escolhas pedagógicas, sem pressões impostas por livros didáticos e sistemas de avaliações, dando abertura a inovações. Essa

positividade pode vir a se perder, caso o ensino de música se iguale às outras disciplinas tradicionais. A música faz parte do cotidiano das pessoas, e sua função social já está definida antes do processo de escolarização. Pode-se levar em conta que uma das funções do ensino de música deve ser ajudar o aluno a ampliar seu universo de estilos e gêneros musicais para um trabalho pedagógico significativo. A forma como a música é utilizada na escola como meio para ensinar outros conteúdos, principalmente por professores de Fundamental I, pode ser um elemento que causará estranhamento quando entrarem em cena os educadores musicais. As dificuldades que a música encontra em sua aceitação é parte de várias áreas do conhecimento que buscam aumentar seu prestígio acadêmico. Caberá ao educador musical encontrar um meio-termo para exercer as distintas funções que a música pode ter. Segundo a autora, a disciplina de música dentro da escola deve se aproximar da realidade e dos desejos dos alunos, mas ao mesmo tempo se cercar de referências escolares e acadêmicas para que tenha seu devido reconhecimento.

Esses trabalhos ilustram as principais questões e perspectivas teóricas existentes na literatura em relação ao papel da música na cultura e na educação, incluindo a forma como a educação musical deve acontecer. Os autores foram unânimes em defender a importância deste ensino, seu papel e sua importância não como mais uma disciplina na grade escolar, mas, seguindo uma tradição que remonta aos gregos antigos, como talvez a que mais contribua para a diversidade, abrangência e aprofundamento da formação global do pensamento e da cultura. A seguir, serão apresentadas as principais pesquisas que trataram do tema nos últimos anos.

1.3 Pesquisas sobre a música na escola

Segundo Kerr (2011), um dos primeiros estudos sobre escuta musical, sobre os mecanismos da aprendizagem musical, sobre talento musical surgiu em 1919, quando Carl Seashore, um psicólogo americano, criou testes para medir o talento musical. Ele elaborou 260 questões voltadas principalmente para medir a capacidade auditiva do sujeito. Essa avaliação fixou-se na questão da escuta e falhou em atingir seu propósito por falta de instrumentos de natureza qualitativa, ainda difíceis de serem aplicados naquele momento.

Embora os pesquisadores que se dedicavam a esses estudos mantivessem ainda como padrão o modelo musical tradicional, pode-se perceber a procura por outras respostas para a

questão da aprendizagem musical no campo da música e de atividades artísticas. A partir de 1960, estudos que traziam contribuições da Psicologia do Desenvolvimento e da Psicologia Social passaram a estudar se a habilidade musical ou o talento seriam transmitidos geneticamente ou resultariam apenas do ambiente cultural. A Filosofia, com a Psicologia Social, trouxe à tona a discussão sobre o valor da música na sociedade atual, na qual se defende a ideia da música como fonte de entretenimento e de lazer, deixando de lado o estudo científico sobre a importância dessa arte para o ser humano, como meio para fornecer condições para sua formação total (Kerr, 2011).

Uma das estratégias de pesquisa mais amplamente utilizada na investigação sobre o ensino de música é a da obtenção de relatos verbais, seja na forma de questionário ou de entrevistas semiestruturadas. Neste conjunto, apesar de já ter decorrido algum tempo desde a sua publicação, a pesquisa de Loureiro (2001), em uma escola da rede pública estadual de Belo Horizonte, classificada como sendo de baixa renda, merece destaque por ter se mostrado pioneira dentre as investigações. A escola participava do projeto “Música na escola”, que já naquela época tinha a proposta justamente de inserir aulas de música no Ensino Fundamental. Foram realizadas entrevistas com os professores na própria escola, com a diretora e também com dois professores de música em suas próprias residências, no intuito de investigar a dificuldade que eles tinham de chegar à escola. Foi detectado nessa escola o ensino da música como uma prática conservadora. Segundo uma das educadoras musicais, a educação musical é uma dimensão de um processo formativo centrado no homem, e a música deve ser considerada em função de seu significado no processo de humanização do indivíduo. Para a outra, a música se encontra desvalorizada enquanto conhecimento simbólico, como linguagem complexa e articulada em busca da consciência crítica. Segundo as conclusões do autor, os professores das outras disciplinas parecem atribuir à música o papel de solucionar problemas socioeducativos, como, por exemplo, dar suporte às dificuldades disciplinares e de comportamento e até mesmo corrigir defasagens de aprendizagem. A diretora, por sua vez, colocou a necessidade da música como uma disciplina que seria uma forte aliada no processo de alfabetização. Diante da ampla gama de atribuição de significados à música revelada nas entrevistas, a autora concluiu que, para a música surtir os efeitos desejados, é necessário delimitar o que ensinar, para quê e para quem; definir como ensinar, de forma a tornar a música viva, e de acordo com a realidade do aluno e o ensino prestigiado; e também se definir quem deve ensinar.

Adotando a mesma estratégia de entrevista com professores, Spanavello e Bellochio (2005) investigaram os processos formativos, concepções e práticas educativas em música de

professores não especialistas e que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Realizaram entrevistas semiestruturadas com 23 professores de escolas particulares, municipais e estaduais. A análise dos dados obtidos levou a três categorias: formação de professores, concepção musical e ações musicais. De acordo com a primeira categoria, foi constatado que os professores reconhecem a importância da música na escola, porém não estão seguros para lidar com ela. A maioria desses professores tinha apenas formação em Magistério, sem curso superior ou pós-graduação. Na segunda categoria, intitulada “concepção musical”, percebeu-se que o professor considera a música como uma possibilidade de apoio metodológico às outras áreas do conhecimento e não por suas propriedades próprias. Na terceira categoria, denominada “ações musicais”, os professores reconhecem a necessidade de integração entre o seu trabalho musical e o de especialistas na área. A grande maioria não se acha competente para essa área de atuação. Não foram identificadas diferenciações marcantes entre as três instituições pesquisadas. As autoras concluem pela necessidade de a música estar incluída na formação dos professores dos anos iniciais por acreditarem que essa formação possa fundamentar a organização do pensamento e da ação dos professores, de modo que as vivências musicais possam trazer suas reais contribuições.

Trabalhando também com o relato verbal, Hirsch (2007) teve como objetivo verificar como a música está presente nas séries finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio de escolas estaduais. Foi adotado como método um questionário que apresentava 23 questões fechadas e 10 abertas. Dos 139 questionários respondidos, 129 eram do gênero feminino e 10 do gênero masculino, com idades entre 28 e 66 anos. Desse total de professores, apenas 10 tinham formação em música, mas apenas sete produziam atividades permanentes. A maioria dos professores trabalhava com artes visuais, e o ensino de música era parte da disciplina de educação artística. Desenvolviam atividades extracurriculares 81,4% dos professores, sendo as mais frequentes as apresentações musicais e a hora cívica, a maioria realizada esporadicamente. O principal papel que a música assumia nessas aulas era o de suporte ou recurso para outras disciplinas, sendo utilizada assim como meio e não como fim. A maioria trabalhava com audição musical. O repertório era composto principalmente de canções folclóricas e infantis, o que mostrava um desencontro com a realidade do aluno. Mais da metade dos professores afirma ter dificuldades de trabalhar a música na escola, o que pode estar relacionado ao nível de formação musical desses professores. O autor concluiu que embora a música estivesse presente na prática da maioria dos professores investigados, na maioria das vezes ocorria apenas esporadicamente. Além da escassez de recurso e espaço

físico adequado, a deficiência na formação musical foi apontada como uma das principais dificuldades do professor. Uma das principais estratégias apontadas era o investimento na formação continuada para o fortalecimento da educação musical nas escolas, além da abertura de concursos públicos para especialistas em música. Esse estudo serve de alerta sobre as condições de possibilidades da implementação do dispositivo legal que obriga este ensino nas escolas.

Utilizando o questionário, Hentschke e Pizzato (2009) investigaram o significado atribuído às atividades musicais por alunos. Consideraram os dados referentes a 1.848 alunos do Ensino Fundamental e Médio de 11 cidades do Estado do Rio Grande do Sul. A coleta de dados ocorria durante aulas de música e ensaios. O questionário abordava questões sobre o perfil dos alunos e suas opiniões relativas a interesse, importância, dificuldade, utilidade, senso de competência e senso de confiança. Essas questões foram abordadas também em relação às disciplinas curriculares das escolas. Os resultados mostraram que à medida que os alunos avançam de série o interesse pela música aumenta. O grupo que desenvolve atividades musicais fora da escola mostrou maior grau de interesse. No quesito utilidade, que se refere ao quanto um indivíduo considera a música em seus planos futuros, existiu um crescimento observado nos estudantes das séries mais avançadas. Jovens provenientes de camadas socioeconômicas menos favorecidas têm procurado projetos sociais com o objetivo de se profissionalizarem na área da música. O estudo concluiu que, em geral, no Brasil, o grau de interesse, importância e utilidade da música aumenta à medida que os estudantes brasileiros pertencem a séries mais avançadas, o que não acontece na maioria dos outros países observados, embora ainda exista uma hierarquia em que os alunos consideram mais importante aprender português, ciências e matemática.

Também com o uso de questionário, Sebben (2009) defendeu sua dissertação de mestrado, e a seguir Sebben e Subtil (2010) publicaram artigo sobre a pesquisa onde objetivaram investigar as concepções e práticas musicais de 297 alunos de 8ª série do Ensino Fundamental de 13 escolas públicas e 6 escolas particulares de Ponta Grossa – PR. O questionário tinha 22 questões abertas e fechadas. A primeira parte dele investigava a realidade da arte e música na escola, e a segunda parte abordava as concepções da prática e gosto musical dos adolescentes. Disseram gostar de música 98,7% dos alunos, e, mesmo diante de respostas negativas, os alunos apontavam preferências de estilo e gosto musical. Para as respostas positivas, formaram-se oito categorias de justificativa: música terapêutica, entretenimento ou diversão, permite a expressão dos sentimentos, favorece a nostalgia, leva à reflexão, ajuda e/ou estimula o aprendizado, favorece preferências pessoais e

autoidentificação. Em relação à questão da prática musical, o ouvir está em primeiro lugar nas escolas públicas e particulares (88,7%). Para as atividades de dançar, cantar, tocar e compor, as escolas particulares têm índices mais altos que as públicas. Os autores concluem que os jovens no geral apresentaram uma relação intrínseca com a música, na qual fizeram escolhas e a assumiram como elemento de afirmação na sociedade.

Utilizando entrevistas e questionário, Subtil (2010) buscou compreender a relação da criança com a música e suas significações dentro do campo musical, em pesquisa realizada com 126 alunos de quarta série, com idade entre 9 e 12 anos. Procurou captar as significações atribuídas à música. Também foram investigadas preferências musicais, mídias privilegiadas na fruição musical, atividades dos tempos livres e mediações familiares no consumo musical. Como resultado, encontrou que 90% dos sujeitos indicaram a televisão como principal veículo de contato com a música. Dos 126 alunos, 34 afirmaram gostar de música clássica, e quanto às respostas negativas notou-se uma diferença importante: na escola particular os que não gostam fizeram comentários que sugerem um conhecimento sobre esse estilo, diferente da escola pública, na qual as respostas sugerem a falta de acesso a esse conhecimento. Por outro lado, vimos que os alunos de escola particular reconhecem o *funk*, admiram suas características e atribuem sentidos negativos aos seus conteúdos. O autor concluiu, então, que as preferências musicais estão relacionadas à atribuição de significados. É evidente que a cultura midiática produz significados musicais nas crianças, se tornando um espaço social. A escola tem a função de preparar as crianças nessa expressão e ressignificação dessas vivências.

Ampliando os métodos de coleta de dados para além da entrevista ou do questionário, mas complementares a eles, Russell (2005), com o objetivo de analisar a estratégia de gestão de sala, observou uma aula de 30 minutos de uma professora especialista em educação musical infantil, em uma primeira série do Ensino Fundamental do Canadá, completando os dados com entrevistas e análise de documentos. A aula apresentou três sessões distintas: introdução, conteúdo básico e encerramento. A análise da aula mostrou variedade e alcance de conceitos pelas crianças. A intensidade da aula mostrou a integração entre estrutura, conteúdo, andamento e gestão. Na sessão introdutória, foi possível observar o senso de objetivo através do aquecimento das vozes dando início a um processo de socialização nas crianças enquanto cantoras. Dentro do conteúdo básico, a partir de músicas já conhecidas a professora trabalhou habilidades e construiu conhecimentos. Na atividade de encerramento, foram propostas duas atividades, sendo uma divertida e outra que trabalhou o imaginário e a disciplina (as crianças tinham de imaginar uma vela em suas mãos e andar sem que elas se apagassem). A variedade

ampla de tarefas musicais foi um elemento significativo na aula, alcançada pela alternância entre os trabalhos individuais e em grupo. O andamento da aula se dava à medida que a maioria das crianças mostrava compreensão sobre o conceito trabalhado. O autor defendeu, a partir dessa pesquisa, que a compreensão do contexto cultural das salas de aula, com um embasamento teórico e o desenvolvimento de uma literatura descritiva, baseada em estudos de caso de professores peritos em música, atrelados às observações dos estagiários seriam muito valiosos para estudo e formação desses profissionais.

Trabalhando com entrevistas e análise documental, Azor (2010) iniciou sua pesquisa pelo documento de proposta curricular para as escolas de Florianópolis, junto com a análise das leis que falam sobre a inclusão das artes na rede de ensino. O documento fazia a proposta de utilização da música com o objetivo de trazer esse universo às crianças de forma consistente, coerente e crítica. O autor constatou ainda a descrição de projetos musicais dentro das escolas. Após a análise documental, realizou entrevistas informais com dez professores de uma escola da Rede Municipal de Ensino, na qual a música era parte do currículo escolar, também foram realizadas observações das aulas de música e da professora da 4ª série e novas entrevistas semiestruturadas. O foco das entrevistas foi: formação e atuação profissional; concepções de educação musical; concepções de mídia-educação. Na discussão dos resultados, foi vista como fundamental a presença de um professor de música na escola, que não fique por apenas um ano, mas que consiga fazer um trabalho longitudinal, para que não ocorram cortes no processo, mesmo que venha um professor da mesma área, pois, caso contrário, o trabalho fica dissociado. Foi detectado que os professores sentem falta de tempo para o planejamento escolar. Embora nas entrevistas os professores falem sobre a importância da música, na prática a sua utilização foi praticamente inexistente, o que pode estar ligado à responsabilidade delegada ao professor de música da escola. A conclusão do autor é de que, para a escola se tornar um espaço de mediação e criação musical na formação cultural das crianças, é necessário o investimento em espaço, tempo, orientação e formação sobre as possibilidades dos profissionais dos anos iniciais se apropriarem de diferentes linguagens, entre elas a música.

No formato da pesquisa etnográfica, envolvendo observação participante e entrevistas com professores e alunos de 6 a 11 anos, de duas escolas de Curitiba, Romanelli (2009) desenvolveu um estudo com duração de seis meses, no qual objetivou estudar a relação que os alunos estabelecem com a música. A análise dos dados obtidos levou a três grandes categorias. A primeira categoria “Expressões musicais individuais” agrupou diversas formas de manifestações musicais que estavam ligadas apenas a uma criança e que se tornavam

“Expressões musicais coletivas”. A segunda categoria, de onde surgiram “expressões musicais durante as aulas”, “expressões musicais durante jogos”, “diálogo musical” e “aprendizagem musical entre crianças”. A última categoria, “relações com o mundo adulto”, foi subdividida em “música e mídia”, “reação dos adultos à música das crianças” e “reação diante de situações musicais proporcionadas pela escola”. O pesquisador pôde perceber que qualquer atividade desencadeava manifestações musicais nas crianças, mesmo que surgisse de apenas um aluno. Para ele, o ambiente escolar caracteriza um espaço de construção de relações sociais pela coletividade. As produções musicais observadas são refinadas, e os diálogos musicais estavam sempre presentes, e deles surgiam respostas musicais individualizadas e inovadoras. As visões musicais das crianças foram constantemente permeadas por influências dos adultos e da mídia, inclusive criando concepções erradas a respeito de estilos e formas musicais.

Pensando nas influências musicais presentes na escola, Quadros Júnior e Quiles (2010) desenvolveram um estudo com o objetivo de investigar as preferências musicais de 359 estudantes de Ensino Médio de escolas estaduais em Vitória, ES, sendo 53,2% mulheres e 46,8% homens entre 14 e 26 anos. Durante o mês de dezembro de 2008, oito escolas participaram da aplicação de um questionário em sessões de 30 minutos de duração. Duas variáveis foram consideradas para análise: sexo e idade dos estudantes. Foram apontados 51 estilos musicais, sendo que o *hip-hop* (3,86%), o pagode (3,35%) e o *rap* (3,34%) foram mais apontados por estudantes do sexo masculino. Os estudantes do sexo feminino apontaram a música gospel (3,78%), o pagode (3,71%) e o *hip-hop* (3,69%) como os estilos mais escutados. Na variável idade, o *hip-hop* apareceu com maior frequência em quase todas as idades, exceto no grupo de 14 a 26 anos. Os outros estilos que aparecem a seguir como maior preferência são o pagode, o *pop*, o *reggae* e o *tecno*. Como se pode observar, os estilos presentes na música popular são os mais escutados pelos estudantes. Estilos que apresentam pouca representatividade musical em Vitória, como rumba, flamenco, salsa, bolero, *manguebeat* e frevo, apresentaram baixos índices de escuta, o que reforça a preferência dos jovens pelos *hits* musicais do momento, seguindo involuntariamente e inconscientemente os ditames da indústria musical de consumo massivo. A preferência por estilos musicais eruditos que antecedem o classicismo são os menos ouvidos, acredita-se que seja pelo fato de que não existem em Vitória iniciativas de divulgação desses estilos que se concentram apenas nos níveis profissionalizantes da área de música. O *hip-hop* e o pagode que apresentaram grande predominância parecem promover uma ideia de identidade social. Esses dados levaram os autores a pensar na importância de se preocupar com políticas públicas que promovam o

acesso a mais variedades de estilos musicais para que os jovens não fiquem apenas sob as influências da mídia, ajudando na formação de um cidadão mais consciente e crítico. O primeiro passo nessa direção acaba de ser dado: a aprovação da Lei 11.769, de 2008, que torna obrigatório o ensino de música nas escolas, agora resta aos gestores promover caminhos nesse sentido.

Utilizando questionário, entrevistas e observações, Subtil (2011) relatou duas pesquisas, uma envolvendo 236 crianças de 9 a 12 anos, e outra envolvendo 292 adolescentes entre 13 e 15 anos de escolas públicas e privadas, ambas com o objetivo de investigar como vivenciam, expressam e significam a música midiática. No caso das crianças, o principal ambiente de consumo é o espaço doméstico e algumas vezes a escola; já os adolescentes têm ambientes externos como principal ambiente de consumo, e ficam mais sujeitos às estratégias de *marketing* para consumo. A visão que as crianças têm da música apontou dois momentos diferentes: a música da escola e a música de fora da escola. A primeira tem a função educativa, cívica, legitimação da cultura instituída; a segunda é música do momento, aquela que está na moda, e que muitas vezes é considerada por eles mesmos como sendo impróprias para a escola. Quanto à adolescência, é importante um olhar diferenciado para um momento de construção de identidade, onde a música e a mídia têm um papel fundamental, considerando também o fato de que nessa idade passa a surgir uma maior autonomia. A influência no gosto musical dos alunos, como mostra a pesquisa, se deu principalmente pelo rádio e pelos amigos. A música está muito presente na vida dos adolescentes, mas na escola ela é apenas usada em comemorações, atos cívicos e outros. A diferença é que os adolescentes são mais críticos. A escola se mostra um local de socialização, um meio de difusão cultural onde é possível relacionar o aprendizado e o gosto pela música.

Na linha da pesquisa-intervenção Maheirie *et al.* (2008) serviram como exemplo. Estudaram as produções musicais e os processos de criação de jovens moradores de baixa renda do município de Florianópolis. O estudo foi composto de duas etapas. Na primeira etapa, foi criada uma oficina de bateria e percussão dentro de uma ONG da cidade de Florianópolis, durante seis meses. Foram também realizadas entrevistas abertas coletivas e individuais que focavam o histórico dos participantes, buscando encontrar seus mediadores na escolha musical, sentidos da objetivação musical e projetos de ser. Na segunda etapa, foi proposta a criação de um espetáculo que integrou outras artes como a produção de história, teatro, pintura de rosto, máscara, figurino e *performance*. Para os autores, o conhecimento e a confecção de instrumentos de percussão e a articulação de sons e ritmos escolhidos pelos próprios participantes apareceram como forma de expressão, e a produção do espetáculo

permitiu a mistura de outras artes, assim como outras possibilidades, ampliando atividades criadoras e trazendo visões positivas, como o aumento da autoestima. Nas oficinas, foi possível expressar objetivamente os sons da subjetividade da alegria, da tristeza, da tranquilidade e do nervosismo. O ato de criação permitiu a esses alunos modificar e criar algo novo, no palco e na vida.

Um estudo qualitativo, por meio da análise de conteúdo de documentos e entrevistas realizadas com estudantes e professores, foi realizado por Bueno, Costa e Bueno (2013), na cidade de Curitiba-PR, com o objetivo de se apresentar o que se considera educação musical de qualidade e analisar sua inter-relação com o universo da comunicação, a partir do referencial teórico de educação musical de Keith Swanwick. Para uma educação musical de qualidade, os autores acreditaram que seja necessário seguir três princípios: considerar a música como discurso; considerar o discurso musical uns dos outros; e prezar pela fluência do início ao final das práticas musicais, respeitando o discurso musical dos sujeitos envolvidos e suas interações. Os autores do estudo definiram a inter-relação entre comunicação e educação como educomunicação, e afirmaram que a escola deve privilegiar práticas que promovam essa interação, já que o mundo contemporâneo vive sob a influência do universo das comunicações. Dentro da educação musical, esse universo está trazendo novas formas de ouvir e de fazer música. Hoje, as influências tecnológicas permitem práticas musicais autodidatas e autônomas de aprendizagem, e essas práticas acabaram gerando produções que fogem às práticas culturais e geraram músicas pós-modernas que são questionadas quanto a seu valor enquanto obra musical. Ao mesmo tempo em que as práticas musicais estão mais livres, a mídia exerce uma influência que impede a formação de um pensamento musical crítico, capaz de julgar e decidir conscientemente. Desta forma a escola tem o papel de desenvolver estratégias que formem ouvintes e consumidores críticos. A investigação foi realizada dentro de um projeto de complementação curricular em período alternativo ao ensino regular. Cinco escolas participaram do estudo que começou com a observação de duas aulas de música em cada escola, e a seguir realizou entrevistas semiestruturadas com cinco professores e 63 estudantes. Documentos das propostas de ensino de música dos professores também foram analisados dentro do método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1979). A maioria das escolas era considerada de classe social média, mas todas utilizavam as mesmas ferramentas tecnológicas, e a cultura da mídia sempre estava presente nos repertórios pessoais. A educação musical presente nas aulas foi considerada como sendo de qualidade nos contextos investigados, mesmo com a falta dos instrumentos musicais que foram solicitados nas propostas de ensino dos professores. Percebeu-se na interação professor-aluno uma

tentativa consistente dos professores em mostrar a seus alunos que existem outros estilos musicais; e uma tentativa dos alunos de mostrar a seus professores que era aquela música da mídia que eles gostariam de aprender. Mas essa interação acontece à medida que os próprios alunos utilizam seus equipamentos tecnológicos para auxiliar nas pesquisas e busca de materiais online. Foi possível identificar interações sociais com momentos de interiorização na compreensão e na construção de subjetividades, assim como momentos de análises críticas das músicas da mídia ancoradas na compreensão das formas musicais. Assim, os autores concluíram que a aula de música, a partir de um planejamento sistemático, é um local muito propício para trabalhar com a mídia-educação.

A respeito das pesquisas citadas anteriormente, que representam a literatura sobre o tema, notou-se várias tentativas de inserção da música nas escolas ao longo do tempo. Além de sua presença, os autores levantam questões que circundam este tema como a formação do profissional que é responsável por este ensino, e a forma como a música é tratada seja enquanto área do conhecimento ou como meio para aprendizagem de outros conteúdos. As condições de trabalho como o material e o espaço oferecidos para tal finalidade também foi pontuado nas pesquisas apresentadas. Além disso, não se pode deixar de citar a preocupação com a diversidade cultural presente nas escolas e que se expande para a sociedade, que vive um momento de influência constante da mídia. Segundo os autores, a troca de conhecimento entre professores e alunos traz a possibilidade de expansão deste, e a escola precisa assumir o papel de despertar o pensamento crítico e menos influenciável, tentativa esta que se observa ao longo dos relatos e dos anos.

1.4 A criatividade e o ensino de música

Um tema muito frequente nas discussões sobre o ensino de música é o de criatividade. Há consenso de que o ensino e a aprendizagem da música demandam ações criativas não apenas por parte de quem ensina, mas principalmente por parte de quem aprende. Não é possível desenvolver o ensino de música, por exemplo, por meio de aulas expositivas, conceitos, memorizações de termos, números, etc., como é tão comum no ensino fundamental. Sua introdução nesta etapa da educação, se consequente, forçará a escola a admitir processos de se ensinar e de se aprender que fujam àquele tradicional que caracteriza a grande maioria, senão a totalidade, de suas salas de aula. Neste sentido, um segundo propósito

da presente pesquisa foi investigar até que ponto isto pode estar sendo suscitado com a aplicação do dispositivo legal ora em implantação. Seria de se esperar que o ensino de música pudesse implementar práticas criativas no ensino fundamental.

1.5 Justificativa

Ao longo do tempo, foram muitos os relatos da utilização da música em seus aspectos educativos. Na escola, o ensino de música passou por mudanças que vão desde um ensino tradicional, como o Canto Orfeônico, até sua utilização mais livre, com noções de musicalização, tendo sido incluída em meio às quatro linguagens na disciplina de Educação Artística onde pouco se falou de música.

Devido a essas diferentes visões e formas da inserção da música na escola, viu-se crescer a necessidade de falar e investigar o assunto a fim de promover e buscar novas e melhores estratégias pedagógicas para sua efetivação na escola.

Concepções sobre a música na escola têm sido discutidas por autores que falam da importância da música ser reconhecida enquanto área do conhecimento ao invés de entretenimento, por exemplo. Para Santos (2005), o problema se iniciou na formação dos profissionais e no modo como se ensina música. A diversidade que existe nos cursos de formações que vão desde projetos socioeducativos até as pós-graduações é levada para o ensino de música nas escolas. Acabou-se, assim, criando um círculo vicioso de um ensino desigual. A Lei nº 11.769/2008 que trata da obrigatoriedade do ensino de música nas escolas de Educação Básica parece ter incentivado essa pedagogia desigual quando diz não ser obrigatória a contratação de um profissional especialista para tal.

Neste momento, onde os recursos midiáticos permitem às pessoas, inclusive aos alunos, o acesso a todo tipo de informação, Abrahams (2005) falou da importância de uma pedagogia crítica a partir de um conhecimento que o aluno já traz. Kerr (2011) também trouxe a discussão do tipo de ensino de música nas escolas, o primeiro voltado à educação formal e um segundo que traz noções musicais, onde não se formam músicos. Subtil (2008) diz que a escola tem o desafio e o importante papel de despertar pensamentos e opiniões críticas.

Os autores em geral reconheceram a importância da música na escola e da discussão do assunto que foi pauta em 2013 da reunião da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped). Aquino (2013) defendeu a disciplinarização da música no

currículo escolar e falou das várias formas da utilização da música enquanto meio para outros conteúdos. Na mesma ocasião, Ferreira (2013) trouxe a discussão dos processos de formação cultural e musical que acontece na escola e ainda através da indústria cultural. Sobre este segundo item, a autora disse que o professor deve trabalhar apenas como “vigilante”, cuidando para que a partir desta “ditadura musical” se possa explorar e expandir novos conteúdos.

Considerando toda essa discussão sobre o ensino de música, a presente pesquisa se propôs a investigar o modo como os estabelecimentos de Ensino Fundamental da rede estadual de Ribeirão Preto vêm efetivando o cumprimento da lei que torna obrigatório o ensino de música na educação básica.

Com a falta de um especialista na escola, os professores responsáveis pelo ensino de música se tornaram os da disciplina de Arte e os professores de sala no caso do Fundamental I. Esperava-se, então, obter dados que permitissem compreender os tipos de práticas por meio das quais este cumprimento se efetiva.

Esperava-se encontrar, na maioria dos casos, professores de Ensino Fundamental que estivessem trabalhando música por meio de práticas que envolvessem canções populares que fizessem parte de seus cotidianos. No entanto, ainda que minoritariamente, esperava-se também encontrar professores que apresentassem algum grau de criatividade neste tipo de ensino, como, por exemplo, exploração do espaço musical, uso de danças, vivências e cantigas do folclore nacional, criações e recriações musicais com os alunos e outras práticas inventivas.

Por acreditar na importância deste momento, e com base na literatura, esta investigação espera contribuir significativamente para futuras ações no sentido da difusão do ensino de música, na escola da rede pública estadual de ensino, e o seu aperfeiçoamento.

1.6 Objetivos

Objetivo Geral:

Analisar o modo como o ensino de música está sendo efetivado no Ensino Fundamental das escolas públicas estaduais do município de Ribeirão Preto.

Objetivos Específicos:

Identificar por meio de entrevistas as características de formação, profissionais e de experiência anteriores dos professores responsáveis pelo ensino de música, em escolas públicas estaduais do município de Ribeirão Preto.

Conhecer por meio da observação direta como se dá a prática do ensino de música desses professores e identificar em que concepções se pautam essas práticas.

Identificar atividades que caracterizem a criatividade no ensino de música, em escolas públicas estaduais do município de Ribeirão Preto.

Ampliar a visão dos professores, coordenadores e demais envolvidos na educação, assim como da sociedade em geral, sobre a importância da utilização da música e suas possibilidades na escola.

2 MÉTODO

Este é um estudo exploratório que utilizou o método qualitativo do tipo etnografia em educação, que visou a descrever e interpretar a cultura das pessoas ou grupos, sendo neste caso a cultura, como concepções e práticas acumuladas, sobre o ensino da música nas escolas. O interesse em trabalhar com a etnografia educacional veio de sua característica em focar a investigação no processo, no que está ocorrendo no momento, na constituição e na evolução do fenômeno.

2.1.1 A Etnografia Educacional na Psicologia Educacional

Situa-se a presente pesquisa dentro da Psicologia da Educação que, segundo Coll, Miras Mestres, Onrubia Goñi, & Solé Gallart (1999), estuda os fenômenos educativos com o objetivo de compreender, explicar, planejar ações educativas mais eficazes e resolver dificuldades e problemas que surgem. No processo de investigação, a Psicologia da Educação contribuiu na fundamentação científica da educação e do ensino.

Na Psicologia Educacional, até o final do século XIX predominou uma visão mais positivista nas investigações, principalmente influenciadas pela Psicologia Comportamental. A pesquisa qualitativa surgiu da necessidade de se utilizar a interpretação no lugar da mensuração. Até o início dos anos de 1970, a principal forma de investigação utilizada foi a chamada “análise de interação” que era o registro das interações professor/aluno passíveis de mensuração que estava mais preocupada com o número de observações do que com o conteúdo delas (André, 2001).

Muitas críticas começaram a surgir a respeito do método, principalmente pelo fato de que ignorava o contexto espaço-temporal. Havia uma preocupação exagerada com a objetividade e com a quantidade, focando apenas o que era observado (André, 2001).

A partir dos anos de 1970, surgiu da abordagem antropológica a investigação focada nos sentidos e no universo cultural. O chamado interacionismo simbólico parte da concepção de que à medida que um indivíduo se relaciona com outro surgem experiências humanas mediadas pela interpretação (Bogdan e Biklen, 1994).

Procurando descrever culturas e grupos e os significados das ações para as pessoas, surgiu, então, a abordagem referida como etnográfica.

2.1.2 Pesquisa etnográfica em educação

O estudo da prática escolar cotidiana, numa abordagem etnográfica, de acordo com André (2001), compreende três dimensões. A primeira é a dimensão sociopolítica/cultural que parte de reflexões históricas, das macroestruturas, das concepções e valores sociais; em segundo lugar, a dimensão institucional ou organizacional foca em aspectos como a organização do trabalho pedagógico e o envolvimento e participação dos agentes envolvidos no sistema; e finalmente, a dimensão instrucional ou pedagógica que se preocupa desde os objetivos e conteúdos de ensino até as formas de avaliação.

A pesquisa etnográfica é também chamada de pesquisa naturalística, porque ocorre no ambiente onde os fatos acontecem, o pesquisador vai a campo, e os eventos e o local configuram seu objeto de estudo.

Seu principal objetivo é descrever a cultura de um grupo. Preocupa-se, principalmente, com os significados que as atividades e ações possuem para as pessoas, existindo uma constante interação entre o pesquisador e seu objeto de pesquisa. Segundo André (2001), o pesquisador atua como principal instrumento na coleta e análise dos dados.

A pesquisa etnográfica concentra a investigação no processo que está ocorrendo no momento, na constituição e evolução do fenômeno e não no produto final. E o pesquisador reconstrói, por meio de palavras ou transcrições literais, a descrição das situações, das pessoas, do espaço físico, dos diálogos e das entrevistas.

As principais estratégias da pesquisa etnográfica são: observação participante, entrevistas e análise de documentos.

As limitações do estudo etnográfico foram citadas por Morgan (1993) e permitiram diferentes interpretações, de acordo com a visão de cada pesquisador; não permitindo análises estatísticas refinadas; não avaliando indutivamente o significado emergente dos conteúdos que categoriza (Morgan, 1993).

Em contrapartida, entre as vantagens do estudo etnográfico está o fato de que o pesquisador vai a campo, acontece no próprio ambiente escolar; permite conhecer as situações sociais a partir das perspectivas dos próprios participantes, é fundamental para se entender a

atribuição de sentido e significado que eles produzem nelas; traz ao conhecimento a singularidade dos processos sociais tal como eles se dão em cada uma das condições em que se desenvolvem; e ainda conhece os acontecimentos sociais nas próprias circunstâncias e ocasiões em que eles ocorrem, pelas suas vivências a partir da perspectiva dos envolvidos neles (André, 1986).

2.2 Participantes

Participaram da presente pesquisa 30 professores das 66 escolas da Rede Pública Estadual de Ensino Fundamental do município de Ribeirão Preto, responsáveis pela disciplina de música, nos anos de 2012 e 2013.

A escolha dos professores seguiu o princípio da anuência e disponibilidade da escola e dos docentes, para participarem da pesquisa. Inicialmente, a pesquisadora entrou em contato com a Diretoria Regional de Ensino de Ribeirão Preto, onde obteve autorização para realizar a pesquisa nas escolas, desde que os diretores concordassem e que a mesma não interferisse no horário das aulas (Anexo 1). Em seguida, dirigiu-se à direção e à coordenação das escolas para explicar a proposta da pesquisa e pedir autorização para a realização da mesma. Posteriormente, foi apresentado aos professores, numa reunião de “Atividade de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC)” agendada pela diretora, o projeto de pesquisa para verificar aqueles que possuíam interesse em participar.

Também foram esclarecidos todos os cuidados éticos pertinentes, tais como a não identificação dos participantes e o sigilo e cuidados com as informações obtidas. Antes de iniciar as entrevistas individuais, foi apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) aos participantes da pesquisa, tal como proposto na Resolução n.º 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e que contém todas as informações e declarações indispensáveis aos cuidados éticos a serem tomados em relação ao material (Anexo 2).

O quadro a seguir caracteriza os participantes desta pesquisa quanto ao gênero, idade, formação e as séries em que lecionam. Os números correspondentes a seus nomes seguem a organização por ordem alfabética.

Quadro 1: Dados de identificação dos participantes

No. Ident.	Gênero	Idade	Formação	Local de formação	Exp. Ant. (anos)	Exp. Atual (Séries)
01	Fem.	42	Ciências e Matemática	Faculdade particular	18	1º ano do Fundamental 1
02	Masc	45	História	Centro universitário particular	23	5º a 9º anos do Fundamental 2
03	Fem.	40	Pedagogia	Faculdade particular	21	2º ano do Fundamental I
04	Fem.	28	Psicopedagogia	Faculdade particular	06	3º ano do Fundamental I
05	Fem.	39	Pedagogia	Universidade particular	07	2º ano do Fundamental I
06	Fem.	54	Fonoaudiologia e Pedagogia	Universidade particular	27	5º ano do Fundamental 1
07	Fem.	47	Pedagogia História	Universidade particular	27	6º a 9º anos do Fundamental 2 e Médio
08	Fem.	51	Educação Artística Música	Faculdade particular	30	3º ano do Fundamental 1
09	Fem.	52	Pedagogia	Faculdade particular	22	1º ano do Fundamental 1
10	Fem.	46	Artes Plásticas	Faculdade particular	13	1º a 5º anos do Fundamental 1
11	Fem.	32	Pedagogia	Universidade Estadual	12	1º ano do Fundamental 1
12	Fem.	23	Artes Plásticas Especialização em Educação infantil	Centro universitário particular	01	6º, 7º e 9º anos do Fundamental 2 e Médio
13	Fem.	54	Pedagogia	Faculdade particular	20	4º ano do Fundamental 1
14	Fem.	54	Psicopedagogia	Universidade particular	20	8º e 9º do Fundamental 2 e Ensino Médio
15	Fem.	27	Arte especialização em Artes Plásticas	Universidade particular	06	de 6º a 9º anos e 1º ano do Ensino Médio
16	Masc	25	Arte	Universidade particular	01	de 6º a 9º anos e 1º ano do Ensino Médio
17	Fem.	58	Música	Centro universitário particular	16	6º a 8º anos do Fundamental 2 e Médio
18	Fem.	63	Arte	Faculdade particular	25	2º ano do Fundamental 1
19	Fem.	42	Pedagogia	PEC Formação Universitária	22	1º ano do Ensino Fundamental 1
20	Fem.	45	Licenciatura Educação nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.	Faculdade particular	20	1º ano do Ensino Fundamental 1
21	Fem.	55	Pedagogia	Faculdade particular	25	1º ano do Ensino Fundamental 1
22	Fem.	32	Psicopedagogia	Centro Universitário Particular	02	1º a 5º ano do Fundamental 1
23	Fem.	54	Análise de Sistemas e Arte com foco em Artes visuais	Centro universitário particular	31	1º a 5º ano do Fundamental 1
24	Fem.	52	Arte, especialista em Arte e Criatividade	Centro universitário particular	25	6º e 7º anos do Fundamental 1 e Médio
25	Fem.	49	Educação Artística	Centro universitário particular	24	1º ano do Fundamental I
26	Fem.	43	História	Centro universitário particular	23	Fundamental 1, 2 e Médio
27	Fem.	55	Educação Artística	Faculdade particular	03	Fundamental 1 e 2
28	Fem.	43	Arquitetura	Centro universitário particular	17	6º a 9º ano do Fundamental II, Coord. do Ensino Médio
29	Fem.	54	Educação Artística	Faculdade particular	24	3º ano do Fundamental 1
30	Fem.	47	Filosofia Pedagogia	Faculdade particular	18	Fundamental 2 e Médio
			Letras: especializ. literatura e gramática			

2.3 Coleta de dados

Com o objetivo de investigar o modo como o ensino de música está sendo realizado nas escolas estaduais de Ribeirão Preto, em atendimento à determinação legal, optou-se por uma metodologia que, em primeiro lugar, verificasse se, de fato, este cumprimento está se dando, para em seguida, pesquisar o modo de sua efetuação. Por se tratar de uma pesquisa exploratória sobre o cumprimento de determinação legal ainda em fase de adaptação, não se poderia ter conhecimento antecipado das condições de sua efetiva realização. Neste sentido, decidiu-se por iniciar com uma sondagem geral nas escolas estaduais, buscando determinar em quais delas o cumprimento do dispositivo legal estivesse se dando de forma favorável e satisfatória, na própria declaração de seus dirigentes. Com estas escolas, então, se realizaria uma investigação mais aprofundada e para tal se optou por entrevistas de maior detalhamento com os professores responsáveis.

A partir das entrevistas, verificando que o professor responsável, de fato, desenvolvia atividades de ensino que não se tratasse de simples audição de músicas, mas buscasse levar algum grau de conhecimento efetivo, no sentido de uma iniciação aos princípios mais elementares do ensino de música, planejou-se realizar observações participantes, desde que autorizadas, destas atividades. Foram realizadas duas observações participantes que serão analisadas posteriormente.

Esse delineamento de pesquisa composto por duas diferentes estratégias de pesquisa (entrevista e observação participante) buscou atender à recomendação dos principais autores da Etnografia Educacional (Bogdan e Biklen, 1994; Minayo, 1999; André, 2001), ao enfatizarem a importância de completar os dados das entrevistas com os da observação e vice-versa. Esta recomendação buscou considerar o fato de a estratégia de pesquisa etnográfica se definir pela investigação de processos e significados que só podem ser conhecidos a partir de perspectivas: no caso da entrevista, a do entrevistado; no da observação, aquela que é propiciada ao observador. A complementação com diferentes tipos de dados permite, então, a reunião de diferentes perspectivas, o que fornecerá uma aproximação mais realista e ampla da realidade que se está investigando, captando diversas perspectivas da mesma.

Nesse sentido, a coleta de dados foi realizada na própria escola onde atuam os professores ou em sua residência, quando preferido por eles durante a visita prévia à escola onde atuavam, compreendendo a realização de duas entrevistas com cada professor. Quando aconteciam na escola, as entrevistas ocorriam no horário de ATPC, com duração de

aproximadamente 60 minutos, cada uma. A escolha da realização de duas entrevistas se dá para que o pesquisador tenha a oportunidade de abordar temas mais amplos num primeiro momento, onde ele se apresenta para o professor, e, no segundo encontro, o professor possa falar especificamente da prática de música mais livremente, já tendo conhecido o pesquisador e supostamente esteja mais familiarizado e à vontade com ele.

Foram investigados três temas em cada entrevista, e cada um foi abordado em três momentos. Os temas escolhidos para a primeira entrevista foram: “Minha formação e minhas experiências anteriores”; “Meu emprego atual” e “Minhas práticas nas aulas de música”. E para a segunda, os temas escolhidos foram: “A interação professor-aluno nas minhas aulas”; e “Facilidades e dificuldades do ensino da música” e “A criatividade no ensino de música”. Estes temas foram escolhidos a partir do levantamento inicial da literatura de pesquisa sobre o tema que apontava a formação, a experiência anterior, as práticas de sala de aula, as dificuldades no ensino de música como os mais importantes, nas atuais circunstâncias.

Um tema muito frequente nas discussões sobre o ensino de música é o de criatividade. Há consenso de que o ensino e a aprendizagem da música demandam ações criativas não apenas por parte de quem ensina, mas principalmente por parte de quem aprende. Não é possível desenvolver o ensino de música, por exemplo, por meio de aulas expositivas, conceitos, memorizações de termos, números, etc., como é tão comum no Ensino Fundamental. Sua introdução nesta etapa da educação, se conseqüente, forçará a escola a admitir processos de se ensinar e de se aprender que fujam àquele tradicional que caracteriza a grande maioria, senão a totalidade, de suas salas de aula. Neste sentido, é que se optou por incluir o tema “A criatividade no ensino de música”.

Como forma de apresentação dos temas, foram utilizados três cartões, nos quais estava escrito apenas um dos temas a ser investigado (Anexo 3). Os três cartões eram colocados, lado a lado, sobre a mesa, e era solicitado ao entrevistado que escolhesse o cartão pelo qual ele gostaria que a entrevista fosse iniciada; os outros dois cartões eram guardados para serem utilizados posteriormente. Em seguida, foi solicitado ao entrevistado que deixasse vir a sua mente tudo que lhe ocorresse quando lia o tema escrito no cartão, tanto os pensamentos, como as ideias e os sentimentos. Era sugerido ao entrevistado que se dedicasse, pelo tempo que desejasse, a pensar sobre o tema, em silêncio. O pressuposto, nesta etapa, é de que é preciso que o entrevistado se sinta afetado, ou seja, “tocado” pelo tema, para que seu pensamento possa se configurar em torno deste. Supõe-se ainda que esta afecção se passe a nível inconsciente, daí a necessidade de se proporcionar um tempo de “associação de ideias”, assim como se faz na abordagem psicanalítica, por exemplo. A formulação do tema a ser

apresentado objetivou também a favorecer esta conexão ou envolvimento entre o entrevistado e o tema proposto, daí o uso do pronome possessivo na primeira pessoa do singular no início de cada tema. Supõe-se que sem esta conexão ou envolvimento com o tema, o discurso do entrevistado se daria num nível bem mais estereotipado e genérico.

No segundo momento da entrevista, foi oferecida ao entrevistado uma folha de papel pautado que continha, na parte superior, o tema escolhido, e solicitado que o participante escrevesse as palavras ou expressões que viessem à sua mente, quando na primeira fase, a da associação livre, pensava sobre o tema escolhido. Este momento adquiriu importância, por permitir a expressão da singularidade que constitui cada entrevistado. O tempo que lhe é proporcionado a sós com a tarefa de buscar um modo de expressão das ideias que lhe ocorreram no momento anterior pode lhe ser imprescindível para a manifestação de sua singularidade.

No terceiro momento, o entrevistado foi informado de que, com sua autorização, o audiogravador seria ligado e que a ele seria solicitado explicar o sentido de todas as palavras ou expressões anotadas na folha de papel na fase anterior, uma a uma. Para iniciar, perguntava-se ao entrevistado: “O que te fez lembrar esta palavra ou expressão quando você a escreveu?” Procedia-se dessa forma para cada uma das palavras ou expressões anotadas na fase anterior. Essa “expansão” representava a fase da entrevista propriamente dita, entendida no seu sentido tradicional. Todas as palavras ou expressões foram explicadas pelo próprio entrevistado, e o pesquisador foi explorando os assuntos, com intervenção de esclarecimento, quando julgasse necessário, mas sempre tomando o cuidado de utilizar as próprias palavras e expressões já mencionadas pelo entrevistado.

Essa estratégia de entrevista tem sido utilizada nas pesquisas do Grupo de Estudos e Pesquisas "Subjetividade e Educação" - GEPSEd, coordenado pelo Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade, desde 2002, pelos seguintes pesquisadores: Carraro (2003), Silva (2003), Garde (2003), Luciano (2006), Peres (2006), Carraro (2008), Petersen (2008) e Pires (2008). Ela se originou de uma adaptação, para fins de entrevista, de uma técnica-padrão utilizada na evocação, enunciação e verificação de material para a construção de escalas de atitudes que se encontra bem descrita, por exemplo, em Souza & Figueiredo (1993).

Os temas dos cartões foram escolhidos para responder ao problema de pesquisa. E foi ainda realizado um estudo-piloto com duas professoras de música da rede privada, para confirmar a relevância dos temas escolhidos.

Conforme mencionado anteriormente, utilizou-se também a observação participante, uma das técnicas mais adequadas para a coleta de dados, seguindo-se todas as recomendações

técnicas da pesquisa etnográfica como, por exemplo, as de Minayo (1999) e Bogdan e Biklen (1994). Para estes autores, esta estratégia envolve uma presença repetida do pesquisador no campo.

A observação participante podia ser formal, em sala de aula sempre que necessário, para completar os dados da entrevista; ou informal com a finalidade de conhecer o funcionamento da escola, buscando compreender a inserção das aulas de música nele. Não existiu um tempo estipulado para cada observação, esse tempo foi registrado nos diários de campo e variou em função da relevância e qualidade de sua contribuição para os objetivos da pesquisa. Assim, as observações em sala de aula foram realizadas com aqueles professores que apresentavam propostas diferenciadas e deram permissão para a realização da mesma. Este fato ocorreu com apenas dois professores. Além disto, realizaram-se observações participantes informais nos diferentes contextos da escola, com a finalidade de conhecer seu funcionamento, buscando compreender a inserção das aulas de música nele.

O quadro exibido a seguir traz características das entrevistas. Os números das escolas foram ordenados proporcionalmente ao número de entrevistas ocorridas na instituição. O número dos professores foi organizado a partir da ordem alfabética de seus nomes.

Quadro 2: Duração e local de realização das entrevistas com os professores

Escola	Professor	Duração 1ª entrev.	Local 1ª entrev.	Duração 2ª entrev.	Local 2ª entrev.	Duração total
ESCOLA 1	23	45 min.	escola, informática	40 min.	escola, informática	85 min.
	13	70 min.	escola, coordenação	75 min.	escola, coordenação	145 min.
	11	50 min.	escola, sala prof.	45 min.	escola, sala prof.	95 min.
	1	40 min.	escola, biblioteca	45 min.	escola, sala de aula	85 min.
	19	30 min.	escola, sala de aula	40 min.	escola, sala de aula	70 min.
	21	35 min.	escola, sala de aula	30 min.	escola, sala de aula	65 min.
	29	50 min.	escola, sala prof.	65 min.	escola, sala prof.	115 min.
	10	25 min.	escola, sala prof.	30 min.	escola, sala prof.	55 min.
	8	30 min.	escola, sala prof.	40 min.	escola, sala prof.	70 min.
ESCOLA 2	25	45 min.	escola, sala de ATPC	40 min.	escola, sala de ATPC	85 min.
	3	50 min.	escola, sala de ATPC	50 min.	escola, sala de ATPC	100 min.
	5	40 min.	escola, sala de ATPC	30 min.	escola, sala de ATPC	70 min.
	6	30 min.	escola, sala de ATPC	50 min.	escola, sala de ATPC	80 min.
	9	40 min.	escola, sala de ATPC	30 min.	escola, sala de ATPC	70 min.
	20	40 min.	escola, sala de aula	35 min.	escola, sala de aula	75 min.
ESCOLA 3	26	40 min.	escola, biblioteca	50 min.	escola, biblioteca	90 min.
	18	40 min.	escola, sala de aula	35 min.	escola, sala de aula	75 min.
	4	30 min.	escola, informática	25 min.	escola, informática	55 min.
ESCOLA 4	27	60 min.	escola, informática	55 min.	escola, biblioteca	115 min.
	7	40 min.	escola, coordenação	35 min.	escola, coordenação	75 min.
ESCOLA 5	2	90 min.	escola, coordenação	60 min.	escola, informática	150 min.
	16	65 min.	residência do prof.	70 min.	residência do prof.	135 min.
ESCOLA 6	24	30 min.	escola, sala prof.	45 min.	residência da profa.	75 min.
	14	45 min.	escola, sala prof.	35 min.	escola, sala prof.	80 min.
ESCOLA 7	15	40 min.	escola, coordenação	35 min.	escola, coordenação	75 min.
	30	40 min.	escola, sala de aula	45 min.	escola, sala de aula	85 min.
ESCOLA 8	12	40 min.	escola, sala prof.	45 min.	escola, sala prof.	85 min.
	28	30 min.	escola, coordenação	45 min.	escola, coordenação	75 min.
ESCOLA 9	22	60 min.	residência da profa.	55 min.	residência da profa.	115 min.
ESCOLA 10	17	50 min.	escola, sala de aula	40 min.	escola, sala de aula	90 min.

2.4 Análise dos dados

Para a análise das entrevistas e observações, depois da transcrição das audiograções, foi realizada a análise de conteúdo, segundo a perspectiva proposta por Bardin (1979) e Minayo (1999).

De acordo com Campos (2007), a análise de conteúdo privilegia o trabalho, a interpretação de materiais textuais já elaborados ou textos construídos no processo da pesquisa. A tabulação de respostas deve ser feita com base em uma ideia básica que cada resposta contenha. A codificação é o processo onde as respostas longas são reduzidas e agrupadas em categorias de resposta mais específicas, de acordo com o seu conteúdo semântico.

O primeiro passo para a codificação das respostas foi, após suas transcrições literais, organizá-las em um documento, de modo uniforme, para melhor visualização de todas. Iniciou-se, então, a leitura flutuante das respostas e a criação de categorias que agrupem respostas do discurso.

Entre as várias técnicas de análise de conteúdo descritas por Bardin (1979) e Minayo (1999), foi utilizada a análise temática, a qual, operacionalmente, organiza-se em torno de três etapas:

1ª) Pré-análise: consiste na escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final. As tarefas dessa primeira etapa são as seguintes:

a) *leitura flutuante*: consiste em estabelecer contato com os documentos a analisar e em conhecer o texto, deixando-se invadir por impressões e orientações.

b) *constituição do corpus*: o *corpus* é o conjunto dos documentos obtidos para serem submetidos aos procedimentos analíticos. A sua constituição implica, muitas vezes, escolhas, seleções e regras. As principais regras seriam: exaustividade; representatividade; homogeneidade e pertinência.

c) *formulação das hipóteses e dos objetivos*: em relação ao material qualitativo, a proposta do primado do quadro de análise sobre as técnicas é controversa. No entanto, em muitos casos, o trabalho do analista é insidiosamente orientado por hipóteses implícitas. Daí, a necessidade das posições latentes serem reveladas e postas à prova pelos fatos, posições, suscetíveis de introduzir desvios nos procedimentos e nos resultados.

d) *referenciação dos índices e a elaboração de indicadores*: se se considerarem os textos como uma manifestação contendo índices que a análise vai fazer falar, o trabalho preparatório será o da escolha destes em função das hipóteses, caso elas sejam determinadas e sua organização sistemática em indicadores. Uma vez escolhidos os índices, procede-se à construção de indicadores precisos e seguros. Desde a pré-análise devem ser determinadas operações: de recorte do texto em unidades comparáveis de categorização, para a análise temática, e de modalidade de codificação, para o registro dos dados.

2ª) A exploração do material: consiste essencialmente na operação de codificação a qual corresponde a uma transformação efetuada segundo regras precisas dos dados brutos do texto, por recorte, agregação e enumeração. Permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão, suscetível de esclarecer o analista acerca das características do texto. A organização da codificação compreende três escolhas:

- a) o recorte do texto em unidades de registro que podem ser uma palavra, uma frase, um tema, com um personagem, um acontecimento, como foi estabelecido na pré-análise;
- b) a enumeração que é a escolha das regras de contagem, e, tradicionalmente, constrói índices que permitem alguma forma de quantificação;
- c) e, no último ponto, realizaram-se a classificação e a agregação dos dados, escolhendo, assim, as categorias empíricas que comandarão a especificidade dos temas.

3ª) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação: os resultados brutos são tratados de maneira a serem significativos (falantes) e válidos. Operações estatísticas simples (percentagens) ou mais complexas (análise fatorial) permitem estabelecer quadros de resultados, diagramas e modelos que condensam e põem em relevo as informações fornecidas pela análise. O analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode, então, propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objetivos previstos, ou que digam respeito a outras descobertas inesperadas.

Considerando-se o caráter exploratório e descritivo da presente pesquisa, na realização dessas três etapas, não foram considerados os aspectos quantitativos, com o recurso a regras de contagem e índices de quantificação e nem operações de tratamento estatístico, ainda que simples, como a contagem da frequência de cada uma das categorias, por exemplo. Isto se justifica também pela opção por uma pesquisa que busca a compreensão dos processos por meio dos quais estavam ocorrendo as atividades de ensino, seja pelo relato dos professores ou por observações em sala de aula.

A análise do material obtido nas observações participantes, registrado nos Diários de Campos seguiu as recomendações de Spradley (1980), que propõe decompor o material em

unidades de interação social que são referidas como “eventos”. Por sua vez, o evento pode ser subdividido em “atividades” e estas ainda em “ações”, segundo o nível de análise das participações dos diferentes “atores” na interação. O evento se organiza a partir de uma “meta” ou finalidade comum que lhe dá uma identidade. Para compreender os eventos, é necessário ainda identificar os “atores sociais” ou participantes, os “espaços”, os “objetos” e os “locais” necessários para a sua realização. Outra dimensão fundamental de análise é o “tempo”, aquele que delimita as ações, as atividades, ou o evento como um todo. Para finalizar, o autor propõe que se considerem, em cada evento, os “sentimentos” expressos pelos participantes. Trata-se, portanto, de uma “análise estrutural” da situação de interação social, proposta para ser utilizada com materiais resultantes de observações participantes. Além de se propor a análise estrutural, tal como admite inicialmente, Spradley (1980) se baseia nos pressupostos do “interacionismo simbólico”.

2.5 Aspectos éticos

A Resolução n.º 466, de 12 de dezembro de 2012, fundamenta-se nos principais documentos internacionais que emanaram declarações e diretrizes sobre pesquisas que envolvem seres humanos e que incorporam, sob a ótica do indivíduo e das coletividades, os referenciais básicos da bioética, tais como autonomia, não maleficência, beneficência e justiça, entre outros a fim de assegurar os direitos e deveres da comunidade científica, dos sujeitos da pesquisa e do Estado.

A presente pesquisa se propôs a atender às exigências éticas e científicas fundamentais dessa Resolução, tais como: 1) A pesquisa só foi realizada após consentimento livre e esclarecido dos sujeitos da pesquisa; 2) Na reunião com os participantes, foi realizada uma ponderação esclarecendo os benefícios, tanto atuais como potenciais, individuais ou coletivos, comprometendo-se ao máximo com os mesmos; 3) Foram também explicitados procedimentos que assegurem a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização dos participantes, garantindo a não utilização das informações em prejuízo das pessoas e/ou das comunidades, inclusive em termos de autoestima e prestígio econômico-financeiro; 4) Foram assegurados aos sujeitos da pesquisa os benefícios resultantes do trabalho, em termos do retorno educacional e do acesso aos procedimentos e aos resultados; 5) Foi assegurado aos participantes que as atividades a serem desenvolvidas, entrevista e

observação, não compreendiam qualquer risco ou desconforto a eles, uma vez que a participação nestas atividades era sempre voluntária, e com total liberdade para se retirarem delas a qualquer instante em que se sentissem desconfortáveis.

Nesse sentido, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, tendo sido aprovada em 15/06/2012, com o número de protocolo: 36950 (CAAE – 00695912.0.0000.5407) (Anexo 4).

3 RESULTADOS

3.1 Resultados obtidos na Análise de Conteúdo das entrevistas

A seguir serão apresentadas as categorias e classes de categorias que foram obtidas a partir da Análise de Conteúdo das transcrições das entrevistas dos 30 professores. Nesta etapa inicial da análise, as categorias estarão agrupadas em classes e incluídas nos temas que foram propostos aos professores, durante a entrevista.

No esquema a seguir, é possível visualizar classes e categorias obtidas em cada tema, seguidas dos trechos da entrevista que deram origem a cada um.

ESQUEMA 1 – Categorias do tema I: Minha formação e minhas experiências anteriores

ESQUEMA 2 – Categorias do tema II: Meu emprego atual **ESQUEMA 3 – Categorias do tema III: Minhas práticas nas aulas de música** **ESQUEMA 4 – Categorias do tema IV: Interação professor-aluno nas minhas aulas**

ESQUEMA 5 – Categorias do tema V: Facilidades e dificuldades no ensino de música

<i>Classe de Categoria A: O trabalho dos professores com música a partir da formação e experiências anteriores</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Categoria 1: Facilidades para trabalhar com a música devido a formação e experiência anterior • Categoria 2: Dificuldades para trabalhar com a música devido a formação e experiência anterior
<i>Classe de Categoria B: Acesso e disponibilidade de material</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Categoria 1: Facilidade de acesso e disponibilidade de material • Categoria 2: Dificuldade de acesso e disponibilidade de material
<i>Classe de Categoria C: A forma como a música é utilizada na escola: aspectos organizacionais e institucionais</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Categoria 1: Facilidades pela forma como a música é utilizada na escola • Categoria 2: Dificuldades pela forma como a música é utilizada na escola
<i>Classe de Categoria D: Preferências dos alunos influenciadas pela mídia</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Categoria 1: As facilidades das preferências dos alunos influenciadas pela mídia • Categoria 2: As dificuldades das preferências dos alunos influenciadas pela mídia

ESQUEMA 6 – Categorias do tema VI: A criatividade no ensino de música

<i>Classe de Categoria A: Práticas criativas no ensino de música como fim</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Categoria 1: A criatividade a partir das atividades da apostila • Categoria 2: O movimento como forma criativa • Categoria 3: A música como ampliação do universo cultural dos alunos • Categoria 4: Práticas criativas para ampliar o conhecimento • Categoria 5: As práticas musicais criativas promovem interações
<i>Classe de Categorias B: Práticas criativas no ensino de música como meio</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Categoria 1: Prática musical criativa como recurso para ensinar outros conteúdos • Categoria 2: O surgimento da criatividade no ensino de música
<i>Classe de Categorias C: Atividades Complementares</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Categoria 1: A falta de formação interfere na criatividade • Categoria 2: Influências tecnológicas nas atividades musicais

Devido ao grande número de trechos de falas dos professores, serão apresentados aqui alguns trechos mais relevantes. Os outros trechos se encontram no Apêndice A desta dissertação.

3.1.1 Tema I: Minha formação e minhas experiências anteriores

As respostas apresentadas pelos professores em relação a este tema, ao serem submetidas à Análise de Conteúdo, resultaram em 13 categorias que, para melhor compreensão, foram agrupadas em três classes.

Apresenta-se a seguir a exposição de trechos das entrevistas com a fala dos professores associada às categorias citadas.

Classe de Categoria A: A formação do professor

Nesta classe foram incluídas três categorias referentes às motivações que levaram o professor a realizar a sua formação e envolver-se com o trabalho docente.

Categoria 1: A docência como escolha profissional

Além das questões pessoais, nesta categoria foram observados vários motivos pelos quais os professores optaram pela profissão. Mereceram destaque os depoimentos de alguns professores.

Como a professora 27 que disse que sua entrada na profissão de professor foi por necessidade e falou ainda sobre o gosto pela arte por influência da família.

“O gostar de Artes e não só de conhecer, eu vim de uma família que também gosta de Arte, eu tive um avô concertista, pianista...”

“A escola é o seguinte, tive escritório. Antes da escola eu trabalhei numa fábrica de móveis desenhando os móveis. Quando essa indústria fechou, como faltava pouco tempo para eu me aposentar, eu fiquei sabendo que eu podia dar aula. Fiz a tal da prova, passei e comecei a dar aula.” (Prof. 27)

Sobre os motivos que a levaram a ser professora, uma outra disse:

“...minha mãe é professora, me levava o dia todo, minha mãe se tornou diretora de escola e aí é que eu fiquei mais ainda dentro da escola. Foi diretora até 2000. De 89 a 2000.” (Prof. 11)

A mudança de profissão pelo gosto em ensinar, segundo a professora 09.

“Eu era contadora, trabalhava num escritório de Contabilidade... eu gostava mais de ensinar o pessoal na firma que entrava para trabalhar... parei de trabalhar para cuidar das crianças. Eu me identifiquei, fiz Magistério e depois a Pedagogia, e eu gosto de trabalhar com 1º e 2º anos.” (Prof. 09)

Categoria 2: Ausência de música na formação

Alguns professores falaram sobre sua formação, ressaltando a falta da música durante o curso.

Destacou-se a fala da professora 15 que relatou a falta que faz, na prática, o aprofundamento em música durante sua formação.

“... eu lembro de ter visto período, duração... eu não sei nem falar direito a linguagem da música. O que mais que eu vi: a gente viu tipos de músicas, estilos de músicas, mas assim, aprender a ler as letras de músicas na partitura, isso é uma coisa que eu não sei. As letras então eu não sei, e eu sinto muita falta disso.” (Prof. 15)

A professora 11 também falou a respeito da escassez de música na formação.

“Nada muito voltado para a importância de você trabalhar nem que fosse o texto da música. A gente não teve nem uma aula específica sobre isso... na Pedagogia nem nunca se tocou nesse assunto.” (Prof. 11)

Categoria 3: A busca pelo aprimoramento em música pelos professores

Alguns professores se referiram a necessidade que sentiram em aprender música ou a suas iniciativas em estudá-la.

A professora 28 relatou a necessidade de estudar música, relatou também a falta que sentiu de fazer um curso específico para saber trabalhar com a música.

“Depois da implantação dessa nova proposta no Estado de São Paulo que a gente começou a se abrir um pouco mais para a música e fez com que pesquisássemos um pouco mais para trabalhar com os alunos... Eu acho que deveria no mínimo passar por uma especialização, por uma reciclagem. Ele precisa saber realmente todo esse conteúdo, ou ao menos alguns tópicos, porque a música é muito ampla. Com a formação que eu tenho eu não me sinto competente o suficiente para lecionar música.” (Prof. 28)

A professora 13 relatou a vontade e a busca por aprender música, pensando em como utilizar o instrumento na escola.

“Eu particularmente gostaria de ter feito um instrumento. Eu comecei o piano e parei... Eu fiz uns dois anos de piano.”
“Eu vou aprender, agora eu vou aprender acordeom... eu vou aprender porque aí você carrega e é interessante.” (Prof. 13)

Categoria 4: Experiência com música durante a formação

Nesta categoria outros professores relataram experiências que tiveram com música, durante a sua formação.

Destacam-se, assim, as falas de alguns professores, como a professora 27 que durante a sua formação teve práticas de canto na escola e estudava violão em casa. Hoje, na sala de aula, sente dificuldade em lidar com o que denomina “apatia dos alunos” e disse que a escola tem de ensinar seus alunos a aprenderem.

“Tinha um coral, a gente participava... tinha os musicais americanos, a gente cantava e a cada ano elegia-se um filme para o musical...”
“... em casa eu estudava violão clássico, mas uma coisa que foi só por alguns anos.”
“Eu estou com uma classe de 1º ano diferente... é uma classe muito apática, crianças que querem fazer o trabalho rapidinho e entregar. Eu fico imaginando que esses alunos que eu tenho hoje de 7ª e 8ª também eram assim, ficaram alunos que não tiveram prazer em estudar, prazer no saber, porque eles não aprenderam a aprender. A escola tem que ensinar esses alunos a aprender, o hábito de aprender está totalmente desvalorizado.”
 (Prof. 27)

A professora 17 disse que teve noções musicais em cursos de formação continuada.

“Nesse curso dá para ter ideia sobre música. Nada muito aprofundado, quem tem facilidade com música pode aprofundar.” (Prof. 17)

Classe de Categoria B: O trabalho com música em sala de aula

Apresenta-se a seguir a classe a respeito do trabalho com música em sala de aula que inclui seis categorias. No geral, é interessante observar que a primeira categoria se refere às dificuldades de formação musical do professor, posteriormente, até mesmo em função de tal lacuna, os entrevistados acabavam relatando diversas alternativas a que eles recorriam no ensino em sala de aula. Além disso, aqueles poucos entrevistados que tiveram formação ou experiência com música, relatam suas vivências.

Categoria 1: Dificuldade no ensino da música

Os professores em geral relataram dificuldades relacionadas tanto às questões pessoais como a questões de aptidão para a música.

Destacou-se aqui a fala da professora 14 que disse que teve muita dificuldade e que foi obrigada a aprender música, porque se considerou uma pessoa sem ritmo.

“Obrigatoriamente tive que cursar música, foi com muita dificuldade que eu concluí as disciplinas de música. Foi com incentivo das professoras na época para eu concluir, porque eu não tenho ritmo.” (Prof. 14)

A professora 15 falou de seus medos e inseguranças para lidar com o conteúdo musical por sua falta de formação.

“Quando a gente vai trabalhar música com os meninos, eu sinto uma certa dificuldade, além de eu não dominar essa linguagem.”
“Às vezes eu me sinto inútil na sala de aula, porque a apostila está ali, as atividades estão ali, parece que é uma coisa muito bonita, muito florida e a gente não consegue desenvolver.”
“É um material tão bom só que tinha que ser trabalho num local adequado né, e com professor formado para isso.” (Prof.15)

A professora 17 falou sobre a dificuldade em trabalhar com o ensino de música, mesmo tendo estudantes de música na sala. Teve dificuldades nas práticas musicais e disse que cada professor aprofundou o conhecimento dos alunos na linguagem da arte na qual se especializou.

“A música eu tenho dificuldade, sinto a necessidade de entrar num curso e estudar. A não tradicional a gente consegue fazer atividades com os meninos, de diferenças de timbres, ver as diferenças... mas com a partitura eu não consigo na partitura.”
“Música não convencional eu entendo, dá para trabalhar com os alunos, agora a partitura, eu não sei ler, não sei tocar nenhum instrumento.”
“A professora aprende com o aluno também... ainda é uma pedra no meu caminho a música, que mesmo o aluno que está estudando música ele não consegue às vezes transmitir para a gente...”
“A gente não tem aquele conhecimento de música... no curso a gente estuda a parte histórica da música, a prática que eu acho que é difícil... cabe a gente trabalhar com instrumentos, com caixinhas, mas é uma música não convencional.”
“Tem alguns professores que têm formação em música, e ele também vai mais para o lado da música. O professor que tem formação em artes plásticas o que ele faz, ele se dedica mais naquilo que tem experiência, mas a gente não deixa de dar.” (Prof. 17)

Categoria 2: Trabalhar a partir do conhecimento musical dos alunos

Segundo os professores entrevistados, tem se mostrado importante a prática de trabalhar com música a partir do conteúdo que os alunos trouxeram, pois motivou a participação mais efetiva na sala de aula. Destacou-se, assim, a fala de alguns professores.

A professora 22 falou das práticas musicais, baseando-se na troca de conhecimento com os alunos em sala de aula.

“A parte de música que eu passo na escola, que eu ensino para os alunos, que é uma troca, porque eles também têm bastante experiência, que acabam passando para mim e para os outros.” (Prof. 22)

A professora 09 também falou das práticas musicais, a partir dos conhecimentos dos alunos.

“Não gosto de trabalhar, pegar um texto, uma cartilha que não tenha a ver com eles. E a música, eles têm contato. Então eles vão trazer para mim, eles vão falar: “a minha avó sabe cantar”. (Prof. 09)

Categoria 3: A utilização da música como recurso didático

Pôde-se observar que é muito comum a utilização da música em sala de aula como recurso para ensinar. Os professores disseram ter tido sucesso com esta prática. Destacaram-se trechos das falas de alguns professores.

A professora 25 falou sobre os benefícios do trabalho com a música nas questões da alfabetização e da leitura e interpretação de textos.

“Eu acho que fica bem mais fácil trabalhar assim, com textos de parlendas ou músicas de memória para trabalhar o texto depois... trabalhar música dentro da sala, quando você vai trabalhar o texto, você também trabalha palavras que eles já sabem, às vezes identificam uma letra do nome do coleguinha, ou alguma outra coisa assim.” (Prof. 25)

Sobre a utilização da música como meio para trabalhar o calendário cívico, a professora 29 relatou:

“Eu me apego muito ao calendário cívico, que dá margem para a gente trabalhar a música. Para cada época eu tenho 10, 15, 20, 30 CDs relacionados à música do momento, do mês ou do dia que é o calendário.” (Prof. 29)

A professora 11 também utilizou a música como recurso didático.

“É uma atividade, um recurso pedagógico, exato. Dentro da alfabetização... pegar o texto do “O Cravo e a Rosa”, por exemplo, destrinchar a leitura, destrinchar a escrita, análise linguística.” (Prof. 11)

Categoria 4: As experiências musicais dos alunos através da tecnologia

Os aparelhos tecnológicos têm se mostrado na escola como aliados do aprendizado, mas também influenciado os alunos de várias maneiras. Destacaram-se a seguir alguns professores que falam sobre o assunto.

A professora 15 colocou a necessidade de mostrar aos alunos outros estilos musicais variados além dos que eles ouvem no rádio.

“... os meninos hoje têm uma noção muito pequena do que é música, com essas músicas que eles ouvem hoje. Essa linguagem que eu não consigo nem chamar de música, porque não tem letra, não tem melodia, é tudo muito vago. (...) Eu tento colocar para os alunos um tipo de música diferente daquilo que eles estão acostumados a escutar que é o Funk, é o Psy, é o Rap.” (Prof. 15)

A professora 25 usou a tecnologia como estratégia de ensino.

“Você passa alguma música, eu passo no computador para eles e vão seguindo o texto.” (Prof. 25)

A professora 21 falou que os alunos demonstraram maior interesse pela informática do que por qualquer outra estratégia de ensino.

“Agora eles querem o computador, eu acho que eles não têm tanto interesse, pelo menos na minha sala eu vejo isso.” (Prof. 21)

Categoria 5: Os benefícios da música no cotidiano da sala de aula

Alguns professores falaram que as estratégias envolvendo a música na sala de aula têm trazido alguns benefícios. Destacaram-se as falas de alguns professores.

A professora 13 falou dos benefícios que a música trouxe para a sala de aula.

“Com música e desenho eles fazem com que a criança melhore a sua autoestima, perceba a capacidade dele, de talento dele... a música tem assim um papel fundamental que é de equilibrar as noções das crianças” (Prof. 13)

A professora 04 falou sobre a utilização da música para trabalhar o desenvolvimento da fala.

“... com a música eles se interessam, a gente trabalha um pouco a oralidade, ajuda no desenvolvimento da fala.” (Prof. 04)

Categoria 6: O uso da experiência para desenvolver trabalho com música

Os professores relataram em geral que o passar dos anos trouxe a oportunidade de amadurecer suas experiências. E ainda que suas experiências musicais ajudaram no trabalho na sala de aula.

A professora 25 falou sobre as experiências e as mudanças que o tempo de trabalho trouxe.

“A gente vai criando muita experiência durante o ano, porque a gente vai trabalhando tudo.”

“A gente vai adquirindo um outro tipo de postura em sala de aula para poder trabalhar.” (Prof. 25)

Sobre as modificações que fez nas estratégias de ensino a partir de experiências anteriores, a professora 15 diz:

“... eu tento a cada ano mudar um pouco, diversificar, porque às vezes eu sinto assim que aquela atividade que eu bolei não deu muito certo no caso da música, aí no outro ano eu tento dar uma modificada...” (Prof. 15)

Sobre a sua formação, a professora 13 relatou ter percebido a importância da música na escola e que usou sua experiência para desenvolver trabalho com música.

“Na minha formação tudo é uma soma, eu vim trabalhando na educação sempre me preocupando com a música porque como eu achei que foi importante a música na minha vida, eu acho que para todos faz a diferença... O Estado não pede para a gente trabalhar música, eu trabalho por conta... A minha formação em música e pessoalmente voltada ao folclore, eu acho que me deu uma boa bagagem... São 20 anos que eu trabalho com música.” (Prof. 13)

A professora 24 disse que suas experiências envolveram as quatro linguagens da arte. E na música teve experiência com instrumentos de percussão e em escola de samba.

“A minha formação e experiências vividas: o balé clássico, o balé moderno, o teatro, a capoeira, a música de barzinho, eu tive a oportunidade de conhecer tudo isso... está ligado a minha vida de barzinho a conhecer o teatro, sair para a periferia pra fazer o trabalho também...”

“Era costume a gente sai para o barzinho e fazer música. Então eu conheço o atabaque, o chocalho...”

“A escola de samba que fez muito parte na minha vida... em São Paulo. Em Mogi Guaçu no interior de São Paulo, eu e meu marido tínhamos uma escola de samba, a gente tinha que procurar quem vai fazer a música, o tema, fazer a roupa, o figurino da escola, preparar essas pessoas...”

“Da minha vivência, eu tenho que falar um pouco de tudo que eu sei e do que eu já vi... eu danço com eles, canto, tento utilizar o corpo como instrumento... Surge até de uma bagagem minha mesmo.” (Prof. 24)

O professor 16 relatou ter experiência musical com projetos em bairros populares e disse que sua experiência anterior com crianças de baixa renda ajudou na sala de aula.

“Minhas experiências anteriores de vida mesmo me mostraram um caminho através da música de recuperar pessoas, ou dar alternativas para as pessoas... Através da música ter essa visão de mundo... eu fui dar aula em bairros mais afastados, bairros pobres e tal, em projetos.” (...)
“Eu sempre morei em bairro pobre, então eu tenho uma experiência, uma vivência com essas crianças de baixa renda... e isso eu acho que me deu uma boa experiência para esse “extra música” dentro da sala de aula... é uma maneira de fazer uma leitura melhor da necessidade desse público.” (Prof. 16)

Sobre o uso da experiência para desenvolver trabalho com música, a professora 11 relatou:

“Por ter tido aula de música. Eu também não sou grande coisa, também não fiz faculdade, mas ter estudado 6 anos ajuda” (Prof. 11)

Classe de Categoria C: O professor e a escola

Apresenta-se a seguir a classe que inclui as categorias referente aos relatos sobre o professor e a escola. Esta classe inclui três categorias. Mas as dificuldades no ensino de música nas escolas estaduais não se resumem apenas às lacunas na formação dos professores, nesta classe são apresentadas as categorias elaboradas a partir dos relatos dos entrevistados que revelam a amplitude dessas outras fontes de dificuldades.

Categoria 1: Condições do Estado para oferecer música na sala de aula

Os professores falaram das condições em que estão trabalhando com música nas escolas. As questões colocadas vão desde a formação até o espaço e o material oferecido na escola.

Destacou-se a professora 15 que criticou a falta de ligação entre o conteúdo da formação da graduação e o conteúdo que o Estado exigiu no currículo. As mudanças que aconteceram no currículo do Estado não foram trabalhadas na graduação.

“As pessoas que se formam para ser professor do Estado, tinham quer ter mais informação, tinham que ter mais formação, porque o Estado cobra isso, e como eles cobram uma coisa que as faculdades não dão?... para eu

trabalhar a música do jeito que o Estado pede, o Estado tinha que me dar um curso profissionalizante de música... quando eu comecei a dar aula surgiu essa apostila, esse currículo, então já fazem 6 anos que eu trabalho com essa mesma apostila.” (Prof. 15)

A professora 22 explicou que o Estado ofereceu um curso de nivelamento de conhecimento antes de os professores ingressarem nas escolas.

“... como as pessoas são formadas em várias faculdades, é uma forma de equilibrar o conhecimento para poder ministrar aulas. Mas é um curso online, o que não é de certa forma o melhor, mas o que eles puderam proporcionar foi online... muito do que eu vi lá é o que eu já tinha visto na faculdade... quando a gente vê na faculdade a gente vê o conhecimento, mas não como o Estado quer que a gente trabalhe em sala de aula.” (Prof. 22)

A professora 03 falou sobre as várias atividades a partir do projeto “Ler e Escrever” que trouxe uma proposta mais dinâmica e participativa para os alunos.

“No 2º ano tem o projeto “Quem Canta Seus Males Espanta”, e aí que a gente vai trabalhar com as músicas, musiquinhas infantis. E aí tem uma série de coisas que você pode fazer e que a criança vai gostar de fazer aquela atividade... não pode ser uma coisa muito rígida também para a criança dessa faixa etária.” (Prof. 03)

A professora 17 falou sobre o material disponibilizado pelo governo para trabalho com música e disse ainda que a escola não tem o objetivo de formar especialistas.

*“O governo manda pra gente bastante CDs... dá apostila, tem o site para a gente entrar com os alunos na aula de informática. Ele dá condições pra você trabalhar.”
“...a escola não forma músicos, nem artista, nem ator e nem dançarino” (Prof. 17)*

As limitações de espaço físico impediram práticas criativas, segundo a professora 26.

“O espaço da escola que não dá para isso. Eu desenvolvo uma atividade, e se eles têm que se dividir em grupo, cada um precisa de um espaço diferente. Aí já tumultua, já mexe com todo o ambiente da escola. Tem toda a estrutura da escola que tem dificuldade de lidar com essa parte do que é diferente.” (Prof. 26)

Categoria 2: A responsabilidade social da escola e da família

Mesmo não sendo o assunto principal, alguns professores falaram sobre o papel social da escola e suas responsabilidades. Destacaram-se as falas de alguns professores.

A professora 03 relatou o fato de as crianças terem uma carência que influencia em seu desenvolvimento escolar.

“... a escola hoje, as crianças têm uma carência muito grande, os pais por conta dessa coisa deles terem que trabalhar muito, e a criança ter que ficar na escola. Tem aqueles também que não trabalham, mas que deixam a criança na escola, e não se preocupa também com o que está sendo feito nessa escola... Uma carência afetiva, uma carência até meio que intelectual também, e isso é triste.” (Prof. 03)

A mesma professora relatou sua preocupação com alunos que chegam ao Ensino Médio sem noções de leitura e ressaltou que é na escola que nascem todos os profissionais e profissões.

*“Tem gente lá no colegial que não sabe ler direito, não compreende o texto...”
“A escola é super importante na vida de uma pessoa porque a partir daí é que vão nascer todas as profissões.” (Prof. 03)*

A professora 30 falou sobre a importância dos valores na educação, as dificuldades enfrentadas na escola, e ainda sobre a importância do comprometimento e do respeito na educação.

*“Agregar valores, na educação o que a gente vê muito a falta de valores que eles dão.”
“É difícil trabalhar, o salário é baixo, a convivência é difícil, a gente trabalha com violência...”
“Se eu me propus a trabalhar na educação, eu tenho que ter o meu comprometimento. Respeitá-los apesar de todos os problemas que eles têm e que eu também tenho.” (Prof. 30)*

Sobre o trabalho de valorização do material que os alunos ganharam e o trabalho extraclasse do professor, a professora 06 relatou:

*“O governo dá material escolar para eles hoje, amanhã eles querem outro caderno, joga aquele fora e compram um caderno mais caro. Eu exigi que na minha classe todos têm que usar o caderno que eles ganharam... eles têm que valorizar aquilo que eles estão ganhando, as crianças de hoje não valorizam nada, eu explico da madeira, porque eu gasto... Quantas árvores eu gasto para fazer um caderno.”
“É difícil para mim porque eu tenho que correr atrás. Eu fico às vezes em casa 2 ou 3 horas para fazer pesquisa, para eu ouvir, para eu selecionar, depois tem que imprimir... além de trabalhar na escola, eu tenho que fazer pesquisa em casa. É por isso que eu trabalho um período só. E eu ainda estou falhando, porque eu acho que deveria dar mais.” (Prof. 06)*

Categoria 3: A realização dos professores dentro da escola

A respeito das preferências e gostos dos professores na escola, são destacados alguns trechos.

A professora 05 expressou sua satisfação por sua experiência anterior como fonoaudióloga e pela atual na alfabetização.

“Eu trabalhei quase 10 anos como Fono, então nesse trabalho eu trabalhava muito o desenvolvimento da fala, da linguagem, audição, todos os fatores que interferem na fala e na linguagem. Agora dando aula eu me concentro mais na alfabetização, eu sempre pego as séries iniciais, trabalho muito com alfabetização.” (Prof. 05)

Sobre o desejo por ser diretora, a professora 11 diz:

“...gosto muito, falo que eu sou professora por vocação... A minha intenção é ser Diretora de Ensino, que é para isso que eu tenho me preparado. Minha intenção é levar essa experiência da sala de aula pra gerenciar esse sistema.” (Prof. 11)

3.1.2 Tema II: Meu emprego atual

Apresentam-se a seguir os trechos principais das entrevistas que originaram as classes de categorias do tema II. Para este tema que abordou principalmente a valorização do trabalho dos professores em vários aspectos, as categorias encontradas foram subdivididas em duas classes que totalizaram cinco categorias.

Classe de Categoria A: Valorização e dificuldades do trabalho atual decorrentes de seus aspectos institucionais e organizacionais

A classe apresentada a seguir é composta por três categorias que falam sobre aspectos organizacionais e institucionais da escola e do ensino. Em relação a estes aspectos, diversos depoimentos destacaram a valorização do trabalho atual, mas outros apontaram dificuldades decorrentes dos mesmos. Além disso, foram também apontadas dificuldades decorrentes de aspectos referentes às famílias dos alunos.

Categoria 1: Valorização dos professores do trabalho na escola atual

Nesta categoria os professores relataram sua realização e gosto pela profissão e preferências dentro da escola, mesmo diante de algumas dificuldades.

Aqui a professora 25 expressou a satisfação pelo trabalho em equipe na escola.

“É uma escola boa para trabalhar, nós nos damos bem. A minha colega da tarde, a gente se dá bem porque nós damos sempre as mesmas coisas.”

“... a gente trabalha muito junto, eu não sei trabalhar isolada, tem sempre que estar junto com alguém, para a gente partilhar aquilo que a gente está fazendo. Enriquece muito a gente e enriquece a aula também.”

“Aqui nós trabalhamos todas juntas. O pessoal se dá muito bem, gosta de trabalhar junto, é tranquilo.” (Prof. 25)

Sobre a liberdade que teve para trabalhar com as quatro linguagens da arte.

“eu acho que ela te dá liberdade para você trabalhar os assuntos dentro do conteúdo de Arte.” (Prof. 14)

A respeito do trabalho conjunto entre os professores presentes na escola.

“... eu senti assim uma diferença de acolhimento, “não, vamos fazer juntos”, de trabalho em equipe, isso eu encontrei aqui.” (Prof. 15)

A professora 04 explicou que, apesar das dificuldades enfrentadas na escola, gostou muito do seu trabalho.

“Eu gosto do meu emprego atual, apesar das dificuldades encontradas no dia a dia...” (Prof. 04)

Sobre a falta de um acompanhamento multidisciplinar na escola.

“... o sentir-se só é em sentido aos profissionais, de ter um psicólogo, uma fono dentro da escola.” (Prof. 03)

A professora 28 falou sobre o gosto de ver o trabalho progredir dentro da escola.

“... eu gosto da ação, eu gosto de propor meios diferenciados para trabalhar, tenho muita esperança de que o ensino vai melhorar muito, né, sempre penso que o ano que vem vai ser melhor que esse.” (Prof. 28)

A professora 21 explicou que gostou muito da sala de aula, e ainda não conseguiu se ver aposentada, mesmo já tendo tempo de serviço suficiente.

*“Eu gosto bastante do que eu faço, e às vezes eu tenho problemas, a gente passa por épocas difíceis, mas eu gosto bastante.” (...)
“E todo mundo fica falando para eu aposentar, às vezes eu perco até o sono, e eu penso “gente, acho que eu não quero”!”. (Prof. 21)*

Sobre a sua preferência e o gosto em lecionar a professora 11 falou:

“Eu achei que ia ser legal o 1º ano, me arrependi amargamente... eu não tenho aquela paciência para dar toda atenção que eles precisam. Eu gostei do 5º ano por isso, de você ir embora e pesquisar e tirar deles. Mas também gostei de alfabetizar, porque é muito bonito aprender a ler” (Prof. 11)

O gosto em ser professora trouxe uma realização ao ver alunos encaminhados e o envolvimento do professor na escola como um todo. E disse ainda que a perseverança é necessária para trabalhar na educação.

“O meu emprego atual, eu gosto muito dele. Amo muito os meus alunos.”
“Realização: apesar de todos esses problemas, a gente consegue extrair alguns alunos que conseguem ainda fazer uma faculdade, trabalhar, ter um bom emprego.”
“Você tem que participar de um todo da escola, não só na sala de aula... o professor tem que se envolver, a partir do momento que ele está na escola.”
“... na educação hoje você tem que ser perseverante. Se você quer um futuro melhor para os seus alunos...” (Prof. 30)

Categoria 2: Dificuldades decorrentes da estrutura que a escola oferece ao professor

Os professores, nesta categoria, fazem críticas a respeito da organização da escola, dos materiais oferecidos, do espaço e da estrutura geral do ensino.

A respeito da sobrecarga de trabalho quando o professor trabalhou em dois períodos:

“Quando a gente podia pegar duas salas no Estado, eu trabalhei por 3 anos. E eu tinha uma 4ª série de manhã e uma a tarde. Era muito corrido.” (Prof. 25)

A professora falou sobre a necessidade de o professor ter um período do dia livre para descansar, preparar atividades e cuidar das necessidades pessoais.

“O professor tem que trabalhar o dia todo. O certo era o professor trabalhar meio período mesmo, outro meio ele faria para descansar, para ficar mais pronto para realizar as atividades...” (Prof. 03)

A professora falou que os recursos materiais são poucos, e que o trabalho poderia se ampliar com recursos melhores.

“... eu tenho dificuldade, é recurso material para trabalhar... recurso eu acho que de certa forma é importante, se tivesse um pouco mais eu acho que daria para explorar mais o material.” (Prof. 22)

A experiência em trabalhar com música por iniciativa da escola.

“Essa escola tinha um interesse que tivesse um grupo de crianças voltado para a música... ela me ofereceu esse lugar junto com as crianças para fazer esse trabalho com a música.” (Prof. 23)

As mudanças administrativas que levaram crianças mais jovens à escola, e a estrutura que a escola ofereceu ao professor.

“O ideal é que eles ainda tivessem com 6 para 7, numa escola que tenha estrutura para 6 anos. A carteira do tamanho deles, um parque para você poder correr, brincar... não tem espaço para você poder brincar, para você cantar do lado de fora. O Estado coloca criança pequena num lugar que não é para eles...”

“Eu estou pouco satisfeita com as condições de trabalho da minha escola... é muita burocracia, muito papel.” (Prof. 11)

A professora 15 fala sobre as mudanças no currículo do Estado, e que está sempre estudando e aprendendo com suas experiências na escola.

“é um trabalho que me pedi e exige muito estudo, muita pesquisa... eu chego em casa eu ainda vou preparar as aulas, ainda entro na internet e pesquiso, e tento deixar o máximo de coisa pronta. E eu falei também de aprendizado, porque eu aprendi muito, muito mesmo...”

“... no início, quando eu entrei na faculdade e que eu achava que eu iria aprender só história da Arte, e eu aprendi muito, quando eu comecei a dar aula no Estado não tinha mais a história da Arte.” (Prof. 15)

A necessidade de projetos para melhorar as atividades oferecidas.

“Se fosse para trabalhar a música como a música deveria ser teria que ter um profissional... se tivesse a oportunidade de trabalhar projetos, seria perfeito. Eu acho que a tendência é melhorar, o que eles estão oferecendo.” (Prof. 23)

O professor 16 disse que, em seu emprego atual, existiu uma falta de informação sobre o funcionamento da escola, faltou estrutura para trabalhar e para as aulas de música. Disse ainda que a escola não atendeu às necessidades dos alunos de hoje, e a definiu como um caos.

“Eu falei aqui de pouca informação porque desde quando eu entrei ninguém veio me falar de algum curso especializante. Ninguém veio me falar qual é a metodologia da escola, o foco da escola, o objetivo.”

“Posso dizer por todas as escolas, não tem estrutura alguma para se praticar o ensino... música é som... vai atrapalhar o professor que está do lado... você não encontra quase nada de instrumentos, então isso dificulta demais o trabalho.”

“Quando olhei “meu emprego atual” me veio na cabeça em si a palavra caos... se nós formos parar para analisar mesmo, em minha opinião virou um caos, porque o professor sem um foco, sem saber qual o objetivo da escola...”

“Essa maneira de se dar ainda com as carteiras ainda todas voltadas para o professor, aquela coisa meio de exército. Então o que acontece: os alunos não conseguem se enquadrar nisso, os professores ficam pirados porque os alunos não têm respeito... nesse formato de escola, as coisas complicam mais. Você ficar quatro, cinco horas sentado numa cadeira... a inspetora agrava mais, deixa mais agudo a questão da desobediência... nesse assunto é que começa a insatisfação dos alunos por esse formato de escola.”

“O governo não dá condições... material para estar sendo feito e colocar esses projetos em prática. São reuniões que só apontam defeitos, as coisas ruins que aconteçam na escola... não conseguem fazer de tanta burocracia que existe, de você sair dessa linha do governo.” (Prof. 16)

Categoria 3: O papel social da escola e da família

Nesta categoria, os professores se referiram à participação das famílias na escola, de sua importância e influência.

A professora 22 falou sobre a participação da família dentro da escola, e ainda do fato de a sua família, que é de professores, ter influenciado seu gosto pela profissão.

“... trazer o comprometimento do aluno e também dos pais para a sala de aula...”

“... acabei vendo aqui em casa meu irmão, meu pai, minha mãe e falei “bom, vou tentar”. (Prof. 22)

Sobre a influência da família na aprendizagem do aluno.

“A criança não tem com quem conversar em casa, e chega aqui com milhares de problemas... eles são extremamente carentes, é criança chorando o tempo todo, é criança batendo o tempo todo, é criança com saudade do pai, e você vai ver o pai está preso.” (Prof. 11)

A participação da família na escola.

“A gente tem muita dificuldade com relação às famílias, mas há muitos que participam, estão juntos.” (Prof. 01)

O professor 02 falou da dificuldade no emprego atual pela falta de apoio das famílias.

“Em termos da educação tem um lado negativo que é a família... ensina a criança e na hora que ela chega em casa ele não tem o apoio da família... aí você tem que voltar tudo de novo.” (Prof. 02)

A importância de uma boa comunicação entre a família e a professora.

“Na reunião de pais escutei coisas que eu não tinha escutado ainda e comecei a entender coisas que eu não tinha entendido... Foi preciso que a mãe falasse, que eu descobrisse um gancho para ele olhar para mim.” (Prof. 11)

A professora 29 disse que problemas particulares dos alunos atrapalharam o rendimento da classe, mas que a prática musical promoveu interação da família com a escola.

“Ser professor do Estado é um trabalho muito difícil de fazer. As crianças vêm muito revoltadas... meia dúzia que venha assim já atrapalha todo o trabalho...”

“Eu relacionei: ‘pai e mãe, por favor, vocês poderiam ajudar as crianças a baixar na internet as músicas...’, e aí coloquei todas as músicas do ‘Ler e Escrever’. Teve gente que trouxe no pen drive, teve gente que trouxe no CD, alguns pais ouviram com eles.” (Prof. 29)

Classe de Categoria B: Valorização do trabalho pelos seus aspectos didático-pedagógicos

Apresenta-se a seguir uma classe com duas categorias que incluem falas que valorizam os aspectos didático-pedagógicos da música. Na primeira dessas categorias, os relatos seguem a direção de evidenciar a importância da música na formação do aluno, enquanto na segunda categoria, são destacadas as práticas possíveis, com a música sendo utilizada como meio didático, provavelmente devido às lacunas de formação musical dos professores, que os impediria de um trabalho com a música em si mesma.

Categoria 1: Ampliação da realidade do aluno em arte e cultura

Grande parte dos professores relatou uma pobreza de cultura identificada em seus alunos e que procurou fazer um trabalho no sentido de mostrar que existe uma cultura além daquela que estão habituados a ouvir ou por influência das pessoas que o cercam ou pela mídia.

A professora 14 se preocupou em trabalhar assuntos de acordo com a realidade e interesse dos alunos, despertando a cultura e comunicação com o mundo exterior.

“... com a realidade dos alunos... Não adianta eu ficar trabalhando algo que não desperte o interesse deles.”

“... sempre fazendo um gancho com a história da arte antiga e a contemporânea.”

“... um trabalho com que eles se aculturem mais...” (Prof. 14)

A professora 22 falou que está sempre a desenvolver um trabalho a partir das diferenças observadas nos alunos, para que possa atingi-los.

“A hora que você chega para trabalhar tem que fazer algumas mudanças porque o público que está ali não está... Às vezes não tá a fim de aprender ou ainda não percebeu a importância da escola...” (Prof. 22)

A professora falou ainda sobre o projeto do governo que visou a ampliar o conhecimento cultural de seus alunos.

“o governo agora tem aquele projeto “Cultura é Currículo”, pra gente poder ir a museus, teatros, concertos...” (Prof. 22)

Sobre a importância da música na ampliação da realidade do aluno em arte e cultura.

“Às vezes alguns protestam: “ah essa música é fácil!”, ou “ah eu não gosto!”. E eu insisto com calma, vou trabalhando porque é uma forma deles conhecerem os diferentes estilos de música.” (Prof. 13)

O papel do professor de conscientizar sobre a importância da arte na escola.

“A gente tenta primeiro conquistar o aluno e explicar a importância da arte no currículo. Ele tem que entender que depois ele pode ir para uma arquitetura, uma engenharia... a gente tenta fazer uma conscientização porque que ele está estudando aquilo, o que é que vai ajudar na vida dele mais para frente. a menina falou assim: “mas eu odeio arte”, e eu disse “mas o que é que você vai fazer depois do terceiro ano?” e ela “Arquitetura”... o aluno fala que não gosta, mas ele fala sem pensar.” (Prof. 17)

Categoria 2: As várias formas de utilização da música

Nas entrevistas foi identificado que a música é, na maioria dos casos, utilizada enquanto meio para trabalhar outros conteúdos como a alfabetização e o ensino de outros conteúdos. O que pode ser uma decorrência da lacuna de formação musical nos professores, apresentada em categorias anteriores.

A professora 19 falou que o trabalho com a música que desenvolveu na sala de aula está voltado para o objetivo da alfabetização.

“Eu utilizo algumas cantigas tradicionais para alfabetizar os alunos...” (Prof. 19)

A professora 04 trouxe essa resposta quando a pesquisadora perguntou se ela desenvolveu um projeto com música em sala de aula no seu emprego atual.

“Com música, isso.” (Prof. 04)

A professora 05, que também é fonoaudióloga, explicou que acha as duas áreas de formação muito próximas, e que deu para trabalhar as duas ao mesmo tempo dentro do objetivo da alfabetização.

“... eu acho que está tudo ligado, a Fono com a questão da linguagem, com a comunicação, e com a questão da Educação.” (Prof. 05)

Sobre as várias formas de utilização da música, a professora 13 disse que a insere em projetos complementares e ainda trabalhou com música em meio a outras disciplinas.

“Eu trabalho muito com música tipo Gospel para mensagem, para através da música trabalhar valores. A gente põe a música, faz uma interpretação, uma reflexão e tem dado certo. Tento trabalhar com a música assim, sem preconceitos, mas tento trabalhar músicas mais tranquilas... a gente tenta trabalhar direcionando o que a gente quer.”

“Tem professor efetivo de Educação Artística e de Educação física, as outras disciplinas nós é que trabalhamos. Mas dentro das disciplinas, a gente vai tentando trabalhar a música...”

“Procuro dar alguns projetinhos de música, de jogos, jogos de matemática. E a gente vai tentando fazer algo diferente para eles.” (Prof. 13)

3.1.3 Tema III: Minhas práticas nas aulas de música

Serão apresentados a seguir os resultados das categorias que tratam das práticas de música na sala de aula. Foi possível classificar o ensino de música de três formas: 1ª) O ensino de música como fim; 2ª) Ensino de música como meio para outros conteúdos básicos ou como tema transversal; 3ª) Ensino de música como atividade complementar. Nessas classes foram distribuídas sete categorias.

Classe de Categoria A: Ensino de música como fim

Esta classe agrupou três categorias que falaram sobre a utilização da música na escola enquanto área do conhecimento, com intuito de aprender música.

Categoria 1: Práticas de ensino de música

A seguir os professores falaram de suas práticas em sala de aula, tendo o ensino de música enquanto fim. No geral, se pode perceber que eles buscam fazer tudo que lhes está ao alcance, considerando as lacunas na formação musical, as dificuldades de falta de recursos e material, a ausência de incentivo e empenho pela organização escolar. Numa consideração mais exigente se poderia até considerar que o ensino da música ainda não está ocorrendo tal como poderia ser, já que nenhum professor trabalha diretamente com a formação musical, tal

como seria de esperar, caso fossem habilitados para tanto. Evidentemente, os poucos que tiveram formação musical aproveitam-se dessa para seu trabalho em sala.

A professora 15 explicou que deu o conteúdo de música sugerido pelo currículo do Estado, mas numa linguagem facilitada, para que ela e os alunos conseguissem trabalhar com clareza.

“... eu tento colocar uma maneira que os meus alunos vão entender um pouquinho do que o currículo pede.”

“... eu tento tirar o máximo às vezes para poder facilitar, para eles poderem entender o mínimo do que a atividade pede.” (Prof. 15)

A professora 04 explicou como utilizou a música em suas práticas na sala de aula.

“... a gente canta a música, eu recito algumas vezes essa música...” (Prof. 04)

A professora 13 falou de suas práticas de ensino de música.

“Começo apresentando os ritmos diferentes, os estilos diferentes e depois nós cantamos, fazemos tipo um coralzinho na sala de aula. Na escola que eu trabalhei fiz um projeto de fanfarra que deu muito certo... eu achei que foi muito válido porque as crianças queriam muito participar.” (Prof. 13)

A professora 18 falou das práticas musicais de canto.

“Eu apresentava a música para os alunos, e cantava a primeira vez, depois eles aprendiam e cantavam comigo e passavam o ritmo.” (Prof. 18)

Sobre as práticas musicais de canto, de audição musical e práticas que uniram música e movimento.

“Eu tenho CDs também que eu comprei que é as músicas infantis, as cantigas de roda ajudam para eles aprenderem a cantar.”

“A gente trabalha o título da música, o que a música quer dizer, ou senão eu ponho a música para eles escutarem para identificarem o título da música. Eles veem a história da música, e depois a gente desenha em cima disso.”

“Tem até umas coreografias juntos, mas é uma coisa mais para se soltar, a oralidade, o ritmo e perder um pouco da vergonha.” (Prof. 10)

A experiência com fanfarra: o ensino, os desfiles de rua, a busca por novos conhecimentos de ritmos, experiência de banda com política para arrecadar fundos, até a criação da “Fanfarra Integrada da Segunda Delegacia de Ensino”.

“... como inspetor de aluno, lá tinha uns instrumentos. Eu tirei tudo, limpei e comecei brincando, a meninada começou a pular o muro... nós começamos a ensaiar pelo resto do ano. Eu tinha os toques do Tiro de Guerra. E aí nós fizemos desfiles por três anos... depois pelo primeiro ano eu entrei em outra Escola Estadual, e tinha lá uma fanfarra. Uns instrumentos bonitos, tinha a sala da fanfarra que era bem organizada... eu peguei aquela molecada que eram meus alunos. E por coincidência eu tinha 3 alunas que tocavam piano. Nós tocávamos desde o “Atirei o pau no gato” até o “Hino Nacional”... eu pensei: “vou pegar meus melhores daqui e os meus melhores dali e montar uma corporação”. A gente não se oferecia não, a gente era convidado... O ano que vem eu tenho mais cinco escolas. Com essa daqui serão seis escolas.”

“... no começo eles (os alunos) tinham medo de sair na rua... eles foram pegando confiança, eles foram deslanchando... nós fomos participar do primeiro desfile... foi bonito, tocamos, os meninos gostaram, os pais gostaram, a direção gostou. Veio um ofício para ela convidando a fanfarra para uma apresentação no dia 7 de setembro no Museu do Ipiranga, e assinado por quem? Pelo governador. Aí veio a verba.”

“Eu não podia ficar só com aqueles toquinhos do Tiro de Guerra... eu busquei conversar com os meus conhecidos. Aí eu ia nos desfiles, eu escutava, chegava lá e tocava e falava para a molecada fazer uma coisa nova.”

“Eu não tinha dinheiro... Quando tinha a época de eleição eu ligava para os candidatos: “Você pode me dar um dinheirinho, a gente toca pra você”. A gente dava a volta assim no bairro, então o povo já vinha... dava lá um dinheirinho e a gente comprava as coisas para manutenção da fanfarra.”

“Nós formamos uma associação, mas eu não tinha alunos. Aí eu fui lá conversar com a delegada de ensino da segunda diretoria... eu fiz uma fanfarra integrada chamada “Fanfarra Integrada da Segunda Delegacia de Ensino”... eu juntei alunos de três Escolas Estaduais. Em tudo quanto é cidade a gente era chamado para tocar.” (Prof. 02)

Experiência com projetos de percussão e partitura em sala de aula.

“Busco através de projetos interdisciplinares desenvolver as habilidades artísticas dos meus alunos. Recentemente encerramos um projeto de percussão reciclável, Laboratuc, onde iniciamos a leitura rítmica da partitura, e encerramos com um workshop.” (Prof. 07)

Sobre as práticas de ensino de música no emprego atual.

“O projeto do “Ler e Escrever”, que é de música, músicas da Bossa Nova a gente vai vendo quanta coisa bonita tem nas letras, depois vem a melodia, as crianças aqui na escola têm coral, e as minhas meninas quase todas fazem coral.” (Prof. 08)

Práticas de audição musical para percepção dos elementos musicais.

“Eu coloco a música, nunca tinham ouvido a música “Cio da Terra”. Aí eu falo pra eles que no primeiro momento é só para ouvir... estão só com a letra na mão, não sabem como é o ritmo, o tempo da música, na segunda vez

tem uns que já pegaram, porque tem uns que já tem o dom da música. Ver o ritmo, ver que tem um ritmo, que isso é a parte mais fácil pra eles. O ritmo, o cantar é o mais fácil...” (Prof. 08)

Práticas de ensino de música utilizando instrumentos musicais e práticas musicais de coral.

“Uso o teclado da escola. A gente já teve uma apresentação comigo tocando e eles cantando. Vou comprar agora a escaleta... a gente trabalha intensidade, timbre, já peguei alguns instrumentos como pandeiro, tamborzinhos diversos, instrumentos da fanfarra, a marimba, que tem uma marimba aqui. Então notar a diferença de som, a altura, a intensidade, os timbres, ritmo mais rápido e mais lento, a gente conta.”

“... cantar meninos, meninas, postura de coral, respiração, a intensidade da voz. Marcar tempo com a palma, com lugar certo para bater. É o foco ouvir, ouvir o colega, cantar, acompanhar, que é o que eu sinto que eles precisam, até para aprender a ouvir, aprender a respirar. Então é música pela música. A gente vai escolher algumas músicas para se apresentar no palco, coralzinho, postura de coral... o ouvir, o identificar, saber acompanhar, que cantar não é uma gritaria... se um parar para respirar não vai conseguir acompanhar, tem que respirar junto.” (Prof. 11)

Práticas de ensino de músicas do folclore e ensino de músicas clássicas.

“... eu trabalhei a música “Sabiá” e “Alecrim”... cantaram e apresentamos também para os outros alunos.”

“Estou buscando uma forma de apresentar para eles músicas clássicas. Aí eu expliquei para eles de que forma é... músicas de Mozart e de Chopin, tem que começar e ter paciência porque eles não estão habituados a ouvir música clássica.” (Prof. 13)

Práticas musicais de composição.

“A gente faz novas composições... eu quero que eles usem a criatividade, inovando no vocabulário... a gente faz esse trabalho com música.” (Prof. 30)

Prática musical de coral com Bossa Nova.

“Ler e Escrever” “do governo é sobre Bossa Nova. Estou feliz de ver as crianças cantarolando...” (Prof. 29)

Práticas musicais de percussão corporal.

“Eu venho utilizando é o barulho no próprio corpo: bater palma, bater bochecha, cocha...” (Prof. 24)

Práticas musicais de conhecimento dos instrumentos, de canto e ritmo em grupo.

“Eu levo na sala de aula imagens de instrumentos musicais, eu levo às vezes se eu tenho um instrumento pequeno que dá para carregar.” (...)

“Levo CD, eles ouvem, nós cantamos, trabalhamos em grupo, trabalhamos com ritmo.” (Prof. 23)

Aulas de música pouco voltadas à história da música. Práticas de música não convencional e a percepção dos sons ambientes.

“Vem na apostila uma pesquisa sobre a capoeira, sobre hip hop, sobre a música, mas não é assim pra você ficar explicando a história da música.”

“A música não convencional é aquela o aluno pode criar uma partitura, não como a pauta... cria um gráfico dele, por exemplo.”

“É a percepção da música no som ambiente, nos materiais diversificados... a partir disso ele pode criar uma paisagem sonora.” (Prof. 17)

O professor descreveu as práticas musicais de pesquisa de ritmos brasileiros para levar informação aos alunos.

“Eu decidi usar a música para estar levando informação através da cultura brasileira, a prática do maracatu e dentro disso eu peço pra eles fazerem uma pesquisa... a partir dessa pesquisa a gente fazer uma prática do maracatu... para eles saberem o que acontece no Brasil, a prática musical depois desse ritmo, desse assunto; levei um documentário sobre maracatu, mostravam quais os instrumentos que são tocados no maracatu, aí eles anotavam... quais os personagens que o maracatu envolve? Eu pedi para eles fazerem uma cartilha com a explicação do que era o maracatu para eles... me deu uma brecha para explicar bastante sobre a história do negro no Brasil. Eu procuro levar a informação que contém dentro da música, uma informação sobre um artista, sobre uma região, sobre um povo.” (Prof. 16)

A professora demonstrou uma preocupação dos conteúdos de acordo com o ano cursado. Falou ainda das práticas musicais com diferentes timbres e alturas, da percepção dos sons ambientes, e ainda de um projeto de canto coral que realizou em parceria.

“É preocupação em fazê-los vivenciar a prática da música, explorar materiais de acordo com o conteúdo de cada ano.”

“Construir o próprio instrumento, eles vão explorar materiais, por exemplo, de repente o metal não tem o mesmo som da madeira, perceber a sonoridade...”

“Fazer eles perceberem o ambiente né, os sons que estão em volta... eles começam a perceber também que a música e a sonoridade, ela não tem a ver só com o cantor né, mas está no espaço...”

“Eu fiz um trabalho com coro... um aluno de uma Universidade pública aqui da cidade me procurou pra fazer estágio, eu descobri que ele tinha

formação em música... um trabalho com os alunos de coro. Ele fez com as oitavas séries do fundamental.”

“Trabalhei com o sexto ano grave e agudo... eu já passei o que seria grave e o que seria agudo, demonstrei pra eles...” (Prof. 12)

Práticas musicais de interpretação das letras.

“Eles ouvem, a gente canta junto e eles fazem uma ilustração. Mais isso, para prestar mais atenção no ritmo, na interpretação que é o que eles têm que aprender.” (Prof. 10)

Práticas musicais de interpretação e compreensão da letra da música.

“Eu dou a música, leio a música para eles, depois eu faço uma roda de leitura com as crianças, que é cada um vai explicar o que entendeu da música, e a partir daí, depois que eles entenderam, é onde eu coloco a música. É assim que eu trabalho música com eles.” (Prof. 06)

Práticas de ensino de música.

“Vem a gente tentar uma questão rítmica, bater palma, bater palma de que forma, mais lento, mais rápido.” (Prof. 11)

Ensino de músicas clássicas.

“Dentro dessa leitura está falando sobre os músicos, então eu apresentei a música clássica, né, alguns músicos que a gente tem conhecimento e apresentou, e eles gostaram.” (Prof. 13)

O ensino de música através da confecção de instrumentos musicais.

“Uma apresentação que a gente vai fazer, um produto final, a gente trabalha para confeccionar um pandeiro, uma caixinha, um instrumento, e aí vai cantar lá na frente.” (Prof. 01)

A professora 10 falou das práticas de percepção dos sons ambientes, de ritmo em diferentes estilos, as práticas de canto e ainda as práticas musicais criadas por ela mesma.

“Eu gosto de perceber o som na natureza e ao redor deles.”

“Para eles perceberem que tipo de ritmo que tem, para eles escutarem diferentes tipos de músicas. As músicas que eles mais gostam, geralmente.”

“Eles aprendem a cantar, eu os deixo verem no livro e eles adoram “A Banda”, “Sítio do Pica-Pau”.

“Ou é baseada na letra da música ou é no ritmo, na musicalidade... o resto sou eu quem cria mesmo. Na Bienal de dois anos atrás, tinha um projeto que pegou cantores de rua e montou um repertório. Eu vou trazer para a sala de aula.” (Prof. 10)

Categoria 2: Conteúdo teórico nas aulas

O Estado forneceu, nas apostilas e num material extracurricular, conteúdo teórico a ser trabalhado pelos professores que, além disso, falaram das técnicas que utilizaram junto ao material.

A professora explicou que o Estado forneceu material teórico e audiovisual para o trabalho com música na sala de aula em que ela trabalhou variados estilos musicais.

“... com a parte teórica em música, que tem um material riquíssimo que o governo manda em música, eu me utilizo desse material teórico... recursos de audiovisual, DVD, para que eles assistam e ouçam as músicas..”

“A história da música, um pouco da história da música popular brasileira, o que é música clássica, a formação de uma orquestra, os instrumentos, as famílias dos instrumentos... tem vários DVDs, vários CDS que o governo fornece de acordo com que está pedindo na apostila...” (Prof. 14)

Como uma exceção à regra, esta professora descreveu sua preferência pelo ensino de teoria musical e do conteúdo em suas aulas.

“Eu adoro ensinar teoria, teoria musical. Pegar do começo, ensinar a ler pauta. Eu tenho um material montado que eu fiz, um material de música para criança.”

“De fazer mesmo notinhas, eu já fiz pentagrama com eles... um menino desenhou algo semelhante a uma clave de sol. A gente também trabalha conceitos para eles verem, conhecerem.” (Prof. 11)

As práticas de teoria musical seguidas de práticas com os alunos.

Toda teoria que eu dou eu faço a aula prática com coisas do dia a dia... eu dou primeiro a teoria, eles pesquisam e fazem o que eles sabem, eles praticam isso.” (Prof. 12)

Categoria 3: A vivência do professor e sua influência no ensino de música

Alguns poucos professores estudaram música em suas experiências pessoais e usaram esse conhecimento na sala de aula. Os que não tiveram essa experiência pessoal e na formação também foram influenciados pela referiram-se à insegurança de lecionar um conteúdo que não dominaram.

A professora 25 explicou que estudou música na infância, mas que não utilizou seus conhecimentos em sala de aula.

“Eu estudei piano há muito tempo... depois não dá tempo mais de tocar, e está lá... trabalhar trazendo o instrumento não.” (Prof. 25)

A professora 28 explicou que, por se sentir despreparada para dar aula de música, começou a buscar conhecimentos.

“Eu pegava as referências do final da apostila e pesquisava sobre determinado assunto... sentindo a falta de ter música na minha formação, eu me matriculei num curso de música, de musicalização.” (Prof. 28)

A experiência anterior com musicoterapia.

“Eu trabalhei numa Prefeitura que tinha musicalização. E tinha um período que tinha a Musicoterapeuta... a cada 15 dias tinha o encontro com ela.” (Prof. 9)

A professora 07 falou de suas vivências e sua influência no ensino de música.

“A apostila, ela é muito resumida... a gente acaba complementando com as experiências, com as ideias, com os projetos.” (Prof. 07)

A professora 29 afirmou gostar de música, teve experiência com instrumento, mas expressou uma insegurança.

*“Música combina com a alegria das crianças. Sempre trago um CD relacionado ao momento. A música não tem idade, ela é sempre atual e emocionante. Sou apaixonada em todos os tipos de música.”
“Ah, também toco violão, mas não trago para a escola, tenho vergonha, medo de alguém rir.” (Prof. 29)*

A vivência musical do professor e sua influência para ensinar.

“Fiz música na infância, e eu acho que o meu pensamento matemático melhorou muito. Seria muito bom você começar a formar pessoas que de repente vão ter o interesse de prosseguir no estudo de um instrumento... as pessoas gostam de ouvir, a gente se sente bem. Como a gente trabalha a gente vê que é importante isso. Acho que para a cabecinha da criança é muito bom. Para a minha foi muito bom.” (Prof. 11)

Classe de Categoria B: Ensino música como meio para outros conteúdos básicos ou como tema transversal

Apresenta-se a seguir uma classe que abrigou duas categorias que falaram sobre as práticas musicais que ajudaram o professor a abordar outros temas. Essa classe e a seguinte, dentro do tema das práticas nas aulas de música, foram as apresentadas pela grande maioria dos entrevistados. Predominando neles a lacuna de formação musical, restava-lhes, como

destacado nesta classe, o trabalho com a música como meio de ensino de outros conteúdos ou a forma de práticas culturais, folclóricas e populares.

Categoria 1: A utilização da música como meio de ensino de outros conteúdos

Nesta categoria os professores falaram da estratégia de utilização das músicas para trabalhar conteúdos que vão desde a alfabetização até outras disciplinas.

O trabalho com a música para ensinar letras e palavras.

“Pega as palavrinhas da música, trabalha lista de palavras, faz cartazes de palavras...”

“... a lista a gente trabalha mais palavras com aquela letra, trabalha mais aquelas palavras-chave...” (Prof. 25)

A professora 19 relatou a prática de utilizar a música como meio para alfabetizar.

“Eu utilizo muito as cantigas para alfabetizar...” (Prof. 19)

O Estado trouxe a proposta da utilização da música como recurso para ensinar outros conteúdos.

“... agora, a rede estadual trabalha com o “Ler e Escrever”, e o 3º ano traz um trabalho com música da MPB. E esse trabalho tenta trabalhar a questão da ortografia e pontuação com alunos já alfabetizados... É tudo mesmo voltado para o pedagógico. A gente utiliza isso para inserir na alfabetização. (Prof. 4)

A professora 05 falou sobre os benefícios do uso da música como meio para alfabetizar, e ainda que o assunto foi tema de seu trabalho de conclusão de curso.

“... isso vai levá-los à aprendizagem da leitura e da escrita. No nosso caso é mais focado na alfabetização mesmo, nas séries iniciais.” “... a minha monografia da Pedagogia, nós trabalhamos o tema: “A Importância da Música na Alfabetização nas Séries Iniciais”...” (Prof. 05)

A música como meio para trabalhar a oralidade.

“As músicas infantis, cantigas de rodas. Histórias, as historinhas da “Chapeuzinho Vermelho” e as outras histórias, a gente monta teatro. Ajudam na fala, mas é mais para oralidade.” (Prof. 10)

Experiência com fanfarra para trabalhar o emocional dos alunos.

“Tinha a classe de aceleração. Aqueles alunos com baixa autoestima, aqueles que são rejeitados mesmo e estão com defasagem de

aprendizagem... por coincidência eu fui lá no porão e tinha uns instrumentos lá. Pedi autorização para a diretora e aí começou. E tinha um menino, ele era rejeitado pelo pai, uma família de posses. E o filho era revoltado, ele era agitado, eu coloquei ele na fanfarra e foi acalmado, ele se sentiu importante, se sentiu parte do grupo. A classe de aceleração eram 20 alunos, então eu montei com a classe toda.” (Prof. 02)

Práticas musicais de valores humanos.

“Eu dei a música “Para Ser Feliz”. Eu falo para eles que as crianças ricas são as crianças inteligentes, capazes e sadias.” (Prof. 06)

A utilização da música como meio de ensino de outros conteúdos, sua integração com outras disciplinas e o trabalho interdisciplinar com os alunos.

“Eu trabalhei o ritmo do baião. Aí a professora de Português interpretou algumas letras do Luiz Gonzaga, e já a professora de geografia falou um pouquinho sobre o serrado, sobre o Nordeste.”

“Todo mundo respeita a gente, é um trabalho sério que a gente desenvolve aqui na escola e a equipe é muito boa, maleável... no geral a gente consegue um bom resultado, os meninos produzem, os meninos fazem.”

“A gente trabalhou o patrimônio de Ribeirão Preto. Aluguei um ônibus com os meninos, fomos visitar teatro, museus, fomos ver a biblioteca da cidade.”

“Ela faz parte da parte pedagógica, no desenvolvimento, no raciocínio lógico, ela tem todo esse perfil... essa pessoa que está vendo um show, que está conhecendo esse espaço cultural não vai depredar um prédio.” (Prof. 07)

Práticas musicais como meio para ensino de literatura e para ensino de gramática.

“Trago tudo isso para a literatura. Eu faço um comparativo da música com a literatura que a gente está vendo.”

“Eu faço uma adequação dos conteúdos. Vamos trabalhar substantivos. Quais os estilos de verbos nós temos lá?” (Prof. 30)

A música como meio para trabalhar a disciplina.

“Na verdade o meu intuito era fazer com que a classe criasse disciplina. Então eu achei que com os pequenos eu podia começar a trabalhar nisso para ver se eles cresciam um pouco mais focados.” (Prof. 27)

Segundo a professora 13, a música trouxe benefícios para o comportamento dos alunos, e seu trabalho foi desenvolvido em meio a outras disciplinas.

“Todas as aulas que eu tenho trabalhado com música são agradáveis, são aulas que os alunos participam muito e de forma bem receptiva, eles querem cantar, eles querem acompanhar, dependendo da música eles querem

acompanhar o ritmo com palmas. Às vezes que eles estão num momento meio exaltados, tipo indisciplinados, a música vem assim para trazer um pouco de tranquilidade.”

“O livro “O Limpador de Placas”, eu trabalhei com eles... dá para aproveitar, tipo um livro que eu trabalhei a música; ou trabalha a música interagindo com todas as disciplinas, ou trabalha um livro que trabalha a música de forma que interaja com todas as disciplinas.” (Prof. 13)

A música como parte da rotina da sala e como meio para alfabetização.

“Eles gostam das atividades com música, é uma atividade para eles tão banal, tão normal, sempre tem.”

“A gente canta é a do alfabeto, que é a “Suco Gelado”, que canta uma rima para recitar o alfabeto. A gente canta é a do alfabeto, que é a “Suco Gelado”, que canta uma rima para recitar o alfabeto. Nós trabalhamos a letra “o” com a música da borboleta... amanhã é baratinha, para introduzir a letra “b”... cada letra eu vou dando a música... é uma atividade da sala.” (Prof. 20)

A arte em conjunto com outras disciplinas.

“O aluno que gosta das linguagens artísticas, ele tem uma sensibilidade para qualquer coisa, para qualquer outra disciplina, principalmente na língua portuguesa. Eu falo que a arte não caminha sozinha.” (Prof. 17)

As práticas musicais ligadas às outras linguagens da arte.

“Quando eles são muito pequeninhos, a gente só canta e faz algum desenho do que eles entenderam da música... alguma atividade de expressão corporal, que nem de imitar o trem...” (Prof. 10)

Categoria 2: As práticas musicais dentro da Cultura Brasileira

Nesta categoria, grande parte dos professores falou do uso das músicas do folclore, da música para trabalhar o calendário cívico e as datas comemorativas.

A professora 25 explicou que trabalhou com as cantigas do folclore e que já teve a experiência de uma colega de trabalho levar o instrumento na sala para cantar com os seus alunos.

“As musiquinhas que eu trabalho, sabe aquelas musiquinhas tradicionais, cantigas de roda.”

“Tinha uma professora o ano passado que vinha com o violão... uma outra música que a gente estava trabalhando ela cantava com eles.” (Prof. 25)

A professora 21 explicou que a proposta do Estado trouxe o trabalho musical de acordo com o calendário cívico e com as canções do folclore.

“Nas datas comemorativas a gente ensaia, a gente põe a música, a gente seleciona, incentiva as crianças... pega uma música e direciona um tema, faz uma recriação.”

“Canta bastante cantigas, folclore, “Peixe vivo”, a gente canta bastante.”
(Prof. 21)

A professora 19 falou que trabalhou quase o tempo todo com músicas a partir das datas comemorativas.

“se está próximo de alguma data comemorativa, dia das mães, dia dos pais, a gente sempre trabalha mais com determinada música.” (Prof. 19)

A professora 03 trabalhou com as datas comemorativas e cantigas de roda.

“no Carnaval eu trabalhei agora com marchinhas... a gente também sempre trabalha uma musiquinha da páscoa... cantigas de roda, que vai fazer parte desse projeto. Festa junina a gente trabalha.” (Prof. 03)

O trabalho com as músicas do folclore.

“Eram aquelas musiquinhas... Os dedinhos, A dona Aranha... é da vivência infantil.” (Prof. 18)

Práticas musicais ligadas ao teatro, ao cinema e à criatividade, a partir de canções do folclore.

“... com o Fundamental, ciclo I, eu trabalho a música com jogos teatrais... são músicas junto com a coreografia, músicas que de repente eles têm que tirar uma palavra e continuar no ritmo... eu uso a música junto com essas práticas teatrais... eu uso mais a música com eles para fazer os jogos teatrais.”

“Eu trabalho a música no cinema, nos filmes... Então vamos ver que linguagem de Arte tem nesse filme! Tem música? Os bonequinhos cantam? A gente usa a música, aí a gente canta a musiquinha.”

“Eu uso aquelas músicas do meu tempo de escola... aquela música, não sei se você conhece aquela do “Meu Chapéu Tem Três Pontas”, e a gente vai substituindo as palavras, e isso é muito interessante fazer com a classe, eles gostam muito. E ao mesmo tempo eles vão aprendendo que tem um compasso, que tem um ritmo... eu tentei fazer por diversas vezes a brincadeira “Escravos de Jó”. E eles tiveram muita dificuldade de conseguir coordenar cantar, e levantar e passar as caixinhas.” (Prof. 27)

Práticas musicais de cantigas de roda.

“Eu trabalho através das cantigas de roda, eu trago o CD e eles sabem cantar “O sapo não lava o pé”, “a barata”, “a aranha” (Prof. 26)

Classe de Categoria C: Ensino de música como atividade complementar

Apresentam-se duas categorias agrupadas nesta classe que abordaram a utilização da música como atividade que ampliou o universo cultural dos alunos que é frequentemente influenciado pela mídia. Como antecipado, essa foi uma das classes que caracterizou a maioria dos relatos dos entrevistados no presente tema, provavelmente em função de suas lacunas de formação musical. As duas categorias dessa classe se referem ao tema muito recorrente nas falas dos professores a respeito da influência da mídia na apreciação musical dos alunos. Na primeira delas, são apresentadas as falas críticas no sentido dessa influência midiática e na segunda as iniciativas no sentido de ampliar o conhecimento musical dos alunos para além dessas influências.

Categoria 1: A influência da mídia na escola

Nesta categoria os professores falaram das músicas comerciais, da influência no gosto musical dos alunos e da resistência enfrentada para ouvir estilos variados.

A professora 14 fez uma crítica à música contemporânea, como sendo de uso apenas comercial, de momento.

“música hoje, eu falo que hoje tem muita música que é comercial...” “O compositor, tem aquele que é influenciado pelo meio que ele vive...” (Prof. 14)

A professora 19 falou que é muito comum os alunos trazerem para a sala de aula as músicas que a mídia lançou.

“... normalmente são mais músicas tradicionais, mas às vezes a gente ouve algumas outras também que está aí na mídia... eles cantam essas músicas aí que a mídia está trazendo e que eles estão por dentro.” (Prof. 19)

A professora 21 falou que os alunos trouxeram para escola as músicas da televisão e rádio.

“quando está na época de uma novela, um filme assim, as próprias crianças já te levam a ouvir aquela música.” (Prof. 21)

A professora 05 falou da preocupação com o conteúdo das músicas que trouxe para a sala de aula.

“Eu procuro primeiro pela letra, uma letra que seja adequada para eles e que eu possa utilizar na minha aula de alguma forma.” (Prof. 05)

A professora 15 considerou as vivências dos alunos para desenvolver suas práticas.

“Eu trabalho muito com materiais do cotidiano deles... eles fizeram vários tipos de instrumentos.” (Prof. 15)

A professora 04 se preocupou em trabalhar a partir de músicas conhecidas pelos alunos.

“Se você vai trabalhar o tempo de memória e escrita, geralmente eu trago a música que eu sei que eles conhecem.” (Prof. 04)

A professora 28 falou da influência da informática para os alunos, e que procurou trabalhar a partir do que eles trouxeram.

“Os jovens de hoje vivem sob a influência do mundo da informática e do mundo da música. Através do que eles me traziam puxava determinado assunto.” (Prof. 28)

A professora 27 falou do preconceito dos alunos com outros estilos musicais.

“Na música é uma dificuldade você fazer eles escutarem o que não seja o que eles gostam, e 99% é Funk hoje entre os alunos... eles são super preconceituosos com o que é novo, com o que é fora do mundo deles.” (Prof. 27)

A professora 07 falou da influência da mídia na escola.

“Eu encontro meus alunos em estado vegetativo musicalmente. Escutam somente o que a mídia lhes impõe.” (Prof. 07)

A professora 08 utilizou a música que fez sucesso na mídia para apresentação na escola.

“E por que eu escolhi esta música? Porque eles já tinham uma familiaridade com ela, e foi um tempo curto que a gente tinha para ensinar, e aí nós cantamos.” (Prof. 08)

A falta de interesse dos alunos com a música que não conhecem.

“Eu tive uma experiência muito desastrosa. Fui trabalhar com as oitavas séries. E o tema era “Água”. E a música escolhida na apostila do governo é “Águas de Março”. Eles não tiveram interesse nenhum. Não tiveram paciência de escutar a música até o final, uma letra longa.” (Prof. 27)

Categoria 2: Apreciação musical para ampliar o universo cultural dos alunos

A apreciação musical aconteceu na sala de aula através de audições de estilos musicais variados e de apresentações de alunos que tocaram instrumentos.

A professora 14 convidou os alunos que tocaram algum instrumento para mostrar na sala de aula.

“Sempre tem um aluno que toca algum instrumento musical...” (Prof. 14)

A professora 05 explicou que não trabalhou só com músicas infantis e que gostou de apresentar estilos variados aos alunos.

“eu gosto de trazer músicas de vários tipos porque eu acho que isso também é uma questão cultural... É cultura, eu acho que é social, faz as crianças se tornarem mais cultas.” (Prof. 05)

Práticas de apreciação musical para ampliação do universo cultural dos alunos.

“Através de muito diálogo textos e escuta musical tento acrescentar um novo panorama musical... tenho muita dificuldade com que eles percebam, por exemplo, a diferença entre a música raiz e a sertaneja comercial. Aos poucos começo a encontrar meus alunos em show de MPB, concertos, etc.”
“A gente começa a dar um pontinho aí ele começa a ter que anotar no caderno o que ele achou, a opinião dele, aí a gente já vai trabalhando essa ideia, esse amadurecimento.” (Prof. 07)

Segundo a professora 13, acontecimentos culturais e práticas de apreciação musical ajudaram a ampliar o universo cultural dos alunos.

“Eu dei expliquei e coloquei uma música de fundo, e eles gostam... na programação da prefeitura teve apresentação no parque... eu convidei os alunos para assistir... é quase que desconhecido para eles a música clássica, músicas folclóricas. Eu vou buscando alguns motivos, e sempre há né, uma razão para trabalhar com música.” (Prof. 13)

A professora 30 utilizou a música como meio para ampliação do universo cultural dos alunos.

“A gente faz um paralelo entre a cultura da época, trabalho esse envolvimento de cultura dentro da música. Para cada época nós temos uma variante cultural...” (Prof. 30)

3.1.4 Tema IV: Interação professor-aluno nas minhas aulas

Serão apresentadas a seguir as falas dos professores que originaram as cinco categorias resultantes do tema IV que foram agrupadas em duas classes.

Classe de Categoria A: A interação professor-aluno mediada pela música

Esta classe incluiu três categorias que falaram sobre a interação professor-aluno dentro das práticas musicais. Na primeira delas, os entrevistados relatam seus esforços no sentido de construir uma interação com o aluno que seja facilitadora da realização das atividades em sala de aula. Neste mesmo sentido, mas especificando mais em relação à troca de conhecimento sobre música entre professor e alunos, foi composta a segunda categoria. Na terceira categoria, os professores relatam que se utilizam da música como uma forma de obter uma melhor interação com os alunos.

Categoria 1: Práticas de construção de vínculo professor-aluno

Em geral, os professores relataram algumas formas de busca de interação, dentre elas aproveitando os conhecimentos que seus alunos trouxeram como forma de aproximação com os alunos.

A interação mais ativa das crianças em sala de aula.

“Elas usam o raciocínio com mais facilidade. Porque antes a gente passava coisas que eram muita metodologia. Português, elas têm respostas que a gente tem que levar em consideração, que não é só aquilo.” (Prof. 01)

A professora 07 disse que encontrou dificuldade na formação de vínculo e que utilizou atividades recreativas extraclasse na busca de melhoria do vínculo professor-aluno.

“Eu sinto que a dificuldade tem aumentado no sentido de me relacionar com esse meu aluno.”

“Faço rodinhas, vamos aos concertos nos domingos, vamos ao cinema... a gente tem até um relacionamento legal, tem alunos que eu percebo que ficam pra sempre mesmo.” (Prof. 07)

As regras dentro da sala de aula facilitaram a interação.

“Dentro das minhas aulas a gente procura desde o começo estabelecer regras.” (Prof. 21)

A professora 27 disse que utilizou diferentes estratégias de ensino e buscou trazer assuntos interessantes aos alunos.

“Eu quero trabalhar um determinado assunto, eu estou trabalhando, falando de arte visual com silhuetas, um desenho faz o maior sucesso e o outro não, e é do mesmo assunto. Você vai apresentar uma música que você acha que eles vão gostar porque a letra é interessante e instigante, e não faz sucesso entendeu. E aí você tem que mudar, tem que procurar outra entendeu. Não deu certo, não vai dar discussão, vamos procurar outro caminho.”

“Não dá certo, eu tiro, e na próxima aula já venho com outra estratégia. Porque a estratégia varia de classe para classe.” (Prof. 27)

Segundo a professora 23, utilizou a criação de vínculo para sondar os conhecimentos dos alunos, mas estabelecendo limites nessa amizade. Existiu uma boa relação dos alunos com a disciplina de arte, e a aproximação com os alunos aconteceu também a partir das descobertas.

“No primeiro contato que eu tenho com o aluno no início do ano, a relação que existe é de amizade para que eu possa fazer uma sondagem, para eu saber o que ele vai trazer de conhecimento.”

“Por mais amizade que a gente tenha eles conseguem saber o limite, até onde pode ir com essa amizade, que tem existir.”

“Eu sinto que eles gostam da matéria de Arte, eu faço um trabalho intermediário com eles de primeiro a conquista... e depois eles começam a construir... a área de Arte é bem aceita em qualquer nível.”

“Ele vai começar a descobrir o que ele é capaz de fazer, as coisas novas que ele vai conhecer, o que ele consegue montar, como ele consegue trabalhar em grupo, mostrar o potencial dele.”

“A matéria de Arte cria uma relação muito legal entre professor e aluno, e aluno com aluno.” (Prof. 23)

O diálogo como forma de criação de vínculo.

“Eu sou muito amiga dos meus alunos. Eles conversam bastante comigo e eu converso bastante com eles... eu tento ter uma dinâmica grande com eles em sala.” (Prof. 20)

O vínculo a partir das produções dos alunos.

“Os alunos a maioria interage, porque o professor de arte está ali para elogiar, para valorizar o que ele criou... a gente tem aluno maravilhoso, que a gente vê uma apostila maravilhosa, é aquele processo criativo bem feito.” (Prof. 17)

O professor 16 falou sobre o vínculo a partir da busca por conhecer e entender a realidade dos alunos. Disse ainda que as atividades extraclasse foram uma forma de conhecer melhor os alunos e que ajudaram na interação.

“Eu falei de realidade, por ser um professor novo ainda, eu consigo entender melhor a realidade daquelas crianças, os anseios que eles têm, entender essa geração um pouco melhor quando você está mais próximo.”

“Eu procuro conversar bastante, acho muito importante é conhecer a realidade do aluno, e através dessa realidade saber como abordar ele melhor.”

“As atividades extrassala, as pessoas se mostram mais... projetos para que as crianças e jovens estejam levando pra escola aquilo que eles fazem bem. De ter não só um dia no ano onde os pais possam participar.”

“Nas minhas aulas, que são de Arte, eu descobri quem sabe desenhar legal, quem gosta de dançar, que faz dança fora dali... é uma forma também de eu estar conhecendo eles um pouquinho. Eu peço para eles um trabalho um jornal onde eles vão ter que falar da realidade que eles estão vivendo ali no bairro. Na hora do recreio que eu encosto para comer com um, para conversar com outro... eu fiz um teatro com eles e, teve um menino que levou iluminação, num contato rápido e simples que eu tive com esse pai, já deu para perceber muito mais da realidade dele do que o ano todo que eu fiquei em sala de aula... e conhecendo isso eu poderia estar explorando muito mais.” (Prof. 16)

Existiu um interesse da professora 10 em conhecer a história pessoal do aluno. Ela disse que esse vínculo com os alunos também se deu a partir das dramatizações.

“Eu vou conversando e perguntando como é a casa deles para conhecer direitinho com quem que mora. Eu quero saber o laço afetivo dentro de casa como funciona.”

“Eu conto histórias para eles de livrinhos, e pergunto a eles se conhecem alguma história parecida, se querem contar alguma história para a classe. E as apresentações nas aulas de música, às vezes a gente faz uns bonequinhos para fazer teatro.” (Prof. 10)

Categoria 2: A troca de conhecimento entre professor e aluno

A troca de conhecimentos foi uma das formas de interação citada pelos professores que se tornaram os mediadores do conhecimento.

A professora 19 explicou a importância de ouvir os alunos, e que ela aprendeu muitas coisas com eles.

“Existe uma troca, muitas vezes uma troca de saberes, eu ouço muito o que eles falam, eles me ouvem...” (Prof. 19)

A professora 15 relatou a troca de saberes entre professor e aluno.

“... a relação que eu vejo é de aprender versus aprender, porque o que eu tento levar para sala de aula, eu tento levar algo novo e diferente.” (Prof. 15)

A professora 25 relatou sua interação positiva com os alunos.

“Quando eles vão para os outros anos, nas primeiras semanas eu vou lá dar uma olhadinha para ver como está. Eles ficam na expectativa, a hora que vai dar eles ficam todos alvoroçados, então é uma das coisas mais gostosas de poder fazer. Eles me ensinaram uma que eu não sabia da borboletona tá no fogão, um monte de coisa que eu não conhecia...” (Prof. 25)

A professora 03 se sentiu mediadora na interação entre o aluno e o conhecimento.

“É o diálogo mesmo entre o professor e o aluno, e entre o aluno e o professor. E as crianças vão finalizando algumas coisas, o que está legal e o que não está...”
“O professor fica entre o sujeito e o objeto, então o professor como mediador, ele vai fazer com que essa interação aconteça.” (Prof. 03)

A professora 05 reconheceu seu papel enquanto mediadora da interação entre o aluno e o conhecimento.

“... uma professora tem que ser a mediadora mesmo, ela não pode ser um ser separado.” (Prof. 05)

Práticas musicais que visaram ao interesse do aluno.

“Logo na audição eu já vejo se a coisa vai dar certo ou não. E eles falam assim, tudo assim: ‘ah, isso é antigo, isso é coisa velha’, às vezes a gente começa a conversar... e eles dão continuidade, aí eles começam: ‘ah, então é isso!’ Aí eu tenho abertura para colocar uma outra Bossa Nova. Se a classe não gostar mesmo, não fizerem nada, não dá retorno, se não dá você vai ficar falando sozinha?” (Prof. 27)

O diálogo como forma de aproximação dos alunos.

“Eu me achego a eles... ser amigo é importante para você conseguir caminhar. Com uma boa conversa, com o tempo você consegue trazer ele para as suas aulas.” (Prof. 26)

A professora 23 falou da troca de conhecimento entre professor e aluno.

“Esse meio que existe entre eu e o aluno é uma troca... é uma interação entre nós dois.” (Prof. 23)

Sobre a relação de troca entre professor e aluno.

“É mútua... eu aprendo também com eles, minhas aulas são muito assim, de conversar, eu passo um pouquinho só de conteúdo, pra explorar mais esse lado de reflexão.” (Prof. 12)

O processo criativo a partir da troca de conhecimento entre professor e aluno.

“Os conhecimentos prévios, porque a partir daí, o professor pergunta e aprende com o aluno também, e depois que o aluno entende, aí vem o processo criativo às vezes eles se reúnem em grupo para criar, imaginar, como que eles vão mostrar.” (Prof. 17)

Categoria 3: Benefícios da música para a interação professor-aluno

A música entrou como uma estratégia que pareceu ajudar na aproximação e na participação do aluno na escola.

A professora 28 mostrou a preocupação com um método de ensino que promovesse a atenção e a interação dos alunos para aprender música.

“... é bem diferente de você chegar e dizer “olha hoje nós vamos ouvir...” e já chegar impondo... em todas eu conseguia trabalhar, fazer com que eles ouvissem... conseguir despertá-los para diferentes caminhos da música, da audição.” (Prof. 28)

A professora 15 procurou trazer propostas de interações dinâmicas para instigar a participação dos alunos.

“... na parte de música eu também sempre tento colocar uma dinâmica, que não seja uma coisa parada que eles vão sentar e ouvir musiquinha... eu tento fazer das minhas aulas uma coisa mais dinâmica, mais para cima para chamar mais a atenção deles pra isso.” (Prof. 15)

A professora 25 procurou práticas musicais que favorecessem a participação e o aprendizado dos alunos.

“Eu sento junto na carteira, pego na mão, passo lição para estudar em casa... eu levo o rádio para escutarmos as musiquinhas. A gente sempre trabalha com músicas bem conhecidas... eu procuro trabalhar nessa coisa bem da cabecinha deles... Ontem nós cantamos a manhã inteira...” (Prof. 25)

A professora 03 procurou práticas prazerosas para promover a dedicação do aluno como forma de interação.

*“... eu acho que essa interação acontece de acordo com as aulas. Se é uma aula legal tem essa interação... eles interagindo, aí você tem mais vontade de interagir com eles porque você está tendo um retorno muito gostoso.”
“O fato de você dar uma aula legal, gostosa, que as crianças curtem, eles vão querer voltar.” (Prof. 03)*

A professora 22 colocou que usa a experimentação para interagir com diferentes turmas.

“Eu acho que é a experimentação. Coloca aquilo que você aprendeu da parte teórica, vê o que funciona, o que pode ser adaptado... Tem várias formas de aprender, então eu acho que essa interação tem que ser uma experiência para os dois lados... tem que ser uma coisa legal, mas ao mesmo tempo ele também vai aprender um pouco do conhecimento. (Prof. 22)

O aumento da participação dos alunos com a música.

“Eu trago um tema que nós vamos trabalhar relacionado a certa música, as crianças gostam muito, a participação deles é bem maior nesse sentido. Eles colaboram cantando, participando.” (Prof. 18)

A professora 12 descreveu a aproximação com a arte, a partir do trabalho com a música e o estímulo à reflexão dos alunos.

“Mais próximo do professor com o aluno, e da arte mesmo, tornando mais sensível... como chegar você no rock, eles curtiram bastante eu senti, eu estou esperando bons trabalhos.”

“Qualquer trabalho que eu dou eu peço a parte da opinião, pode ser até um desenho assim, eu faço com que eles pensem a respeito, com que eles reflitam o que estão fazendo.” (Prof. 12)

Segundo a professora 09, surgiram um interesse e um prazer maior dos alunos com a música, aumentando a criatividade dos alunos com atividades musicais. E disse ainda que o aumento na participação da sala influenciou a criatividade do professor.

“Eles se interessam bastante quando eu apresento uma nova cantiga... há um grande interesse na participação... na fila eles já entram cantando a cantiga... eu vejo que eles têm interesse mesmo.”

“Vem junto com o prazer de trabalhar o tema, você vê o retorno rapidinho, você sente, a sala está feliz... você quer produzir mais, e no outro dia, na outra semana você já está preparando outra.”

“Esse prazer é nítido, a gente percebe no rostinho, a participação no cantar, no bater palma, no ritmo deles. A gente percebe até na hora da produção, na interpretação. Criança que quase não usa cor sente um prazer, quer trocar com um amiguinho.”

“Quando eu trago a proposta eu tenho visto a criatividade das crianças também aumentando, quando eles ainda não sabem escrever, que eles interpretam através de um desenho e muda muito, eles se soltam mais, se arriscam mais.” (Prof. 09)

Classe de Categoria B: a influência da tecnologia na interação professor-aluno

Esta classe incluiu duas categorias e abordou o tema da presença da tecnologia e suas influências dentro da escola. Na primeira categoria, os depoimentos são no sentido de se

utilizar do universo musical do aluno, influenciado pela mídia, como meio para se conquistar uma interação mais favorável em sala de aula. A segunda categoria também se refere a esse uso do universo musical do aluno, mas com a diferença que agora os professores defendem a importância de tomar em consideração a música que o aluno aprecia, para se poder conquistar uma relação favorável.

Categoria 1: A influência da mídia no universo musical do aluno

O trabalho de alguns professores partiu das músicas do universo dos alunos. Grande parte dessas músicas surgiu por influência da mídia.

A professora 19 falou sobre a interação dos alunos com a música da mídia.

“... eles cantam a música que eles trazem de casa mesmo, aquela música da mídia que eles estão acostumados.” (Prof. 19)

A professora 15 relatou as influências da mídia na escola e a busca pela interação com outros estilos musicais.

“... eles só escutam Funk, Rap, Pagode, essas coisas. Então na hora que ela me falou Roberto Carlos eu falei: “meu Deus, que mudança drástica!”. Porque é um gênero muito diferente do que eles estão acostumados, mas eu fiquei pensando: “o que a mídia não faz! Tudo que está fazendo sucesso... eu acho que influencia demais, demais. Eu tento levar para eles dentro da sala de aula é essa coisa diferente daquilo do convívio deles.” (Prof. 15)

A professora 04 interagiu com os alunos através de músicas que eles já conheceram.

“A gente costuma trazer assim mais músicas que eles já conheçam, então eles acabam aceitando bem.” (Prof. 04)

A professora 28 relatou que o repertório musical e o gosto dos alunos se tornaram limitados pela influência da mídia, prejudicando a interação.

“... o mundo é muito limitado, não tem acesso à cultura e só houve rádio, o que tá na mídia... é uma forma da gente ampliar não só a audição, a forma de ouvir, mas também o repertório. Eu acho que a batida é muito atraente, essa música tecnológica... e acaba influenciando mesmo, influenciando muito.” (Prof. 28)

Sobre a influência da mídia no universo musical do aluno.

“Bagagem cultural essas crianças não têm, mesmo com televisão ligada, com computador em casa, porque muitos têm e muitos sabem o que é

internet, sabem jogar videogame, sabem os nomes dos jogos, personagens dos jogos, mas essa cultura mais básica eles não têm. Conto de fadas, a maioria não conhecia a “Chapeuzinho Vermelho”, “Alice no País das Maravilhas” (Prof. 11)

Sobre a influência da mídia na escola e a falta de interação dos alunos com diferentes estilos musicais.

“Os alunos, a primeira reação deles é não gostar do que não conhece. Então logo de cara tem uma barreira... por mais que você instigue... é muito difícil, hoje eles têm foco muito nas coisas deles. Você vai falar de uma música, se você puder associar a uma música que eles estão cantando, fazer alguma comparação... eles não estão abertos.”
“A música que aparece, que está tocando, que aparece em tema de uma novela, é mais fácil trabalhar.” (Prof. 27)

A professora 26 disse que existe uma influência da mídia no gosto musical dos alunos e que eles apresentaram uma resistência diante de práticas de diferentes estilos musicais.

“Até mesmo as crianças, ouvir um Beethoven não é interessante... mesmo que você queira mesclar, mostrar, mesmo o pop, o rock, você encontra uma certa resistência por causa dessa modalidade de música que eles chamam de música... Se toca aquela música na novela, aí eles passam a ter conhecimento, aí é interessante. Mas se você vir diretamente com aquele material a recepção já não é boa.” (Prof. 26)

Sobre a influência do *funk* na sala de aula.

“Eu pedi pra eles que me apresentassem um funk que não tivesse palavrão... não era pra dançar, que a gente ia cantar e usar o corpo como barulho, a gente ia descobrir instrumentos com o nosso corpo. Você percebia que era tudo muito agressivo, aí virou bagunça... pra ver o limite do professor.” (Prof. 24)

A professora 18 falou da influência da mídia no gosto musical dos alunos e viu uma facilidade por essa influência estimular o aprendizado.

“Olha, tem criança que gosta de Hap, acho que porque no meio deles tem muito hap. Tem música infantil, música da Xuxa, as músicas que eles ouvem na televisão, músicas que eles ouvem na rua... música que foi tema da novela que até já terminou... “Garota de Ipanema”, nossa, eles amaram cantar, porque viu na televisão.”
“Eu acho assim positiva no modo deles quererem cantar, aprenderem. E aqueles que não sabem ler vão aprendendo a ler. Então eu acredito que nesse ponto é positivo, a música estimula a leitura e a escrita.” (Prof. 18)

Categoria 2: A ação da mídia na busca da interação

Os professores relataram a preocupação em trazer conteúdos musicais que vão de acordo com a realidade vivida pelo aluno.

A professora 28 falou que é necessário valorizar o gosto midiático dos alunos na tentativa de promover a interação com novos estilos.

“A partir do momento que você vê o lado positivo do gênero que eles gostam e curtem, eles começam a ver, a ampliar, a estar mais atentos àquilo que a gente coloca, àquilo que a gente tá propondo na sala de aula... eles sentem essa valorização da cultura deles e depois eles trocam com a gente.” (Prof. 28)

A professora 13 desenvolveu atividades a partir das vivências dos alunos.

“Eles trazem conteúdos que já fazem parte da vida deles. Eles participam bastante, e aí é o que eles têm de conhecimento... se você trabalhar matemática, eles têm maior facilidade. Eles manuseiam dinheiro, vão ao supermercado com a mãe, ou vão sozinhos para a mãe. Aí eles conseguem se sair melhor. Interação todos participam. O que tem de vivência, de bagagem é diferente da outra comunidade.” (Prof. 13)

Os temas das aulas desenvolvidos a partir do conteúdo que o aluno trouxe e o uso da música no contexto das interações na vida cotidiana.

“A interação acontece o tempo todo. Hoje em dia você tenta tirar da criança a informação que ela tem e a partir daí é que você começa a desenvolver aquele tema. Você colhe do mundo dele e depois você passa essa informação... trazem de casa, da vivência deles. O tempo todo eles estão trazendo. A partir do que eles fazem é que a gente vai montando o que a gente faz.”

“Eles adoram a música, a parlenda. Porque já está dentro do mundinho deles. Fica mais fácil a gente trabalhar... ele chega mais com essa musiquinha no sentido de cantar, divertir, de brincar.” (Prof. 1)

Sobre o conhecimento musical dos alunos a partir do mundo cotidiano.

“Trazem um conhecimento diante do que eles vivem, a música que eles ouvem.” (Prof. 26)

O trabalho com música e a interação a partir do conteúdo que o aluno trouxe.

“Eles falam “eu gosto de tal música”, então a gente trabalha relacionado à música que eles trazem.”

“Geralmente eles participam e aí cada um quer mostrar uma também, né, cada um quer cantar uma e mostrar que também sabe músicas diferentes.” (Prof. 18)

O interesse pela música que mostrou a realidade dos alunos.

“Eu tenho uma classe que tem bastante dificuldade. E eu comecei a passar, esse bimestre, música pra eles, música de protesto ressaltando essa crise social, e acho que bateu com essa realidade deles e daí eu consegui. É também pela realidade, pelo mundo que eles vivem... esse conteúdo música de protesto permitiu eles se expressarem um pouco mais, falarem um pouco mais... esse conteúdo e até o trabalho que eu dei para eles fazerem extraclasse que era pegar a letra de uma música, explorar o período que foi escrito. Eles se interessaram muito mais do que outros trabalhos que eu passei... com a música de protesto eu consegui atingir boa parte... o bom é eles sentirem também que eu não sou tão distante, eu entendo o mundo deles e pela música eu vi que eu consegui atingi-los.” (Prof. 12)

3.1.5 Tema V: Facilidades e dificuldades no ensino de música

Serão apresentados os trechos das falas dos professores que geraram as categorias resultantes da análise dos dados sobre as facilidades e dificuldades no ensino de música. Observou-se um total de oito categorias que foram agrupadas em quatro classes.

Classe de Categoria A: O trabalho dos professores com música a partir da formação e experiências anteriores

Esta classe agrupou duas categorias que apontaram facilidades e dificuldades que os professores encontraram para desenvolver um trabalho com música, levando em conta sua formação e suas experiências.

Categoria 1: Facilidades para trabalhar com a música devido à formação e experiência anterior

Apresentam-se a seguir trechos das falas dos professores que tiveram experiência e/ou formação em música e a utilizaram na escola.

A professora 07 falou da sua experiência anterior como professora de música que foi mediada pela mudança na grade e de sua experiência em preparo de concursos para professores de música. Disse ainda da facilidade para trabalhar com a música devido à formação e experiência anterior.

“Comecei aqui mesmo nesta escola como professora de música e recentemente sou professora de Arte.”

“Eu preparo alguns concursos para professores de música da região, eu faço a prova, as cidades vizinhas todas já têm professor de música, tanto municipais como particulares.”

“Eu sempre trabalhei música, então pra mim é tranquilo... Eu acredito que eu não tenha dificuldade porque eu tenho um pouquinho dessa habilidade também.” (Prof. 07)

Sobre experiência anterior com práticas musicais de MPB.

“O ano passado eu desenvolvi um projeto com os alunos a respeito da música, cantando e aprendendo em sala de aula com o tema “MPB de ontem, hoje e sempre”. Nós trabalhamos o “Carinhoso” de Pixinguinha e João de Barro, “As Rosas não Falam” de Cartola, “Garota de Ipanema” de Tom Jobim e Vinicius de Moraes e “Sítio do Pica-Pau Amarelo” de Gilberto Gil. (Prof. 18)

A experiência de formação em música.

“Tive experiências de bandas... estudei música especificamente para prestar uma faculdade. O meu foco era ser músico...” (Prof. 16)

Facilidades para trabalhar com a música devido à formação e experiência anterior.

“Por mim especificamente por ter feito o curso... a gente tem um acervo muito grande de música para trabalhar... se você tiver gosto pela música, se você gostar de ouvir, gostar de trabalhar, gostar de transmitir aquilo que você gosta.” (Prof. 11)

A facilidade da experiência em trabalhar com crianças.

“As crianças ainda acreditam em nós e nos ouvem. Se você tiver uma proposta boa, eles respeitam.” (Prof. 29)

Facilidade em ensinar música na escola.

“É fácil, eu acho que quando a gente gosta é fácil sim. Depende muito do professor, ele querendo, é fácil e a criança gosta.” (Prof. 18)

Categoria 2: Dificuldades para trabalhar com a música devido à formação e experiência anterior

Sem formação para tal os professores falaram de suas dificuldades de trabalhar com música. Aqueles que tiveram experiência também enfrentaram algumas dificuldades.

A professora 04 relatou a dificuldade em saber trabalhar com a música devido à falta de formação.

“A dificuldade eu acho que é porque a gente não é formado especificamente em música... a gente não sabe se está certo ou se está errado...” (Prof. 04)

A professora 25 disse ter uma grande dificuldade com o canto.

“... eu não sou muito boa para cantar, desafinação total...” (Prof. 25)

A professora 14 relatou que sua maior dificuldade está na afinação.

“Eu sou totalmente desafinada, então, não canto e não toco. A minha dificuldade está aí.” (Prof. 14)

A professora 28 revelou que se sentiu insegura e teve dificuldade em trabalhar com música sem formação específica.

“Eu não acho fácil trabalhar com música não sendo músico... a formação não dá segurança de trabalhar efetivamente com música em sala de aula.” (Prof. 28)

A professora 21 relatou a falta de formação suficiente para ensinar música.

*“A gente deveria ter uns cursos de vez em quando, porque a gente não sabe trabalhar com isso.”
“Quando eu estudava tinha música na escola... tinha os desenhos, a clave de sol, tudo aquilo lá, eu preciso relembrar.” (Prof. 21)*

Mesmo sendo graduado em música, o professor 16 relatou uma falta de preparação pedagógica durante o curso e disse que precisa de formação para ser professor de arte em geral e não de música apenas.

*“Entrando na faculdade eu vi um outro caminho se abrindo que era de dar em escolas. Só que minha formação não foi completa, ela teve falhas para formar para a realidade da sala de aula... eu vi que é muito complexo. Então para o professor ali dentro, lidar com uma questão extramúsica.”
“Eu até sabia que podia dar aula, mas na minha cabeça especificamente de música, com infraestrutura para isso. Eu fui englobado dentro desse conceito de arte.” (Prof. 16)*

A professora 07 falou da dificuldade em trabalhar com música para seus colegas professores sem formação musical.

“A minha colega de arte, da disciplina né, fica meio perdida quando tem que trabalhar música, a parte de música exige um profissional específico pra isso.” (Prof. 07)

Sobre a ausência da música no Ensino Fundamental por insegurança do professor.

“De 5ª a 8ª séries eu não trabalho com música, porque eu simplesmente não me sinto em condições de trabalhar, eu não vou me sujeitar a fazer isso porque vai dar errado. Com eles você tem que dominar muito para poder ir pela tangente... trabalho mais com artes visuais mesmo, um pouco de teatro.” (Prof. 27)

A dificuldade do professor em dominar todas as linguagens da arte.

“Acho que é difícil você achar um profissional de artes que conheça todas as áreas, que domine todas as áreas... As Artes têm todo esse campo amplo, e é difícil existir um profissional que domine tudo.” (Prof. 12)

Existe uma dificuldade em desenvolver diferentes propostas de práticas musicais pela falta de técnica musical, disse a professora 24.

“Eu tento levar uma proposta, no começo eles escutam, mas com falta de interesse. Logo vira uma brincadeira e não existe uma participação, já cai no Funk.”

“Eu acho que eu não estou sabendo lidar mesmo, eu estou achando que está faltando técnica pra mim, de como chegar lá e falar... eu não estou sabendo me posicionar diante da música.” (Prof. 24)

É preciso a presença de um professor especialista na escola, disse a professora 01 a respeito de suas dificuldades para trabalhar com a música.

“Eu tenho que colher da música para poder ensiná-los. Seria muito bom se a gente tivesse um professor de música que cantasse, que tivesse um instrumento, que a escola tivesse um instrumento, sabe assim, que pudesse ajudar o professor da sala a lidar com esse tipo de coisa. A gente trabalha a música, canta, mas a gente não é especialista em passar uma nota.” (Prof. 01)

A professora 27 falou da dificuldade pela falta de formação em música e da necessidade de professores especialistas.

“A dificuldade é a formação do professor, eu tenho plena consciência, por isso é que eu só vou no meu limite. Eu tenho lá como criar os instrumentos, mas e depois para mim harmonizar, criar o ritmo? Eu não tenho essa técnica. Ensinar a musiquinha é uma coisa, o coral é outra... eu não sei como ensaiar criança na divisão de vozes... uma grande dificuldade na verdade no ensino de música é a formação do professor.”

“O meu sonho de consumo era ter uma parceria que tivesse uma professora de música, uma teatro, ou uma de música e dança, de artes visuais. Que tivesse professoras de diversas matérias que pudessem trabalhar juntas, eu tenho uma dificuldade enorme por não ser músico, não é a minha área... deveria fazer um

coral com as crianças. Essa coisa de você falar: “dá uma passada na dança, dá uma passada nas linguagens!”. Eu acho errado, eu tinha aula de música quando eu entrei no antigo ginásio. Eu sou totalmente a favor de terem professores especializados nas quatro linguagens.” (Prof. 27)

A dificuldade pela falta de formação continuada em expressão corporal, disse o professor 16.

“Uma dificuldade... se eu tivesse um curso de expressão corporal, que não precisasse usar instrumento nenhum, teria um trabalho bastante legal com esses alunos em sala de aula, eu acho que é uma dificuldade minha, uma saída seria a percussão corporal para a música na escola, e eu não tenho essa sabedoria.” (Prof. 16)

A necessidade de informação para trabalhar música.

“Alguma capacitação, algumas ideias com quem é formado em música para passar para a gente as coisas mais elementares para a gente trabalhar com eles.” (Prof. 10)

Classe de Categoria B: Acesso e disponibilidade de material

Esta classe, que agrupa duas categorias, tratou das facilidades e dificuldades que os professores tiveram no acesso ao material de música, seja ele teórico ou prático.

Categoria 1: Facilidade de acesso e disponibilidade de material

Tanto os materiais que o Estado enviou às escolas quanto os materiais que a mídia dispõe foram de fácil acesso.

A professora 14 relatou que o material de apoio do Estado tornou mais fácil as aulas de música.

“... a facilidade foi a partir desse projeto do governo com as apostilas, que ele passou a mandar material de apoio.” (Prof. 14)

A tecnologia facilitou o acesso ao material de música nos dias atuais, segundo a professora 19.

“... está fácil assim a tecnologia. A gente consegue achar aquela música que a gente quer trabalhar é só procurar um pouquinho na internet...” (Prof. 19)

As atividades musicais na apostila do Estado.

“Vem o tema da apostila, vem uma sondagem, por exemplo, eles pesquisam sons de máquinas, som de vozes humanas, sons da natureza, e eles

trabalham com isso. As atividades que eles propõem, não são atividades muito difíceis, certo, mas não dá pra gente aprofundar muito.” (Prof. 17)

A busca por instrumentos para a fanfarra, como contou o professor 02.

“Aqui não tinha um instrumento. Eu estava lá na diretoria numa reunião nossa, uma diretora falou assim: “você quer instrumentos? eu tenho um monte lá.” Aluguei uma perua velha e trouxemos os instrumentos. Na semana seguinte, um telefonema de outra escola: “vocês querem vim buscar? Tem que ser agora.” Quando a gente tem reunião, encontra todos os coordenadores e então a gente se comunica.” (Prof. 02)

Sobre as mudanças positivas no ensino de arte.

“Antigamente, o professor de arte ficava perdido. Hoje mudou assim, o professor de arte tem um material muito rico na mão. O aluno tem uma apostila onde ele olha, ele vê por exemplo, uma imagem de uma dança, a gente manda pesquisar, para ouvir, para ver... o aluno que não tem internet em casa, ele pode acessar na escola com o professor e vivenciar o que vem na apostila.” (Prof. 17)

A facilidade de acesso e disponibilidade de material.

“Eu busco assim na internet, nas tecnologias oferecidas hoje para incrementar a aula, e aí ajuda, tem como somar.” (Prof. 13)

A facilidade nos recursos oferecidos na escola.

“Hoje temos mais espaço dentro da educação, recursos tais como rádios, pen, TV, assistentes para reforço, som mais potentes... ainda está sendo melhor do que 5, 10 anos atrás.” (Prof. 29)

Categoria 2: Dificuldade de acesso e disponibilidade de material

Os professores falaram sobre a falta de recursos na escola, tanto de espaço físico, como de materiais para as aulas de música.

A professora 03 disse que na escola não há material necessário para o trabalho com música.

“Aqui na escola não tem instrumentos musicais para que a gente pudesse fazer uma bandinha... quando eu sei que eu vou trabalhar com a música, com o CD, eu trago o aparelho.” (Prof. 03)

A professora 21 relatou como dificuldade a falta de equipamento.

“... normalmente falta equipamento, equipamento de música mesmo. Até o rádio quando você vai usar o rádio quebrou, o rádio está faltando não sei o quê, o rádio está com a outra...” (Prof. 21)

A professora 22 gostaria de ter disponível materiais de apoio específicos para trabalhar com música na sala de aula.

*“Eu queria ter um instrumento formal para mostrar para o aluno... alguma coisa que eu veja que dá para implantar na sala de aula, alguma coisa assim, que pelo menos já está começando a tocar algum instrumento.”
“Material de apoio: eu sei que existe, mas como eu falei para você, tem escolas que têm outras não têm.” (Prof. 22)*

Dificuldade pela forma como o material foi oferecido nas escolas.

“O governo oferece material para o professor usar na sala, essa divulgação do material está bem fraquinha, tem escola que recebe e tem escola que não recebe... não é bem organizada.” (Prof. 23)

O professor 16 disse que entre a falta de recursos na escola, há falta de instrumentos musicais adequados e dificuldade em ter acesso ao material que a escola possui. Sendo assim, disse que ele mesmo criou suas práticas musicais sem o material necessário.

*“... os instrumentos estavam horríveis, estavam desafinados ou quebrados, não tinham baqueta, e aí foi bem complicado.”
“As dificuldades: com bons instrumentos, boas salas de aula, com acústica, é rico demais a pessoa poder se ouvir.”
“Instrumentos pra estimular mesmo, para dar as possibilidades de escolha também, o que for, para a pessoa ter contato, abrir o mundo dos timbres, dos instrumentos... isso é uma grande dificuldade.”
“Dentro da escola também, um problema que eu enfrentei foi a desigualdade de poder... a própria escola tem o material, mas alguém já se apoderou desse material, alguém que já está ali há mais tempo e tal.”
“Essas daqui são tudo eu que tenho feito. Na apostila vem pouquíssima coisa... E tem CDs também que vêm com a apostila, e esses CDs não vieram. E as apostilas não são renovadas anualmente... falando de material é horrível.” (Prof. 16)*

A dificuldade pela falta de material.

“A dificuldade é o material pra gente trabalhar, porque os CDs a maioria sou eu que compro.” (Prof. 10)

O professor 02 falou da falta de recursos para trabalhar.

“A dificuldade é a verba para manutenção dos instrumentos e investimento nos uniformes para as crianças... uns foram com umas camisetas

alaranjadas que nós conseguimos. E um aluno foi de bermuda vermelha, outro de branco, um de bermuda preta, um de chinelo, outro de tênis...” (Prof. 02)

A professora 07 disse que a música foi colocada na escola sem estrutura para tal.

“Precisamos ter um espaço específico para música. A disciplina é aceita, mas vem sem instrumentos, sem espaço, falta um laboratório de arte, ou uma sala de arte mesmo... não é uma realidade muito fácil.” (Prof. 07)

Faltaram adequações para a música na escola, disse a professora 11.

“Falta de material, um espaço adequado para você trabalhar não só na sala de aula, mas ter um lugar onde você possa levar essas crianças que tenha instrumentos disponíveis, espaço aberto... Se tivesse uma sala adequada para você fazer isso, instrumentos, materiais, seria muito melhor.” (Prof. 11)

Classe de Categoria C: A forma como a música é utilizada na escola: aspectos organizacionais e institucionais

Esta classe agrupou duas categorias e tratou dos aspectos organizacionais e institucionais da utilização da música na escola.

Categoria 1: Facilidades pela forma como a música é utilizada na escola

Algumas facilidades foram vistas pelos professores para o trabalho com música na escola, tanto em sua organização como na prática com os alunos.

A professora 25 viu como facilidade a aplicação da música como modelo de texto na alfabetização.

“Você tem que dar sempre o modelo, ir seguindo com o dedinho, vão cantando ali.” (Prof. 25)

A professora 03 viu como facilidade o espaço amplo que a escola possui para trabalhar com música.

“Aqui na escola a gente tem muito espaço, eu acho que isso é uma facilidade.” (Prof. 03)

O gosto dos alunos em participar das aulas de canto.

“Eu acho que as crianças trabalham, além de gostar de cantar, é de poder participar, poder apresentar... E a gente canta essas musiquinhas.” (Prof. 23)

A professora 18 falou do gosto dos alunos em apresentar as produções de canto e de seu gosto pela música.

“As crianças gostavam muito. Eles cantavam e aprendiam rapidamente... eles adoravam, não viam a hora de chegar a sexta-feira para cantar lá fora pra todo mundo. Eu gosto muito de cantar e as crianças também.”

“... eu gosto muito de cantar e eu passo para os alunos esse gosto... e a minha prática com a música na sala de aula vem do projeto e também do meu gosto pela música.”

“Às vezes essa iniciativa vem das próprias crianças, eles também trazem. Porque eles também gostam de música. Ouvem e cantam.” (Prof. 18)

Valorização dos projetos musicais do Estado.

“O projeto “Ler e Escrever” e eu acho que é uma riqueza. Se eu pudesse eu aplicava todos os projetos em todas as salas.” (Prof. 29)

Os programas do governo para levar aos alunos a programas culturais.

“O currículo do Estado de São Paulo, tem aquele programa “cultura é currículo”... tem uma verba que a gente leva os alunos ao teatro, os alunos ao um concerto, sabe, a uma exposição de arte... com direito à ônibus, lanche na volta” (Prof. 17)

A professora 07 valorizou o fato de a música ter sido levada à escola.

“Existe música e música! Vamos ver o que é música e o que é música?”, saber diferenciar isso. O importante agora é estar lá dentro, é ter a pessoa, é ter disciplina, é ser o professor, e ele levar o radinho pra sala. Pronto! Sair da televisão, sair da rádio, mostrar outras oportunidades.” (Prof. 07)

A facilidade em trabalhar com cantigas do folclore e pela ajuda dos alunos com o canto.

“Eu não sinto dificuldade, porque são músicas infantis, são músicas que eles sabem cantar, música de roda, música do folclore.”

“Quando é uma música, que eu não consigo fazer o ritmo, então as próprias crianças cantam, quem sabe ensina, ensinam os amigos e dá certo.” (Prof. 20)

A facilidade em trabalhar com Música Popular Brasileira e com cantigas de roda na sala de aula.

“Se tratando das músicas da MPB eu acho bem mais fácil da gente trabalhar porque não tem essa coisa de mexer com a sexualidade, depois que eles aprendem a letra da música, eles gostam muito de cantar e de dançar.”

“É tranquilo, porque como eu já falei, depois que a criança aprende a música eles gostam de brincar de cantigas de roda, daqui a pouco entra todo mundo na roda e todo mundo tá cantando.” (Prof. 18)

Houve um desejo dos alunos em aprender música e uma facilidade em produzir diferentes sons e em lidar com ritmo, segundo o professor 16.

“Facilidade eu vejo... jovens têm um desejo de aprender algum instrumento musical, ou de cantar.”

“Os alunos do Estado, por serem de mais baixa renda, trazem uma certa malícia, uma malemolência para a música, no bom sentido de batucar em qualquer lugar, de tirar o som de qualquer material que seja utilizando de qualquer material de sucata para fazer música é possível, você não precisa comprar um instrumento.”

“Por ser brasileiro a gente já está em qualquer canto tocando um pandeiro, tocando um violão. Eu acho que facilita o ritmo que o brasileiro tem.” (Prof. 16)

A professora 10 relatou a facilidade das crianças em aceitar novos estilos e o gosto dos alunos com a arte.

“A facilidade é que as crianças, a faixa etária que eu estou trabalhando agora elas são ingênuas, e eles não têm preconceito, então tudo pra eles é novidade.”

“Eles gostam de novidade, eles gostam de música e de tudo que se relaciona com a Arte.” (Prof. 10)

A facilidade em alfabetizar com música.

“Eu gosto de alfabetizar com música, dá um valor muito grande na aprendizagem para a criança, eles vão observando outras palavras através do alfabeto. Eu acho muito rico trabalhar com música.” (Prof. 06)

A facilidade pelo apoio da direção da escola no trabalho com música.

“Facilidade que eu tenho é o apoio da direção. Dentro uma escola, se você não tiver o apoio da direção você não consegue nada.” (Prof. 02)

Categoria 2: Dificuldades pela forma como a música é utilizada na escola

Dificuldades como falta de espaço adequado, falta de especialistas e música e a falta de comprometimentos dos alunos, por exemplo, foram colocadas entre outras pelos professores.

A professora 21 colocou como dificuldade a ausência de projeto de música na escola.

“... não tem um projeto que seja de música mesmo. A gente encaixa uma coisa aqui, outra coisa ali e vai.” (Prof. 21)

A professora 22 sentiu dificuldade em lidar com o número excessivo de alunos em sala de aula.

“A quantidade de aluno também desfavorece um pouco...” (Prof. 22)

A professora 03 relatou a dificuldade no trabalho conjunto com o professor de arte.

“... nem sempre o professor de arte vai querer usar a aula dele para ajudar na confecção da bandinha...” (Prof. 03)

Dentre as dificuldades pela forma como a música foi levada para a escola, o professor 16 disse que existe uma falta de preparação para trabalhar na escola proveniente da rede de ensino. Falou ainda da falta de experiência para lidar com a escola, da falta de relação entre o conteúdo estudado e o cotidiano dos alunos e da falta de interesse dos professores em trabalhos conjuntos.

“Eu tinha liberdade total, e isso tem o seu lado bom e o seu lado ruim... como eu tenho uma pouquíssima experiência essa liberdade me trouxe muita confusão do que eu poderia fazer, do que eu não poderia.”

“As matérias que não têm muita relação com a vida cotidiana desses alunos. Aí eu acho que você perde o foco deles. Hoje em dia já foi feito muito estudo que vão falar um pouco mais da realidade deles.”

“Tem muito professor que já está cansado e querem se aposentar... e por estarem cansados não têm muita vontade de fazer projeto junto.” (Prof. 16)

A dificuldade de espaço para prática de instrumentos musicais.

“Fizemos uma prática musical tocando mesmo. Saímos da sala de aula, fomos para o pátio da escola, e, diga-se de passagem, foi muito complicado, tivemos que sair da sala de aula, ir para uma outra sala buscar os instrumentos, tocar também num lugar afastado, a grama altíssima para não atrapalhar os outros professores. Depois tivemos que levar os instrumentos todos para a sala de novo.” (Prof. 16)

A dificuldade da professora 12 em trabalhar todo o conteúdo da apostila. Ela disse ainda que a participação dos alunos se limitou às aulas, e que existiu uma dificuldade em relacionar as áreas do conhecimento.

“É impossível você dar tudo que está no caderno do aluno ficando um déficit. Você tem que passar rapidamente sobre o assunto. E o caderno do aluno propõe muita reflexão, acho superimportante, parar e pensar sobre o assunto, mas se você for dar teoria, for fazer a prática, vai certo tempo, a gente acaba não dando tudo que está no caderno do aluno por falta de tempo. Duas aulas só na semana de cinquenta minutos, é impossível fazer isso... No caderno do aluno tem as quatro linguagens num único bimestre.”

É muita coisa... Vou para o que eu considero que é mais adequado para o aluno.”

“A maioria participa, faz tudo que é proposto, mas é possível observar que fica só no momento, não exploram o conteúdo fora das aulas... depois na próxima aula tem que retomar tudo... o grande problema é que eles não vão além das aulas...”

“Eles não estão preparados assim pra relacionar... se a professora de história dá renascimento eu apresentando a arte desse período, eles não conseguem fazer a relação, eles não têm esse nível de interpretação de relacionar os fatores.” (Prof. 12)

A professora 07 falou da falta de comprometimento do aluno e das dificuldades pela forma como a música foi levada à escola.

“Na hora H da cobrança, os alunos se ausentam da responsabilidade, parece que eu perco tudo que eu tinha conseguindo até então... eles estão se ausentando, fugindo da responsabilidade, cria uma barreira. A questão de nota, de cobrança... eu acho que o jovem está descompromissado com tudo.”

“Eu espero que essa realidade mude com a volta da música nas escolas... o professor ir com o radinho na sala mostrar um outro estilo para que os meninos conheçam, a gente já está ganhando muito.” (Prof. 07)

O interesse da minoria dos alunos foi disperso pela maioria.

“Numa sala cheia assim sempre tem um ou dois que querem escutar, querem observar, querem saber... Só que a maioria acaba cobrindo aquele movimento, chega uma hora que você não aguenta mais... essas crianças reivindicam até esse processo de aprendizagem... mas a maioria não quer.” (Prof. 24)

Classe de Categoria D: Preferências dos alunos influenciadas pela mídia

Esta classe abrangeu duas categorias que trataram da influência que a mídia vem exercendo sobre o gosto dos alunos e como isso tem se refletido na escola.

Categoria 1: As facilidades das preferências dos alunos influenciadas pela mídia

As influências da mídia foi um assunto bastante falado pelos professores que aqui ressaltam seus aspectos positivos.

A professora 14 relatou a facilidade dos alunos com o canto e com o ritmo.

“Vários cantam, têm ritmo né, acho que está aí no sangue do brasileiro.” (Prof. 14)

A professora 15 se identificou com variados estilos musicais, e assim achou fácil trabalhar com as músicas que os alunos trouxeram.

“No campo da música eu sou muito eclética... eu gosto da maioria dos estilos.” (Prof. 15)

Segundo a professora 28, o gosto dos alunos pela música facilitou as práticas na sala de aula.

“A minha facilidade que eu sinto de trabalhar com música na sala de aula de acordo com a minha experiência é a afinidade que eles têm com a música.” (Prof. 28)

Os alunos trouxeram para a sala de aula as músicas que fizeram parte de seu cotidiano, que geralmente são as que a mídia impôs, e depois a professora propôs uma troca de informações com os alunos.

“A gente casa informações, eu deixo eles trazerem o universo deles, mas eu também quero mostrar o meu.” (Prof. 15)

Segundo a professora 14, os alunos que já tocaram instrumentos ajudaram no trabalho com a música.

“Facilita também quando dentro de uma sala que eu esteja trabalhando música, tenha algum aluno que toca algum instrumento.” (Prof. 14)

A professora 05 explicou que a música trouxe a facilidade em trabalhar práticas criativas.

“A partir de uma música você pode criar mil outras coisas, pode fazer uma improvisação, pode criar uma história, você pode criar um texto, diversas coisas.” (Prof. 05)

A facilidade na utilização da música pela mídia.

“Música hoje está até tomando a mídia, na publicidade, na propaganda nós vemos bastante o mundo da música para envolver... grande parte das propagandas de carro, que é um gosto pessoal do adolescente. E eles colocam jingles voltados para a música, e geralmente eles pegam os cantores mais cobiçados... eles só cantam, mas não sabem analisar o porquê da propaganda.” (Prof. 30)

A facilidade pelo acesso que os alunos tiveram com a música.

“A facilidade é que esse mesmo acesso... eles convivem muito com a música, isso também facilita alguma coisa.” (Prof. 27)

O professor 16 falou da facilidade de acesso à música.

“O mundo de hoje, a facilidade também que trouxe de ouvir música, ficou muito fácil de você ter a música, mas eles estão ouvindo o tempo todo, eu acho que isso estimula muito o aprendizado.” (Prof. 16)

Categoria 2: As dificuldades das preferências dos alunos influenciadas pela mídia

A música tem influência na vida dos alunos, e suas preferências têm sido influenciadas pela mídia. Os professores falaram desta dificuldade.

A professora 28 explicou que é uma dificuldade a imposição de padrões musicais pela mídia.

“... está acontecendo com a música, infelizmente é uma ditadura, é um padrão, e se você não seguir aquele padrão você tá “out”.” (Prof. 28)

A frustração no emprego atual pela falta de interesse dos alunos.

“Falta de curiosidade com o aprender. E isso é a total frustração... você prepara alguma coisa e aquilo não se realiza na escola porque não teve a colaboração dos alunos. A apostila do Estado é muito reflexiva, e eles não dão retorno nenhum, não têm paciência de olhar, se olham não enxergam nada, hoje é frustração o nome do trabalho de um professor, é você sair derrotado. Você se contenta, numa sala de 40, 4 fizeram, você já acha que está uma maravilha.” (Prof. 27)

Os problemas com a disciplina e com a falta de interesse dos alunos, no emprego atual.

“Se não tiver disciplina, não existe aprendizagem... nós não temos direito nem mais à disciplina... os alunos têm muito mais liberdade na sala de aula do que o professor.”

“O professor ensina e o aluno não aprende, é porque o professor não ensinou. Eu mudo a minha tática, tento brincar com a criança, canto músicas, para prender a atenção da criança... cantando mesmo para ver se eles param, para ver se eles têm consciência das coisas.” (Prof. 06)

A dificuldade em lidar com o excesso de música em sala de aula.

“O nosso problema na aula hoje, é fazê-los parar de escutar música, eles querem ter aula com o fone de ouvido. É a mais próxima, a linguagem artística mais próxima deles é a música.” (Prof. 27)

A dificuldade em levar novos estilos musicais e a dificuldade dos alunos em interpretar os textos da Música Popular Brasileira.

“Eles querem trazer por toda lei a música que eles gostam... eles estão vivendo é o Funk e o Rap. Então ele acha que o professor tem que trazer esse estilo de música.”

“Uma MPB é muito difícil... ele não entende a letra. Então por isso é que eu trabalho o vocabulário... tentar conscientizar esse aluno que todos os estilos musicais são importantes.” (Prof. 30)

A dificuldade em manter uma proposta de um estilo musical que não seja o *funk*.

“A partir do momento que você liga a música eles já começam a cantar em paralelo os funks deles com muita agressividade.” (Prof. 24)

A professora 24 falou que teve dificuldade de identificação com a cultura que os alunos trouxeram.

“É a falta de informação que eu tenho, e não saber nem aonde ir buscar e nem por onde começar. A cultura é diferente, eles estão muito ligados mesmo naquelas raízes deles.” (Prof. 24)

A professora 12 descreveu a dificuldade de os alunos perceberem novos estilos musicais porque foram influenciados pela mídia. E falou ainda da dificuldade em lidar com os fones de ouvido e celulares.

“A dificuldade está em apresentar o novo. O novo ritmo, novo estilo, novas propostas, novo ouvir.”

“Percebo que eles têm dificuldade em fazer novas escolhas e que são altamente influenciados pela mídia, pelo popular, eu tenho dificuldade em competir com a mídia. eles não essa percepção de escolha certa, a maior parte do que a mídia vende é essa coisa sem um nível maior de conhecimento, acaba atrapalhando.”

“O fone é direto. A briga é com o celular que é proibido em sala e o fone. A todo o momento eles querem ouvir música. O que eu mais ouço aqui é o Psy, o funk, tá tão alto o fone deles que eu acabo ouvindo e aí eu tenho que tirar o celular, ficar brava toda hora.” (Prof. 12)

3.1.6 Tema VI: A criatividade no ensino de música

Serão apresentadas a seguir as categorias referentes à criatividade no ensino de música com os trechos das falas dos professores. Este tema ficou dividido em três classes, com um total de nove categorias.

Classe de Categoria A: Práticas criativas no ensino de música como fim

Esta classe agrupou cinco categorias para tratar do assunto das práticas musicais em sala de aula, quando o objetivo foi estudar música.

Categoria 1: A criatividade a partir das atividades da apostila

A maioria dos professores baseou suas aulas nas atividades que a apostila do Estado trouxe. Os professores mais experientes acharam as atividades insuficientes, e outros não deram conta de desenvolver todas.

A professora 14 falou de suas propostas de atividades baseadas no conteúdo da apostila e em suas facilidades.

“Através das apostilas, conforme o que eles estão pedindo que seja trabalhado eu tento associar alguma coisa que eu tenha maior facilidade para poder passar para os alunos.” (Prof. 14)

A professora 04 falou que suas estratégias de ensino foram criadas de acordo com as orientações da apostila.

“... é um projeto do Estado, o “Ler e Escrever”, então a gente trabalha seguindo as orientações que vêm, como trabalhar as músicas...” (Prof. 04)

Segundo a professora 05, o livro didático do Estado sugeriu práticas musicais.

“Eles sugerem, o material sugere, o livro didático também tem várias musiquinhas...” (Prof. 05)

Sobre a criatividade a partir das atividades da apostila.

“Toda a atividade da apostila tem um processo criativo, se for para criar, por exemplo, uma música, um jingle, você dá e eles vão criar, vai aprender a cantar, eles têm criatividade.” (Prof. 17)

A professora 07 disse que criou atividades a partir das atividades da apostila, pois elas foram insuficientes.

“Eu uso esse material muito pouco porque ele é o resumo do resumo do resumo. Então nós usamos a apostila, mas complementa isso, porque se não ficariam no prejuízo.” (Prof. 07)

A professora 08 utilizou as atividades da apostila para criar novos jogos musicais.

“Eu faço as atividades do “Ler”, eu faço até em forma de jogral, vamos supor, uma parte as meninas cantam, uma parte os meninos cantam, eu vou intercalando, vou jogando.” (Prof. 08)

A apostila do Estado trouxe propostas de trabalho com música.

“O Estado trabalha muito com Música Popular Brasileira. O 1º ano é mais as músicas infantis, do folclore. A partir do 3º ano que é um pouco diferente.” (Prof. 20)

Práticas a partir das atividades da apostila.

“Eu começo pela apostila, leio, procuro entender o conteúdo, explico para meus alunos o conteúdo. Quando eu percebo que é uma coisa fácil, eu procuro um colega que toca um violão.” (Prof. 17)

Categoria 2: O movimento como forma criativa

O movimento esteve aliado a algumas estratégias das aulas de música.

Segundo a professora 03, o movimento musical levou à criatividade.

“... a gente sai do tradicional... Quando entra a música tem essa questão do movimento.” (Prof. 03)

Os alunos criaram movimentos a partir da música apresentada.

*“Então movimentos que podem ser associados à letra, ou movimentos que a criança sente a necessidade de fazer durante a música...”
“Sugerem os gestos para acompanhar a música... um movimento que dê para fazer, que dê tempo de fazer.” (Prof. 11)*

Práticas corporais criativas a partir das cantigas do folclore.

“As cantigas são uma das formas mais fáceis que eu vejo... uma música conhecida para eles, dou uma treinada para depois a gente explorar as batidas, o som com palmas, peito, voz.” (Prof. 26)

Categoria 3: A música como ampliação do universo cultural dos alunos

A música e suas práticas têm conseguido ampliar a noção do universo cultural dos alunos, segundo alguns professores.

A professora 28 falou sobre como a música e as práticas musicais permitiram aos alunos conhecer e criar práticas culturais.

“Esse conhecimento ou reconhecimento é muito importante... faz parte da cultura musical... é uma forma de ensinar a música efetivamente para eles.”
(Prof. 28)

A professora 03 falou sobre as práticas musicais criativas e fundamentadas na apreciação e na cultura.

“Se é um ritmo mais acelerado, um ritmo mais devagar. “Agora vamos cantar mais alto, e agora mais baixo”. Tudo isso a gente vai criando em cima disso.”

“Levar ao conhecimento dos alunos outros tipos de música, tirando um pouco do que a mídia está repercutindo na cabeça das crianças...”

“Tem uma fundamentação teórica, a gente não dá a música por dar.” (Prof. 03)

A professora 05 se preocupou em levar práticas musicais criadas para ampliar o universo cultural dos alunos.

“Para anuviar um pouquinho a cultura, para eles conhecerem outras coisas, não só aquilo que eles escutam diariamente em casa ou na mídia. Então eu procuro trazer umas coisas diferentes...” (Prof. 05)

Os alunos tiveram a experiência de vivenciar música e teatro, ampliando seu universo cultural.

“... as práticas criativas durante o processo... eu já fiz até um teatrinho de música, com a pré-escola... eu fiz roupinha para as crianças de crepom, fiz a máscara, a agulha da injeção eu arrumei a pena de um pavão.” (Prof. 08)

Sobre a música como ampliação do conhecimento cultural dos alunos.

“É muito interessante pensar em trazer algo que eles não estão assim acostumados tanto a ouvir, para poder vamos falar assim, crescer, ampliar o conhecimento.” (Prof. 13)

Categoria 4: Práticas criativas para ampliar o conhecimento

As práticas musicais têm possibilitado uma ampliação do conhecimento dos alunos.

A professora 28 falou sobre o papel da escola na busca de práticas criativas diferenciadas nas diversas áreas do conhecimento.

“Hoje a criatividade é necessária em tantas outras áreas... O professor que não é especialista, no caso, eu acho que a criatividade é fundamental.”

“Eu acho que o professor instiga, ele vai promovendo a situação... quanto mais atividades diferenciadas nós promovermos, nós realmente estaremos promovendo esse sentido para o aluno estar buscando... A escola não é uma

mera transmissora de conhecimento, ela tem o papel de instigar o aluno a buscar.” (Prof. 28)

A professora 12 fez pesquisas na sala para trazer conhecimentos prévios de música aos alunos e para preparar aulas interessantes. Ela disse ainda que existiu uma preocupação em ver o que ficou de conhecimentos para os alunos.

“Eu procuro trazer aulas mais atrativas, ah, despertar o interesse dos alunos, o professor dedicado, que acaba querendo fazer um bom trabalho tem que ter planejamento, pra você trabalhar melhor, pesquisar... eu acabo usando de outras fontes por causa daquela deficiência que eu falei que a gente sai da faculdade.”

“Tem o suporte que é o caderno do aluno e daí o caderno do professor, o material é por série, então o aluno que não acompanhou o caderno desde a quinta, ele não tem bagagem, então na parte teórica é muita pesquisa que eu faço... vai fazendo um resgate, mas só com pesquisa.”

“Penso ‘o que ficou mesmo nas aulas de artes principalmente?’ essa preocupação com isso, de falar em algum momento da vida ‘poxa, eu já vi isso’, porque você vai, você leva.” (Prof. 12)

As práticas para formar o conhecimento.

“Eu jogo para ele uma ideia e ele tirar conhecimento dessa ideia dele e vai começar a executar algum trabalho... e aí forma o conhecimento.” (Prof. 23)

A interação com o conhecimento através de experiências concretas.

“Se eu dou uma atividade, eu não dou uma atividade que não tem o material que possa mostrar a realidade para a criança. Faço tudo no concreto, a criança tem que manipular aquele material para eles sentirem o que é a realidade... tudo que eu trabalho com a criança é nesse sentido.” (Prof. 06)

A professora 11 falou de sua concepção sobre criatividade e disse que as práticas criativas ajudaram a buscar o conhecimento.

“Professor necessita ter criatividade não só no ensino de música, mas em todo o trabalho que ele realiza na sala de aula, a música, as atividades que a gente desenvolve com as crianças também podem ajudar a desenvolver a habilidade criatividade.”

“O professor tem que ser muito criativo porque não adianta você só jogar uma música na lousa, algumas professoras não têm um conhecimento muito grande em música, mas podem trabalhar muitas atividades e podem parar para pensar: “o que eu posso fazer com essa música? O professor tem que ser criativo e desenvolve a criatividade das crianças.” (Prof. 11)

Práticas musicais criativas para identificar diferentes timbres e para ensino de partitura.

“Eu vou trabalhar música para eles identificarem os sons, pego uma música específica que tenha vários instrumentos bem variáveis, e passo para eles... cada um dá a sua opinião, e aí a gente passa quais são os instrumentos que estavam ali para que eles venham a perceber.”

“Trabalhava de uma forma mais simples, porém sistemática, tipo com o caderno de música para colocar as notas e eu colocava... a gente ficava identificando até pela escala, por exemplo.” (Prof. 13)

Os métodos criativos para ensinar música.

“Eu considero a criatividade no meu caso, a maior aliada na tentativa no ensino da música. Você tem que criar métodos não sendo um especialista... tem que inventar mesmo, na apostila do governo, toda apostila tem a parte de música... nem sempre é desenvolvida para quem não tem a formação adequada.” (Prof. 27)

Prática criativa a partir de diferentes timbres musicais e de composição.

“Eles trouxeram vários copos de plástico, de alumínio, de cristal e eles pegaram vários tipos de baquetas como lápis, varinha e bateram para ver a diferença.”

“Eu dei uma atividade para eles criarem um jingle, entender o que era um jingle. Criaram e depois cantaram, usaram instrumentos, não convencionais... o processo criativo foi deles.” (Prof. 17)

Sobre as práticas musicais criativas de composição e as diferentes formas de aprendizagem.

“No jingle eles teriam que criar um produto, quanto mais criatividade melhor... eu dei uma aula para eles desenvolverem um projetinho do trabalho, eu percebi o quanto gratificante iria ser, porque eles são bem criativos.”

“Eu acho que cada um tem uma forma de aprender, tem uma habilidade maior... a gente tenta criar algumas formas, trabalhar um pouco mais junto, mas é complicado, principalmente por causa do número de alunos” (Prof. 12)

Categoria 5: As práticas musicais criativas promovem interações

Segundo os professores, os alunos tiveram uma interação maior, inclusive com outras salas a partir das práticas musicais.

A professora 03 usou a música como prática criativa para promover a integração das gerações.

“... chamei alguns pais, quem pôde vir, para cantar para as crianças uma musiquinha... cantaram, falaram que quando eles eram pequenos a mãe cantava e eles cantaram.” (Prof. 03)

Sobre as interações que as práticas musicais promoveram.

“Querem juntar uma turminha e formar um grupo para cantar para os outros também que não sabem cantar determinada música... um sabe, o outro não sabe. Tem criança que sabe o ritmo e não sabe a letra.” (Prof. 08)

As práticas musicais promoveram interações satisfatórias, segundo a professora 13.

“Eles querem apresentar alguma coisa de acordo com a interação deles, acaba somando e trazendo mais para a aula. Além do almejado eles acabam se envolvendo tanto que acaba se modificando... essa satisfação, eles querem externar.” (Prof. 13)

O professor 02 falou da relação de amizade e respeito com os alunos.

“Impera o respeito. Nós fomos nos apresentar em outra cidade e nos deram parabéns por manter as crianças tudo direitinho, em ordem, sem briga...” (Prof. 02)

A professora 23 disse que sonda o gosto dos alunos para elaborar seu plano de ensino. Suas práticas criativas aconteceram a partir do conteúdo que o aluno trouxe, e houve uma troca de conhecimentos entre os alunos.

“Primeiro eu faço uma sondagem da faixa etária... vou me orientar, vou trabalhar aquilo que eles já conhecem. Existe um trabalho de mediação, eles passam para mim e eu vou enriquecer esse material que eles passam para mim.”

“Antes de eu montar o meu plano, primeiro eu vou na sala de aula conhecer os alunos, aí eu faço uma sondagem desses alunos para depois eu montar o plano.” (Prof. 23)

As práticas musicais de interação entre os alunos.

“Depois que eu dou a música eles mesmos passam a cobrar do colega: “ou, mas se eu consegui fazer por que você não consegue?” (Prof. 06)

Classe de Categoria B: Práticas criativas no ensino de música como meio

Esta classe agrupou duas categorias que abordaram a música como meio para ensinar outros conteúdos.

Categoria 1: Prática musical criativa como recurso para ensinar outros conteúdos

A utilização da música para ensinar outros conteúdos tem sido usada pelos professores com resultados positivos.

A professora 03 utilizou práticas musicais criativas para trabalhar a concentração e a aprendizagem.

“você vai trabalhando muita coisa da criança, dela saber ouvir, de prestar a atenção, o que aquela música está falando naquele momento.”

“... a gente tem que fazer com que as crianças tenham esse conhecimento. É através das músicas para ficar mais gostoso...” (Prof. 03)

A professora 28 utilizou práticas musicais criativas como método de ensino para ampliar o conhecimento.

“Criatividade no sentido da metodologia de trabalho dele. Por exemplo, treinar a audição dos alunos, sensibilizar a audição para identificar os sons, os ruídos...”

“não só para o desenvolvimento cognitivo deles, mas por isso também, acho importante despertar isso também, que a música e a arte podem trazer.” (Prof. 28)

A professora 05 desenvolveu práticas musicais que visaram às práticas de aprendizagem.

“Se eu estou trabalhando determinado som, determinada letra, então eu quero ampliar aquilo com palavras, com frases, com textos, eu posso trazer uma música para isso.” (Prof. 05)

Prática musical criativa como recurso para trabalhar a percepção dos alunos, a leitura e a escrita.

“Eu comecei a fazer música eu tinha por volta de uns 10 anos... a capacidade depois de produzir histórias, de pensar a respeito, de criar alguma coisa, fazer um desenho... as crianças participam, ouvem, cantam, fazem os exercícios e querem acompanhar as músicas. A gente fez uma versão do “Boi da Cara Preta”, aí virou “o boi que não tem pata pega essa menina que tem medo de barata”. Então a rima eles perceberam sozinhos... Só dela rimar “a pata” é porque ela já acompanhou o modelo de criação. Hoje eu trabalhei “O Cravo e a Rosa”, hoje foi só focada na leitura escrita... foi completando palavras diversas, hoje foi Língua Portuguesa.” (Prof. 11)

Prática musical criativa como recurso para trabalhar o lado emocional do aluno.

“Na música, que investe bem é na autoestima... eu acho que a música ajuda muito no emocional, no desenvolvimento mesmo.” (Prof. 13)

O ensino de música como meio para alfabetizar.

“Eu procuro seguir a alfabetização. Porque eu estou trabalhando o soldado? Uma porque era semana da pátria, outra porque eu estou trabalhando o “AL EL IL” com eles. Eu sempre procuro um tema para trabalhar. “Atirei o pau no gato” porque eu estou trabalhando a lettrinha “G”, ou porque está na semana dos animais. Em cima disso eu vou tentando colher e trabalhar a alfabetização.” (Prof. 01)

Sobre o trabalho com a música enquanto meio para a disciplina de História.

“Como a música que eu venho trabalhando do Chico Buarque, como um gancho para a gente entrar no tema da ditadura. Foi um gancho tão grande, que o professor de História mudou o que ele estava dando na matéria para entrar na ditadura com eles. Isso ajuda na interpretação de texto, ajuda no Português, ajuda na História.” (Prof. 27)

O professor 16 falou das práticas musicais criativas ligadas às outras linguagens da arte e a outras disciplinas. Ele disse ainda que as práticas criativas de improviso e composição podem ser usadas como forma de expressão de sentimentos.

“Eu falei bastante da relação da música com outras atividades... você relaciona música com uma atividade de dança em sala de aula. Relaciona a letra de uma música com um teatro.”

“Falando sobre uma manifestação cultural brasileira... fizemos um folheto onde eles desenharam, fizeram um design mesmo de um folheto informativo, que envolvia a música... a questão das sucatas, que eu acho que já contribui com o meio ambiente... e assim a gente descobre milhões de timbres possíveis.”

“Através da história da música, ensinar as próprias histórias deles... história do mundo através da música... com matemática, mas também usar de repente a cantoria dos nordestinos que têm toda uma métrica, o cordel, a literatura de cordel... um projeto linkado com o português.”

“A música traz também a questão do improviso, que é bacana para a pessoa desenvolver dentro dela uma atitude mesmo. Improvisando ela vai pôr um pouco do que ela está sentindo para fora, às vezes a gente pensa muito, mas só no momento que a gente põe pra fora mesmo é que a gente consegue sentir o que a gente pensou. Eu vejo o improviso e a composição como técnicas relativamente parecidas. A composição é um improviso em primeira instância, depois você vai modificando.” (Prof. 16)

Categoria 2: O surgimento da criatividade no ensino da música

A partir de práticas musicais, os professores criaram novas estratégias pedagógicas de ensino.

Sobre o desafio em criar atividades atrativas e preocupação em ver práticas criativas nos alunos, a professora 12 disse que a dificuldade dos alunos atrapalhou a criatividade.

“Quanto apresentação e conteúdo, que eu coloquei novos conteúdos... fazer com que eles se interessem para depois pesquisar... o que a gente tem de preocupação mesmo é preparar aulas atrativas... é o meu emprego atual mesmo, vencer o desafio, que é fazer com que os alunos se interessem.”

“Fazer que aquilo seja significativo... artes não só traz os traços e contornos não, mas ela possibilita um pensamento, a criatividade... eu quero ver eles pensarem, serem criativos, produzirem sua musiquinha, seu próprio som.”

“Procuro diversificar o ensino com atividades de desafios e dinâmicas na prática... alguns alunos se deixam levar pela proposta, criam inventam; outros nem tanto, mas acredito que o principal fator é alguma competência mal trabalhada. Eles têm dificuldade de escrever... essa dificuldade em escrever eles têm de interpretação... às vezes você vê um aluno que não está desenvolvendo porque ele tem alguma dificuldade, eles têm criatividade sim. Tanto na música quanto nas outras linguagens” (Prof. 12)

O surgimento da criatividade.

“Há muito tempo que a gente tem só intérpretes, ninguém mais compõe nada, o próprio aluno não tem esse hábito de costume de estar compondo, de fazer. Então eu acho que é uma coisa que está bem estagnada, parada, a cada dia mais em decadência.” (Prof. 07)

Práticas musicais criativas a partir de trilhas sonoras.

“Eu vejo como uma possibilidade criativa através da música de trilha sonora... a questão de reconhecimento de timbres.” (Prof. 16)

Sobre a pesquisa para trabalhar com música.

“Às vezes é uma cantiga que eu conheço, que eu gosto eu vou atrás dela, para conhecer a letra e tentar passar para elas.” (Prof. 09)

Práticas criativas a partir de brincadeiras musicais.

“Brincando, como eu acabei de falar para você... Eu pego os instrumentos, levo para a minha casa... minhas duas afilhadas, e agora tem o meu outro afilhadinho... Então a gente fica lá brincando, e aí vai saindo o som, a cadência. Aí a gente vem e repassa para eles brincando, mas de uma forma séria, não tenho partitura, é dessa forma. Nós vamos criando, vai surgindo.” (Prof. 02)

Classe de Categoria C: Atividades Complementares

Nesta classe que agrupou duas categorias, os professores não falaram da utilização da música enquanto fim ou meio para o aprendizado, mas tiveram a oportunidade de expressar sua dificuldade pela falta de formação e o quanto ela interfere na criatividade. A seguir

apresentam-se os professores que falaram novamente sobre a presença e a influência da mídia no universo musical dos alunos, e da criação de estratégias a partir da utilização deste recurso.

Categoria 1: A falta de formação interfere na criatividade

A maioria dos professores não possuiu formação para trabalhar com música, e a criatividade ficou comprometida.

A professora 19 falou sobre a falta de conhecimento musical e de técnicas de criatividade na formação.

“... eu acho que fica a desejar. Eu procuro desenvolver as atividades, mas eu tenho pouco conhecimento... a gente não tinha muito estimulado esse lado da criatividade.” (Prof. 19)

A professora 21 falou sobre a falta de incentivo da família e a insegurança no estudo das práticas musicais.

*“Se a gente soubesse um instrumento musical ou pelo menos orientar...”
“Aqui já teve, acho que em 2010 um moço para ensinar flauta... Mas depois com o tempo, a família já não mandava, as crianças começaram a faltar...”
(Prof. 21)*

A falta de formação interferiu na criatividade da professora 07.

“O sentido de criatividade eu acho que não só em música, mas em arte em geral. O problema talvez não esteja nos alunos, mas quem educa quem, porque eu sinto que os professores não estão preparados para mediar um aluno compositor.” (Prof. 07)

A falta de conhecimentos em informática interferiu na criatividade da professora 01.

*“Não tenho tanto conhecimento de computação... poderiam até usar o computador, mostrar, trabalhar a musiquinha no computador do Estado, seria uma boa. Eu não trabalho porque não tenho tanto conhecimento.”
(Prof. 01)*

A criatividade para passar conteúdos musicais aos alunos, não sendo especialista.

“Você tem um objetivo: quero fazê-los entender que essa música que eles escutam é influência da cultura brasileira; vamos ver se eles conseguem entender... isso aí é a pura criatividade... você tem que fazer dentro daquilo que você conhece, e acaba passando para eles.” (Prof. 27)

Categoria 2: Influências tecnológicas nas atividades musicais

A tecnologia esteve presente na escola, e os alunos sofreram essas influências em seu cotidiano.

A professora 19 falou da necessidade do uso da tecnologia na busca de técnicas criativas.

“Às vezes eu quero trabalhar de uma forma diferente, eu dou até uma pesquisada na internet...” (Prof. 19)

A professora 04 falou das atividades criadas, a partir de músicas conhecidas dos alunos.

“... é uma música que a gente já sabe que faz parte do repertório...” (Prof. 04)

A professora 03 falou que as práticas musicais em sala de aula foram influenciadas por conteúdos que a mídia impôs.

“As crianças ficam muito tempo assistindo televisão, e aí está lá na mídia uma música... Eles sabem cantar a música, não sabem nem o que está falando direito.” (Prof. 03)

A introdução de práticas criativas a partir de uma música pronta.

“Busco em atividades diferenciadas. O que eu vejo que dá resultado eu vou fazendo. Partiu de uma música que é uma coisa folclórica e a partir daí surgiram outros recursos.” (Prof. 08)

A professora 08 falou das influências tecnológicas nas atividades musicais.

“E eu tinha um gravador que era daquela fita K7 ainda, e as crianças cantaram. Eu pus dentro da sala de aula que era pequenininha e as crianças cantaram. A sala deu acústica, então ficou muito bonito eles cantando e na hora da representação, além deles cantarem, eu coloquei a fita K7 bem alta para eles ouvirem e ir representando.” (Prof. 08)

Os recursos tecnológicos para formar práticas criativas.

“Que recurso eu vou usar: o CD, multimídia... apresentação dos grupinhos com a música que eles escolheram para apresentar.” (Prof. 23)

Os alunos buscaram conteúdos prontos, segundo a professora 12.

“E outra atividade em que teriam que criar um instrumento com os alunos da 6ª série, muitos foram para o que era mais fácil, coisas prontas, não precisava explorar tanto, só a experiência de poder explorar os materiais que eles tiveram foi bem relevante.” (Prof. 12)

A professora 09 falou da influência do *funk* no gosto musical dos alunos, e que nos eventos da escola a escolha de repertório teve participação dos alunos.

“Quando tem uma festinha na escola dá desespero, é só o que ouvem em casa é funk e mais não sei o que...”

“A gente seleciona junto o que nós vamos ouvir, nós fizemos um piquenique que nós selecionamos o roteiro que nós iríamos ouvir, mas com todos participando.” (Prof. 09)

A análise de conteúdo trouxe classes e categorias que permitiram conhecer quem são os profissionais que trabalham com música na escola e o trabalho que desenvolvem. Destacam-se agora os trabalhos das duas professoras que foram observadas, além de cinco professores que foram considerados pertinentes de atenção diferenciada.

3.2 Observações Participantes e professores que merecem destaque

Além das entrevistas, foram realizadas duas observações participantes para entender a inserção da música na escola, cujos dados, após serem analisados, serão apresentados a seguir. Para facilitar a compreensão destes resultados, apresentaram-se também os resultados obtidos nas entrevistas destas duas professoras observadas. Adicionalmente, apresentaram-se ainda os resultados referentes a outros cinco professores que mereceram destaque pelo trabalho diferenciado que fazem na escola com música.

Como já foi informado na seção de Método, os dados obtidos nas entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo e os dados das observações participantes à análise etnográfica estrutural, segundo as recomendações de Spradley (1980).

3.2.1 A professora Maria

3.2.1.1 Os dados obtidos por meio das entrevistas

A professora Maria, que nas entrevistas recebeu o número 01, tem formação em Ciências e Matemática, tendo feito também o Magistério, é professora de uma sala de primeiro ano.

Maria teve outra profissão antes de entrar na escola, na qual já está há 18 anos:

“Sou professora desta escola já faz 18 anos. Quando eu ingressei, eu trabalhava no banco, e aí foi quando eu passei no concurso e resolvi ficar com o emprego...”

A professora falou que durante a sua formação no Magistério teve aulas de música, mas que não havia certa cobrança para que trabalhassem em sala de aula:

“Na minha época era magistério, não era pedagogia. Então a gente tinha uma formação que passava por música. Mas é como eu falei para você, não tinha certa cobrança. A gente trabalhava mais em cima do livro didático.”
“Antigamente não, a gente até passava a música para eles, mas assim, de uma forma divertida, mas não havia cobranças em cima da música. Hoje não, temos uma cobrança.”

A música entrou em suas aulas como meio para alfabetizar e para trabalhar outras disciplinas.

“A gente trabalha com música, com parlendas, trabalhinhas, diversos tipos de textos, eu tenho trabalhado sempre relacionado às Ciências, História, Geografia. Em matemática a gente trabalha número, operações...”

A importância da utilização da música foi ressaltada pela professora que falou dos pontos positivos desta estratégia pedagógica.

“Através da música a gente pode desenvolver muito mais a criança, do que só trabalhar para ela. Dessa forma, a criança aprende mais, a criança consegue entender mais, consegue viver dentro daquele mundo mais. Ela aprende, mas de uma forma prazerosa e não desgastante.”

A professora utilizou músicas da vivência da criança, ou músicas do folclore com a qual ela canta até que os alunos memorizem, para que depois ela trabalhe o texto da música.

“A criança aprende mais fácil se ela sabe de cor. Então ela consegue assimilar mais rápido. Porque a musiquinha, mesmo que ela não sabe, a gente brinca, a gente canta várias vezes e fica de cor.”
“Eles já sabem a musiquinha de cor, ele lê assim “marcha soldado” aí ele vai pensar assim “cabeça”, e aí ele vai tentar escrever a palavra cabeça, mas isso porque ele sabe a musiquinha de cor.”

Mesmo já tendo algumas evoluções na relação professor-aluno, Maria fez uma crítica à forma como a sala de aula se organizou, e falou sobre o fato de o professor ainda ser colocado como centro, e sobre a organização das carteiras:

“Hoje eu acho que o professor participa mais com os alunos, apesar de a gente ainda estar na sala de aula, onde o professor fica na frente e os alunos ficam sentados, isso também é desgastante para eles.”

Dentre suas práticas musicais, Maria explicou a importância de o aluno passar por experiências concretas e de vivenciar a música:

“Tem que sair, cantar no pátio, fazer um chapéu de jornal, tudo isso é dentro da musiquinha, então não fica só no cantar por cantar. Cantar por cantar tem um objetivo? Tem sim, eles estão se divertindo, estão aprendendo a musiquinha, mas eu acho que se dá para explorar mais, porque não explorar?”

A professora explicou como em suas práticas uniu alfabetização, comemorações cívicas e música:

“E cada música tem um tema, por exemplo, eu estou trabalhando a música do soldado. Então a gente tem um tema, a gente passou pela semana da pátria... estou trabalhando as letrinhas “AL EL IL”. Por isso eu escolhi “soldado”, “quartel”. A gente vai sempre focando dentro do que estamos passando.”

Quando iniciou um conhecimento em sala de aula, a primeira estratégia que a professora utilizou foi investigar o que os alunos sabem sobre o assunto e tentou aproveitar ao máximo as vivências deles:

“Hoje em dia você tenta tirar da criança a informação que ela tem e a partir daí é que você começa a desenvolver aquele tema. Eles adoram a música, a parlenda. Porque já está dentro do mundinho deles.”

Sobre a criatividade, além de sua importância, também foi necessária, já que na escola os recursos foram escassos:

“O professor do Estado tem que usar bastante a criatividade na música. Por quê? Porque a gente não tem tanto recurso como uma escola particular. Aqui na escola a gente não tem, muitas vezes tem que confeccionar esses instrumentos para trabalhar com as crianças... O espaço que você tem que respeitar também o espaço das outras professoras, porque é tudo muito próximo uma classe da outra, você não pode expandir, fazer muito barulho.”

A professora sempre buscou, dentro do objetivo de trabalhar a música enquanto meio para ensinar outros conteúdos, inovar as atividades e trabalhar com conteúdos que cada turma trouxe. Quando a escola programou festas ou apresentações, a professora Maria, assim como as outras professoras, fez um trabalho no sentido de relacionar a música e as outras linguagens da arte como fim.

3.2.1.2 Os resultados obtidos por meio da observação participante

A primeira observação realizada foi para constatação da utilização da música como meio para alfabetizar. Como forma de identificá-la, o evento foi referido como: “A técnica da música fatiada”.

A professora fez o convite à pesquisadora durante a entrevista, quando falava da técnica que utiliza na sala de aula. Além da professora, participaram da observação 26 alunos de uma sala de primeiro ano, meninos e meninas entre 6 e 7 anos de idade. A observação foi feita na sala de aula da professora Maria, às 8h. A pesquisadora chegou à escola às 7h e 50 min.

A primeira atividade realizada, preparatória, foi pedir que os alunos guardassem os livros em uma cesta no fundo da sala, pegassem o caderno de Português e fizessem o cabeçalho. Na lousa estava escrita a rotina do dia: leitura, cabeçalho, música, música em tiras e números. O material utilizado pela professora nesta atividade foi: lousa, giz, papel pardo, papel sulfite, tesoura, cola, lápis grafite.

A segunda atividade, mais propriamente musical, começou às 8h e 05 min., na qual a professora colou na lousa grande tiras de papel pardo com a letra da música “Marcha Soldado”. Cada tira continha uma frase da música. Os alunos cantaram três vezes a música com a letra colada na lousa. Essa etapa da atividade durou 10 minutos.

Em seguida, numa terceira atividade, a professora descolou as tiras da lousa e colou novamente com as frases fora de ordem. Um aluno de cada vez foi até a lousa e colava do outro lado da lousa a tira que dava sequência à música. Uma tira por aluno, assim a música toda foi colada e descolada três vezes, até que todos da sala participassem. Essa etapa da atividade durou 20 minutos. As crianças que estavam sentadas sempre procuravam dar seu palpite sobre a tira correta a ser colada. O garoto de 10 anos demonstrou demorar um pouco

mais que os outros para achar a tira correta, e a professora pediu aos outros que aguardassem, que ele encontrará.

A seguir, na quarta atividade, a professora entregou a cada aluno uma folha com a letra da música fora de ordem e uma folha colorida. Os alunos recortaram as tiras da música e colaram na folha colorida na ordem correta. Antes da colagem na folha, a professora passou na carteira de cada aluno para conferir se a ordem estava correta. Essa etapa da atividade durou 30 minutos.

Depois da colagem, as crianças vieram mostrar à pesquisadora o que haviam feito. Vieram primeiro dois alunos e depois quase a classe toda. A professora pediu que retornassem para fazer a leitura do texto. As crianças se sentaram em seus lugares, e numa quinta atividade, começaram a leitura da música, seguindo a letra com o dedo indicador. Ela ressaltou para os alunos as sílabas “Al, El, Il” presentes na música.

A professora disse à pesquisadora que não daria tempo de continuar com outras atividades naquele momento porque chegaria o intervalo e depois trabalharia com Matemática. Mas explicou que, na continuação da atividade, ela recortaria as tiras das frases que estavam na lousa, em palavras. E a dinâmica seria a mesma, mas dessa vez organizando palavras ao invés de frases. A seguir a pesquisadora despediu-se de todos dizendo que gostou muito da produção deles e da música, e as crianças responderam.

A professora Maria explicou que o objetivo da técnica da “Música Fatiada” é trabalhar a alfabetização, escrita e leitura a partir de uma letra que o aluno já tenha conhecimento, porque mesmo que não saiba ler, acompanha a leitura por saber a música.

A respeito dos sentimentos expressos, percebeu-se que a cada atividade os alunos demonstravam sinais de um interesse crescente em participar, em acertar a tira a ser colocada no lugar certo, e ainda um orgulho de poder ajudar o colega que tinha dúvidas. A sala interagiu numa atividade conjunta com a música como meio para aquisição da escrita e leitura.

3.2.2 A professora Joana

3.2.2.1 Os resultados obtidos nas entrevistas

A professora Joana, que nas entrevistas recebeu o número 23, que tem um projeto de aulas de canto coral na escola, atua há 31 anos como professora do Estado na disciplina de arte.

A respeito das aulas de canto, ela contou que a escola manifestou interesse em formar um grupo de música com os alunos e ofereceu a ela esta oportunidade.

Durante a graduação, a professora teve algumas noções de música, mas não tem formação na área. Trabalhou com música através de pesquisas e da influência do filho que tem formação na área:

“O pouco de música que eu sei é o que aprendeu na faculdade. Noções, não tenho nada aprofundado, não tenho formação musical... Senti curiosidade de ver como se trabalha a música direitinho. E como eu tenho um filho que é músico, se formou em música erudita, conversando com ele, ele estava me dando umas orientações de como eu deveria trabalhar com as crianças.”

A professora explicou que, por sua falta de formação, ela considerou seu coral como um “grupo cantante”. E que as aulas, além da música, também focaram nas outras linguagens da arte:

“Fica um musicalzinho, nós fazemos um teatrinho com a música, dança com a música, faz um trabalho conjunto, não fica só focado na música. Mas tem o canto que é bem montadinho, bem organizado sim.”

Joana falou inclusive que o fato de trabalhar com as quatro linguagens da arte entrelaçadas é trabalhar com criatividade:

“A criatividade é você mostrar para a criança que através da música você pode trabalhar o teatro, você pode trabalhar com as expressões corporais, ouvir a música. Faz um trabalhinho assim meio conjunto.”

Sobre a necessidade de um especialista para ensinar música na escola, a professora falou:

“Eu acho que no caso da música teria que ter um profissional da música mesmo, alguém que tenha um domínio forte, que faça com que a criança se apaixone por aquilo que ele domina, que ele leciona.”

Joana disse que faz mais ou menos nove anos que a música voltou a ocupar lugar nas escolas, e que no geral é trabalhada junto com as outras linguagens da arte. Sua especialidade são as artes visuais, mas está estudando para lidar melhor com o teatro, a dança e a música. No ensino público atualmente, as crianças estão tendo uma oportunidade maior de entrar em

contato com a arte, a escola está oferecendo um campo maior de conhecimento, como os passeios que os alunos fizeram aos museus, teatros e outros locais culturais.

“Nós fomos à orquestra sinfônica, fomos assistir uma peça de teatro e tivemos contato com um pessoal que era um grupo de teatro de bonecos, e tinha os músicos do lado. É até a história de Heitor Villa Lobos... os três músicos conversou um pouquinho com eles, mostrou o instrumento. A diretora é muito participativa, gosta muito de se envolver com as coisas que estão acontecendo na cidade.”

A professora falou que acredita muito em projetos, e que através deles o ensino poderia melhorar o que já foi oferecido.

Dentre suas práticas musicais, a professora falou de como trabalha o conhecimento dos instrumentos musicais com os alunos:

“Eu levo na sala de aula imagens de instrumentos musicais, eu mostro através do projetor, eu levo às vezes se eu tenho um instrumento pequeno que dá para carregar, eu levo para eles reconhecerem, olhar.”

Joana procurou trabalhar com recursos de mídia como CDs, DVDs, projetor multimídia, entre outros. Disse ainda que no começo do ano se aproximou de seus alunos fazendo uma sondagem para saber de seus conhecimentos. Existiu uma troca entre a professora e os alunos, para a partir daí desenvolver o trabalho.

“Eu faço um trabalho intermediário com eles de primeiro a conquista. Conquisto, mostro, falo, explico e depois eles começam a construir. Eu acho que a área de arte é bem aceita em qualquer nível.”

A professora falou ainda que mais importante que passar o conteúdo ao aluno, é que ele descubra seu potencial, suas capacidades, e assim o trabalho em grupo ocorreu naturalmente.

O material que o aluno trouxe é enriquecido pela professora a partir de seus objetivos, e as produções cresceram com práticas criativas inclusive entre as salas:

“A gente vai executando, vai descobrindo, vai passando, uma sala passa para a outra. A criatividade para mim seria mais é a troca do que um grupo apresenta para o outro, é uma demonstração.”

Joana é uma professora que, apesar de dizer que já está para se aposentar, mostrou uma disponibilidade em perceber o novo, em escutar seus alunos, em pesquisar, em buscar novas estratégias. O começo do ano representou sempre um novo desafio, seu plano de ensino

não se fechou enquanto as turmas não revelaram o que trouxeram, e mesmo assim esteve sempre aberta ao novo, suas pesquisas e buscas foram constantes.

3.2.2.2 Os resultados obtidos na observação participante

A observação realizada foi considerada necessária pelo fato de que a professora fez um trabalho extraclasse de canto coral com os alunos interessados. O título do evento-aula observado é “Cantando para apresentação de final de ano”.

A professora Joana ministrou a disciplina de arte. Às quartas-feiras, quando terminou o horário das aulas, às 17h30min, os alunos interessados se reuniram para aula de Coral até as 18h30minh. A pesquisadora chegou à escola às 17h20m. E encontrou-se com a professora na sala de professores. Dirigiram-se ao fundo da escola onde fica o refeitório e um espaço livre com um pequeno palco. Joana levou um aparelho de CD que as crianças pegaram de sua mão e já foram ligando na tomada que fica no palco. A professora explicou que inicia a aula ali naquele espaço para as crianças se acalmarem, antes de ir para a sala fechada. Naquele dia o espaço havia sido lavado, ainda estava molhado, não dava para sentar no chão, então a professora decidiu ir direto para a sala.

Quanto ao espaço, as aulas, propriamente ditas, aconteceram numa sala de aula comum, onde as carteiras ficaram dispostas em filas, como de costume. No caminho para a sala, uma das alunas fala para Joana que ela trouxe um CD com uma música para que elas possam cantar no final do ano também. A professora disse que vai ouvir o CD para trabalharem com a música que a aluna trouxe. Os participantes do evento foram a professora e 32 meninas que se dispuseram a participar das aulas.

O objetivo do encontro foi cantar, e especificamente cantar na apresentação de final de ano da escola. Joana explicou que não é professora de música, que ela ensaia as crianças a partir de uma música pronta, e que seu filho, que é músico profissional, deu algumas dicas e preparou os *playbacks*. A apresentação do coral no final do ano aconteceu junto com a peça de teatro montada pelas outras professoras.

Por volta das 17h 40 min. as alunas entraram na sala, só meninas. A pesquisadora se sentou numa carteira no canto da sala. A professora ligou o rádio perto da porta e colocou um CD com a música “Então é Natal” (Simone).

Como primeira atividade, ela pediu às alunas que ouvissem para conhecer a música. Essa atividade durou 6 minutos. Depois ela disse que mostraria o ritmo em que a música seria cantada, em samba. Colocou um *playback* com a mesma música em ritmo de samba. Durante essa primeira atividade, a pesquisadora observou a prática de disciplina da professora, que chamou atenção das crianças. Colocou para dentro da sala duas meninas que estavam lá fora e disse que a aula do coral não era igual à aula que elas têm todos os dias na escola, porque é apenas uma hora por semana e não dava tempo ficar chamando atenção. E quem quisesse ficar conversando é melhor desistir. Essa atividade disciplinar durou 10 minutos.

A segunda atividade da professora Joana foi colocar a música novamente, na versão cantada, parando aos poucos, ressaltando cada frase. Disse que no próximo encontro traria a letra impressa para cada um. Essa etapa da atividade durou 15 minutos.

Terceira atividade: resolveu escrever os pequenos trechos que ouviam na lousa. Conforme o CD tocava, ela escrevia na lousa. Parava e voltava a música para retomar a frase que estava escrevendo. Perguntou à pesquisadora se tinha entendido um trecho que falava “do enfermo e do são”. Depois algumas alunas foram até a lousa e continuaram a escrever mais um trecho da música. As alunas ficavam competindo para escrever as frases na lousa e pareciam preocupadas em demonstrar que estavam aprendendo a música. A professora Joana disse à pesquisadora que seria tudo assim mesmo, repetição, e que se ela se cansasse de ouvir poderia dizer.

Na quarta atividade, as crianças cantaram o trecho que estava na lousa junto com o CD e algumas copiaram no caderno. A professora encerrou a aula. As alunas foram embora. Essa etapa da atividade durou 20 minutos.

A pesquisadora acompanhou a professora até seu carro, perguntando quando poderiam fazer a entrevista. Ela disse que tinha dentista naquele momento, mas que na segunda-feira à noite, às 19h, ela estaria na escola e poderíamos então conversar. Despediu-se e saiu.

Em relação aos sentimentos expressos, verificou-se que foram de interesse das crianças em participar, mesmo depois de um dia cansativo na escola. Cada um dava sua contribuição, seja na hora de levar a música, seja na escrita da música na lousa, ou na hora de cantar. Houve uma interação na hora do canto, e em escutar uns aos outros, saber as opiniões; e um respeito à vez de cada um. A professora Joana demonstrou ter muito apreço pelo trabalho que realizou e, mesmo na hora da disciplina, seu tom de voz permaneceu firme, mas inalterado.

3.2.3 O professor José

José, que nas entrevistas recebeu o número 16, tem o cargo de professor de arte em três escolas estaduais, com salas de Ensino Fundamental 2 e Médio. Foi um dos únicos professores que ofereceu sua casa para receber a pesquisadora.

É licenciado em música, e é seu primeiro ano como professor de escolas estaduais, porém já teve experiência com ensino de música como os projetos sociais em que trabalhou.

O professor explicou que quando entrou na graduação seu objetivo era ser músico, dar continuidade a sua experiência em bandas. Não tinha conhecimento de que poderia lecionar em escolas públicas, mas que com o tempo viu esse caminho se abrir e decidiu segui-lo.

Sobre sua formação, José disse que foi falha, que não teve informações suficientes para enfrentar a realidade da sala de aula, por se tratar de uma questão muito complexa e que está além da simples transmissão de conhecimento.

A respeito de sua entrada na escola como professor, falou do fato da liberdade total que tem. Ou seja, não recebeu nenhum tipo de informação sobre o funcionamento, objetivos ou foco da escola, e nem sobre como poderia desenvolver um trabalho que pudesse vir a somar. Teve liberdade para desenvolver suas aulas da forma como achar melhor. A respeito disso o professor disse:

“E pelo estado também, a partir do momento que eu entrei, ninguém me deu uma formação ou uma informação de como trabalhar ali dentro. Nem o próprio Estado, nem a própria escola me deu uma informação de como eu poderia estar fazendo o meu trabalho, com a minha experiência, como eu poderia estar somando ali dentro.”

Sobre o material que o Estado forneceu aos professores, José disse que o Estado pediu que os professores seguissem ao máximo o que está na apostila para que exista uma educação mais igualitária a todos, mas que não é obrigatório segui-la. As apostilas que recebeu para trabalhar são ultrapassadas, com temas de acontecimentos de anos anteriores. Portanto as práticas que desenvolveu em sala de aula foram criadas por ele.

O professor fez uma crítica à forma como a escola está organizada, disse que é muito complicado trabalhar com as práticas de música em si, a começar pelo espaço. Na sala de aula, o som atrapalhou os colegas que estão dando aula, e quando tentou sair da sala, o espaço que encontrou não era adequado. Outro fator foi o deslocamento dos alunos e dos instrumentos que levou muito tempo.

Mesmo com todas as dificuldades que o professor descreveu dentro das escolas estaduais, seu trabalho se destacou com as práticas de utilização da música enquanto fim, enquanto área do conhecimento.

Destacou-se, por exemplo, a prática musical de investigação do ritmo do maracatu:

“Através da cultura brasileira, a cultura afro-brasileira, eu pego assuntos, como por exemplo, a prática do maracatu e dentro disso eu peço pra eles fazerem uma pesquisa... a partir dessa pesquisa a gente fazer uma prática do maracatu... para eles saberem o que acontece no Brasil. Levei um documentário sobre maracatu, mostravam quais os instrumentos que são tocados no maracatu, aí eles anotavam. E vinha: quais os personagens que o maracatu envolve? E eles anotavam. E depois disso eu pedi para eles fazerem uma cartilha com a explicação do que era o maracatu para eles.”

Podemos destacar, também, práticas musicais de timbre e tempo, assim como de práticas de conjunto, com construção de instrumentos musicais.

“Eu usei o timbre de palma da mão, os timbres diferentes e compasso, tempo... a gente tinha a noção de tempo e a noção do pensamento rápido. Fizemos uma prática musical tocando mesmo. Saímos da sala de aula, fomos para o pátio da escola. Nós construímos instrumentos, chocalhos. Às vezes eu levo o violão pra gente tocar música popular, músicas que eu peço para eles escolherem mesmo para fazer uma prática em conjunto.”

Outro destaque que o professor José trouxe é a sua preocupação com os alunos que vai além da sala de aula. Ele disse não concordar com a forma como a sala de aula se organiza, colocando o professor como centro e os alunos em formação como “exército”. Além disso, se preocupou com a realidade que seu aluno enfrentou fora da escola:

“As crianças sentadas e o professor ali na frente, uma coisa meio de ditadura, fica uma interação bem como aluno-professor, não como ser humano.”
“Acho muito importante é conhecer a realidade do aluno, e através dessa realidade saber como abordar ele melhor. Na hora do recreio que eu encosto para comer com um, para conversar com outro...”

José é um professor jovem que demonstrou preocupação com os rumos que a escola tomou que inclusive vai além dos limites físicos, dos portões. Por conta de desenvolver o melhor trabalho possível dentro dessa realidade, podemos destacar ainda suas práticas criativas. O professor disse que teve noites de insônia, preocupado com suas aulas. Assim, a maior parte das atividades desenvolvidas por ele visou à criatividade, à participação e ao envolvimento dos alunos.

Entre as principais práticas criativas estão as práticas musicais com o corpo, práticas musicais para ampliar a noção de tipos de ritmos, para trabalhar timbres variados, práticas musicais criativas em conjunto com matemática, entre outras:

“Através da percussão corporal, que você não precisa de nada, todo mundo tem condição de estar fazendo música através do próprio corpo, e o benefício que isso traz do conhecimento do próprio corpo é muito bacana.”

“Ensinar quantos ritmos brasileiros e pelo mundo existem, conhecer um pouco da cultura de outros lugares.”

“Conhecendo os instrumentos e sabendo apreciar para aumentar o leque musical dele também através de... Sei lá, de repente ele escuta um piano, sabe que é um piano.”

“A teoria, um projeto junto com matemática, facilitando o entendimento da matemática e da música...”

O professor José demonstrou um sentimento de preocupação que pôde ser considerado fundamental dentro da escola, porque trouxe um movimento em direção ao novo, e mesmo diante das dificuldades não se deixou estagnar.

3.2.4. A professora Cláudia

Diferente do professor José, esta professora, que nas entrevistas recebeu o número 07, já tem 27 anos de experiência na sala de aula, e trouxe ainda na bagagem a licenciatura em Educação Artística e o mestrado que está cursando cujo tema é “A Volta da Música na Grade Curricular”. Segundo a professora, sua pesquisa consistiu numa revisão de literatura a respeito das idas e vindas da música na escola.

Cláudia começou sua carreira na mesma escola que leciona como professora de música. Depois o governo da época transformou sua disciplina em Educação Artística. A professora acreditou que, mesmo com a lei que trouxe a música de volta à escola, o Estado não fará tão cedo essa mudança em sua grade curricular:

“Mesmo tendo alteração com a lei da volta da música da grade curricular, o Estado, eu acredito que não fez e nem vai fazer mudanças tão recentemente, porque eles acabaram de fazer uma grande alteração no currículo e foi justamente quando eles mudaram o currículo que veio a lei sancionando a volta da música. Então como acabou de ter essa mudança, eu acho que tão cedo nós não vamos ter a música na grade curricular no Estado. Isso não acontece com as particulares e municipais.”

Além de ter um Conservatório de música, Cláudia teve experiência em preparação de concursos públicos para professores de música e disse que a realidade das escolas municipais e particulares é diferente do Estado, pois estão contratando especialistas para as aulas.

Quanto às práticas em sala de aula, a professora disse ter experiência para trabalhar a música com tranquilidade, diferentemente de seus colegas que não tiveram a mesma experiência e formação.

Ela disse que quando entrou na sala de aula encontrou grande parte dos alunos em estado musical vegetativo, vivendo sob influência passiva das imposições da mídia. Por conta disso, começou a traçar estratégias para despertar em seus alunos a apreciação musical, como, por exemplo, convidá-los a participar de alguns acontecimentos culturais que aconteceram pela cidade e interagir com eles através da tecnologia e dos sites de relacionamentos.

A utilização da música enquanto fim de aprendizado musical aconteceu através de projetos elaborados pela professora que disse que a apostila do Estado trouxe um conteúdo muito resumido. Trouxe para sala de aula desde práticas como laboratórios de percussão e construção de instrumentos, como trabalhos com ritmos brasileiros interdisciplinares:

“Busco através de projetos interdisciplinares desenvolver as habilidades artísticas dos meus alunos. Recentemente encerramos um projeto de percussão reciclável, Laboratuc, onde iniciamos a leitura rítmica da partitura, e encerramos com um workshop de um grande percussionista de nossa cidade.”

“Eu trabalhei o ritmo do baião. Ai a professora de Português interpretou algumas letras do Luiz Gonzaga, e já a professora de geografia falou um pouquinho sobre o serrado, sobre o Nordeste.”

Apesar de todo esse trabalho pioneiro, Cláudia disse que sente dificuldade de se relacionar com os alunos, mas que o tempo todo buscou se aproximar da linguagem deles principalmente através da tecnologia e das atividades extraclases. O problema cresceu, segundo ela, quando chegou a hora em que teve de avaliar esse aluno, pois se ausentou da responsabilidade. Ela disse ainda que através das rodas de conversa conseguiu plantar a arte como uma área do conhecimento.

A respeito da criatividade, a professora disse que a escola precisa ter professores mais bem preparados para intermediar alunos que realmente estejam aptos à música:

“O problema talvez não esteja nos alunos, mas quem educa quem, porque eu sinto que os professores não estão preparados para mediar um aluno compositor.”

A professora disse que musicalmente parece haver uma estagnação na criatividade, pois as pessoas estão mais interpretando do que compondo músicas, o que poderia ser o ponto máximo em sala de aula.

Cláudia pareceu uma pessoa muito comunicativa que, além de trabalhar a música em sala de aula como área do conhecimento, buscou estar próxima de seus alunos. A professora tem uma família de músicos, seu marido e filhos também são profissionais da área. Utilizou sua formação e experiências para tocar os alunos em dois sentidos: o instrumento e a vida.

3.2.5 A professora Bárbara

Depois de falar dos casos dos dois professores licenciados em música, um terceiro caso que mereceu destaque é o da professora Bárbara, que nas entrevistas recebeu o número 24.

Apesar de não ter formação específica em música, esta professora chamou atenção por dois pontos em especial: suas experiências vividas e a forma como colocou suas iniciativas e angústias diante da realidade da sala de aula.

Bárbara é professora há 25 anos e falou de suas experiências:

“Experiências vividas por mim e que eu trago de bagagem é: o balé clássico, o balé moderno, o teatro, a capoeira, a música de barzinho, e que tudo isso entra no período de ditadura que a gente viveu, e eu tive a oportunidade de conhecer tudo isso. Visita as pessoas carentes, a presos políticos, a uma instituição para menores infratores, que era onde que eu fazia tudo esse trabalho aqui. Entra a falta de dinheiro para o trabalho, o casamento, mãe e dona de casa. Que foi uma segunda experiência que eu tenho, e que a gente não pode deixar de considerar.”

A respeito de sua experiência com música, a professora disse que tinha costume de ir a bares com amigos acompanhados de instrumentos de percussão, tocando sempre em grupo. Além disso, possui experiência com escola de samba, tanto como integrante de uma grande escola, como de fundar uma escola de samba com seu marido numa cidade do interior de São Paulo que atendia a pessoas carentes.

Quanto a sua formação em Educação Artística e seu emprego atual, a professora falou sobre a sua separação e a graduação por causa da filha:

“O meu emprego atual é consequência de uma separação, um casamento de quase trinta anos.”

“E nessa época eu tinha uma filha que vinha sofrendo com a separação e completamente desenhada. Então eu falei: “bom se eu for pra faculdade ela vai também.” Nós estivemos esses três anos juntas na faculdade, nos formamos juntas.”

Durante a formação, a professora contou como conseguiu ter aula de música:

“No fim, de tanto brigar com a faculdade eu fiz uma aula que deram partitura e tudo, mas eu não entendi nada.”

A professora lecionou para 6ª e 7ª anos do Ensino Fundamental, 1º da Educação de Jovens e Adultos e 2º e 3º anos do Ensino Médio noturno, e falou que o convívio com os alunos na escola foi muito difícil.

Para aproximar os alunos, buscou práticas com estilos musicais trazidos por eles como *hip-hop*, *funk* e o samba. Além disso, trouxe práticas de percussão corporal, de música e movimento:

“O que eu tenho que fazer é o que eles gostam, então eu peço pra eles me ensinar, pra eles escreverem a letra de música, ensinar como é que dança e arrisco uns passos.”

“O hip-hop, funk e o samba é que eu venho fazendo brincadeiras pra eles terem liberdade comigo e comecem a se soltar.”

“Eu venho utilizando é o barulho no próprio corpo: bater palma, bater bochecha, cocha...”

A professora disse sentir muita dificuldade na interação com os alunos, pois existe uma grande falta de interesse da maioria que contagia a minoria que tenta prestar atenção na aula. Mesmo diante de uma proposta que envolve o ritmo que os alunos mais interagem que é o *funk*, a professora disse que o aluno banalizou e desafiou os limites do professor:

“Eu pedi pra eles que me apresentassem um funk que não tivesse palavrão... não era pra dançar, que a gente ia cantar e usar o corpo como barulho, a gente ia descobrir instrumentos com o nosso corpo. Você percebia que era tudo muito agressivo, aí virou bagunça, pra ver o limite do professor.”

Bárbara disse que fez tudo para conseguir atenção de seus alunos, mas a falta de técnica a deixou insegura para saber lidar com a complexidade da sala de aula.

As experiências de vida da professora fizeram com que ela não desistisse de buscar práticas criativas para a sala de aula. Mas segundo ela, a superlotação de uma sala de aula, em contato com o funk, fez com que perdesse a autoridade como professora, e os alunos fizeram

apenas o que quisessem. Apenas uma pequena minoria reivindicou escutar o que a professora teve a dizer.

A professora Bárbara recebeu a pesquisadora em sua casa, falou de suas angústias e sentimentos de insegurança na sala de aula, pediu sugestões de atividades que pudesse realizar. É uma pessoa muito aberta. Na escola onde trabalha não demonstrou grande cumplicidade com a colega que ministra a mesma disciplina, talvez por falta de abertura. Sua busca foi constante, isso talvez seja o mais importante de suas aulas.

3.2.6 A professora Juliana

A professora em destaque agora, que nas entrevistas recebeu o número 22, não tem formação específica em música, mas fez um trabalho diferenciado em sala de aula. Sua primeira formação foi Análise de Sistemas, na qual trabalhou por 12 anos. Decidiu mudar de profissão, veio de uma família de professores, fez uma nova graduação em arte e começou a dar aulas há dois anos para o Ensino Fundamental 1.

A professora se mostrou muito preocupada em pesquisar assuntos como música para desenvolver projetos e estratégias para trabalhar com seus alunos. Falou ainda da importância de mudar as estratégias de ensino de acordo com cada turma de alunos:

“Eu vou ter sempre que me renovar e capacitar, mudar formas de trabalhar. Porque eu percebo assim que cada classe é diferente.”

Por conta da preocupação em preparar suas aulas de forma a atender às necessidades de cada turma, a professora falou da necessidade do tempo livre para tal planejamento:

“Seria o ideal, não só na minha área, acredito eu, mas a dos outros professores também um tempo maior para a preparação de material. A gente tem horas livres que a gente recebe para preparar em casa, mas o tempo de certa forma é curto.”

Juliana disponibilizou para a pesquisadora o projeto de música que desenvolveu com seus alunos. Como justificativa, ela ressaltou:

“O presente projeto visa à aproximação do aluno de Ensino Fundamental I à linguagem da música e suas potencialidades como meio de expressão de ideias, sensações e sentimentos, de forma que ele possa usar também deste

recurso como forma de expressão pessoal, por se supor que ele irá adquirir e transformar esta habilidade adquirida em competência.”

Mesmo não tendo formação em música, a professora expressou a importância que acredita que tenha na formação do ser humano. As suas aulas de música se apoiaram em três eixos: escuta ou apreciação; prática ou produção; e contextualização.

Ela contou sobre a execução do projeto de música:

“Consegui colocar o projeto até o fim da forma que estava. Esse ano eu vou tentar fazer algumas modificações, mas eu vou seguir o projeto.”

Sobre as aulas de teoria ela explicou:

“Nas aulas de música eu tento passar a parte teórica, pelo menos o conhecimento básico, o som, como ele é produzido, os instrumentos musicais, os tipo que tem.”

Em suas aulas práticas, falou da música experimental e da construção de instrumentos:

“Tem uma parte prática que não é saber tocar música, que aí é aquela parte meio que experimental: usando o corpo para produzir som, fazer dinâmicas para ver a tridimensionalidade do som, produção de instrumentos com materiais reciclados e aí produzir o som com esses instrumentos.”

Juliana se mostrou preocupada com a visão dos alunos e procurou trabalhar práticas para ampliar o universo cultural, trocar experiências e despertar os sentidos da música.

“Dentro do que eu consigo de material eu vou passando pra eles para que eles consigam ampliar o repertório deles.”

“Tem a parte de postura também que eu tento trabalhar com eles, explicando que na hora que vai cantar, na hora que escutar música.”

“Se tem algum aluno que tem experiência musical, que toca algum instrumento a gente convida ele para fazer apresentação para a sala.”

Sobre as interações com seus alunos, disse que a experimentação é importante na determinação da melhor estratégia para cada turma, pois cada um teve uma forma de aprender e essa troca foi sempre uma experiência para os dois lados. As propostas foram ao encontro do mundo que o aluno vive, mas que seja divertido.

A respeito da concepção de criatividade a professora ressaltou:

“A criatividade está muito próxima de experimentar. É não ter medo de errar, vou tentar fazer e se não der certo eu vou mudar.”

“E inovar, tentar buscar alguma forma nova de resolver algum problema que tem, de apresentar alguma coisa nova do que não foi apresentado até então. Acho que a criatividade é trabalhar com o que tem, da melhor forma possível, e não parar, sempre buscar algo novo.”

A partir dessa concepção, Juliana tentou montar suas aulas a partir dos recursos que tem disponível, sempre procurando inovar até mesmo dentro do próprio conteúdo.

A professora Juliana trabalhou muitos anos na área administrativa de uma grande empresa. Mesmo tendo mudado recentemente de profissão, pareceu manter uma busca por novas ideias na sala de aula e na escola. Demonstrou gostar dessa nova experiência e ter consciência das eternas pesquisas que a profissão exige.

3.2.7 O professor Bruno

O quinto professor, que nas entrevistas recebeu o número 02, mereceu destaque por suas atuações nas escolas com bandas e fanfarras.

Graduado em História e Pedagogia, com 24 anos de experiência em diversas escolas estaduais, o professor passou por algumas profissões, antes de se firmar na escola.

“No começo eu fui ajudante de bar, gostava muito de jogar vôlei, mas eu vi que vôlei não dá futuro... comecei a trabalhar de segurança... depois fui ser inspetor de alunos...”

Dentre suas experiências no ensino, trabalhou numa instituição para menores infratores durante três anos. E no momento, além de trabalhar no ensino de fanfarra, exerce o cargo de coordenador. O professor Bruno não teve formação em música, tudo que sabe aprendeu participando na escola, ouvindo e buscando novos conhecimentos, como relatou:

“Eu estudava numa escola municipal... antigamente o Estado dava muito valor à fanfarra, e a gente participava.”
“Eu fiz o Tiro de Guerra e escutava a banda do Tiro todo dia tocar... comecei brincando... eu não podia ficar só com aqueles toquinhos do Tiro de Guerra, eu busquei conversar com os meus conhecidos...”

Além de sua busca pelo aprimoramento na música, falou de sua busca pelos instrumentos musicais para formar sua fanfarra e de como se deu o interesse dos alunos em participar numa das primeiras escolas em que trabalhou:

“Trabalhei numa pequena cidade próxima como inspetor de aluno. O meu banheiro tinha assim umas madeiras, e eu muito curioso falei: “vou mexer”. E quando eu olho, lá tinha uns instrumentos. Perguntei à diretora se poderia mexer nesses instrumentos e ela que sim. Tinha lá umas quatro caixinhas, um marcial, um surdinho, uns dois pratos. Eu tirei tudo, limpei e comecei brincando. E nisso, o som é muito estridente, a meninada começou a pular o muro que era baixinho. Aí nós começamos a ensaiar, ensaiar, nesse dia e pelo resto do ano.”

Bruno falou, ainda, que para formar as fanfarras nas outras escolas buscou contato com os coordenadores nas reuniões da Diretoria Regional de Ensino. Assim, a maioria das escolas que possuía instrumentos disponibilizou para que fosse buscar, e o professor se distribuiu pelas escolas nas quais desenvolve este trabalho. No momento as aulas acontecem em duas escolas, e para o próximo semestre o professor teve convite para atuar em mais quatro escolas, totalizando seis escolas onde desenvolverá seu trabalho que é voluntário e acontece depois de seu expediente:

“É contratado verbal, porque o Estado não paga, a APM não paga., eu vou pelo prazer. Fizeram uma festinha do sorvete e me pagaram... seis escolas estão me chamando para dar fanfarra... já me agendaram para o próximo ano.

Os alunos que acompanharam as aulas de fanfarra passaram por uma seleção da seguinte forma:

“Fiz a seleção... primeiro você faz a apresentação. Eu coloquei todos na quadra sentados, coloquei todos os instrumentos musicais. Então você faz a apresentação: esse aqui é o marcial, esse é o surdo, vai mostrando o som. Ao tocar o instrumento a criança se identifica... tocava o marcial, o surdo, o surdinho, o prato, a caixinha. As cornetas são as minhas preferidas, mas precisa ter fôlego. Aí você vai fazendo a seleção. Você chama 200, e desses você tira 30. Com o tempo, aí vem os tímidos: “eu não estava aqui aquele dia, posso tentar?” e eu falo: “vai, tenta”. E vai deixando a criança.”

O professor falou ainda da experiência que teve em desfiles, onde decidiu juntar seus melhores alunos e formou uma corporação:

“Eu pensei: “vou pegar meus melhores daqui e os meus melhores dali e montar uma corporação”. A gente não se oferecia não, a gente era convidado. Volta e meia tinha ônibus.” Nós tocávamos desde o “Atirei o pau no gato” até o “Hino Nacional”.

A estratégia pedagógica de ensino de música aos alunos da fanfarra é a mesma pela qual o professor aprendeu, por ouvido. O professor tem três alunos que fazem aulas de piano e

que são responsáveis por executar os instrumentos melódicos. Os alunos aprenderam, disse o professor:

“A gente (o professor e os três alunos pianistas) fica lá brincando, e aí vai saindo o som, a cadência. Aí a gente vem e repassa para os alunos brincando, mas de uma forma séria. Eu não tenho segredo, não tenho mágica, não tenho partitura, é dessa forma. Nós vamos criando, vai surgindo.”

“Eles já sabem. Você faz assim, e põe a mão ali, você balançou a cabeça alguma coisa eles fizeram de errado, entendeu. Então é dessa forma, eu sou amigo e eles são meus amigos...”

Dos alunos que participaram da fanfarra, muitos são da sala de reforço e tocam por gosto, mostrando sua realização, trabalhando sua autoestima, como contou o professor:

“Eles se transformam, parecem que eles que se abrem, se sentem outra pessoa, realizado, se sentem úteis, importantes... Isso faz parte da formação do aluno, porque eles se sentem realizados.”

A respeito de seu trabalho, Bruno disse que sente o dever da obrigação cumprida. Falou de sua satisfação e que não conseguiria fazer de forma diferente:

“Prazer eu sinto porque gosto, é uma coisa que eu faço há mais de 20 anos, porque se eu não tivesse prazer, eu não estaria no espaço. Eu já trabalhei em várias áreas e a educação foi a que mais eu me encontrei. Prazer em você estar trabalhando com colegas, gosto da minha fanfarra, gosto das minhas coisas, gosto dos meus alunos, dos meus professores. Isso dá prazer, na hora em que você acorda e você vem trabalhar... é um prazer, satisfação é de estar ao lado de todo mundo, de estar dando entrevista, quer dizer que pelo menos alguma coisa minha está surtindo efeito.”

O professor demonstrou sentimentos de satisfação e realização pelo trabalho realizado. Seu trabalho girou em torno de uma participação espontânea dos alunos que tem mostrado resultados não só na execução da fanfarra, na estética musical, como também na sala de aula, influenciando no rendimento dos alunos.

O trabalho realizado foi diferenciado, por isso mereceu destaque, e deveria mesmo ter reconhecimento total da escola, das autoridades de ensino e financeiramente, investindo recursos tanto no salário do professor como no aparato de instrumentos, uniformes, transportes, entre outros.

Numa consideração geral em relação aos casos estudados fica evidente que a Lei nº 11.769/08 estabeleceu a obrigatoriedade da música nas escolas, mas não a obrigatoriedade de especialistas. Os professores aqui destacados fizeram um trabalho diferenciado com a música,

tanto os que têm formação para tal, como os que não têm. Um ponto em comum em todos foi a busca por estratégias que despertem o interesse e a participação dos alunos. Pareceu existir uma preocupação constante com as estratégias de ensino e de valorizar a música enquanto área do conhecimento.

Uma síntese geral de todos os resultados apresentados nesse capítulo será incluída no capítulo seguinte (Discussão), a fim de facilitar o diálogo com a literatura, próprio deste.

4 DISCUSSÃO

4.1 Os temas analíticos

Foram nomeados temas analíticos os estabelecidos *a priori* para as entrevistas com os professores.

A entrevista com os professores foi dividida em dois encontros. No primeiro encontro, buscou-se no geral compreender a posição do professor na escola, na sua profissão e ainda dar início ao tema das práticas musicais. O tema I “Minha formação e minhas experiências anteriores” foi proposto no sentido de identificar a pessoa entrevistada profissionalmente, saber qual foi sua trajetória até o presente momento. A partir da análise de conteúdo, foi possível identificar para este tema três classes de categorias. A primeira classe “*A formação do professor*” incluiu as escolhas profissionais e a presença da música na formação desses profissionais e deu origem a quatro categorias. Nesta classe em geral, foi possível averiguar a identificação que os professores têm pela profissão, o gosto em lecionar, mas no que tange à música, no geral existe pouco ou nenhum conteúdo durante a formação, e mesmo os professores que tiveram formações musicais extracurriculares procuraram buscar conhecimentos para trabalhar em sala de aula. A segunda classe de categoria foi nomeada “*O trabalho com música em sala de aula*”, originou seis categorias, nas quais foram incluídas as falas dos professores sobre suas experiências com a utilização da música. A maioria dos entrevistados não tem conhecimento musical suficiente e relata suas dificuldades. Falaram, ainda, da utilização da música como recurso para alfabetizar e da influência da mídia no gosto musical dos alunos que a levam para escola, e o professor aproveitou para trabalhar a partir deste conteúdo. Os professores usaram suas experiências com música na sala de aula e falaram dos benefícios que ela trouxe. A terceira classe que se originou dos relatos a propósito do tema I é denominada “*O professor e a escola*”, em que se falou de assuntos que circundam o aprendizado da música nas escolas, e foram reconhecidas três categorias. Como dito anteriormente, a maioria dos professores falou do gosto por sua profissão, porém falaram dos desafios para trabalhar com a música e com as famílias na escola.

Em relação aos resultados obtidos no tema I, a literatura científica a respeito destaca as deficiências na formação dos professores. Assim, Santos (2005) apontou sua preocupação com a diversidade na formação dos professores que lecionam música na escola, diversidade

esta que pode ser notada também nesta pesquisa, de acordo com o Quadro 2 (vide p.49). Hirsch (2007) apontou em seu estudo sobre a música na educação básica como uma deficiência na formação musical, responsável pela dificuldade do professor.

O tema II “Meu emprego atual” veio a complementar o tema anterior descrevendo o lugar que o professor ocupava naquele momento. Para este tema, foram encontradas duas classes de categorias, sendo a primeira *“Valorização e dificuldades do trabalho atual decorrentes de seus aspectos institucionais e organizacionais”*, incluindo três categorias, nas quais os professores ressaltaram as condições de trabalho para exercer sua profissão, expressaram mais uma vez sua satisfação pelo emprego atual e o papel social que a escola exerceu junto à família e à sociedade. A segunda classe de categoria foi denominada *“Valorização do trabalho pelos seus aspectos didático-pedagógicos”* que incluiu duas categorias, nas quais os professores além de falar sobre as várias formas de utilização da música, falaram sobre o trabalho que fazem no sentido de tentar ampliar a realidade de seus alunos em arte e cultura. A respeito deste tema Sobreira (2012) disse que a entrada de um professor de música nas escolas pode vir a causar certo estranhamento pelo fato de que, na maioria dos casos dos professores de Fundamental I, é comum a utilização da música enquanto recurso pedagógico. Nas entrevistas desta pesquisa, as aulas desses professores que utilizam a música como fim não encontraram estranhamentos dos demais colegas, porém era o próprio professor de sala quem estava ministrando. No estudo de caso da professora Joana, em que os alunos têm seus professores de sala, as aulas acontecem em período extra-aula, e assim não interferia no horário dos outros professores. Figueiredo (2005) colocou a parceria entre os professores de sala e os de música como um ponto positivo dentro dos diversos contextos sociais, já que a escola exerce também segundo os professores deste estudo esta responsabilidade. Assim como Álvares (2005) que citou a importância que a música tem enquanto fato social, e a importância de sua utilização para desenvolver a personalidade e estimular o pensamento dos alunos na escola.

No tema II, além de falar um pouco de seu trabalho no geral, o professor já começou a fazer relatos sobre as práticas musicais que seriam solicitadas no tema III (“Minhas práticas nas aulas de música”), no qual foram identificadas três classes de categorias. A primeira classe *“Ensino de música como fim”* inclui três categorias, nas quais os professores falaram do ensino de música enquanto área do conhecimento na prática e na teoria, e ainda sobre como suas vivências pessoais influenciam o ensino de música. A segunda classe recebeu o título de *“Ensino de música como meio para outros conteúdos básicos ou como tema transversal”*, com duas categorias, nas quais os professores falaram dos conteúdos que

ensinam através da música, e inclusive das práticas musicais dentro da cultura brasileira. E a terceira classe que foi denominada “*Ensino de música como atividade complementar*” incluiu duas categorias, que falaram das influências que a mídia traz para a escola e do trabalho que os professores realizam para ampliar o universo cultural limitado dos alunos. Neste tema, os professores puderam expressar as variadas formas com que inserem a música na escola, e que foram divididas nas diversas classes de categorias. Bueno, Costa e Bueno (2013) trouxeram em seu estudo a preocupação com as práticas, buscando mostrar o que consideram uma educação musical de qualidade, defendendo as práticas musicais como forma de comunicação. Sebben e Subtil (2010) também investigaram concepções e práticas musicais e concluíram que o ouvir está entre as mais adotadas nas escolas públicas e particulares. Em todas as classes deste tema, o ouvir esteve presente, o que mudou é a finalidade com que é empregado. Em pesquisa realizada no Canadá, Russell (2011), ao observar uma professora especialista em educação musical infantil, pôde verificar a variedade e o alcance de conceitos pelos alunos. Mostrou-se aqui um exemplo clássico do ensino de música enquanto área do conhecimento, e a evolução dos conceitos adquiridos pelos alunos, o que raramente parece ser visto nas escolas públicas brasileiras. Subtil (2011) falou da influência da mídia na escola e buscou as significações atribuídas às músicas pelas crianças. Os professores deste estudo reconheceram a influência desta cultura na vida dos alunos, assim como a autora que ressaltou a formação de um espaço social.

Na segunda parte das entrevistas, o tema IV “Interação professor-aluno nas minhas aulas” foi proposto com a intenção de investigar a importância das relações e trocas que se estabelecem na sala de aula. A partir da análise dos relatos obtidos, foram identificadas duas classes de categorias, sendo a primeira “*A interação professor-aluno mediada pela música*” que incluiu três categorias, que incluíram assuntos referentes às práticas de construção de vínculo e a troca de conhecimento entre professores e alunos, e que muitas vezes a música está inserida neste papel. A segunda classe de categoria “*A influência da tecnologia na interação professor-aluno*” compreendeu duas categorias, que inclui novamente o assunto da influência da mídia no universo musical do aluno e como os professores utilizam os conteúdos da mídia na busca de interação. Abrahams (2005) destacou em seu estudo a concepção de Paulo Freire sobre o ensino como sendo um diálogo entre professor e aluno, o que parece ser uma prática que promove o vínculo e tira o professor da posição do centro das atenções. O autor ressaltou ainda a importância de se aproveitar o conhecimento que o aluno traz para a sala de aula. Além disso, em vários momentos nas entrevistas da presente pesquisa, os professores trouxeram o tema da influência da mídia nas escolas, e que o conteúdo que o

aluno traz influencia tanto ele quanto o grupo, a comunidade da qual faz parte, conteúdo este geralmente ditado pela mídia. E uma das estratégias responsáveis pela promoção das interações é justamente o aproveitamento deste conteúdo. Subtil (2008) também concordou que a música tem o papel de tecer essa interação, fala de sua função socializadora, permitindo o contato com diferentes culturas.

O tema V “Facilidades e dificuldades no ensino de música” permitiu ao professor falar das coisas que estão dando certo com a implantação da música neste momento, e outras que nem tanto. Pôde-se verificar o surgimento de quatro classes de categorias, com duas categorias em cada classe que exprimem as facilidades e dificuldades surgidas em cada tema, sendo a primeira intitulada *“O trabalho dos professores com música a partir da formação e experiências anteriores”*. Através das categorias encontradas, que falam das facilidades e dificuldades dos professores no ensino de música, foi possível verificar aqui o fato de que os professores que tiveram formação ou experiências anteriores com música pareceram demonstrar uma segurança maior sobre o tema, e mesmo diante de algumas dificuldades o trabalho ocorre na maioria das vezes com a utilização da música enquanto fim. A segunda classe de categoria foi denominada *“Acesso e disponibilidade de material”*, e suas duas categorias incluem o assunto das facilidades e dificuldades relacionadas aos materiais. Todas as escolas possuem as apostilas que o Estado oferece, mas pôde-se observar uma diferença no material de apoio oferecido. Algumas escolas possuem um pequeno acervo de coletâneas da MPB com CDs, Songbooks e DVDs, e em outras não se sabe da existência deles. Instrumentos musicais só existem se a iniciativa for particular de algum diretor ou coordenador, como no caso do professor Bruno que recuperou os instrumentos da fanfarra que recebeu de algumas escolas e que estavam guardados nos porões. A terceira classe de categorias foi denominada *“A forma como a música é utilizada na escola: aspectos organizacionais e institucionais”*, e suas categorias incluem professores que pontuam facilidades pela forma como a música é utilizada na escola, e outros as dificuldades. Os professores puderam falar dos aspectos tanto da organização como da instituição que tornam mais ou menos fáceis a aplicação da música nas escolas. E a quarta classe de categorias é *“Preferências dos alunos influenciadas pela mídia”* que incluiu mais uma vez a influência da tecnologia na escola, e suas categorias incluem professores que falam das facilidades da influência da mídia na preferência dos alunos, e os que falam das dificuldades. Dentre os autores que pesquisaram os assuntos abordados neste tema, destacou-se Hirsch (2007) que apontou em sua pesquisa as dificuldades que os professores enfrentam, além da falta de

formação, como citado anteriormente, as deficiências de espaço e recursos materiais, o que também pôde-se observar neste estudo.

No tema VI “A criatividade no ensino de música” foram encontradas três classes de categorias. A primeira intitulada “*Práticas criativas no ensino de música como fim*”, onde os temas buscaram identificar trechos de falas que apontaram a criação de atividades para utilização da música enquanto área do conhecimento, enquanto fim de aprendizagem musical com cinco categorias, sendo que a primeira fala da criatividade a partir das atividades da apostila, a segunda do movimento como forma criativa, seguida da música como ampliação do universo cultural dos alunos, práticas criativas para ampliar o conhecimento, e por último inclui as práticas musicais criativas promovem interações. A segunda classe intitulada “*Práticas criativas no ensino de música como meio*” incluiu duas categorias, que incluem o surgimento da criatividade e as práticas criativas para ensinar outros conteúdos. Nesta classe as criações de atividades estão voltadas para o objetivo principal do ensino de outros conteúdos, e a música entra como estratégia pedagógica na maioria das vezes, além de os professores falarem do surgimento de práticas criativas na sala de aula. Na terceira classe de categorias denominada “*Atividades Complementares*”, foi possível identificar duas categorias, que incluem o quanto a falta de formação interfere na criatividade, e as influências tecnológicas nas atividades musicais. Foi possível verificar na fala de alguns professores a insegurança de trabalhar com música pela falta de formação e o quanto isso interfere em suas criações. Por outro lado, os meios tecnológicos ajudaram os professores a criar atividades e estimularam os alunos na sala de aula. Romanelli (2009) estudou a relação que os alunos estabeleceram com a música, na qual as construções aconteceram pela coletividade, e os diálogos musicais levavam a respostas musicais individuais inovadoras. A prática musical em grupo fez com que a criatividade de cada aluno pudesse se manifestar. Além da criatividade do professor para trazer estratégias que chamaram a atenção, fica clara a importância de despertar processos criativos nos alunos. Hentschke e Pizzato (2009), ao investigarem o significado das atividades musicais aos alunos, concluíram que nas séries mais avançadas o grau de interesse e de importância aumenta. Vista nas entrevistas desta pesquisa a influência midiática que os alunos sofrem, parece ficar clara a importância de despertar nesses alunos práticas que permitam desenvolver pensamentos mais críticos, inclusive utilizando os meios tecnológicos. Dentro disso pôde-se citar Azor (2010) que estudou a proposta curricular das escolas sobre a inclusão das Artes e concluiu que a escola tem o papel de mediar e de criar práticas musicais dentro da formação cultural das crianças. Maheirie *et al.* (2008) também falaram da importância das produções e processos de criação musical, ressaltando a

oportunidade que os alunos têm de modificar suas visões e entrar em contato com o novo. Pelo verificado nesta pesquisa, a apostila do Estado parece trazer práticas que estimulam o pensamento e a reflexão. A partir dessas atividades, é possível criar novas práticas que são constantemente influenciadas pela chamada “mídia de consumo”, mas que podem ser aproveitadas para inserir nas atividades conteúdos que façam parte do cotidiano dos alunos, provocando o diálogo e promovendo interações.

Os temas analíticos permitiram investigar os objetivos propostos, e a partir destes, a formação de novos temas que serão discutidos a seguir.

4.2 Os temas empíricos

Através das entrevistas e observações participantes, foi possível conhecer e entender a forma como a música está sendo inserida nas escolas estaduais do município de Ribeirão Preto, assim como conhecer os profissionais que lidam com essa prática e suas concepções.

Os relatos verbais vêm sendo utilizados nas pesquisas que falam da música na escola. Loureiro (2001) foi considerada pioneira por já tratar nessa época da preocupação pela temática. Spanavello e Bellochio (2005) também utilizaram relatos verbais para investigar professores não especialistas no ensino de música, até se chegar a Bueno, Costa e Bueno (2013) que fizeram um estudo qualitativo para falar da educação musical e suas práticas na escola.

Neste contexto, na presente pesquisa, a partir dos relatos verbais das entrevistas com 30 professores da rede estadual de ensino, a análise de conteúdo destes dados levou à identificação de 47 categorias que foram agrupadas em 17 classes, as quais foram alocadas a cada um dos seis temas propostos durante a entrevista. A partir desses resultados, foi possível notar a evidência de “temas empíricos” às categorias, classes e temas que apareceram no decorrer da fala dos professores em diversos momentos. Para diferenciar dos temas propostos, serão chamados de “empíricos”, por serem resultado da análise de conteúdo que revelou as diversas categorias; enquanto se denominará de “analíticos” os temas que foram propostos inicialmente, por serem resultados de uma análise *a priori* do problema de pesquisa, pela revisão da literatura e pelo referencial teórico-metodológico assumido, lembrando que esses foram os temas propostos aos entrevistados.

O primeiro tema empírico, que se refere às características dos professores que são licenciados em Pedagogia e mesmo em Arte, é *conteúdos musicais durante a formação* para que as práticas musicais na sala de aula possam ser enfrentadas com segurança, como fim para o aprendizado de música e não como meio para o aprendizado de outros conteúdos, ou com insegurança. Este tema pode ser subdividido entre *a falta de conteúdos musicais*, manifestado pela maioria dos professores, e na *experiência com a música durante a formação*. Sobre a falta de conteúdos musicais, pôde-se observar essa manifestação no tema I, na categoria 2 da classe A (Ausência de música na formação), nas falas das professoras 11 e 15, anteriormente citadas na página 59; e no tema III, classe A categoria 3 (A vivência do professor e sua influência no ensino de música), na fala da professora 28 (Página 82). No tema V, os professores também apontaram a falta de formação musical como dificuldade para o ensino de música na categoria 2 da classe A (Dificuldades para trabalhar com a música devido à formação e experiência anterior), na fala dos professores 04, 14, 25, 21, 28, 27 e 24 (páginas 101 e 102). No tema VI, classe C, categoria 1 (A falta de formação interfere na criatividade), professoras 19 e 21 (página 123). Percebeu-se que existe uma grande dificuldade dos professores em trabalhar com música devido à falta de formação para tal e algumas vezes pedem apoio aos próprios alunos que frequentam cursos de música. Pôde-se ainda perceber alguns professores tentando buscar conhecimento para trabalhar na sala de aula, como é mostrado no tema I, classe A, categoria 3 (A busca pelo aprimoramento em música pelos professores), na fala dos professores 28 e 13 (página 59). Mas mesmo com a busca de conhecimento, os professores relataram uma grande dificuldade e insegurança, como relatado no mesmo tema, na classe B, na categoria 1 (Dificuldade no ensino da música), na fala das professoras 14, 15 e 17 (página 61). Alguns professores apresentaram relatos do contato com a música durante a formação, seja na graduação ou em suas experiências de vida. Sobre a *experiência com a música durante a formação*, que é o segundo tópico da subdivisão deste tema transversal 1, pôde ser citada no tema I, classe A, a categoria 4 (Experiência com música durante a formação) os professores 27 e 17 (página 60). Também no tema III, classe A categoria 3 (A vivência do professor e sua influência no ensino de música), na fala da professora 07, 11 e 25 (página 82). E no tema V, classe A, categoria 1 (Facilidades para trabalhar com a música devido à formação e experiência anterior) professores 07, 11, 16 e 18 (páginas 100).

O surgimento desse tema empírico, sobre conteúdos musicais na formação do professor que irá se responsabilizar pelas aulas de música e o problema que a sua falta cria, na presente pesquisa, vem corroborar dados sobre o questionamento encontrado na revisão da

literatura apresentada na Introdução. Diante da falta de formação ou da diversidade dela, da busca por conhecimento fora e da dificuldade que os professores relataram em lidar com a música na sala de aula, parece ficar demonstrada a necessidade de um especialista para trabalhar com a música na escola, artigo da Lei 11.769/08 que foi vetado, pelo poder Executivo, a saber, a exigência de um especialista para lecionar música. Esta diversidade na formação musical é relatada por Santos (2005) que ressalta o fato de que, mesmo que o cargo de professor de música sempre tenha sido reconhecido oficialmente, as formações dos professores que lecionam música na escola variaram entre graduação e projetos sociais profissionalizantes. A respeito da formação dos professores, Álvares (2005) disse que é dada pouca ênfase ao trabalho a ser desenvolvido no Ensino Fundamental e que, na maioria das vezes, os professores de Arte é que lecionam música. As experiências musicais dos professores vão desde a graduação em música, experiências de vida com a música ou a falta de contato com a música. Parece ficar clara a evidência de um círculo vicioso onde a deficiência no ensino de música é passada no ensino hoje para aquele que será o professor amanhã. Hirsch (2007) também falou da deficiência na formação dos professores, ao averiguar o ensino de música no Ensino Fundamental, e propôs a formação continuada para o fortalecimento da educação musical e como um respaldo para este momento. Russell (2005), ao analisar estratégias de gestão da sala de aula, chegou à conclusão de que a compreensão do contexto cultural, com a literatura descritiva e o embasamento teórico dos professores formados em música, constituiu uma boa estratégia de estudo e formação de profissionais na área.

O segundo tema empírico que se pode observar refere-se ao *uso da música como parte de atividades programadas pela escola ou pela rede estadual de ensino*. Este tema se subdivide no uso da música no calendário cívico e a música como recurso para alfabetizar. No que diz respeito à *utilização da música para trabalhar o calendário cívico*, ocorreu no tema III, classe B, categoria 2 (As práticas musicais dentro da Cultura Brasileira), na fala dos professores 21, 19 e 03 (páginas 85 e 86). Sobre *a utilização da música como recurso para alfabetizar*, ocorreu no tema I, classe B, categoria 3 (A utilização da música como recurso didático), na qual os professores 25 e 11 (página 62) relataram a utilização da música para outros fins que não seja o conhecimento musical. Alguns professores relataram que essa prática inclusive é parte da metodologia de ensino imposta pelo Estado. Apareceu também no tema II, classe B, categoria 2 (As várias formas de utilização da música), na fala da professora 19 (página 74). Também no tema III, classe B, categoria 1 (A utilização da música como meio de ensino de outros conteúdos) na fala da professora 25 (página 83).

A utilização da música tanto na alfabetização quanto no trabalho com o calendário cívico é prática efetiva e que gera bons resultados, como os professores afirmaram, e que vem sendo aplicada principalmente no Fundamental I. Porém, esta prática não trata a música enquanto área do conhecimento, não leva a conhecimentos musicais. Couto e Santos (2009) falaram da utilização da música na escola como sendo um local apropriado por se tratar de um espaço democrático e aberto, mas que é necessário explorar os níveis de compreensão da música enquanto linguagem, não só na escola, mas na sociedade em geral. Sobreira (2012) discutiu a forma como a música é inserida na escola, defendendo a inserção enquanto disciplina, como as de Português, por exemplo, com estratégias pedagógicas e livros didáticos. Fala ainda que o fato de a música ser inserida principalmente no Fundamental I enquanto meio para alfabetizar poderá trazer certo estranhamento quando entrar em cena o profissional especialista. Mas que a música deve se cercar de estudos acadêmicos para assegurar seu reconhecimento. Kerr (2011) discutiu o tipo de ensino de música que se deseja nas escolas: aquele formal, com o uso da partitura; ou uma segunda opção seriam experiências musicais dentro de um contexto cultural amplo que será responsável por trazer noções musicais, mas não formará músicos. De acordo com as entrevistas desta pesquisa, parece que o governo segue a segunda tendência descrita por Kerr, um ensino de música proposto a trazer noções musicais dentro do processo cultural em que se encontra e que a escola pode ampliar.

O terceiro tema empírico refere-se aos *Recursos que o Estado disponibiliza para os professores trabalharem* e foi abordado pelos professores no tema II, classe A, categoria 2 (Dificuldades decorrentes da estrutura que a escola oferece ao professor), pela professora 15 e 16 (página 70). No tema V, classe B, categoria 1 (Facilidade de acesso e disponibilidade de material), na fala da professora 14 (página 103); e ainda no mesmo tema e classe, na categoria 2 (Dificuldade de acesso e disponibilidade de material), pelos professores 03, 21 e 22 (páginas 104 e 105). No tema VI, classe A, categoria 1 (A criatividade a partir das atividades da apostila), na fala das professoras 14 e 04 (página 114). Assim, a conclusão que se tira é a de que o Estado vem desenvolvendo materiais que abordam a música, inclusive nas apostilas, mas alguns professores disseram não ter acesso ao material de apoio que é disponibilizado, assim como a presença de instrumentos musicais ainda não existe na escola. Alguns professores relataram que o objetivo que se viu no material fornecido pelo Estado é de transmitir noções musicais, e não o da música enquanto área do conhecimento. Hirsch (2007), em seu estudo para verificar as condições da presença da música no Ensino Fundamental, detectou a escassez de recursos e espaço adequado para as aulas de música, além da deficiência na formação dos professores. A respeito do material utilizado nas escolas,

Sobreira (2012) não deixou de lembrar a passagem de Villa Lobos e seu Canto Orfeônico, método este que foi responsável por despertar muitos grupos vocais para além da escola.

O quarto tema empírico refere-se às *Questões sociais que circundam o aprendizado na escola*, como, por exemplo, no tema I, classe C, categoria 2 (A responsabilidade social da escola e da família), na fala da professora 03 (página 67). No tema II, classe A, categoria 3 (O papel social da escola e da família), pelos professores 02 e 11 (página 72). Tema IV, classe A, categoria 1 (Práticas de construção de vínculo professor-aluno), na fala da professora 21 (página 90). Percebe-se que a família está distante da escola, delegando a sua responsabilidade na educação dos filhos, e ainda responsabilizando a escola por tal ato. Álvares (2005) e Sobreira (2012) relataram a importância do papel social que a música exerce. O primeiro disse que, no momento, a educação musical formal está separada do cotidiano, e que é necessário os alunos se reencantarem pela música na escola; já Sobreira falou que a música é parte do processo de escolarização, e que suas funções podem ajudar a ampliar o universo não só dos alunos, mas da comunidade. A música pode ser considerada como uma estratégia para aproximar a comunidade, as famílias dos alunos para a escola. Romanelli (2009) falou sobre a relação que os alunos estabeleceram com a música e concluiu que a escola é um ambiente caracterizado pela coletividade e assim produz relações sociais. A música produz reações individualizadas e coletivas, permeada pela influência dos adultos e da mídia.

O quinto tema empírico refere-se às *Influências da mídia no universo cultural dos alunos*. A maioria dos professores falou sobre este assunto que trouxe alunos interessados para a sala de aula, mas que limitou seu universo cultural e seus conhecimentos. No tema I, classe B, categoria 4 (As experiências musicais dos alunos através da tecnologia) pôde-se observar na fala da professora 15 (página 63). No tema III, classe C, categoria 1 (A influência da mídia na escola), nas falas dos professores 14, 19, 21 e 28 (páginas 87 e 88). Tema IV, classe B, categoria 1 (A influência da mídia no universo musical do aluno), na fala dos professores 19, 15 e 28 (página 96). No tema V, classe D, categoria 1 (As facilidades das preferências dos alunos influenciadas pela mídia), na fala dos professores 15, 27 e 30 (página 111); e no mesmo tema e classe, na categoria 2 (As dificuldades das preferências dos alunos influenciadas pela mídia), na fala dos professores 27, 28 e 30 (página 112). E ainda no tema VI, classe C, categoria 2 (Influências tecnológicas nas atividades musicais), na fala da professora 03 (página 124). Em seu trabalho, Subtil (2008) citou alguns autores com diferentes opiniões a respeito das influências da mídia. Citou Theodor Adorno que disse que a chamada “Música de massa” afasta o ser humano do consciente racional e livre; e citou ainda

Walter Benjamin que viu essa fase midiática como uma oportunidade a todos de aproximação com um universo que até pouco tempo era restrito. Subtil viu pontos positivos na visão dos dois autores, pois a função socializadora da música é clara, e cabe à escola essa conscientização rumo ao pensamento crítico. Ainda a mesma autora Subtil (2010) buscou compreender a relação da criança e suas significações no campo musical. A autora concluiu que as crianças estão sob a influência da cultura midiática e que produzem significados a partir dela, e daí mais uma vez a importância da escola nesse papel de conscientização e ressignificação desse conteúdo. Ao investigar as preferências musicais dos alunos, Quadros Júnior e Quiles (2010) verificaram que ela está diretamente relacionada à influência da mídia e mostraram sua preocupação com políticas públicas que promovam o acesso a mais variedades de estilos musicais, ajudando na formação de um cidadão mais consciente e crítico.

As influências midiáticas, segundo os professores, ajudam no sentido de que os alunos se abrem para o tema da música, demonstram gostar do assunto, mas acabam se limitando ao universo imposto e influenciado por ela. A partir desta percepção, alguns professores vêm desenvolvendo um *trabalho no sentido de ampliar esse universo*, através da troca de conhecimentos e da exposição de um universo musical mais amplo, como se pode constatar a seguir. Pode-se considerar este como o sexto tema empírico. Assim, ele aparece no tema I, classe B, categoria 2 (Trabalhar com música a partir do conhecimento dos alunos), na fala da professora 22 (página 62). No tema III, classe C, categoria 2 (Apreciação musical para ampliar o universo cultural dos alunos), na fala dos professores 05, 07 e 13 (página 89). No tema VI, classe A, categoria 3 (A música como ampliação do universo cultural dos alunos), na fala dos professores 28, 03 e 05 (página 116). Pôde-se perceber que os professores partiram de conteúdos que os alunos trouxeram para a sala de aula e a partir daí buscaram práticas que promovam a ampliação do universo cultural dos alunos que estão sob a constante influência da mídia e das tecnologias. Álvares (2005), ao falar das influências da música, e colocando a visão de Paulo Freire, falou que o ensino deve ser colocado sempre como um diálogo entre professor e aluno, e que o conhecimento trazido de fora abre portas para o novo conhecimento. Hentschke e Pizzato (2009), ao investigarem o significado das atividades musicais para os alunos, concluíram que o interesse aumenta à medida que os anos avançam na escola.

4.3 Observações participantes e professores que merecem destaque

Apesar das dificuldades apresentadas pelos professores, durante as entrevistas, no que diz respeito à utilização da música na escola, destacaram-se professores que são um contraponto, porque mesmo dentro dessa situação problemática conseguiram desenvolver um trabalho diferenciado e de qualidade.

A primeira professora destacada, Maria, cujos dados foram obtidos além da entrevista, também por meio da observação participante, apresentou a técnica que utiliza em sala que vai ao encontro do segundo tema empírico deste trabalho: a utilização da música enquanto meio para alfabetizar. Em sua entrevista e coleta de dados, a professora demonstrou o reconhecimento da importância que a música representa na sala de aula, fez o convite à pesquisadora para demonstrar a técnica que utiliza. O interesse que os alunos parecem demonstrar em sala de aula faz com que todos participem, e, mesmo diante de uma dificuldade, o conhecimento da música proposta e a ajuda dos outros colegas da sala fizeram com que o aluno siga em frente. Mesmo que esta técnica não traga o conhecimento musical enquanto fim, e sim enquanto meio para alfabetizar, as crianças aprendem as músicas e ainda são instigadas a trazer seus conhecimentos musicais para a sala de aula.

A segunda professora é Joana, que, mesmo sem ter formação, utiliza a música enquanto fim. Através de pesquisas, e por influência de pessoas próximas que são profissionais da área, Joana mantém um grupo de canto coral que se reúne ao final da tarde, depois do horário regular da escola. As crianças participam do grupo por interesse próprio em cantar, demonstram uma interação com a professora participando também das pesquisas sobre as músicas a serem cantadas e, na sala de aula, ajudando a compor as vozes dos trechos das canções escolhidas. A professora mereceu este destaque também pelo fato de que, mesmo tendo 31 anos de experiência na sala aula e com uma aposentadoria próxima, sua busca pela interação com os alunos e suas pesquisas pelos conteúdos que ela considera mais apropriados foram constantes.

O professor José, terceiro destacado pelo fato de ter licenciatura em música. A disciplina ministrada por ele é a de arte, onde as quatro linguagens estão presentes no currículo. O professor disse que quando entrou na graduação não tinha a ideia de trabalhar em escolas, porque não sabia que poderia ser professor do Estado. Ao se decidir pela profissão, mesmo tendo experiências com os alunos advindos de suas experiências anteriores, um dos grandes desafios enfrentados foi a falta de informação sobre os métodos de ensino da escola e

ainda a falta de espaço e local adequado para trabalhar, que vai ao encontro do terceiro tema empírico, sobre os recursos que o Estado disponibiliza para o trabalho do professor. A sua preocupação com a questão social, o quarto tema empírico ficou evidente em sua fala quando diz que tenta saber um pouco da história de seus alunos para traçar as melhores estratégias pedagógicas. Além disso, o professor conseguiu adaptar suas aulas através de pesquisas e confecção de materiais que propiciam aos alunos além do conhecimento musical, o entrelaçamento com o teatro, a dança e as artes visuais, todas em conjunto.

A professora Cláudia trouxe como destaque sua experiência com a música nas escolas. São 27 anos fazendo um trabalho que se pode denominar pioneiro. Musicista por formação trouxe uma tranquilidade ao falar do tema deste trabalho, inclusive neste momento também faz sua pesquisa de mestrado a respeito da música nos currículos escolares. Considerando que os materiais disponibilizados pelo Estado também não são suficientes, a professora apresenta à pesquisadora uma apostila que desenvolveu com ritmos de percussão, onde faz laboratórios com seus alunos com a participação de músicos convidados. Além disso, Cláudia ganha destaque no compromisso social que estabelece com seus alunos, frequentando concertos e shows com eles. O quinto e sexto temas empíricos estão presentes no trabalho da professora que reconheceu a influência que a mídia traz, mas utiliza a tecnologia e as redes sociais inclusive para se aproximar e ampliar a cultura de seus alunos.

A professora Bárbara, quinta destacada, não tem formação em música. Trouxe em sua bagagem experiências com arte em geral, e com a música especificamente suas vivências pessoais envolvem principalmente a percussão das escolas de samba. Sua escolha por ser professora do Estado é recente, e em sua entrevista relatou suas angústias e buscas por atingir seus alunos, por despertar a participação na sala de aula. Bárbara falou da procura por cursos que possam trazer novas estratégias para escola, demonstrou seu incômodo quando não consegue alcançar seus objetivos. O quinto tema empírico é sempre ressaltado por ela quando tenta desviar um pouco do *funk* que é a principal cultura musical trazida por seus alunos. Sua preocupação com a ampliação do universo deles é prioritária.

Juliana, a sexta destacada, é uma professora que abandonou sua primeira escolha profissional para ser professora do Estado. Vinda de uma família de professores, assumiu a disciplina de Arte há 1 ano. Mesmo sem ter formação em música, desenvolveu um projeto que trata a música enquanto fim, enquanto área do conhecimento. O projeto envolveu atividades que vão desde apreciação musical até as práticas de música não convencional, já que não tem instrumentos musicais para trabalhar. O tema empírico que trata da insegurança dos professores para trabalhar devido à falta de formação se diferencia neste caso. A busca por

conhecimentos e o desenvolvimento de projetos escritos na íntegra permeados por objetivos pedagógicos parecem trazer a esta professora mais segurança ao seu trabalho.

E o último destacado é o professor Bruno que tem como especialidade o trabalho com fanfarra. Sua história não contempla a formação musical profissional, teve noções na escola regular, onde também tocava fanfarra. Segundo a história contada pelo professor, o gosto que relatou pela música e pelos instrumentos musicais fez com que despertasse sua curiosidade e a vontade de envolver os alunos nesta prática. Mesmo não tendo à disposição instrumentos musicais enviados pelo Estado nesta nova fase da inserção da música na escola, como ressaltado no tema empírico três, Bruno fez uma busca pelas escolas da cidade que ainda guardavam os instrumentos antigos da fanfarra, concertou e formou a sua própria fanfarra. O professor esteve à frente da sala de aula por muitos anos, hoje exerce a função de coordenação e depois do horário regular das aulas se dirige às escolas onde faz seu trabalho de música com os alunos, que é voluntário.

Os casos dos professores descritos trazem à tona a discussão dos temas investigados de forma positiva. Os professores citados enfrentam os mesmos problemas que circundam a escola, porém suas estratégias utilizadas trazem exemplos de que é possível investir em qualidade, mesmo diante do pouco que se tem. Mesmo com a falta de formação e de material para o trabalho, não deixam de pesquisar novas táticas para a demanda de seus alunos, parece que o ponto de partida é a criatividade. Problemas certamente existem, mas essas iniciativas fazem a diferença.

4.4 Objetivos propostos e desdobramentos futuros

O propósito geral desta pesquisa foi investigar o modo como o ensino de música está sendo efetivado nas escolas de Ensino Fundamental das escolas públicas estaduais da cidade de Ribeirão Preto. Este também foi objeto de estudo de vários autores presentes na literatura, como Couto e Santos (2009), que baseados também na mesma lei, concluíram que a música deve ser entendida enquanto linguagem pela sociedade em geral, não apenas pela escola.

Ao encontrar professores trabalhando com música, pôde-se notar sua presença assim como suas formas de inserção no ambiente escolar, problemática tratada também por autores como Hirsch (2007) que encontrou além das dificuldades de falta de formação e escassez de material, iniciativas do governo em cursos de formação continuada.

Dentre os objetivos específicos, foi possível conhecer a formação e as experiências dos profissionais que trabalham com música nas escolas, que são pré-requisitos para entender as concepções e práticas desta modalidade. Spavanello e Bellochio (2005) também investigaram essas concepções e práticas e concluíram a necessidade de a música estar incluída na formação dos professores dos anos iniciais.

O objetivo de identificar atividades que caracterizem a criatividade no ensino de música pôde ser alcançado principalmente por meio dos estudos de casos que demonstraram as principais estratégias utilizadas pelos professores, diante das dificuldades. Maheirie *et al.* (2008) estudaram as produções musicais e criativas nas aulas e salientaram a possibilidade da expressão como influência positiva nas visões subjetivas dos alunos.

O objetivo final de ampliar a visão dos professores, coordenadores e demais envolvidos na educação, assim como da sociedade em geral, vem a ser completo com a publicação deste trabalho, assim como sua divulgação.

Um possível desdobramento futuro para esta pesquisa seria dar continuidade a este último objetivo no sentido de ampliar a importância que a informação, a busca de conhecimentos e a criatividade trazem como diferencial no trabalho desenvolvido. Utilizar os exemplos dos professores citados nos estudos de caso e ir além com intervenções que promovam práticas criativas.

Além desse importante desdobramento, é necessário lembrar o caráter exploratório e descritivo da presente pesquisa, o que torna evidente a necessidade de novas investigações, abrangendo amostras maiores ou mais diversificadas, como por exemplo, professores das redes municipais e particulares, como também análises mais detalhadas, como mais observações de sala de aula, buscando revelar a luta cotidiana que os professores de música travam para dar consecução aos objetivos que lhe são propostos.

5 CONCLUSÕES

Dentre os principais pontos percebidos e abordados, pode-se dizer que falta um professor especialista dentro das escolas, porque a formação dos professores em Pedagogia ou Arte não é suficiente para abordar uma área tão ampla do conhecimento. O governo oferece cursos de formação continuada nos quais a música se faz presente, mas parece não ser suficiente para sanar a insegurança dos professores. Permite ainda que professores licenciados em música estejam dentro da escola enquanto professores de arte. Dentre os 30 professores entrevistados, dois são licenciados em música. Porém, eles, como exceções, fazem um trabalho diferenciado com a música, mas ainda são registrados como professores da disciplina de arte. Parece haver uma dificuldade social da importância de um especialista na área pelo fato de a música ser vista mais enquanto entretenimento, enquanto estratégias pedagógicas ou para sanar problemas sociais, mas não enquanto área do conhecimento.

A respeito da utilização da música como recurso para ensinar outros conteúdos, não se pode negar a importância deste trabalho, até porque ele traz práticas criativas e inventivas para dentro da sala de aula, onde os professores têm a oportunidade de observar as diferentes formas de aprendizado dos alunos e grupos. Mas essa prática não se caracteriza como aprendizado de música, ela está ainda no papel de intermediária para outros conhecimentos.

Os recursos que o Estado vem oferecendo para o trabalho com música na escola vêm sendo desenvolvidos por bons profissionais, mas a igualdade de disponibilidade desses recursos ainda precisa ser trabalhada, visto que há escolas que têm apenas as apostilas, e outras que têm recursos de áudio e vídeo e material de apoio, por exemplo.

A questão social que os professores citaram envolve a família e a escola, que é um assunto que não está diretamente ligado ao nosso objetivo, mas que acaba influenciando quando se disse, por exemplo, que a música melhora o desempenho dos alunos e que a professora levou as famílias para cantarem para seus alunos na escola, mostrando que práticas musicais bem colocadas levam a sociedade a participar da escola e abre um universo maior de conhecimento, o que pode ser uma futura estratégia para apresentar a importância da música na escola e seus fins de aprendizagem.

Pode-se citar, também, esse envolvimento social no que diz respeito às influências musicais ditadas pela mídia, ainda que os professores demonstrem tentativas de ampliar esse universo dos alunos. Um ensino de música bem fundamentado é um diferencial para criar visões mais críticas que ouvem, mas não aceitam qualquer tipo de imposição. Mostrar para os

jovens da educação básica que eles têm outras escolhas, e o quanto de informação pode ser trabalhado a partir do mundo musical. Acredita-se que esses jovens são e serão as influências futuras na sociedade e que, a partir da ampliação desta área do conhecimento, eles serão pessoas mais bem preparadas para influenciar uma próxima geração.

Quanto à criatividade, como foi visto nas entrevistas e nos trabalhos destacados, percebe-se seu surgimento principalmente em professores que buscam novas estratégias e que olham para seus novos alunos de forma a tentar percebê-los enquanto seres singulares. As atividades da apostila que o Estado disponibiliza são complexas para os que têm pouco conhecimento musical e insuficientes para os que sabem música ou para os que buscam ampliar seus conhecimentos.

A música é uma área do conhecimento, apesar de sua forte tendência ao entretenimento. A sociedade em geral precisa entender esta concepção para o futuro promissor do trabalho musical nas escolas, para o despertar da consciência crítica de pessoas que vivem sob constante influência dos meios de consumo. Este talvez seja o principal papel da escola neste momento, se fazer ouvir.

Em síntese, a presente pesquisa evidencia que a implantação de um dispositivo legal não garante a sua aplicação de forma eficiente, a situação é sempre muito complexa, envolve a ação em diversas instâncias, incluindo as escolas, as redes e a instituição educacional, a fim que as metas se cumpram. Acima de tudo, maior investimento na educação, professores mais bem qualificados, com melhores salários, apoiados por uma infraestrutura disponível e adequado às suas ações, uma gestão democrática, presente e atuante no sentido de lhes propiciar ações coordenadas, são as condições mínimas para que a implantação do dispositivo legal seja efetivado com qualidade. Isto é o que se espera de nossos governantes em relação ao ensino de música nas escolas.

REFERÊNCIAS¹

- Abrahams, F. (2005). *Aplicação da Pedagogia Crítica ao ensino e aprendizagem de música. Revista da ABEM, 12*, 65-72. Recuperado em 22 de setembro de 2011, de http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista12/revista12_completa.pdf
- Álvares, S. L. A. (2005). *A educação musical curricular nas escolas regulares do Brasil: a dicotomia entre o direito e o fato. Revista da ABEM, 12*, 57-64. Recuperado em 28 de setembro de 2011, de http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista12/revista12_completa.pdf
- André, M. E. D. A., Menga L. (1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU
- André, M. E. D. A. (2001) *Etnografia da prática escolar*. 6. ed. Campinas, SP: Papyrus. 128p.
- Aquino, T. L. (2013). *Pela disciplinarização da música no currículo escolar? 36ª Reunião Nacional da ANPED, Goiânia-GO*. Recuperado em 25 de agosto de 2014, de http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt24_trabalhos_pdfs/gt24_3022_texto.pdf
- Azor, G. N. (2010). *Música nos anos iniciais do ensino fundamental: perspectivas para os trabalhos em parceria na rede municipal de Florianópolis*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Recuperado em 29 de setembro de 2011 de <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0810-D.pdf>
- Bardin, L. (1979). *Análise de conteúdo* (L. A. Reto & A. Pinheiro, trads.). Lisboa: Edições 70.
- Bennett, R. (1986). *Uma breve história da música*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bogdan, R. & Biklen S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. (Trad. Alvarez Maria João; Santos, Sara Bahia e Baptista, Telmo Mourinho). Portugal: Porto Editora, 336 p.
- Bueno, P. A. R., Costa, R. M. C. D. & Bueno, R. E. (2013). *A educomunicação na educação musical e seu impacto na cultura escolar. Educação e Pesquisa, 39*(2), 493-507. Epub 13 de novembro de 2012. Recuperado em 01 de outubro de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000200014&lng=pt&tlng=pt. 10.1590/S1517-97022012005000021

¹ De acordo com o estilo APA - American Psychological Association

- BRASIL. *Conselho Nacional de Saúde*. Brasil, Resolução n. 466/2012.
- BRASIL. *Ministério da Educação. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências*. Brasília, DF: 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm.
- BRASIL. *Ministério da Educação. Lei nº 11769/08. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação*. Promulgada em 18 de agosto de 2008. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm
- Campos, D. C. (2007). *A análise de conteúdo na pesquisa qualitativa*. In M. N. Baptista & D. C. Campos (Orgs.), *Metodologias de Pesquisa em Ciências: Análises Quantitativa e Qualitativa* (pp. 265-288). Rio de Janeiro: LTC.
- Carraro, P. R. (2003). *Crenças e representações dos professores sobre o construtivismo, os parâmetros curriculares nacionais (PCN) e as inovações pedagógicas no contexto das diretrizes propostas para o ensino fundamental a partir da nova LDB*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Carraro, P. R. (2008). *O professor do ensino fundamental em grupos reflexivos em uma abordagem sociodramática*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Coll Salvador, C., Miras Mestres, M., Onrubia Goñi, J., & Solé Gallart, I. (1999). *Psicologia da educação*. Porto Alegre: Artmed Editora.
- Couto, A. C. N. do & Santos, I. R. S. S. (2009). *Por que vamos ensinar Música na escola? Reflexões sobre conceitos, funções e valores da Educação Musical Escolar*. *Opus*, 15(1), 110-125. Recuperado em 01 de outubro de 2011, de <http://www.anppom.com.br/opus/opus15/107/107-Couto-Santos.pdf>
- Ferreira, T. O. (2013). *Processos de formação cultural/musical na escola: como avançar em relação ao que está posto musicalmente?* 36ª Reunião Nacional da ANPED, Goiânia-GO. Recuperado em 20 de agosto de 2014, de http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt24_trabalhos_pdfs/gt24_2821_texto.pdf
- Figueiredo, S. L. F. de. (2005). Educação musical nos anos iniciais da escola: identidade e políticas educacionais. *Revista da ABEM*, 12, 21-29. Recuperado em 02 de outubro de 2011, de http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista12/revista12_completa.pdf

- Freire, P. (1970). *Pedagogy of the oppressed*. New York: Continuum.
- Freire, V. L. B. (1992). *Musica e sociedade: uma perspectiva histórica e uma reflexão aplicada ao ensino superior de música*. (Serie Teses, 1). Porto Alegre: Abem.
- Garde, M. (2003). *Criatividade: um estudo sobre as crenças e representações dos professores do Ensino Médio*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Hentschke, L., Santos, R. A. T. dos, Pizzato, M., Vilela, C. Z. & Cereser, C. (2009). Motivação para aprender música em espaços escolares e não-escolares. *Educação Temática Digital*, 10, n.esp., 85-104. Recuperado em 19 de setembro de 2011, de <http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2056/1861>
- Hirsch, I. B. (2007). *Música nas séries iniciais do ensino fundamental e no ensino médio: um survey com professores de arte/música de escolas estaduais da região sul do rio grande do sul*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Recuperado em 21 de outubro de 2011, de <http://hdl.handle.net/10183/11015>
- Kerr, D. (2011). *Caminhos da Educação Musical*. Caderno de Formação: formação de professores didática dos conteúdos. Universidade Estadual Paulista. São Paulo: Cultura Acadêmica, vl. 05, 40 a 55p. Recuperado em 10 de fevereiro de 2013, de http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40547/1/Caderno_blc2_vol5_final.pdf
- Loureiro, A. M. A. (2001). *O ensino da música na escola fundamental: um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica/Minas, Belo Horizonte. Recuperado em 15 de setembro de 2011, de http://bib.pucminas.br/teses/Educao_LoureiroAM_1.pdf
- Luciano, E. A. de S. (2006). *Representações de professores do ensino fundamental sobre o aluno*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Mccarthy, B. (1987). *The 4MAT System: teaching to learning styles with right and left-mode techniques*. Barrington, IL: Excel.
- Mccarthy, B. (2000). *About teaching: 4MAT in the classroom*. Wauconda, IL: About Learning.
- Mccarthy, B. (2003). *About teaching companion*. Wauconda, IL: About Learning.

- Maheirie, K. et. al. (2008). (Re)composição musical e processos de subjetivação entre jovens de periferia. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 60, (2), 187-197. Recuperado em 18 de outubro de 2011, de <http://www.psicologia.ufrj.br/abp/>
- Minayo, M. C. S. (1999). *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: Hucitec-Abrasco.
- Morgan, D. L. (1993). Qualitative content analysis: A guide to paths not taken. *Qualitative Health Research*, 1, 112-121. Recuperado em 09 de novembro de 2012, de <http://qhr.sagepub.com/content/3/1/112.extract>
- Pellanda, N. M. C. (2004). A música como reencantamento: um novo papel para a educação. *Revista da ABEM*, 10, 13-18. Recuperado em 20 de setembro de 2011, de http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista12/revista12_completa.pdf
- Peres, C. M. (2006). *Atividades extracurriculares: representações e vivências durante a formação médica*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Petersen, T. V. (2008). *Percepções dos Alunos do Ensino Médio sobre o Professor Real e Ideal, em Relação às suas Características Pessoais e profissionais e à interação com os alunos*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Pires, L. H. S. (2008). *Representações e vivências de estudantes de psicologia sobre sua formação*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Quadros Júnior, J. F. S. & Quiles, O. L. (2010). Preferências musicais em estudantes de ensino médio no Brasil: o caso de Vitória, Espírito Santo. *Música Hodie (1)*, vol. 10, 109-128p. Recuperado em 31 de outubro de 2011, de <http://www.revistas.ufg.br/index.php/musica/article/view/12829/13147>
- Romanelli, G. G. B. (2009). *A música que soa na escola: estudo etnográfico nas séries iniciais do ensino fundamental*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. Recuperado em 18 de setembro de 2011, de http://www.ppge.ufpr.br/teses/D09_romanelli.pdf
- Russell, J. (2005). *Estrutura, conteúdo e andamento em uma aula de música na 1ª série do ensino fundamental: um estudo de caso sobre gestão de sala de aula*. *Revista da ABEM*, 12, 73-88. Recuperado em 25 de setembro de 2011, de http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista12/revista12_completa.pdf

- Santos, M. A. C. (2003). Políticas públicas em educação musical. In: *Seminário Música Na Educação Fundamental, 1* (pp. 39-52). Rio de Janeiro: Conservatório Brasileiro de Música, *Anais*.
- Santos, R. M. S. (2005). Música, a realidade nas escolas e políticas de formação. *Revista da ABEM, 12*, 49-56. Recuperado em 20 de setembro de 2011, de http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista12/revista12_completa.pdf
- Sebben, E. E. (2009). *Concepções e práticas de música na escola na visão de alunos de 8ª série do ensino fundamental: as contradições entre o legal e o real*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa. Recuperado em 01 de outubro de 2011, de <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp086102.pdf>
- Sebben, E. E. & Subtil, M. J. (2010). Concepções de adolescentes de 8ª série sobre música: possíveis implicações para a implementação das práticas musicais na escola. *Revista da ABEM, 23*, 48-57. Recuperado em 21 de setembro de 2011, de http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/Revista%2023/revista23_texto6.pdf
- Silva, B. C. C. (2003). *O trabalho com professores em atividades grupais reflexivas numa abordagem sociodramática*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.
- Smith, M. (1995). *Curso de musicoterapia*. São Paulo: Escola de Psicologia Avançada. (mimeografado)
- Sobreira, S. (2012). A disciplinarização do ensino de Música e as contingências do meio escolar. *Per Musi, (26)*, 121-127. Recuperado em 17 de julho de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-75992012000200012&lng=pt&tlng=pt. 10.1590/S1517-75992012000200012
- Souza, J. (2004). Educação musical e práticas sociais. *Revista da Abem, 10*, 7-12. Recuperado em 03 de outubro de 2011, de http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista12/revista12_completa.pdf
- Souza, L. B. de S. & Figueiredo, M. A. de C. (1993). A análise de conteúdo e crenças sobre o trabalho socializado para um estudo de atitude. *Medicina, Ribeirão Preto*, v. 26, n. 2, p. 281-293, abr/jun.
- Spanavello, C. S., & Bellochio, C. R. (2005). Educação musical nos anos iniciais do ensino fundamental: analisando as práticas educativas de professores unidocentes. *Revista da ABEM, 12*, 89-98. Recuperado em 25 de setembro de 2011, de http://www.abemeducacaomusical.org.br/Masters/revista12/revista12_completa.pdf

Spradley, J. P. (1980). *Participant Observation*. New York: Holt, Rinehart and Winston.

Subtil, M. J. D. (2008). Reflexões sobre arte e indústria cultural. *Linhas Críticas*, 14(27), 283-299. Recuperado em 10 de outubro de 2011, de <http://www.redalyc.org/src/inicio/ArtPdfRed.jsp?iCve=193517382004>

Subtil, M. J. D. (2010). O consumo musical midiático e a construção de sentidos por crianças de 9 a 12 anos. *Comunicação, mídia e consumo*, 7(20), 257-274. Recuperado em 10 de outubro de 2011, de <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/316/218>

Subtil, M. J. D. (2011). Músicas, mídias e escola: relações e contradições vivenciadas por crianças e adolescentes. *Educar em Revista*, (40), p. 177-194. Recuperado em 03 de outubro de 2011, de <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/article/view/16974/16287>

APÊNDICE

APÊNDICE A – Outros trechos das entrevistas com professores.

Apresentamos a seguir outros trechos de falas extraídos das entrevistas com os professores, agrupados em suas respectivas categorias e classes, que não foram incorporados ao texto principal dessa dissertação.

Tema I: minha formação e minhas experiências anteriores

Classe de Categoria A: A Formação do Professor

Categoria 1: A docência como escolha profissional

A professora relatou que se formou para trabalhar com a prática da Arte, mas acabou na licenciatura pela falta de professores na rede pública.

*“E me formei não para dar aula, para trabalhar com decoração, pintura, arte, galeria” (...)
“e acabei, até por insistência de diretores de escola, dar aula, por falta de professor na época, me adaptei e gosto do que eu faço.” (Prof.14)*

A professora relatou sua experiência nas aulas de evangelização que influenciaram suas atividades na sala de aula

“...então, a única coisa que a gente as vezes trabalha muito é a bandinha. Eu dou aula de evangelização, e na aula de evangelização a gente tem bastante...” (Prof. 19)

A professora relatou sua escolha profissional baseada nas vivências que teve com História da Arte no Ensino Fundamental e Médio

“...quando eu escolhi para fazer Arte, eu tinha uma noção assim de que Arte, porque eu tive isso na escola, a gente tinha a história da Arte e a professora passava quadros de diversos artistas, a gente copiava aquilo e respondia algumas questões daquele quadro, e era só, então a gente só estudava a história da arte.” (Prof. 15)

A professora explicou que sua escolha profissional final, mesmo depois de ter feito uma primeira graduação em outra área, foi influenciada pelos exemplos que tem de familiares professores.

“Meus pais eram professores, pai e mãe. Minha mãe professora de Arte, meu pai de Educação Física, então ambiente escolar é uma coisa pra mim normal, como se fosse a minha casa a escola. Eu tenho um irmão que é formado em música, dá aula pra criança também pela prefeitura... Eu acho que tudo isso acabou contribuindo para eu escolher o curso de Arte para eu me formar e dar aula.”(Prof. 22)

A professora relatou que a qualidade de sua formação foi prejudicada por problemas pessoais.

“Foi um momento em que eu tinha que trabalhar o dia todo, viajava para estudar. Então sobrava realmente muito pouco tempo para que eu pudesse estudar fazer pesquisa naquele momento.” (Prof.28)

Categoria 2: A ausência de música na formação

A professora explicou que teve música na formação, mas que foi pouco, não sendo suficiente para dar segurança ao seu trabalho.

“... no meu curso de Educação Artística englobou artes cênicas, dança, música e plástica, artes visuais... para fazer a licenciatura eu tive uns quatro semestres de aulas de música.” (Prof. 14)

A professora relatou o pouco conteúdo de música na sua formação e o fato de o professor de música da graduação também não ser especialista.

“... muito pouco, nada que pudesse... Às vezes entra até algum ritmo para trabalhar, mas muito pouco, nada que dê uma formação realmente direcionada para o ensino da música dentro da escola.”
“... professor de música, música não. Geralmente são professores que atuam em escolas, já trabalharam em escolas, já tiveram alguma vivência em sala de aula e era troca de experiência, podemos dizer assim.” (Prof. 4)

A professora relatou que as aulas de música foram insuficientes para uma boa prática em sala de aula.

“Com relação a minha formação, eu creio que ela deixou muito a desejar. Porque a maioria dos assuntos em que eu vim depois na prática a

desenvolver eu tive que realmente pensar muito, procurar muito, saber muito, porque ficou muito assim a quem.”

“... poucas aulas no currículo, muito pouco então a gente não teve oportunidade de conhecer melhor a música.” (Prof. 28)

A professora disse que a música não esteve presente na sua formação e que os professores não pensavam em ligar a música à educação.

“... não, nada, nem se falava... então nessa época a gente não pensava nisso, porque via de outra forma, não ligava uma coisa à outra.”

“Eu me lembro de que no recreio a gente cantava muito, tinha música de roda, mas com a turma lá fora. Com a professora dentro eu não lembro.” (Prof. 21)

Sobre a falta de música durante sua formação.

“A gente até passava pela música, mas era bem superficial.” (Prof. 01)

A pesquisadora perguntou a professora a respeito da música durante sua formação.

“Pesquisador: durante a sua formação no magistério e na Pedagogia, a senhora teve algum contato com música”?

“Professor: Não.” (Prof. 18)

A professora falou de suas dificuldades com a aulas de música durante a formação.

“Durante a minha formação, eu fiquei em DP. Ela me deixou porque eu não tinha noção nenhuma de música. Eu não tenho assim sensibilidade da música.” (Prof. 17)

Durante a sua formação na educação básica, a professora relatou a falta da distinção das quatro linguagens.

“... falar assim o porquê da quadrilha? Daí a gente dançava sem saber as origens. Fazia aquilo por fazer mesmo. E sem saber que fazia parte da arte... hoje é diferido isso porque a nossa proposta de que os nossos alunos entendam isso, de que eles tenham a ideia de que a arte está em todo lugar, e de como ela é dividida, a escola não me preparou para isso, nem pra diferenciar os estilos de música.” (Prof. 12)

Sobre a falta de vivências práticas na formação do Magistério e sua formação superficial na graduação, com a ausência da música.

“O Magistério que eu fiz, a gente não tem base nenhuma dentro da sala de aula. A gente vê apenas a teoria, na prática é bem complexo o convívio com as crianças no dia-a-dia... quase no final do curso que a gente teve contato com as crianças, então fica uma coisa muito vaga.”

“A Pedagogia é a mesma coisa, é tudo curso vago... eu fiz o curso presencial, estava dentro da sala de aula, mas eu acho que o curso foi muito superficial... eu aprendi mesmo com a convivência do dia-a-dia.”

“... na minha formação mesmo eu não tive música.” (Prof. 6)

A professora falou da falta da música na formação.

“Na faculdade eu não tive essa experiência com música... para ser bem sincera eu tive uma música só, que foi do Vinícius de Moraes. Mas também trabalhou assim, interpretação.” (Prof. 30)

Categoria 3: A busca pelo aprimoramento em música pelos professores

A professora relatou que sempre estuda e busca novos conteúdos, mas às vezes, dentro da escola, encontra barreiras para a implantação de novas técnicas.

“Estudo, porque eu acho que o professor tem sempre que estar estudando... a gente faz cursos, a gente está sempre buscando alguma coisa.”

“E quando eu vim para o Estado, no Estado eu me senti um pouco sozinha. Às vezes é um pouco desanimador porque você chega, quando você é nova, não só aqui mas em todos os lugares, e às vezes você quer buscar, você está lendo, tudo, você encontra muitos empecilhos.” (Prof. 3)

A professora relatou que está sempre em busca de conhecimento para melhorar suas práticas musicais em sala de aula.

“Durante esse processo todo de dar aula, a música pra mim é uma coisa nova. O que eu ensino e tento passar de música é aquilo que eu aprendi que eu vejo em livros, que eu vou pesquisando, vou coletando um pouco de informação de cada um e trabalhando dentro daquilo que eu conheço e do que eu posso ir melhorando.” (Prof.22)

A professora expressou a vontade pessoal de aprender música, mas coloca sua idade como um obstáculo.

“Eu coloquei aqui no final que eu gostaria muito de tocar um instrumento musical, se eu fosse mais nova eu iria aprender.” (Prof. 21)

A professora buscou aprender música.

“Fiz o primeiro grau só. Não cheguei a fazer o técnico por falta de dinheiro. Fiz teclado. A prática de teclado e mais a teoria convencional” (Prof. 11)

Sobre a busca de conhecimento para lecionar.

“Como eu não tenho Pedagogia, mas eu sou muito aplicada, eu fui estudar, porque tem um currículo e você tem que dar conta desse conteúdo. Então eu fui lendo a bibliografia e fui estudando o currículo... é estudar por conta própria mesmo, ler os autores que são recomendados. (Prof. 27)

A professora falou de sua aprendizagem e estudos constantes.

“No meu curso a gente não sai preparada cem por cento, você tem que ir aprendendo, ir se reciclando... com 59 anos, eu ainda estudo... sempre quando tem exposição, para São Paulo, Ribeirão Preto.” (Prof. 17)

A professora acreditou na necessidade de formação continuada em música, e sobre os cursos que busca fazer.

*“A gente aprende alguma coisa no curso, mas eu acho que a gente ainda deveria ficar mais só em música.”
“O curso que eu to fazendo agora, estudando o currículo... Eu procuro assim, na minha idade, ainda estudar bastante para passar mais firmeza para os meus alunos.” (Prof. 17)*

Categoria 4: Experiência com música durante a formação

Durante a Educação básica a professora teve aulas de música.

“Em Olímpia nós tínhamos a formação da escola, e devido ao festival do folclore na cidade nós tivemos uma formação extracurricular que é na área de música... nós tínhamos toda a bagagem das músicas folclóricas que nós íamos assim aprendendo, nós tínhamos a música ainda no currículo naquela ocasião, então tinha aula de música desde a 5ª série até a 8ª.” (Prof. 13)

A professora relatou aulas de teoria musical durante a formação.

“Foram mais teóricas, do que prática... era um professor especialista, na época. Nós tivemos mesmo a teoria... cada um podia se especializar na área pretendida, na linguagem... foi mais a teoria pra gente poder entender o que seria a música também” (Prof. 26)

A professora relatou as noções de música na graduação.

“Música eu aprendi assim, na faculdade, foi só um semestre de cada um, só para a gente ter noção básica e daí sair pesquisando por fora.” (Prof. 10)

O professor falou sobre a experiência com música na fanfarra da escola.

“Antigamente o Estado dava muito valor à fanfarra, e a gente participava. A Educação física tinha Ordem Unida, você tinha que entrar em formação. Toda vez que tinha um desfile eu comandava o pelotão” (Prof. 02)

*Classe de Categoria B: O trabalho com música em sala de aula***Categoria 1: Dificuldade no ensino de música**

A professora falou sobre o fato de a aula de música ser tratada enquanto área do conhecimento, com conteúdos específicos, e que ela não teve preparação para isso.

“Eu não me sinto preparada para ministrar aula de música. Eu acho que música é muito abrangente.” (Prof. 28)

Sobre a dificuldade em trabalhar com música.

“Quando eu trabalhava em outra escola tinha colega que falava assim para mim: “ah você só dá música, não dá aula!”. E não era.” (Prof. 13)

A professora disse que o conteúdo é superficial em música na sala de aula.

“O que a gente faz mesmo sobre a música em si é mais expressão mesmo dessas musiquinhas que eles contam no dia-a-dia... não a música na linguagem que deveria ser... afundo eu não trabalho.” (Prof. 26)

A necessidade de um professor especialista na escola.

“Da música mesmo nem na graduação e nem na pós nós não tivemos assim uma formação que ajudasse a trabalhar com a música do jeito que a música deveria ser. Para mim, quem deveria trabalhar com música são as pessoas que são formadas em música mesmo... eu acho que no caso da música teria que ter um profissional da música mesmo.” (Prof. 23)

Dentre as dificuldades encontradas, a professora falou da desvalorização do saber e da falta de interesse dos alunos pelas Artes.

*“A realidade é bem outra, porque esse mundo não fala para eles que é importante saber, o mundo diz que o importante é ter as coisas, não interessa como você vai conseguir as coisas... essa é a mensagem de hoje em dia.”
“Os alunos não se interessam, tem o horizonte muito pequeno, família de horizonte muito pequeno, a vida dele não vai além do quarteirão da casa deles... não conhecem os marcos da cidade. Você fala do Teatro Pedro II, muitos nunca foram, não sabem onde é...” (Prof. 27)*

Categoria 2: Trabalhar a partir do conhecimento musical dos alunos

A professora expressou as particularidades de cada grupo na hora da prática musical.

“Para cada turma, um jeito de trabalhar você tem. Então se tem uma atividade que você pode trabalhar com uma musiquinha que deu muito certo numa turma, que na outra já não vai dar.” (Prof. 25)

A professora falou da experiência com música através dos conhecimentos trazidos pelos alunos em sala de aula.

“Tem alunos que participam do coral, então mais eu ouço do que praticamente ensino.” (Prof. 19)

A professora disse que os alunos trazem vivências do folclore infantil.

“A gente procura ensinar dentro da vivência da criança, para ficar mais fácil para ela... as musiquinha de roda, músicas que eles aprendem no Infantil.” (Prof. 01)

Sobre a importância da troca de experiências.

“Troca de experiências, troca de trabalhos, vivências, conceitos. Isso tudo é inovador para nós, então tem que estar trocando experiências sempre... uma repetição de troca, que é o compartilhar... em grupo você sabe que não é fácil trabalhar. Então esse compartilhar também amizade, carinho, atenção.” (Prof. 30)

A professora relatou que seus alunos trazem para escola uma visão estreita dos da Arte.

“A grande diferença que eu me vejo com os alunos que eu dou aula hoje é isso, tinha uma visão ampla de todas as artes. Hoje que a visão é muito estreita, um mundo muito pequeno...” (Prof. 27)

Sobre o trabalho realizado no emprego atual com música a partir do conhecimento dos alunos.

“Às vezes eu descontraindo mesmo, eu falo: “quem sabe cantar tal musica, quem sabe cantar?” e eles: “ah professora eu sei!” (Prof. 08)

A professora disse que a música já faz parte do mundo dos alunos.

“Eles já trazem essa experiência... eles já trazem, dentro do mundinho deles, eles já trazem para a escola a música, já faz parte do mundinho dele a música.” (Prof. 01)

Categoria 3: A utilização da música como recurso didático

A professora falou sobre a utilização da música como meio para a alfabetização.

“Existe a música e as cantigas mas para alfabetizar. Então a gente usa a parlenda, canta com as crianças de memória para a alfabetização.” (Prof. 19)

A professora fez uma pesquisa sobre a alfabetização de crianças em famílias analfabetas.

“Eu fiz até uma pesquisa sobre isso, sobre essas famílias, partindo assim: como se dá a alfabetização numa família desse tipo, que não é alfabetizada? Como isso acontece?” (Prof. 3)

A professora viu a escola atual focada mais na música em relação a seu tempo de estudante.

“E eu noto assim, agora você está vindo e nas nossas reuniões, a gente foca muito nas músicas, nas coisas do folclore.” (Prof. 21)

A professora disse como usa a música como recurso didático.

“Eu entro com a música para a criança, mas é como uma brincadeira, como uma cantiga de roda, como uma música cantada... aí que a gente vai colher mais da criança no percorrer da matéria” (Prof. 1)

A utilização da música como meio para alfabetizar.

“Quando eu dava a letrinha, trabalhava a letrinha com música. Era através da música que eu percebia que a crianças aprendiam muito melhor... eles viam muito a escrita, a leitura, porque conforme eles vão cantando, eles viam como se escreve.” (Prof. 18)

Categoria 4: As experiências musicais dos alunos através da tecnologia

Todos os trechos desta categoria estão incorporados ao texto principal.

Categoria 5: Os benefícios da música no cotidiano da sala de aula

A professora falou dos benefícios da música para a concentração e fluxo das atividades na sala de aula

*“Quando você trabalha com música, você começa a cantar e parece que eles concentram mais... Na hora que eles conversam eu começo a cantar, na hora eles já sentam, se concentram e começam a prestar atenção na sua proposta.”
“Trabalhar música para eles flui muito bem.” (Prof. 25)*

Sobre a experiência positiva com a utilização da música em sala de aula.

“E a gente não via a hora de chegar o horário da música porque as crianças se envolviam muito, até os professores aprendiam e as crianças adoravam. E depois que as crianças tinham essa aula de música, eu notava que elas ficavam mais concentradas, mais calmas.” (Prof. 08)

A presença da música no cotidiano dos alunos ajudou em sala de aula, disse a professora.

“Contato com musica, eles tem desde criança, só que isso não tem um significado pra eles... você começa há relacionar o dia a dia deles, ah, com o conteúdo que você está passando, fica bem mais fácil de você trabalhar, e mesmo que você vai trabalhar, por exemplo, bossa nova, e eles não conhecem a bossa, mas eles conhecem a música.” (Prof. 12)

Categoria 6: O uso da experiência para desenvolver trabalho com música

A professora contou que percebeu que a partir do trabalho que já realizava com a música em datas comemorativas, poderia também trabalhar outros conteúdos.

“Eu cantava por querer, porque a gente trabalhava as datas comemorativas, e eu achei legal trabalhar na linguagem da música isso com eles.” (Prof. 4)

A professora falou do fato da escola ser uma grande representante das camadas sociais, e que todas as experiências vividas nela, mesmo aquelas que não foram tão bem sucedidas, servem como aprendizado.

“Com relação à experiência eu não posso dispensar nenhuma... nós temos a representação da sociedade quase toda dentro de uma única unidade escolar.”

“Eu não posso dizer que tive alguma... Usei a palavra negativa, mas na verdade não é negativa, nada é negativo, todas as experiências são muito positivas.” (Prof. 28)

A professora relatou algumas experiências escolares em diferentes classes sociais, mas que trouxeram a ampliação de sua visão da educação e de aprendizado.

“Ela (a escola pública) fez com que eu também conhecesse, com que eu abrisse um pouquinho mais, porque eu estava só naquele mundinho assim da escolinha particular.”

“Eu vivenciei a teoria e a prática, e eu acho que eu também estava mais madura para isso. Talvez se eu tivesse feito antes, eu não teria gostado tanto do curso, da Pedagogia.”

“Eu fui trabalhar numa ONG e lá a gente atendia as crianças da favela da Mangueira. E lá também foi assim, eu continuei na escola particular e trabalhando assim por conta... E aí eu fui trabalhar com as crianças da favela, então era um pessoal muito carentes, mas eu aprendi muito com eles também.” (Prof. 03)

A professora relatou as diferenças entre trabalhar em escola grande e em uma menor, onde os alunos e as famílias são mais próximos, além do desafio da inclusão de alunos “especiais” na sala de aula.

“É uma escola pequena, tem 6 salas só... É diferente de uma escola central como a que eu estou agora.”

“Tem um lado positivo que é os pais são mais presentes na escola menor. Na outra escola que eu estou agora também é uma escola centro, uma escola de grande porte, os alunos são de vários bairros, até de outras cidades lá.”

“... eu tenho situações de inclusão dentro da sala de aula. É uma situação um pouco complicada porque a gente não teve um conhecimento especializado...”
(Prof. 22)

A professora contou que quando era aluna do Ensino Fundamental, não se lembra de ter passado por fatos negativos que marcaram sua história.

“Não tem essa parte negativa que eu acharia que aconteceu, que marcou, que refletiu lá na vida. Na minha época eu não passei por isso não.” (Prof. 21)

A professora falou da importância da segurança para realização de um bom trabalho.

“Se eu não tiver segurança naquilo que eu quero ou naquilo que eu estou propondo ensinar, eu não consigo trabalhar bem.” (Prof. 30)

Sobre o trabalho realizado com as quatro linguagens da Arte

“nós trabalhamos as quatro linguagens...” (Prof. 26)

Sobre a experiência do surgimento recente das quatro linguagens da Arte na escola.

“A música começou a ocupar um lugar mais ou menos de uns 9 anos para cá, que eu ouço muito falar de música na escola. Antes não, era diferente. Com os novos métodos de ensino eles estão trabalhando mais essas linguagens com a Arte.” (Prof. 23)

A professora falou da experiência na pré-escola depois da formação no Magistério, e ainda sobre a experiência de alfabetização através da música.

“... o Magistério que eu fiz era aquele que habilitava para a pré-escola e do 1º ao 4º ano, eu dei aula para a pré-escola...”
“Eu alfabetizava as crianças com música... os professores não gostavam porque eu brincava demais com as crianças. Chegava ao final do ano todos já sabiam ler através da música.” (Prof. 06)

Sobre o trabalho com as quatro linguagens com foco na especialidade do professor.

“O currículo funciona assim: você tem que escolher a linguagem que você mais se identifica e depois você pega aquele conteúdo e joga para os outros. Todas as linguagens, eu consigo, antes você dava o foco nas artes visuais, o aluno não tinha teatro, não tinha música, não tinha dança.” (Prof. 17)

Sobre a experiência com as quatro linguagens da Arte.

“... a gente tenta desenvolver as quatro linguagens. Não se aprofundando muito...” (Prof. 26)

A experiência com música na rede municipal descrita pela professora.

“Eu trabalhei um período desse ano na Rede Municipal, tem livros e tem um CD room que a gente trabalha na informática. Tem as músicas certas para a gente trabalhar, os períodos, tudo direitinho.” (Prof. 10)

A professora disse que elabora planos de aula com música voltados aos seus domínios.

“Isso, é para levar para algum aspecto que eu domino. Raríssimas vezes meus alunos tem como produto final uma música, uma composição musical. Porque eu não vou saber avaliar, eu vou avaliar como leiga... um produto final de arte visual, eu vou ter domínio, eu vou ter domínio de ajudá-lo a compor uma arte visual.” (Prof. 27)

Classe de Categoria C: O professor e a escola

Categoria 1: Condições do Estado para oferecer música na sala de aula

A professora fez uma comparação entre as redes de ensino Estadual e Municipal, e em sua opinião o Estado dá mais liberdade ao professor na sala de aula.

“E por incrível que pareça eu acho que a Rede Estadual sempre me deu mais liberdade para trabalhar realmente as artes como elas são, como elas devem ser trabalhadas.” (Prof. 14)

A professora falou da dificuldade pela mudança na grade de ensino.

“O 1º ano ficou no meio entre o pré e a 1ª série. Então você tem que ensinar dentro da brincadeira...” (Prof. 01)

O Material do Estado traz propostas com música, conta a professora.

*Professor: 3º ano. Projeto “Ler e Escrever”.
Pesquisador: o governo desenvolveu um material do Ler e Escrever que trabalha com música?
Professor: sim.
Pesquisador: de onde veio essa ideia, essa estrutura de aula?
Professor: do próprio Ler e Escrever.” (Prof. 18)*

A proposta do governo foi passar apenas noções musicais segundo a professora.

“No currículo do estado de SP, eles não estão querendo assim formar o aluno artista, nem o aluno músico. É noções. Pra depois eles escolherem seguir alguma coisa... tem que ter um processo criativo desde aquela coisinha que o aluno faz tem um valor imenso, entendeu? Tanto na dança como na música.” (Prof. 17)

Cursos de formação continuada são oferecidos pelo governo.

“Letra e Vida” foi um curso que o governo aplicou de um ano e meio, que a gente tinha para professores, era mais ler e escrever, a gente não podia se expressar muito dentro do curso. E a “Teia do Saber” também, é um curso bom.” (Prof. 6)

As mudanças no currículo trouxeram consequências aos alunos.

“Desenhou achou que cumpriu... eles passaram essa visão aos alunos. A quinta série às vezes recebe melhor. desde já apresentando quatro novas linguagens, essa turma que vai chegar ao primeiro ano vai ter uma nova visão. O pessoal do segundo ano que já viu toda essa escola nova, pegou o desenho livre, quer dizer, o professor não podia interferir no desenho do aluno.” (Prof. 12)

A professora falou do material de música fornecido pelo Estado.

“Aqui no Estado, eu peguei na DE, o Heitor Villa Lobos, o “Trenzinho do Caipira” para a gente trabalhar... do Estado também, que é “Pedro e o Lobo”, que são os instrumentos da orquestra com mímica.” (Prof. 10)

Sobre a proposta do Estado para trabalhar música.

“A escola pública traz umas atividades, fazer o ritmo do trem, por exemplo, que som ele faz, como você pode estar trabalhando, ritmo. Tem uma variedade.” (Prof. 26)

A professora disse que a música não entra na grade curricular.

“Na nossa grade curricular não existe música, são aulas de Português... música em si por enquanto não tem não.” (Prof. 20)

Sobre as condições do Estado para oferecer música na sala de aula.

“Eu acho que as crianças deveriam ter aula de música, eu acho que a arte é tudo... eu acho que as crianças tinham que estar o dia inteiro na escola... aqueles que gostam de música, vai a tarde trabalhar um período de música, vai aprender sobre música.” (Prof. 8)

A professora disse que a proposta do governo não prevê a formação de músicos.

“Na proposta ele não quer que a gente forme músicos e nem que dê noções de leitura de partitura e nem nada. É um primeiro contato da criança com a música, mostrar para ela que existe um mundo musical, como ele é formado.” (Prof. 23)

Categoria 2: A responsabilidade social da escola e da família

Sobre a preocupação com o bom tratamento dos funcionários da escola.

“Eu tenho muita preocupação com a forma das crianças tratarem os funcionários. eles ganham um salário miserável. Eles não têm muita esperança, então se eles não tiverem um bom tratamento, eles não vão ficar...” (Prof. 29)

O papel da escola de mostrar os caminhos da Arte aos alunos.

“Eles ainda não se conscientizaram da importância disso aí na vida deles... a arte na escola, é conhecimento, tem um processo criativo, mas não vai formar artistas. É um caminho e se alguém se interessar, depois...” (Prof. 17)

O professor contou sua experiência em tocar para políticos e os problemas que teve.

“E nós fomos tocar com um político famoso. Eles foram uniformizados. Uma professora viu, e você não pode tocar para política sendo do Estado. Eu tive que assinar uma sindicância, mas não me arrependo até hoje” (Prof. 02)

Categoria 3: A realização dos professores dentro da escola

A professora relatou sua preferência em trabalhar com alfabetização nos primeiros anos.

“Para trabalhar eu gosto mesmo é de criança pequena. Eu já trabalhei muito em terceiros, quartos e quintos anos, mas eu me encontrei muito nos primeiros anos.” (Prof. 25)

A professora expressou seu gosto desde cedo pela profissão e pelo trabalho com a alfabetização.

“Desde criança eu sempre tive muita vontade ser professora, brincava de escolinha, então foi o caminho que desde criança eu queria seguir.” “... essa coisa da alfabetização que eu gosto tanto, de você poder ensinar uma criança que não sabe, dela ter a sua autonomia...” (Prof. 3)

A professora relatou sua preferência por trabalhar com as crianças menores.

“Eu trabalhava muito em 3º e 4º ano, mas de uma época para cá eu comecei a pegar 1º e 2º, eu acho melhor, a gente lidar com criança menor eu acho melhor.” (Prof. 21)

Sobre o amor à profissão.

“Sem amor não dá para a gente trabalhar. Então é a base de tudo.” (Prof. 30)

A professora expressou o gosto por ser professora.

“Eu curto o meu trabalho adoidado, e cada dia para mim é único. E eu não sinto cansaço, eu continuo entusiasmada, feliz, animada.” (Prof. 29)

O gosto por alfabetizar.

“Embora sempre preferisse o 1º ano e pré-escola, crianças de 5 e 6 anos, nunca com os mais velhos.” (Prof. 20)

3.2 Tema II: meu emprego atual

Classe de Categoria A: Valorização e dificuldades do trabalho atual decorrentes de seus aspectos institucionais e organizacionais

Categoria 1: Valorização dos professores do trabalho na escola atual

A professora contou sobre a satisfação de conseguir o emprego como professora efetiva do Estado.

“... foi uma conquista para mim. Então eu venho pra cá satisfeita, eu venho cansada, mas eu venho satisfeita porque eu consegui aquilo que era o meu objetivo...” (Prof. 15)

A professora se referiu a educação como algo que é parte dela.

“A educação veio porque acho que já estava dentro de mim, e acabei indo para esse caminho de qualquer maneira.” (Prof. 5)

A professora mudou de área recentemente, e fala sobre sua adaptação na área da Educação.

“Para mim é uma área nova, então eu to no comecinho, caminhando, tentando colocar aquilo que eu vi na teoria em prática.” (Prof. 22)

Sobre o gosto pelo emprego atual.

“Esta escola é um xodó, tudo muito organizado e limpo... adoro saber que eu estou encerrando a minha missão aqui. Graças a Deus eu trabalho aqui.” (Prof. 29)

Sobre a realização em passar conhecimentos aos alunos.

“O ensino é um sonho, um sonho de você passar aquilo que você acumulou, o seu saber, aquilo que você viveu.” (Prof. 27)

A professora falou do gosto pelo emprego atual

“Quando eu decidi vir para Ribeirão Preto, a princípio eu escolhi esta escola por ser próximo da rodoviária... eu queria uma escola para fazer uma experiência. Mas eu gostei, já é o quarto ano que eu estou aqui.” (Prof. 09)

Categoria 2: Dificuldades decorrentes da estrutura que a escola oferece ao professor

A professora explicou que ela estuda para traçar objetivos seguros e passar isso a seus alunos.

“Se você tem confiança naquilo que está fazendo, então vai em frente... essa segurança que você tem, você acaba passando para os seus alunos...” (Prof. 3)

A professora falou sobre a escassez de material para trabalhar, e que usa muitas coisas que são dela.

“Eu trabalho com outras coisas, eu uso esses aqui, que é uma coleção que a escola adquiriu, eu tenho alguns dentro do armário, mas é tudo meu.” (Prof. 15)

A amizade entre os colegas de trabalho.

“Essa amizade, um ajudando e auxiliando o outro, isso ajuda muito no dia-a-dia. E aqui nesse emprego eu vejo que nós temos bastante esse comprometimento de amizade.” (Prof. 30)

A superação dos desafios do emprego atual

“Eu entrei em uma escola que é muito difícil o convívio com essas crianças e eu resolvi aceitar o desafio, está gostoso porque eu venho conseguindo.” (Prof. 24)

A professora falou dos desafios do emprego atual.

“Cada dia é um desafio. Até para você saber passar o conteúdo numa sala cheia de alunos, e fazer com que eles se interessem.” (Prof. 12)

Sobre as cobranças do emprego atual e a dificuldade pelo número de alunos em sala.

“A cobrança em cima do professor é muito, é árdua. Então eles não sabem os problemas que o professor enfrenta dentro da sala de aula.”

“A classe é numerosa, chega um aluno agora, chega um aluno daqui a 10 dias... Você tem que se virar com esse aluno.” (Prof. 06)

O professor falou do desgaste do emprego atual devido às exigências do Saresp.

“Nesse momento, há um desgaste mental devido às cobranças... o Estado, quando ele instituiu o Saresp, sistema de avaliação do rendimento escolar, passou a ter uma cobrança maior dentro da escola... o professor, principalmente o de 5º ano, tem que trabalhar dobrado, porque todos os alunos ao final do ano são avaliados. E se você não atingiu a meta, você é olhado com outros olhos... eles querem achar o culpado... a gente trabalha, mas para eles nunca vai estar bom. Por isso esse desgaste mental.” (Prof. 2)

Sobre a dificuldade de trabalhos práticos devido ao espaço que a escola oferece.

“O problema também é o espaço que a gente não tem tanto, a sala de vídeo que a gente tem que dividir com os outros professores, trabalhar arte só com a lousa e o giz, é um desafio muito grande... você vai passar música, só pode passar teoria, não tem mais como aprofundar. Tem som, tudo, na escola, mas a gente se desdobra.” (Prof. 12)

Categoria 3: O papel social da escola e da família

A professora explicou que tem que lidar com os problemas sociais para poder ensinar.

“... já começou complicado porque você não tem um contato com a família, essas crianças vem no ônibus sozinhas. São crianças que faltam muito. Então choveu eles não vem, se fica doente a mãe não leva ao médico mas deixa em casa e falta a semana toda.”

“... eu tenho que ter compromisso com os meus alunos... Se eu pensar “ah eu vou fazer e quem aprendeu, aprendeu, e quem não aprendeu...” Não é por aí, porque a minha consciência não vai ficar tranquila.”

“Eu coloquei assim: alienação parental. Porque a família não está nem aí se está fazendo, se não está fazendo, se está aprendendo, se não está aprendendo.”

“Coisa que era para a família, mas como a família não ensinou, aqui na escola eles aprenderam.” (Prof. 3)

A professora disse que a falta de estrutura familiar dos alunos influencia o rendimento escolar.

“Grande parte dos alunos não tem uma família estruturada, essas dificuldades acabam atrapalhando o rendimento do aluno na escola... é difícil você ensinar uma pessoa que está com fome... como é que você coloca o ensinamento na cabeça de uma pessoa sem trabalhar a parte física dele?” (Prof. 30)

A respeito da participação da família na escola, a professora relatou a dificuldade de comunicação, e diz ainda que existe uma dificuldade dos pais em lidar com limites.

“Os pais acham que só tem o filho deles. Ontem mesmo eu tentei falar com um pai. Eu ligava do meu celular tentando conversar porque o filho está dando problema na sala de aula... estou tentando conversar com os pais, mas está difícil. Os pais têm trabalhar com o professor quando o filho está dando problema. Tem pai que acha que o problema são os professores.”

“Então eu acho que a gente deveria ter muito mais apoio dos pais. Aqui na escola tem que ter horário. Tem pai que diz assim: “ah não, o meu filho pode chegar um pouquinho atrasado”. Esporadicamente tudo bem, mas todo dia não tem condições... desde pequeno tem que ter regras.” (Prof. 6)

O professor mostrou ter dificuldade de interação pelo desrespeito dos alunos.

“Um fator que eu vejo que deixa mais pobre essa interação é o respeito e a educação que os alunos chegam de casa hoje... os alunos chegam com muita

falta de respeito, baixíssima educação... fica difícil não se deixar se levar pelas emoções de pessoas que vão te desrespeitar.” (Prof. 16)

Classe de Categoria B: Valorização do trabalho pelos seus aspectos didático-pedagógicos

Categoria 1: Ampliação da realidade do aluno em arte e cultura

A professora falou sobre a preocupação que tem em se aproximar dos alunos.

“... estar sempre muito próxima do aluno... conhecer o aluno, as suas honras, e também as suas dificuldades.” (Prof. 28)

A professora falou sobre o objetivo de alfabetizar a todos mesmo diante das diferenças.

“... uma sala complexa, porque você tem vários casos. Tem crianças já alfabetizadas, tem crianças que ainda não conseguiram se alfabetizar.” (Prof. 03)

A professora falou sobre a satisfação que tem em ver o processo de aprendizagem acontecendo.

“... é muito gratificante observar aquilo que você trabalhou, a gente vê um resultado nítido em cada um.” (Prof. 21)

A professora colocou o afeto presente dentro da sala de aula juntamente com os limites, de forma que a criança se sinta segura e desenvolva sua independência.

“Eu procuro levar as crianças a evoluírem dentro desse processo da melhor maneira possível...”

“...eu acho que tem que ter uma troca entre a professora e as crianças, nada pode ser imposto, nada pode ser obrigado.”

“Eu sou uma pessoa até rígida em alguns momentos... mas eu sinto que eu faço isso de uma forma que as crianças gostam de mim.” (Prof. 05)

A professora falou da criatividade necessária para atingir o aluno.

“Criatividade: inovar sempre. Se eu não for criativo e não conseguir atingir o meu aluno, eu não consigo que ele vá além.” (Prof. 30)

Categoria 2: As várias formas de utilização da música

A professora relatou sua dificuldade e que gostaria de estar melhor preparada para trabalhar com inclusão na sala de aula.

“Eu gostaria de ter uma preparação melhor também, tanto na parte de inclusão... inclusão é você fazer evoluir dentro do que ele consegue.” (Prof. 22)

A afinidade com Artes visuais predominam no emprego atual.

“As artes visuais mesmo, a gente acaba aprofundando mais. É aquela coisa da afinidade. Eu agora iniciei artes visuais, e enquanto não termina a proposta a gente não parte para o teatro, para a dança, mas eu acho que depende muito do professor.” (Prof. 26)

3.3 Tema III: minhas práticas nas aulas de música

Classe de Categoria A: Ensino de música como fim

Categoria 1: Práticas de ensino de música

A professora falou da prática musical como uma forma de entretenimento para as crianças.

“Às vezes nós ouvimos música na sala, mais para aguçar o gosto, para divertir, para brincar...” (Prof. 19)

A professora explicou que os alunos expressaram seus conhecimentos musicais, gerando uma troca de informações na sala de aula.

*“... a gente vai trabalhar num processo bastante colaborativo...”
“eu consigo passar para eles certo entusiasmo em interpretar alguma música através de um canto coral ou mesmo em apresentações individuais...”
“... eu consigo trabalhar essa parceria com eles num processo colaborativo...” (Prof. 14)*

A professora explicou que frequentemente usa a música na sala de aula, e que ela despertou também sensações e memórias.

*“O prazer de quando você está ouvindo uma música, e que você lembra de alguma coisa que aconteceu, então te remete.”
“Eu sempre pensei nas aulas de trabalhar com a parte da música...” (Prof. 03)*

A professora explicou que os alunos levam músicas, e a partir daí a participação em sala de aula ficou maior.

“Eles interagem bastante, batem palma, um monte de coisas.” (Prof. 21)

A oportunidade das vivências práticas no emprego atual e as práticas musicais diferenciadas para cada faixa etária.

“Está abrindo um leque de conhecimento do que vem a ser a parte da Arte. Está levando para as crianças uma oportunidade maior de entrar em contato... quando nós fazemos passeio, quando a gente volta, faz um levantamento do que foi visto... o que a escola está oferecendo para ela é um campo maior de conhecimento...”

“Na outra escola é um trabalho diferenciado do que se aplica aqui... lá eu trabalho com uma clientela diferente. São adolescentes, então eles fazem pesquisa, eles trocam informações, então o conhecimento fica maior... pela faixa etária.” (Prof. 23)

As práticas musicais de Música Popular Brasileira.

“Nesse próximo bimestre eu vou trabalhar com a música do Leãozinho, do Caetano Veloso.” (Prof. 18)

As práticas musicais a partir de acervo da professora.

“Têm os CDs que eu comprei que eu trabalho em sala de aula, cantigas de rodas. Eu falo para eles verem o que está falando a música, prestarem atenção na letra para descobrir qual seria o título, e a gente conversa, desenha e canta. Tem CDs que a música é cantada duas vezes, a terceira vez é só o ritmo, e eles é quem tem que acompanhar.” (Prof. 10)

As práticas de história da música presentes no currículo e as práticas musicais de coral e Bossa Nova.

“No Ensino médio e no EJA a música faz parte do currículo, a música como patrimônio histórico... a gente fala muito sobre a música no Brasil. As músicas regionais... a história do samba. Bossa Nova é um tema muito legal.”
“Para trabalhar no Ensino Médio é quando a música está ligada a outras artes como nas intervenções, intervenções urbanas. Nessas linguagens híbridas, para mostrar para eles, por exemplo, uma intervenção: o canto coral, ou uma intervenção cênica que vai música... você age como um coral, fazendo um coral cantando a capela, no meio de uma aula. Isso é uma intervenção urbana na área de música... faço-os escutarem um canto gregoriano, falo do lado histórico, os faz escutarem outros tipos de corais.”
“Eu trabalhei com Chico Buarque de Holanda. Trabalhar com letra, música, saber quem foi Chico, e aí já entram também em porque dessa letra, se é uma letra de protesto, para que serve a música, para que serve a letra, para enriquecer o mundo deles.” (Prof. 27)

Práticas de percepção musical dos sons que compõem o cotidiano dos alunos.

“O trabalho com a percepção ativa seria através dos barulhos que eles ouvem... tudo que está em volta, para eles se atentarem... no fundamental 2 a gente trabalha a percepção mesmo. O tempo, para eles se atentarem a ouvir. É uma nova forma de ensinar o aluno, de levá-lo a ver um pouquinho o mundo de uma forma diferente.” (Prof. 26)

As práticas musicais espontâneas dos alunos.

“Eu dou esse espaço para eles apresentarem lá na frente no final da aula ... e aí vão lá na frente cantar e aí deixar uma coisa mais espontânea.” (Prof. 10)

Práticas musicais com letras de músicas e de interpretação.

“A música ensina muitas coisas para as pessoas, então uma letra bem feita. As mais antigas têm letras muito bonitas, eu trabalho muito com letras antigas com as crianças.”

“Essa música que eu estou dando agora para as crianças, que eu já dei a letra é “Para Ser Feliz”. Explico porque tem aquilo e vou mostrando a letra, do porque ele escreveu essa letra, não chama a atenção, eles não entendem a letra... a partir do momento que eu acabo de explicar a letra para as crianças e coloco a música, a realidade deles passa a ser outra.” (Prof. 06)

Trabalho conjunto e práticas com ritmos musicais para a construção do conhecimentos musicais.

“Eu Trabalho, eu vou falando com eles, eu falo: “olha ele sabe o ritmo, mas ele não sabe a letra. Ensina a letra para ele.” Eu vou escrevendo um pedacinho da música para eles entenderem o que é.”

“Como um sabe o ritmo, porque eles falam assim: “não, o ritmo não é assim, o ritmo é assim tam, tam, tam... (cantarolando)”, e faz o som com a boca sem a letra. Eu fico admirada... eu trabalhei o Hino da Independência, a maior parte na minha sala teve uma aceitação boa, eles procuram entender o sentido.” (Prof. 08)

Prática musical para receber as pessoas na sala de aula e de apresentações na escola.

“Quando eles vão à minha sala levar um papel ou der um aviso, eu faço a sala toda parar. A gente canta a música do bom dia, tem outra que fala “te desejo sorte”, são 2 ou 3 músicas, é um pot-pourri de músicas... elas gostam de ouvir naquele momento, porque alguém parou tudo e percebeu. São músicas simples que eles decoraram e fazem com o maior carinho. E às vezes eles até fazem para fazer bonito mesmo: “olha como eu sei cantar!”.

“Então nós vamos fazer assim o dia do “Ler”, com fantasia, com a proposta do governo e tudo, e nós vamos apresentar. Então nós vamos fazer a semana da criança e do “Ler” eles também motivam a gente, as crianças não rejeitam o que nós temos de bom, basta à gente ter convicção para passar para eles.” (Prof. 29)

Práticas de investigação musical, e as aulas teóricas seguidas de práticas.

“Procuro envolver o aluno, fazê-lo explorar o conteúdo, são aulas que se compõem de momento teórico. Após esse momento procuro montar e apresentar visualmente ou sonoramente o que foi exposto e depois dessas duas etapas eles são instigados a fazer uma atividade prática.”

“Eles não tem nem essa percepção assim, quem compõe às vezes não é quem canta... eu coloquei tudo que eles tinham que pesquisar: quem compõe, quem é o interprete, qual o estilo da banda ou do artista que está gravando; como ele canta como a banda surgiu... eles se envolveram sabe, fizeram lá bonitinho... Na apresentação eles não conseguem ir além.” (Prof. 12)

Práticas criativas dos alunos.

“Já entendem e começam a fazer, eles animam: “pode ser outra música?”, e eu falo “pode, mas de que maneira vocês vão apresentar isso?” (Prof. 26)

Práticas musicais não convencionais.

“O professor não vai ensinar... as notas musicais na pauta. Não é nada disso. O professor acaba aprendendo junto com os alunos.” (Prof. 17)

Categoria 2: Conteúdo Teórico nas Aulas

A professora explicou que faltam recursos materiais e espaço físico adequado para o bom desempenho do trabalho.

“... o problema dos recursos que faltam, do espaço físico. Recorri então à prática do improviso, da flexibilidade diante dessa falta de recursos materiais.” (Prof. 28)

Categoria 3: A Vivência do Professor e sua Influência no Ensino de Música

A professora explicou que tem algumas noções musicais, mas que sua especialidade é artes plásticas.

*“Minha habilidade maior é nas artes plásticas.”
“Música eu tenho noção, eu tenho ouvido para perceber a sequência de um ritmo, entrar na afinação.” (Prof. 14)*

A professora falou que não teve conteúdo musical na graduação.

“... na Pedagogia não teve nada de música...” (Prof. 3)

A professora explicou que trabalha com música também por gosto pessoal.

“Desde que eu entrei no Estado eu uso muito a música em sala de aula. Em primeiro lugar porque eu sou uma pessoa movida à música, sou apaixonada...” (Prof. 5)

A criatividade do professor influencia no interesse dos alunos.

“Quando eu faço uma atividade bem elaborada... eles recebem muito bem, a aula flui muito melhor... quando eu percebo que eu não consegui preparar uma aula bacana, eu não consigo uma interação tão grande.” (Prof. 16)

Classe de Categoria B: Ensino música como meio para outros conteúdos básicos ou como tema transversal

Categoria 1: A utilização da música como meio de ensino de outros conteúdos

A professora falou da prática musical como meio para a alfabetização.

“... eu coloquei alfabetização, que é o que nós fazemos com a nossa aula de música.” (Prof. 3)

A professora reconheceu o benefício da prática musical como fim para alfabetizar.

“... quando você entra num assunto você explica, mas quando você canta muda muito... a música ajuda bastante.” (Prof. 21)

A professora descreveu a utilização da música como meio de ensino de outros conteúdos.

“Que eles cantem, que eles leem, porque eles têm a letra da música, então eles têm que ler. O meu objetivo é a alfabetização. Como no dia das mães. Eu cantei com eles, a minha sala juntou com os outros terceiros... a música também já é outra estruturação de texto, então a gente trabalha também a estruturação do texto. Tem músicas que são poesias.” (Prof. 8)

A professora falou da utilização da música nas atividades de escrita e leitura.

“Nas atividades de leitura e de escrita a gente acrescenta canções como texto.” (Prof. 11)

A utilização da música como meio de ensino de temas transversais.

“Esse ano eu recebi uma classe um pouco agitada, tinha alguns alunos com problemas de comportamento diferenciado... eu trabalhei aquela música “Monte Castelo” do Renato Russo, mas com Fagner e Ângela Maria... eu coloquei a letra da música, e fui fazendo a leitura para eles... eu procuro assim, fazer projetos com música e com as leituras, então dessa vez eu peguei uma passagem da Bíblia... deu resultado assim na questão emocional.” (Prof. 13)

A música enquanto meio para alfabetizar e para trabalhar problemas de aprendizagem.

“Eu uso a música para alfabetizar... procuramos palavras, fazemos ditado colorido, tudo em cima da letra da música... é uma aula com música, com o objetivo de alfabetização.”

“Eu até vi na Psicopedagogia com música, na Educação Infantil. Para problemas de aprendizagem, vamos trabalhar de forma diferente, com música.” (Prof. 20)

A música como meio para alfabetizar descrita pela professora.

“Essa música vai para escrita. A gente passa escrita, na lousa, para leitura, como nas outras áreas.” (Prof. 18)

O professor disse que utiliza a música enquanto meio para ensinar as quatro linguagens da Arte, para trabalhar noções de grupo, e com práticas de dramatização.

“Eu pretendia dar aula de música, mas na verdade são aulas de artes... eu não dou só aula de música. A partir de informações de músicas, eu peço para eles fazerem algum tipo de desenho envolvendo artes visuais... eu pego

informações que tenham a ver com música... transforma isso numa peça de teatro, ou num desenho, uma escultura.”

“Para desenvolver a noção do outro, e de grupo, de respeitar a hora de entrar o outro e tudo mais... as minhas aulas não são só de música.”

“Eles encenavam, tinha o cenário, e eles falavam essa música, eles não cantavam, falavam a letra da música como se fosse um diálogo entre duas pessoas.” (Prof. 16)

A professora descreveu as vivências de atividades de Arte.

“Associando ao dia com a sombra. Se você for dar sombra pra eles só no desenho não é tão significativo, mas quando você leva para o pátio eles percebem a sombra deles lá no chão, a sombra que também mostra o próprio corpo é mais significativo.” (Prof. 12)

Sobre as práticas musicais que envolvem as quatro linguagens da Arte e de interpretação das letras.

“Eu coloco musica de cantigas de rodas, então eles ouvem a música, depois a gente conversa sobre o que esta tratando a musica... a gente faz desenho e cantam para aprender o ritmo, algumas tem coreografia que tem que levantar, colocar a mão no corpo, ver o que está falando, se movimentar.”

“Trabalho também algumas músicas atuais... Tem que ser coisa mais para eles pararem, raciocinar, prestar atenção na letra, para baixar e interpretar a música, ver do que está falando, a melodia e aprender outro tipo de canção também.” (Prof. 10)

A utilização da música enquanto meio para trabalhar a memória, e como meio para alfabetização.

“Nós vamos trabalhar a letra da música, nós usamos para ser mais fácil a memorização. Às vezes eu trabalho uma estrofe, que é para memorizar.”

“Eu vou pedir também a reescrita da cantiga... nós vamos organizar depois essa cantiga fatiada; depois eles vão primeiro localizar letras. O objetivo é apresentar o alfabeto, para cada letra do alfabeto eu trabalho uma música... eu vejo resultado na alfabetização. Na hora de cantar eles vão com o dedinho como se já estivesse tendo o domínio da leitura, eu não me vejo alfabetizando sem esse processo.” (Prof. 09)

A professora também utilizou a prática da música fatiada.

“É a fatia. Cada verso da cantiga eu faço uma linha, eu recorto tudo... recorto e entrego para eles as partes já. Eles vão organizar a cantiga deles...” (Prof. 09)

Segundo a professora, as práticas musicais foram utilizadas para trabalhar temas como a natureza, os valores humanos e para passar mensagens aos alunos.

“Quando eu trabalho com a natureza, eu trabalho com uma música que fala sobre o tema. Eu trabalho, explico porque, aí eu mostro porque é necessária a

árvore, a produção do oxigênio, do gás carbônico, dos animais, tudo através da música... E o “Planeta Água” que também mostra, a música do Guilherme Arantes... tem uma música que é uma poesia enorme sobre a Amazônia, a floresta que eu consegui... eu tenho um CD gravado... E, sobre os animais, como eu trabalho: com a música do Roberto Carlos “Baleia”.

“Essa música “Para Ser Feliz” eu acho que vai ser muito importante para as crianças para eles aprenderem a valorizar o que eles têm, para valorizar a normalidade, porque eles são todos normais! Ai a minha classe chega e fala que eles são inteligentes e capazes, e são saudáveis, são normais. A música que eu trabalho é assim, para eles reconhecerem os valores que eles têm.”

“A mensagem que eu acho que as crianças estão precisando. Inclusive eu mostro também sobre a favela, palafitas, que eles são príncipes numa casa de rico, que eles têm banheiro, cômodo, comida para comer, uma sala para ver televisão.” (Prof. 6)

A professora usou a música e o ouvir como práticas disciplinares com os alunos

“Dependendo de como você conduza, não só a atividade pedagógica em si, a atividade didática em si, mas como você chama a atenção, como você consegue fazer com que eles olhem para você, o dar a bronca, o fazer a criança pensar... eu procuro desenvolver as minhas atividades primeiro tentando fazer com que todo mundo olhe para mim, todo mundo me ouça, a gente vai tentar se ouvir, vai tentar se entender... usando os mesmos termos de respeito, aprender a ouvir, aprender a falar um de cada vez... você consegue entender muita coisa ouvindo.”

“Se você conseguir dialogar você começa a entender. E para dialogar, eu falo para as minhas crianças, um tem que aprender a ouvir o outro. A gente vai estudar um texto musical, e a gente vai cantar, vai fazer gestos, vai trabalhar com aquelas noções rítmicas que eu te falei. Primeiro eu preciso compreender o modelo, preciso sentir, porque eles ainda não têm para me dar... vamos ouvir primeiro, ouvir como a professora canta, ouvir o CD ou ouvir o instrumento... depois imitar, criar em cima, porque a gente inventou músicas também, pego as letras e vou fazendo paródias.” (Prof. 11)

A professora falou da disciplina como forma de respeito, e de seu comprometimento com a aprendizagem do aluno.

“Disciplina: também é a base do nosso trabalho... aprender o respeito com o próprio colega.”

“Eu coloco a minha idealização, o que eu idealizei e realizá-la. Tentar fazer o aluno aprender... eu tenho que me comprometer, Tentar fazer esse aluno sair daqui consciente e trabalhar melhor no futuro.” (Prof. 30)

Sobre as práticas musicais para receber os alunos na escola e para disciplinar.

“De manhã a gente começa cantando o Hino. o ano inteiro é colocado o Hino, e eu já aproveito e faço uma oração, faço uma música também assim de boas maneiras. Eu cumprimento depois eu desejo um bom dia para eles.”

“No lugar de eu ficar gritando e batendo na mesa, eu começo uma música. Então tem a música de pedir para calar a boca, porque isso é muito mal educado de falar. Então a gente canta: “olha a boquinha bem fechadinha...” Depois quando acaba a música eles silenciam.” (Prof. 29)

A alfabetização prazerosa através da música.

“Eu trabalho dentro da proposta de alfabetização... eles vão cantando como se estivessem fazendo uma leitura. Eles gostam de cantar eles gostam das atividades... é prazeroso para eles... eu percebo no retorno que vem da lição de casa.” (Prof. 09)

Categoria 2: As Práticas Musicais dentro da Cultura Brasileira

Práticas de ensino de poemas de clássicos musicais.

“Tem um livro que são poemas de clássicos musicais... eu trabalhava com eles e punha a música de fundo.” (Prof. 13)

Práticas musicais através do levantamento de estilos variados.

“A gente pega vários tipos de música, faço o levantamento das origens da letra e do compositor... a gente coloca samba, pagode, Rap, Funk, Popular, Sertanejo, MPB, todos os estilos.” (Prof. 30)

O trabalho com diferentes estilos musicais.

“Eu peço uma música que eles gostem, que eles ouvem. Mas assim, dou uma limitada pra não vir com funk. Que também tenha uma letra que dá pra gente trabalhar. Então é assim, uma musica sertaneja, e a música que eles conhecem, que eles gostem.” (Prof. 10)

Práticas musicais com cantigas de roda.

“Eu trabalho é com as cantigas de roda... eu tenho o CD e nós cantamos várias vezes. Depois nós saímos também para cantar. Se é cantiga de roda nós fazemos a roda, nós vamos ao pátio.” (Prof. 09)

Classe de Categoria C: *Ensino de música como atividade complementar*

Categoria 1: A Influência da mídia na escola

A professora falou da Influência da Mídia e da televisão na escola.

“A informática, a informação é grande, que hoje tendo também a formação básica a informação faz parte. A televisão como nunca está ligada às crianças.” (Prof. 01)

A dificuldade em enfrentar o preconceitos dos alunos na escola.

“... eles são muito preconceituosos. E você trabalhar o preconceito dentro da sala também é difícil.” (Prof. 30)

Práticas musicais de reflexão das músicas da mídia.

“Relacionar também a música com o dia deles: “o que vocês estão ouvindo? Fazê-los refletirem bem isso. As letras das músicas que estão tocando na rádio... Relacionar com o dia a dia.” (Prof. 12)

Categoria 2: Apreciação Musical para Ampliar o Universo Cultural dos Alunos

A professora fala de alguns benefícios que tem observado na sala de aula com relação à música.

“A música promove um desenvolvimento cognitivo se ela for bem usada, ela desenvolve a criatividade, e a música provoca uma emoção...” (Prof. 5)

A professora falou que traz variados estilos musicais para apreciação.

“... para eles aprenderem, eles gostarem da música... partes repetitivas dos sons a gente trabalha muito.” (Prof. 19)

A professora citou uma colega que trabalhava com música em todas as salas de aula.

“Ela era professora de 5º ano... Ela era PEB I.” (Prof. 25)

A professora falou do interesse dos alunos na apreciação musical para trabalhar o Universo Cultural.

“No projeto acho que são umas oito ou nove músicas, não tenho certeza de quantas músicas, não contei. E eles querem todas.” (Prof. 08)

Sobre as práticas de apreciação musical para ampliar o universo cultural dos Alunos.

“Peguei e comecei a tocar assim “O Pastorzinho”, só tocava e aí eles identificavam. “Atirei o Pau no Gato”, identificaram. Claro que não todos, mas a maioria. Eu tocava “Terezinha de Jesus” e eles: “é tal música professora”. Você vê que vai treinando o ouvido deles, despertando.” (Prof. 11)

As práticas de apreciação musical.

“Eu faço também muita apreciação de DVD. Se toca um show, eu trago a informação de quem é o artista de onde ele veio... trabalho com as letras de música.” (Prof. 16)

A professora falou do ouvir, das práticas de apreciação musical com diferentes estilos, e da resistência que encontra dos alunos.

“Bacana trabalhar um estilo que você não tem tanta experiência, eu pego vídeos relacionados também, para os alunos assistirem, ouvirem, faixas de músicas diferentes, para aquilo ser mais produtivo pra eles.”

“No começo quando começou a tocar a música dos Beatles, a maioria disse “ah, tira isso”, mas não tirei, no final eu vi que eles estavam ouvindo.”

“Ouvir é importante sim, mas a gente tem mais coisa para trabalhar... eles vão ter que apresentar o trabalho no primeiro bimestre, tanto que nesse bimestre eu estou trabalhando praticamente só com música. Espero assim,

que eles ouçam, que vão atrás de música como um conteúdo mesmo, que aflore mais a sensibilidade deles.” (Prof. 12)

As práticas musicais para ampliar o universo cultural dos alunos.

“Outro dia nós fizemos a análise de uma música que foi ‘As Rosas Não Falam’, e fizemos uma música que eles escolheram de um pen drive de um amiguinho que era só palavrão... isso é muito importante a gente despertar, a gente não pode esconder isso, tem que mostrar que eles têm que pegar algo que tem valor.” (Prof. 29)

Práticas criativas de apreciação musical.

“Apreciação de CDs e DVDs, saber ouvir, tentar os fazer perceberem os sons melhores. O que está acontecendo ao redor deles...” (Prof. 16)

3.4 Tema IV: interação professor-aluno nas minhas aulas

Classe de Categoria A: a interação professor-aluno mediada pela música

Categoria 1: Práticas de construção de vínculo professor-aluno

A professora falou sobre sua preocupação com a compreensão dos acontecimentos em sala de aula pelos alunos

“Eu dou muita liberdade para eles me perguntarem as coisas, porque se eles não perguntarem, nunca vão entender.”

“Eles são muito pequenos, a gente procura dar o máximo...”

“Tem hora que precisa dar bronca, eu dou bronca, mas logo em seguida eu já vou explicar o porquê eu tenho que dar aquela bronca.” (Prof. 25)

A professora disse que o vínculo firmado torna a interação agradável.

“... as aulas passam a ser até mais agradável.” (Prof. 14)

A professora percebeu que a interação com a família ajuda no desenvolvimento do aluno.

“... quando a família participa, aqueles alunos que você percebe isso, no começo eles já vão para o bem.” (Prof. 21)

As regras dentro da sala de aula facilitam a interação.

“Dentro das minhas aulas a gente procura desde o começo estabelecer regras.” (Prof. 21)

A professora relatou a união como estímulo ao trabalho dos alunos, o respeito dentro do trabalho em sala e o trabalho em conjunto diante das dificuldades dos alunos.

“Unidos a gente consegue um rendimento melhor tanto dos alunos, por entre eles, e entre mim e eles... a gente junta, faz trabalhos em grupos... trabalhar a questão da união mesmo, nesse sentido, de estarem todos ao mesmo tempo juntos.”

“Se eles não respeitarem o professor e o trabalho que eles estão fazendo, não vão fazer bem feito.”

Trabalho mútuo: sempre junto com alguém... um tem mais dificuldade e o outro tem menos. Eu aproximo estes para um ajudar ao outro... Trabalho mútuo envolve o aluno que também tem muita dificuldade... Ele tem um trabalho diferenciado dos outros. (Prof. 30)

A interação através de contação de histórias aos alunos.

“Eu tento interagir ao máximo com os meus alunos. Eu conto às vezes histórias para eles, exemplos de vida eu uso muito, hoje mesmo eu contei.”
(Prof. 06)

Categoria 2: A troca de conhecimento entre professor e aluno

A interação como troca de experiência entre professor e alunos.

“Eu vejo a sala de aula como uma troca de experiências... a gente tenta trocar as práticas, tanto as deles quanto as minhas.” (Prof. 22)

A professora buscou promover a interação a partir do que os alunos trazem.

“... a partir do momento que eles sentem valorização da cultura musical deles, eles têm um olhar diferenciado para nós.” (Prof. 28)

A professora relatou que prefere trabalhar com alunos a partir da 8ª série (ou 9º ano), onde a interação fica mais prazerosa.

“... a partir da 8ª e do Ensino Médio essa interação se torna prazerosa, porque já tem um elo firmado entre as partes.” (Prof. 14)

A professora percebeu uma interação positiva com os alunos.

“Eu acho que há uma boa interação entre eu e os alunos.” (Prof. 4)

A professora relatou uma melhor interação com as crianças menores.

“... como é 1º a gente tem um acompanhamento desde o começo, e a gente praticamente molda a situação. Então sempre acontece bem.” (Prof. 21)

Sobre a troca de conhecimento entre professor e aluno.

“Houve uma mudança muito brusca entre o que a gente estudou e agora atualmente. Agora há certa troca, tanto do aluno para o professor como do professor para o aluno. Antes o professor era um marco, ele quem passava, ele que falava. Agora não, há certa troca.” (Prof. 1)

A professora disse que na troca de conhecimento todos ganham.

Quanto ao ensino existe a troca, e eu acredito que eles também estejam doando pra gente.” (Prof. 24)

Sobre a importância de o professor trazer a Arte enquanto área do conhecimento.

“Muitos não tem essa concepção de que a Arte não é só uma atividade como era, que a Arte é uma disciplina mesmo, mas eu acho que com as nossas conversas, isso acaba chegando neles realmente como uma disciplina com conteúdo.” (Prof. 7)

Concepção da professora sobre o trabalho com criatividade.

“Faço um pouquinho, eles fazem um pouquinho de improviso, em ritmo, a gente estuda célula mais trabalha também com a improvisação. Mas você sabe que é muito ilusório, que isso deveria ser o ponto máximo e não é.” (Prof. 07)

Categoria 3: Benefícios da música para a interação professor-aluno

A professora relatou que a interação com a música é permeada pelo medo e receio de errar dos alunos.

“... eles têm receio, eles têm certo medo de falar o que eles pensam, eles têm medo do erro.” (Prof. 14)

A professora relatou a interação através do respeito, afeto e do desenvolvimento da autonomia para criação de novas possibilidades.

*“... o respeito aqui, eu acho que é um respeito mútuo... Respeitar as diferenças... cada um tem o seu movimento em direção ao aprendizado.”
 “... as crianças tem que sentir que elas são importantes dentro da sala de aula... que o aprendizado delas é importante para mim.”
 “... a criança aprende muito mais se ela estiver num ambiente alegre, feliz, com segurança.”
 “Eu não acredito em aprendizado sem autonomia. Então é uma das principais coisas que eu desenvolvo desde os primeiros dias de aula.”
 “... a música, eu acho que ela traz essa alegria que eu acho que traz para todo mundo... cria um ambiente de criatividade, de alegria, de interação.” (Prof. 05)*

A professora disse que a interação com a música diminui conflitos na sala de aula.

“A interação costuma ser boa. Quando acontecem alguns conflitos eu procuro resolver no momento...”

“Quando trabalha com música normalmente eles gostam muito da atividade, então eles participam muito... não tem muito conflito no horário da música... Eu trago músicas assim, mais são as cantigas...” (Prof. 19)

A professora usou a interação para estabelecer limites e organização na sala de aula.

“Nas series iniciais eles vêm muito imaturos, eles trazem a regada para a necessidade de uma atenção maior... a gente tem que ser um pouco mais ríspida, mais séria nesse momento, mas sem perda de respeito...” (Prof. 14)

A professora interagiu a acolher os sentimentos dos alunos.

“Está com vontade de dar um abraço, vem... professora de todas aquelas coisas assim.” (Prof. 25)

A professora promoveu a interação através da compreensão de experiências anteriores.

“Quando a gente tenta aplicar o nível musical que a própria escola sugere, vem com a questão do amadurecimento, a gente é mais madura.” (Prof. 28)

Classe de Categoria B: a influência da tecnologia na interação professor-aluno

Categoria 1: A influência da mídia no universo musical do aluno

Sobre a utilização de recursos da mídia para práticas de formação de vínculo professor-aluno.

“Tento encontrar uma linguagem correta para me aproximar disso, dou aula até pelos sites de relacionamentos...” (Prof. 07)

A professora falou da influência da mídia no universo musical do aluno.

“O tia passou na televisão tal coisa.” “Eles assistem muito determinados programas de televisão. Então lá tem bastante coisinha que eles vão pegando, vão trazendo.” (Prof. 01)

Sobre a influência da televisão no gosto musical dos alunos.

“Tem uma empresa que todo ano coloca essas músicas antigas, “O Carinhoso” nas propagandas. As minhas crianças já sabem décor e aprenderam em casa. E teve pai que mandou agradecer por eu ter indicado aquelas músicas. Ai as crianças copiam, desenharam a música, mas já sabendo a melodia. Então eu deixo dançar um pouquinho ali. Os meninos dançam essa música ai que tá rolando ai... essas que está na boca do povo; e as meninas dançam a “Cheias de Charme”... é o modismo, é o momento. Eles apresentam para nós o que eles vêm na TV e ouvem.” (Prof. 29)

Sobre a influência do Funk na escola.

“É muito vulgar o Funk, não é legal essa linguagem, não criticando porque quanto mais critica mais eles querem ouvir, mas para mostrar que existe coisa melhor.” (Prof. 12)

Categoria 2: A ação da mídia na busca da interação

A professora se preocupou em levar para a sala de aula propostas musicais que interajam com o mundo que o aluno vive.

“... tem que levar ao máximo o lúdico pra que aquilo no dia-a-dia não seja uma coisa que fique longe dele...” (Prof. 22)

A professora buscou uma interação visando o desenvolvimento dos alunos.

“... um trabalho diário que eu faço com eles, no sentido de que eles se desenvolvam.” (Prof. 05)

A professora falou que procura ilustrar as aulas com diferentes recursos para promover a interação.

“... essa busca incansável da gente sempre procurar recursos para levar essa interação, não ficar só o professor falando...” (Prof. 03)

Sobre a busca de interação a partir do conteúdo que o aluno traz.

“Eles ficam admirados: “nossa professora você sabe essa musica?”, eu falo: “sei, não é uma música da moda?” (Prof. 08)

Tema V: facilidades e dificuldades no ensino de música

Classe de Categoria A: A dificuldade dos professores para trabalhar com a música devido a formação e experiência anterior

Categoria 1: Facilidades para trabalhar com a música devido a formação e experiência anterior

Não há categorias restantes aqui.

Categoria 2 Dificuldades para trabalhar com a música devido a formação e experiência anterior

A professora disse que os conhecimentos adquiridos na formação não são suficientes para ensinar música.

“Um pouco do conhecimento que eu tive na faculdade, no curso de formação, que é tipo uma especialização que o Estado ofereceu.”

“eu não tenho conhecimento aprofundado... eu acho que acaba atrapalhando um pouco.” (Prof. 22)

A professora disse que a sua dificuldade está na falta de formação para trabalhar com música.

“A minha maior dificuldade é falta de formação mesmo, que eu sinto que mais falta, porque eu não aprendi nada de música, foi pouca coisa.” (Prof. 15)

A professora falou sobre a dificuldade em achar disponível um curso oferecido pelo Estado sobre música.

“... a maior dificuldade é o aprofundamento do tema... não são oferecido cursos referentes a música...” (Prof. 19)

A professora viu dificuldade em explorar mais a música pela falta de formação.

“Eu não sou formada, não tenho nenhum tipo de formação, de conhecimento para isso.” (Prof. 5)

A dificuldade em trabalhar música devido a falta de formação, disse a professora.

“Em relação a música, eu trabalho com as atividades da apostila, não vou nada além da apostila porque a minha formação não é música, o que eu não consigo, eu pulo.” (Prof. 17)

A professora falou das dificuldades para trabalhar com a música devido a falta de formação e experiência anterior.

“... a dificuldade é que eu não tenho nenhuma formação. Eu não sei então, eu trabalho bem de forma livre, do jeito que eu levo e eles trazem para mim está bom.” (Prof. 8)

Sobre as dificuldades para trabalhar com a música devido a formação e experiência anterior.

“As dificuldades: principalmente formação, porque quem não tem fica um pouco mais complicado desenvolver alguns conceito de música.”

“Se você tem muita vergonha de se expor, de se movimentar, de fazer gestos...” (Prof. 11)

A professora falou das dificuldades para trabalhar com a música devido a formação e experiência anterior.

“Dificuldade é de não ter a formação mais específica... eu queria poder passar mais para os meus alunos.” (Prof. 13)

A falta de formação e a dificuldade pela forma como o professor encara o trabalho.

“Não sou especialista”

“O professor, o educador de PEB I é muito medroso. A gente precisa ter mais audácia, ter mais coragem na hora da gente acabar os projetos.” (Prof. 29)

É necessário estudar para lidar com a música, disse a professora com dificuldade em ensinar devido a falta de formação.

“É difícil também por nós mesmos que não temos a base necessária que deveríamos ter para desenvolver essa linguagem. É difícil entender a sequência, de que se você dá uma batida vem uma sequência e na próxima são duas, executar... nessa linguagem eu não me predo muito porque eu tenho dificuldade. Existe uma deficiência na formação.”

“Estudar um pouco é importante, pelo menos o básico dos elementos que compõem o que seria a música. E aí a gente usa os recursos que tem como bandinha de sucatinha, que você pode estar desenvolvendo batidinhas simples, é o que eu procuro.” (Prof. 26)

Sobre a dificuldade pela falta de formação em música.

“Está faltando para nós é um pouquinho mais de conhecimento sobre a música... a capacitação nós estamos precisando muito para ficar um trabalho mais rico... a faculdade não oferece quase nada para a gente... aprofundar um pouco mais pensando assim: o que esse professor vai trabalhar quando ele der de frente com o aluno... nós temos um plano de aula, e nesse plano você tem que executar o que está pedindo.” (Prof. 23)

A professora relatou uma dificuldade em lidar com o ritmo e afinação.

“Eu sou ruim de ritmo, eu sou desafinada, então eu não mudo muito as músicas. Se começar a inventar moda eu não tenho nem voz. Aí eu tenho que por CD, aí complica.” (Prof. 20)

Sobre a falta de formação e suas dificuldades.

“As dificuldades são todas, porque eu não tenho formação em música.” (Prof. 17)

Classe de Categoria B: Acesso e disponibilidade de material

Categoria 1: facilidade de acesso e disponibilidade de material

A professora disse que é necessário usar hoje a tecnologia para facilitar as pesquisas.

“Internet é uma coisa que está aí, a gente tem que saber usar para fazer o bem...” (Prof. 15)

Segundo a professora, existe hoje uma facilidade no acesso a materiais sobre música.

“... na internet tem materiais que a gente acaba encontrando de alguém que publicou alguma coisa...” (Prof. 22)

O professor disse que as atividades são desenvolvidas sem a apostila de Estado.

“Sem seguir o cronograma do Estado, que não é obrigatório seguir a apostila. Eles pedem que você conduza ao máximo dentro daquele cronograma” (Prof. 16)

Categoria 2: dificuldade de acesso e disponibilidade de material

A professora viu dificuldade em achar material de música.

“Às vezes você não acha um CD que tem aquilo, e quando eles vão cantando você vai anotando, a minha dificuldade é mais essa.” (Prof. 25)

A professora disse que os professores deveriam estar mais bem informados sobre práticas com música.

“existe essa lei, mas o professor não sabe que existe essa lei... já que é uma coisa obrigatória e que não precisa de um especialista, então que fosse trabalhado, que fosse passado para o professor algumas coisas de como ele poderia trabalhar com as crianças.” (Prof. 03)

A dificuldade em acessar a sala de informática com os alunos.

“Nós temos uma sala de informática... muito complicado de usar porque o aluno tem que ter um documento do pai, aí um tem e outro não tem.” (Prof. 17)

As dificuldades pelas condições de trabalho oferecidas pela escola e pela falta de recursos tecnológicos.

*“Falta de recursos, o tempo que é pouco...”
“A TV tem alta tecnologia e em casa, por exemplo, ele tem vídeo game, tem filmes em 3D. E nós, só a boa vontade que nós temos.” (Prof. 29)*

Sobre a dificuldade de acesso e disponibilidade de material.

“A gente não tem tanto recurso como uma escola particular. aqui na escola a gente não tem, muitas vezes tem que confeccionar esses instrumentos para trabalhar com as crianças. E o espaço que a gente tem também, é um espaço que você tem que respeitar também o espaço das outras professoras, porque é tudo muito próximo uma classe da outra, você não pode expandir, fazer muito barulho.” (Prof. 01)

Classe de Categoria C: A forma como a música é utilizada na escola: aspectos organizacionais e institucionais

Categoria 1: Facilidades pela forma como a música é utilizada na escola

A professora relatou que hoje a Lei reconhece a importância da Arte.

“... ministros, secretários da educação valorizaram muito isso porque sabem da importância disso.” (Prof. 28)

A professora relatou a facilidade em utilizar a música como recurso didático.

“Eu acho que a música é um instrumento valioso para o ensino da leitura e da escrita.” (Prof. 5)

A professora colocou como facilidade do ensino de música na escola, os benefícios que estudos apontaram que a Arte traz ao desenvolvimento do aluno.

“Experiências de pesquisas feitas que a Arte consegue ampliar um déficit cognitivo... ela foi colocada no papel porque ela trouxe fatos que foram comprovados. (Prof. 28)

Sobre a facilidade de trabalhar com música com as crianças menores.

“Facilidade é que eu trabalho com as crianças pequenas que não me cobram se eu sou afinada ou não sou.” (Prof. 08)

Sobre a facilidade de trabalhar a música na escola .

“Facilidades assim é porque existe uma abertura para a gente trabalhar música.” (Prof. 13)

Facilidade pelo forma como a música envolve os alunos na sala de aula.

“Eles se soltam muito mais. Eles conseguem expor o que eles acham de uma música, falar sobre o tema da música. Esse envolvimento é bem grande.” (Prof. 30)

A facilidade em trabalhar música pela alegria que proporciona aos alunos.

“O resultado final do trabalho eu vejo de forma muito positiva, é uma alegria. A recepção deles é boa.” (Prof. 26)

A facilidades em fazer os alunos ouvirem uma proposta inicial.

“Quanto a facilidade, eles escutam até uma hora, você chega com a proposta, eles ficam observando.” (Prof. 24)

Segundo a professora é mais fácil quando cada profissional pode trabalhar sua especialidade. E disse ainda que o conteúdo da apostila ajuda a direcionar as aulas.

“Com o conteúdo da apostila, ele me dá uma direção... dei-te o exemplo do timbre... eles perceberam, eles sentiram sabe, tentar assim fazer um ritmo, então isso aí, a apostila dá uma direção para o professor que não tem a formação.”

“O professor que tem a formação, ele vai além daquilo sabe, porque ele sabe. Nas artes visuais, que é aquilo que eu sei... nós temos é que conscientizar o aluno da importância dessa arte, dessa sensibilidade.” (Prof. 17)

Categoria 2: Dificuldades pela forma como a música é utilizada na escola

A professora disse que o Estado aborda a música como recurso pedagógico e que seu aprofundamento deveria ser feito por professores específicos.

*“A cantiga para brincar, a cantiga para ler e escrever...”
“precisaria de um aprofundamento maior voltado para as aulas de Educação Física, para as aulas de Arte.” (Prof. 19)*

A professora falou da dificuldade de a Arte ser vista enquanto área do conhecimento.

“Infelizmente tem pessoas dentro do sistema, às vezes até os próprios professores de Arte que não tenham ainda noção da sua função...” “A cultura que foi passada foi essa: Arte é aula de desenho...” (Prof. 28)

A dificuldade em fazer os alunos perceberem as quatro linguagens Arte.

“A minha missão enquanto professora é fazer com que eles conheçam as quatro linguagens. Eles ainda tem um pensamento restrito de ser só desenho... a nossa maior dificuldade é fazer com que eles percebam a importância da arte, da música.” (Prof. 12)

Sobre a pequena quantidade de estudantes de música na escola.

“É muito pouco aluno que estuda música na escola. Na nossa escola se você pegar 2 ou 3 é muito, em uma escola que tem mais de mil alunos, e é uma pena, porque é tão importante.” (Prof. 17)

Segundo a professora é difícil ver a realização do trabalho bem feito dos alunos, pois eles perdem o foco dentro das produções propostas. Ela fala ainda da dificuldade em fazer os alunos entenderem a música como área do conhecimento.

*“Realização: é realizar um trabalho bonito, bem feito... não é fácil, não consegue explicar o que ele escreveu.”
“Ele produz, acha que está bom, mas fugiu do tema, fugiu daquilo que foi pedido... ele produziu, mas não dentro do tema que foi pedido.”
“A maior dificuldade é achar que a aula de música é uma brincadeira... a música tem peça, tem estilo, e que não só Rap e Funk.” (Prof. 30)*

A vergonha dos alunos para se expressarem.

“Eles tem um pouco de vergonha... na forma de se expressar, mesmo tendo um conhecimento, um medo talvez de mostrar o que sabe e alguém rir.” (Prof. 26)

Dificuldades pela forma como a música é utilizada na escola.

“Se ele (o Estado) desse todas as condições seria maravilhoso.” (Prof. 11)

A professora disse que a música já enfrentou muitos preconceitos na escola.

“Quando eu comecei a dar aula há 20 anos, tinha um preconceito, eles falavam ‘ah você está trabalhando muita música!’”(Prof. 13)

Sobre as dificuldades pela forma como a música é usada na escola.

“Se tivesse uma oportunidade de ajudar o professor na sala, porque a cobrança que o professor tem em cima da aprendizagem da criança é muito grande... a cobrança que a gente tem até mesmo do Estado e da Secretaria da Educação é grande, então a gente também tem metas para cumprir, então por isso que é um pouco limitado. Embora seja lei, eles pensam para a gente é que a gente entra na sala, pega um pandeiro, um chocalho e começa a trabalhar isso... a gente teria que ter um tempo hábil para isso.” (Prof. 1)

Dificuldade em ver as crianças brincarem de cantigas de roda.

“Cantigas de roda também, coisa que hoje em dia quase não se trabalha, não se vê, a criançada não canta, não brinca na rua de roda.” (Prof. 18)

A dificuldade de concentração dos alunos.

“Só que não fica muita concentração que é a dificuldade, a falta de concentração deles. Chega uma hora que agita demais, querendo cantar mais alto, mais alto.” (Prof. 10)

A dificuldade de a música ser vista enquanto conhecimento e em desenvolver trabalhos fora da sala de aula.

“A dificuldade: o que eu percebo é que ainda hoje, apesar de tudo o que foi falado, você recebe críticas, você está matando aula... eu acho que é porque não experimentou. Porque se experimentar vai ver o resultado.”

“A dificuldade para desenvolver a sequencia fora da sala de aula... você encontra barreiras, tipo você pode sair uma vez por semana para ir ao parquinho, me mandaram voltar para a sala de aula... se é para dar uma sequencia naquilo ou não dentro do objetivo que a gente se propõe na escola, você ainda é criticada.” (Prof. 9)

As dificuldades da criança em aprender música.

Eu dou a ideia, mas eu vou tirando deles... Tem criança que, por incrível que pareça, não gosta. Tem criança que emburra, briga. Eu achei que eu ia cantar “O Cravo e a Rosa” e que eles iam saber, e eles não sabiam.” (Prof. 11)

A professora falou da dificuldade em trabalhar com crianças menores e das condições de trabalho oferecidas pela escola.

“Esse ano está um pouquinho mais difícil porque eu peguei crianças pequenas, eles são bem bebezão. E professor tem mania de perfeição... dentro da sala com as coisinhas deles, eles me acompanham trabalhando... nós temos limite de tempo, nós temos a angústia. Como nós vamos dar 7 livros para uma criança em 1 ano, que não está nem alfabetizada ainda? Se fosse uma estrutura assim um pouquinho diferente, a gente estaria melhor.” (Prof. 29)

A preguiça dos alunos impede a criatividade.

“Eu acho distante hoje em dia esse tema, a criatividade dos alunos. Se você ler um conto e você falar vamos imaginar as personagens, não sai nada, eles querem pronto... você espera que a aula de Arte seja para desenvolver a criatividade. E não, eles têm uma preguiça de pensar. Eles querem cantar aquela que já está prontinha no mercado.” (Prof. 27)

Classe de Categoria D: Preferências dos alunos influenciadas pela mídia

Categoria 1: As facilidades das preferências dos alunos influenciadas pela mídia

A professora relatou como facilidade o gosto dos alunos pela música e pela dança.

“Hoje em dia tem muito CD de música, muito DVD de música que eles dançam.”

“Facilidade é que eles gostam muito de música.” (Prof. 25)

A professora viu como facilidade o gosto dos alunos pela música.

“... todos gostam. Principalmente quando você coloca uma música atual que eles conhecem.” (Prof. 21)

A professora viu a Facilidade em trabalhar com a música que os alunos já sabem.

“... eles já sabem cantar então fica mais fácil trabalhar com aquilo, eles já sabem.” (Prof. 25)

A professora achou mais fácil trabalhar com músicas que os alunos já conhecem para despertar o interesse.

“Quando você trabalha com música os alunos tem mais interesse, é uma coisa que chama mais a atenção.” “... a gente explora já na sala de aula. Então: “quem conhece tal música? Vamos cantar...” É assim que a gente trabalha...” (Prof. 4)

Sobre o gosto dos alunos pela música.

“Basta eu dizer: ‘hoje eu trouxe um CD com a música tal!’, e a turma já se agita e participa ativamente da proposta do dia.” (Prof. 29)

A facilidade em falar das músicas cotidianas dos alunos.

“Falar, explicar sobre música também é fácil porque parte da vivência deles.” (Prof. 12)

A facilidade do aumento na participação dos alunos através da música.

“A facilidade... o grande interesse que a criança tem, eles se sentem felizes em participar... naquela hora, que estão participando, eles estão aprendendo, que é o que eu quero.” (Prof. 9)

A facilidade pelo gosto que os alunos tem por músicas agitadas e de fazer os alunos se interessarem pelas letras das músicas.

*“Eles gostam muito de música rápida para ter movimento de dança.”
“A partir do momento em que eu ensino músicas interessantes que tem um tom de vida para eles, eles passam a se interessar.” (Prof. 06)*

Categoria 2: As dificuldades das preferências dos alunos influenciadas pela mídia

Sobre a falta de interesse do aluno em Arte.

“O aluno hoje da rede pública, ele não tem interesse em nada. Em Arte principalmente, porque ele acha que arte, é hora de fazer desenhos livre. Mas é complicado, porque a professora escuta de tudo na sala.” (Prof. 17)

As dificuldades das preferências dos alunos influenciadas pela mídia.

“O segundo lugar é no sentido da cultura de massa, o que os nossos alunos conhecem. Foram muitos anos sem a presença de um educador musical na vida desses alunos, e eles conhecem somente o que foi imposto pela mídia... o problema não é o sertanejo, mas é a cultura de mídia, o que vira com aquilo.” (Prof. 7)

A dificuldade em ensinar música devido a influência da mídia.

“Pela influência da própria mídia... Hoje em dia a música está muito sem conteúdo. A batida para eles é música, e talvez por não ter tanto conteúdo significativo.” (Prof. 26)

A dificuldade em trabalhar músicas de Funk.

“Uma dificuldade que eu encontro bastante é quando as crianças trazem a música Funk, porque eu acho que aí mexe muito com a sexualidade.” (Prof. 18)

A dificuldade em lidar com a cultura do Funk.

“A cultura do Funk é muito forte, 45, 50 crianças dentro de uma sala de aula, eu acabo perdendo.” (Prof. 24)

Tema VI: a criatividade no ensino de música

Classe de Categoria A: Práticas criativas no ensino de música como fim

Categoria 1: A criatividade a partir das atividades da apostila

Sobre as atividades a partir das propostas do Estado.

“No Estado nós temos os parâmetros deles. E em cima daquilo nós trabalhamos a expectativa sobre a criança... qual é a atividade que eu vou fazer e qual a expectativa que eu almejo, que está dentro da proposta do Estado.” (Prof. 23)

O estímulo positivo e a facilidade em aprofundar nos temas musicais a partir do projeto do Estado.

*“O projeto de música do “Ler e Escrever” foi muito legal e estimula bastante, porque aí você também vai trabalhar um projeto.”
“É tranquilo... quanto mais você trabalha mais você vai aprofundando e vai ficando mais fácil. Aprofundando nas explicações, porque ir aproveitando a música... eu já tenho uma música em mente que é do leãozinho, do Caetano Veloso.” (Prof. 18)*

Categoria 2: O movimento como forma criativa

A professora falou sobre suas práticas criativas na exploração do espaço com o corpo e as brincadeiras de roda.

“Você pode fazer, pode dançar, falar para a criança fazer uma coreografia... dependendo da sala pode brincar de roda também.” (Prof. 25)

A professora falou sobre como a criatividade surge com a dança.

“Eles querem dançar, querem mostrar uma coreografia diferente.” (Prof. 19)

A professora falou da apresentação musical aliada ao movimento.

“E as crianças se jogavam no chão mesmo, porque eu não pus um só, eu não pus meia dúzia para trabalhar, eu pus um monte, eu pus todas as crianças.” (Prof. 08)

O movimento é inserido pela professora para que as aulas fiquem mais dinâmicas.

“As vezes a gente faz brincadeira de roda, a gente canta musiquinha. O professor hoje em dia não pode ficar parado no tempo. Eu acho até que é cansativo para eles, porque uma sala de aula, quadrada, a professora explica, a professora corre... a gente tem que amenizar um pouco para que eles se divirtam.” (Prof. 01)

Categoria 3: A música como ampliação do universo cultural dos alunos

As práticas criativas a partir das músicas do folclore.

“Nós tivemos um trabalho que era sobre o louro, o papagaio. Cada um tinha que trazer um louro, um papagaio colorido... tem gente que trouxe um de verdade na gaiola... nós cantamos a música do papagaio louro, que tem aquela musiquinha lá. Os tipos de louro que existem no país. Foi um trabalho bonito.” (Prof. 29)

Práticas musicais criativas a partir do conteúdo que os alunos trazem e a ampliação do universo cultural dos alunos a partir do projeto de música.

“Bom, eu preparo a aula, mas de repente a criança fala uma palavra, surge uma frase, e daí já vem uma música na mente. Então eu começo a cantar essa música, que de repente as crianças estão todas cantando também junto. Daí é pegar o gancho... Esse resultado é que as crianças passam a gostar também desses autores dessas músicas... quase não toca essas músicas, é mais essas outras simples.” (Prof. 18)

Categoria 4: Práticas criativas para ampliar o conhecimento

A professora procurou criar expectativas nos alunos para despertar a criatividade no trabalho com música.

“... criar expectativa, para depois você explicar o que vai fazer.” (Prof. 25)

A professora buscou práticas criativas voltadas para o prazer.

“Eu queria que as minhas aulas fossem gostosas.” (Prof. 3)

A professora falou da música associada às outras linguagens da Arte.

“... em áudio e visual, associando, por exemplo, música com imagem, pequenas encenações tendo por base de uma música.” (Prof. 14)

Atividades desenvolvidas a partir do nível de desenvolvimento dos alunos.

“Não adianta eu montar algo que aquela clientela não está ainda no nível dela... vou montar em cima do que ela tem e vou levando para aquilo que eu quero.” (Prof. 23)

Recriações das letras das cantigas.

“Tem várias canções com a mesma cantiga, que às vezes vovó vai cantar um trequinho diferente, a mesma cantiga, a essência da cantiga não vai mudar.”
(Prof. 09)

Categoria 5: As práticas musicais criativas promovem interações

A professora procurou estimular atividades práticas e apresentações de música em grupo.

“... associando em grupos, formando pequenos corais.” “...
e mostras do trabalho deles depois, na hora do recreio ou no final da última aula para o restante da escola.” (Prof. 14)

A professora usou práticas de criação de instrumentos musicais.

“... construção de pequenos instrumentos musicais... Comparação do som do instrumento musical pronto com o que eles construíram...” (Prof. 28)

A professora usou o canto como forma criativa de ensinar música.

“Formação de pequenos corais... eu acho que a gente está criando e promovendo situações em que indiretamente nós estamos ensinando música.”
(Prof. 28)

A professora falou sobre a busca de conhecimento musical através da troca de experiências entre os alunos.

“... muitos alunos tem experiência com instrumentos musicais, e aí eu trago isso para dentro da sala de aula...” (Prof. 15)

A interação ativa dos alunos através das brincadeiras no ensino de música.

“Mostro para eles a musiquinha, o refrão que a gente escolheu. Isso pode ser feito em conjunto... a gente canta bastante, brinca bastante, faz roda, canta no final da aula, no intervalo, procura frisar bem a musiquinha.” (Prof. 01)

A professora falou da apresentação de um musical onde as crianças interagiram muito e não queriam nem se desfazer do figurino.

“Tinha criança que não queria me devolver as máscaras... pra quem eu não dei a máscara, eu dei a roupinha, de crepom.” (Prof. 8)

O vínculo entre professor-aluno a partir das experiências com Funk e Rap.

“Funk tem muitas gírias que eu não conheço, então nesse momento eles mais me ajudam do que eu ensino... a gente cria um vínculo maior para poder trabalhar com tudo... quando eu trago Funk, Rap, eles sabem mais do que eu ainda.” (Prof. 30)

Classe de Categorias B: Práticas criativas no ensino de música como meio

Categoria 1: Prática musical criativa como recurso para ensinar outros conteúdos

A professora falou sobre o surgimento da leveza e da criatividade na utilização da música como método para alfabetizar.

“A sala fica tão levinha quando você trabalha com música.”

“Você tem que criar, pode fazer vários temas, pode trabalhar circular as vogais, pode fazer um desenho, pode circular a palavra que é chave para aquela vogal...” (Prof. 25)

A professora falou sobre o aumento do rendimento escolar dos alunos com práticas criativas musicais.

“... eu achei que ele (o aluno) rendia mais porque eu incentivava... ele deu uma melhoria...” (Prof. 21)

A sensibilidade a partir das práticas musicais.

“Eu acho que se eu for estudar música, eu vou desenvolver sensibilidade em pintura. A gente tem uma sensibilidade pra pintura.” (Prof. 17)

A professora falou da prática musical criativa como recurso para ensinar outros conteúdos como a alfabetização.

“Além de ensinar a música, essa pré-escola se alfabetizou, porque eu escrevia muito na lousa, eu escrevia a música.” (Prof. 8)

As práticas musicais ligadas as outras linguagens da Arte e a partir das datas comemorativas.

“A Arte está intimamente ligada à música, ela copia a poesia, canta a melodia e desenha a música... Tem o calendário cívico que eu levo muito a sério... sempre motivar com uma música, sempre, sempre informando com uma música... no dia das mães eu invisto bastante.” (Prof. 29)

A música em atividades pré-definidas para alfabetização, com objetivo estritamente pedagógico.

“Já são atividades prontas. é sempre dentro da música, mas é como eu já falei, é para alfabetizar, não são de autoria minha, sempre vem de outros, dos amigos, na internet... Eu não sei se eles estão aprendendo ritmo, se não estão, se vai ajudar eles mais à frente. Minha preocupação é mesmo pedagógica, então eu não sei nada sobre isso.” (Prof. 20)

Prática musical como estímulo para alfabetização.

“Uma espécie de recurso pedagógico que incentiva principalmente e português, a leitura e a escrita das crianças. E o resultado sempre falando da alfabetização, do aprender a ler e escrever, que é fundamental.” (Prof. 18)

Práticas criativas para disciplina dos alunos.

“A minha criatividade, quando eu vejo que a classe está muito tumultuada, que está dando muito trabalho de comportamento, de disciplina, eu tenho que mostrar para eles aprenderem a se valorizar.” (Prof. 06)

Sobre as práticas musicais para disciplinar, para despertar a concentração e para trabalhar valores humanos, a professora diz:

“As crianças vêm para a escola sem limites... para a questão do comportamento é onde eu tento trabalhar com a música. Toda vez que a classe começa a tumultuar muito eu falo: “vocês se lembram daquela música que nós trabalhamos? Essa classe que eu peguei é muito difícil, ruim de comportamento... Tem que se concentrar, prestar atenção, esquecer os seus problemas de casa e olhar o que o professor está falando. E a música traz esse processo.”

“Para eu poder resgatar os valores das crianças eu tenho que trabalhar com música... eu tenho que resgatar e ir interagindo com eles para que possam entender que eles têm que se valorizar.”

“Na minha infância, na aprendizagem eu tive dificuldade... eu tenho que estudar dez vezes mais do que aquele aluno. Eu descobri isso comigo. E na música eu acho que ela traz isso. Porque você tem que prestar atenção, tem que ouvir primeiro para depois começar a cantar. Na sala de aula é a mesma coisa. Você tem que ouvir a música, você escuta a música e depois que você aprendeu você começa a cantar... você tem que prestar atenção e se concentrar no que a professora está falando.” (Prof. 6)

Categoria 2: O surgimento da criatividade no ensino de música

A professora desenvolveu práticas musicais a partir do interesse dos alunos para chegar a objetivo proposto na aula.

“Uma música para trazer para eles, pode partir de um tema da própria criança, de um assunto de interesse do momento...” *“... eu sei que tenha algum interesse aquele tema para eles.”* (Prof. 5)

Segundo a professora, é importante conseguir criar a partir das condições possíveis.

“Vamos fazer o que eu consigo fazer com aquilo que eu tenho no momento... Usar o recurso que está disponível naquele momento, pode ser tanto materiais como as pessoas.” (Prof. 22)

A professora desenvolveu a criatividade a partir das datas comemorativas.

“A criatividade gira em cima das festas, das comemorações.” (Prof. 21)

Usos inventivos da música no cotidiano familiar e conjugal.

“Eu tenho vários gatos em casa, e eu chego cantando musiquinhas para os gatos, fico enchendo o saco do meu marido e cantando musiquinhas para ele. A minha avó fazia isso, a gente fica brincando assim, cantando musiquinha

um para o outro, e fazendo duelo... nas atividades com música eu faço isso com eles também.” (Prof. 11)

As atividades com música desenvolvidas a partir de pesquisas.

“Quando eu me proponho a trabalhar música, inicialmente eu faço uma pesquisa na internet...” (Prof. 30)

Classe de Categorias C: Atividades Complementares

Categoria 1: A falta de formação interfere na criatividade

Não há falas aqui.

Categoria 2: Influências tecnológicas nas atividades musicais

A professora falou que algumas atividades são criadas de acordo com a realidade dos alunos.

“Eu busco conteúdos e informações que se relacionem com o cotidiano dos meninos... eu também uso muito, bastante materiais diversos, coisas que eles têm em casa, aí eu peço pra eles trazerem...” (Prof. 15)

A professora buscou a criatividade para estimular a prática dos alunos através de recursos áudio visuais.

“... eu estimulo muito através de mostra de DVD, de música...” (Prof. 14)

A professora falou sobre a criação de táticas que acompanhem a evolução das informações.

“... inovar na forma tanto às vezes de passar um conteúdo, quanto no próprio conteúdo... informação nova a respeito da música, tem estar sempre fazendo adaptações.” (Prof. 22)

ANEXOS

ANEXO 1 – Autorização da Delegacia Regional de Ensino para ocorrência da pesquisa nas escolas estaduais

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
DIRETORIA DE ENSINO - REGIÃO DE RIBEIRÃO PRETO
Avenida Nove de Julho, 378, Sumaré – Ribeirão Preto-SP – F. 3519-3910

Registro: 565/073/2012

Interessado: Rosimeri Priscila Pupin

Assunto: Autorização para pesquisa

DESPACHO DA DIRIGENTE REGIONAL DE ENSINO

Trata-se de solicitação da Mestranda Rosimeri Priscila Pupin e do Profº Dr. Antônio dos Santos Andrade, da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP, para realização de pesquisa intitulada “A música no ensino fundamental: condições de possibilidade e sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem”, com professores de ensino fundamental das escolas estaduais do município de Ribeirão Preto.

À vista do solicitado, **AUTORIZO** a realização da referida pesquisa observado o seguinte:

1. manifestação e concordância dos Diretores de Escola;
2. a liberdade do professor em participar;
3. que não haja prejuízo às aulas e aos alunos.

Encaminha-se ao Protocolo para ciência do interessado, entrega da via anexada à contracapa, contrarrecibo e, posterior arquivamento.

Ribeirão Preto, 08 de fevereiro de 2012.

Gertrudes Aparecida Ferreira
RG 4.800.451
Dirigente Regional de Ensino

ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido apresentado aos participantes da pesquisa

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS DE RIBEIRÃO PRETO
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

- 1- Título da pesquisa: A música no ensino fundamental: condições de oferecimento e sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva dos professores.
- 2- Pesquisador responsável: Rosimeri Priscila Pupin
- 3- Orientador responsável: Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade.
- 4- Descrição das informações obrigatoriamente prestadas aos participantes da pesquisa:

Você está sendo convidado a participar do projeto “A música no ensino fundamental: condições de oferecimento e sua contribuição para o processo de ensino e aprendizagem, na perspectiva dos professores”. Esta é uma pesquisa em escolas da rede estadual de ensino de Ribeirão Preto que tem como objetivo compreender como os professores que foram designados para o ensino de música nas diferentes escolas da rede estão desenvolvendo suas práticas de sala aula e as facilidades e dificuldades que estão encontrando. Com esta pesquisa espero contribuir para a prática de ensino de música.

Esclareço que os procedimentos previstos para este trabalho compreendem duas entrevistas: a primeira abordará temas relacionados a sua formação, história e prática profissional e a segunda sessão investigará mais especificamente suas práticas de sala aula, facilidades e dificuldade no ensino de música. Para a execução dessas atividades, que serão realizadas na própria escola, com a sua anuência, as entrevistas serão gravadas em MP3. Como se trata de uma pesquisa científica é fundamental que possamos ter a reprodução mais exata possível do que se relata durante a entrevista. Serão encontros com duração de aproximadamente 60 minutos cada.

É importante destacar que você terá liberdade para retirar seu consentimento e deixar de participar do estudo, a qualquer momento, se desejar ou precisar. Todos os dados obtidos durante as fases deste trabalho serão utilizados pelo pesquisador responsável comprometendo-se com a garantia de sigilo de sua identidade. Na eventual publicação dos resultados, o mesmo será mantido. Não há previsão de riscos e desconfortos para essa modalidade de estudo, e os resultados obtidos nesta pesquisa poderão ter importância para futuros trabalhos sobre este tema. Comprometo-me ainda, ao final de todas as análises dos dados obtidos, na medida de seu interesse, disponibilizar-lhe um relatório final contendo as principais conclusões e sugestões de aperfeiçoamento do ensino de música.

Eu, _____ abaixo assinado, tendo sido devidamente esclarecido sobre todas as condições de que trata o Projeto de Pesquisa intitulado “As contribuições da música no processo ensino-aprendizagem”, que tem como pesquisador responsável Rosimeri Priscila Pupin, especialmente no que diz respeito ao objetivo da pesquisa e aos procedimentos que serão utilizados, declaro que tenho pleno conhecimento dos direitos e das condições que me foram asseguradas, a seguir relacionadas:

- 1- A garantia de receber esclarecimentos a qualquer etapa do trabalho, dos riscos e benefícios que a técnica utilizada poderá trazer.
- 2- A liberdade de retirar meu consentimento a qualquer momento sem que isso traga prejuízo à continuidade do trabalho.
- 3- A segurança de que não serei identificado e que será mantido o caráter confidencial das informações relacionadas a minha privacidade.
- 4- O compromisso de que me será prestada informação atualizada durante o estudo.

Declaro, ainda, que concordo inteiramente com as condições que me foram apresentadas e que, livremente, manifesto a minha vontade em participar do referido projeto.

Ribeirão Preto, ____ de _____ de _____. _____

Assinatura do Professor

Pesquisador: Rosimeri Priscila Pupin

Fone: (16) 3969-4995

End.: R. Sabatino Del Lama, 45 – Vila Elisa

Ribeirão Preto - SP

ANEXO 3 – Cartões temáticos das entrevistas realizadas com os professores

TEMAS DESENVOLVIDOS NA PRIMEIRA SESSÃO DA ENTREVISTA:

"Minha Formação e Minhas Experiências Anteriores"

"Meu Emprego Atual"

"Minhas Práticas nas Aulas de Música"

DA SEGUNDA SESSÃO DA ENTREVISTA:

“Interação Professor- Aluno nas minhas aulas”

“Facilidades e Dificuldades do Ensino de Música”

“A Criatividade no Ensino de Música”

ANEXO 4 – Aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras – USP, para ocorrência da pesquisa.

**Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Comitê de Ética em Pesquisa**

Campus de Ribeirão Preto

Of.CEtP/FFCLRP-USP/082/-jsl

Ribeirão Preto, 15 de junho de 2012

Prezada Pesquisadora,

Comunicamos V. Sa. que o projeto de pesquisa intitulado "**A MÚSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM**" foi reanalisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da FFCLRP-USP, e enquadrado na categoria: **APROVADO** (CAAE - 00695912.0.0000.5407).

Solicitamos que eventuais modificações ou emendas ao projeto de pesquisa sejam apresentadas ao CEP, de forma sucinta, identificando a parte do projeto a ser modificada e suas justificativas, e que, ao término do estudo, um relatório final seja entregue, via Plataforma Brasil (ícone 'Notificação').

Atenciosamente,

Prof.^a Dr.^a ANA RAQUEL LUCATO CIANFLONE
Coordenadora

À Senhora
Rosimeri Priscila Pupin
Programa de Pós-Graduação em Psicologia da FFCLRP USP

Com cópia para o orientador:
Prof. Dr. Antônio dos Santos Andrade
Departamento de Psicologia da FFCLRP USP